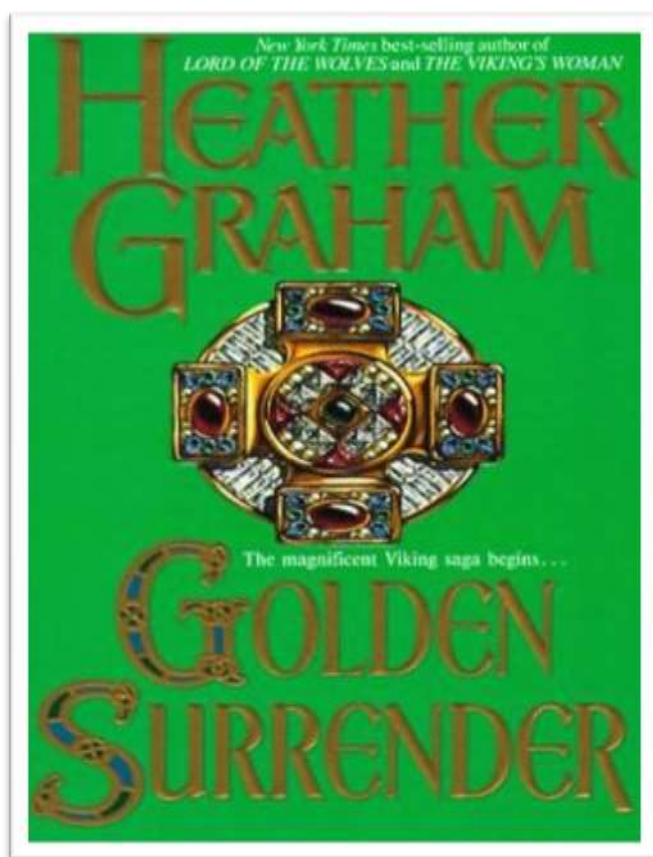


Romances Históricos

apresenta:

Heather Graham

Rendição Dourada



Primeiro livro da Série Trilogia Viking

Disponibilização/Tradução/Pesquisas: Ana Paula Gouveia

Revisão Inicial/Formatação: Missbella

Revisão Final: Ana Paula G.





O Resumo...

DOIS AUDAZES GUERREIROS, DUAS TERRAS ORGULHOSAS,
UNIDOS PELA PAIXÃO... E A VINGANÇA...

Príncipe Olaf da Noruega

O Senhor dos Lobos, o dourado guerreiro Viking que chegou com seu navio, em forma de dragão, para construir um grande reino na Ilha Esmeralda.

Princesa Erin

Filha do grande rei Irlandês, Erin é uma beleza de cabelos negros que jurou uma implacável vingança contra o legendário Norueguês que trouxe morte e destruição a sua amada terra natal. Para construir uma grande aliança entre Noruegueses e Irlandeses contra os invasores Dinamarqueses, seu próprio pai, o rei da Irlanda a ofereceu, em Matrimônio, ao seu mais odiado inimigo. Cativada pela gigantesca força de Olaf, seduzida por seu poder, Erin jurou a si mesma que nem a cólera de sua espada nem o fogo de seus beijos poderiam fazer cambalear a lealdade de seu orgulho e a paixão de seu coração.

Da Fúria dos Vikings, livrai-nos! Oh! Senhor!



PRÓLOGO

Irlanda, A.C. 848

Ele chegou através das frias e hostis brumas do norte, seus elegantes navios negros, seus "navios dragão", parecia uma investida de imponentes serpentes do mar, quando apareceram pelo horizonte, deslizando-se por cima das ondas com suas extensas velas vermelhas e brancas, procurando à costa da ilha Esmeralda.

Seus homens eram intrépidos, ferozes, terríveis. Eram como enormes bestas, uivando furiosamente enquanto saltavam de seus navios, brandindo suas espadas e suas lanças. Não honravam ao Deus cristão nem eram serventes de normas ou escrúpulos. Embora o homem que os liderava, Olaf o Branco, príncipe da Noruega, conhecido como o Senhor dos Lobos, fosse diferente.

Ele era um homem sobre os homens, magnificamente dourado, sobressaindo-se acima de todos, inclusive, de seus próprios compatriotas, com uma grande força muscular e um corpo enorme que exigia respeito e lealdade, que impunha obediência. Sua mente, educada no barbarismo, estendia-se além. Ele não chegava para assolar esta terra, mas para forjar um reino sobre ela.

Do momento em que seu navio dragão o trouxe pela primeira vez à costa da Irlanda, seu olhar azul como o aço se iluminou ao ver este terreno escarpado de beleza selvagem, e soube que tinha vindo para ficar.

Os contos que tinha escutado na casa de seu pai na Noruega quando era um garoto, tinham-lhe ensinado muito. Inclusive quando seu frio e indomável olhar varreu a paisagem acidentada, soube que devia tomar e nutrir esta terra como se esta fosse um menino. Não profanaria as abadias nem os mosteiros, mas obrigaria aos monges e aos frades a exercer sua ordem como professores, para lhes fazer entender plenamente a complexa liberdade dos irlandeses, a história tão cuidadosamente conservada por seu maravilhoso talento artístico. Ele entenderia às pessoas, a cultura destes indomáveis Irlandeses que poderiam ser invadidos várias vezes, dominados, mas nunca conquistados.

Sim, ele vinha para compreendê-los e, desta maneira, conquistaria onde outros tinham fracassado.

Pensava em todas estas coisas enquanto estudava o litoral, com as mãos em seus quadris, e suas pernas firmemente assentadas na terra.

A Irlanda ia ser sua e ele dela. Sentia dentro de seu sangue, dentro de seus ossos, e o sentimento era como um potente licor de hidromel.

— Eu deixarei minha marca nesta terra — decidiu, jogando sua cabeça para trás com sua rica juba dourada como o sol, rindo-se alegremente, enquanto o brilho do céu da manhã tocava o azul luminoso de seus cativantes olhos. Irlanda, sim, onde o destino o esperava. Ele ansiava a terra, sua posse era como uma febre dentro dele, desenhando-a com fascinação tão detalhadamente como o faria com uma mulher voluptuosa e sedutora.

Olaf deu a volta e encarou a seus homens com um largo sorriso em seu rosto, rudemente formoso e frio ao mesmo tempo.

— Terra à vista! — gritou por cima do açoite do vento, levantando sua espada para o alto, apontando para o céu. — Entremos como vikings, sobre os cavalos. E nela, sobre esta rica ilha verde, nós jogaremos profundas raízes! Um reino nos espera!

Os gritos dos homens se elevaram, erguendo-se através do vento.

E em efeito, o Senhor dos Lobos tinha chegado à Irlanda.



CAPÍTULO 1

Irlanda a.D. 852

De uma das janelas do Grianan, a casa do sol das mulheres, Erin MAC Aed olhava fixamente para os elegantes edifícios de madeira e as serpenteantes construções de Tara, a antiga e tradicional residência do Ard-Righ ou Grande Rei dos irlandeses. Não fazia muito tempo que tinha acabado a reunião na grande sala de banquetes, e sua mãe tinha sido chamada no Grianan por seu pai. Após, Erin tinha guardado vigília na janela, desejando desesperadamente ver seu pai.

Mordia o lábio inferior enquanto esperava impacientemente ver seus pais voltarem de seu passeio. Era uma bonita vista. O afresco verde da grama deslumbrava, sob o sol de tal forma que parecia um campo de reluzentes esmeraldas, e na distância, o pequeno rio que rodeava o prado mais ao sul, assumia o matiz das safiras. Os gansos passeavam tranqüilamente sobre o rio, e as vacas e os cavalos descansavam prazerosamente nas colinas.

Mas Erin hoje não podia prestar atenção à beleza e à paz que se estendia ante ela. Olhou fixamente a grama e ao céu sentindo como se o mundo girasse. Não podia se concentrar, estava obcecada pelas lembranças. Visões do passado se impuseram à realidade, e embora tragasse furiosamente, permaneciam as lembranças de fogo, de sangue, e as pisadas dos cascos dos cavalos como ensurdecedoras pulsações...

A garoa parecia instalar-se por cima do resplendor do sol na dourada tarde, e ela se também claramente, dois anos atrás, sentada junto a sua tia, Bridget do Clonntairth, no jardim. Bridget, doce Bridget, tinha estado tão alegre. Mas então soou o alarme e Bridget a obrigou a fugir. Erin se voltou a tempo de vê-la enterrando sua pequena adaga com punho de pérola profundamente em seu próprio coração, ante o terror da chegada dos vikings. Continuando, os agudos gritos se multiplicaram, rivalizando com o rufar terrível dos cavalos dos vikings, enquanto abriam caminho sobre o reino de seu tio, em Clonntairth.

Até agora Erin podia ouvir os horripilantes alaridos de guerra dos vikings, os penetrantes lamentos dos indefesos irlandeses. Até agora podia cheirar a fumaça do fogo, escutar à própria terra tremer pelo estrondo...

Pestanejou e obrigou-se a dispersar aquela imagem. Respirou profundamente e exalou calmamente, mas sua excitação cresceu de repente quando viu que seus pais saíam do bosque, voltando pela margem do rio. Ela tinha se sentado, com seus olhos firmemente fixos

nessas árvores desde que Maeve tinha sido convocada, enquanto seus dedos alinhavavam os nós dos fios da túnica que tinha remendado. Nestes dois anos, desde Clonntairth, tinha tentado serenar-se para viver de novo. Tinha tentado gostar de ser princesa de Tara, e tinha tentado convencer seu pai e a sua doce mãe que tinha sido capaz de deixar Clonntairth no passado, mas nunca tinha esquecido, e nunca, nunca o faria.

Ela sabia que hoje os reis e príncipes da Irlanda se reuniam para discutir sua posição na próxima batalha entre dinamarqueses e noruegueses. E embora odiasse aos dinamarqueses, desprezava aos noruegueses e a um em particular: Olaf o Branco.

Só de pensar em seu nome as palmas de suas mãos ficavam úmidas, seu corpo sufocava e tremia com fúria e repugnância.

Erin queria saber desesperadamente se os chefes irlandeses que tinham debatido toda a manhã na grande sala de banquetes tinham tomado partido, e se o tinham feito, rezava para que não tivessem decidido que os noruegueses eram o menor dos males.

— Se prestasse atenção a seu trabalho, irmã, — disse Gwynn agressivamente, interrompendo sua vigília — seus pontos seriam pequenos e proporcionais. Em todo caso, deveria tirar a cabeça da janela. Não é conveniente que uma princesa olhe fixamente com a curiosidade doentia da esposa de um granjeiro!

Erin se voltou, tirando o olhar da janela para observar a sua irmã mais velha com um suspiro de resignação. Gwynn tinha estado provocando-a todo o dia, mas Erin não podia sentir rancor por isso. Sabia que Gwynn era muito infeliz.

Seu matrimônio tinha sido feito por motivos de aliança, mas Gwynn tinha sido golpeada violentamente pelo jovem rei de Antrim muito antes de suas bodas reais. Tardamente tinha descoberto que a galhardia de seu príncipe só tinha sido uma maneira de levá-la ao altar. Heith era bonito, suave e encantador, e agora, com sua esposa grávida de cinco meses e na casa de seu pai, ele estava praticando esse encanto, com outras mulheres. Mas Gwynn não se atrevia a queixar-se ao seu pai, já que Heith possivelmente a castigaria por ser uma esposa ciumenta ou, pior até, poderia dar vazão para a raiva terrível que geralmente punha em prática quando tentava controlar ao seu marido.

— Tem razão, irmã, - disse Erin brandamente — Enquanto costuro, tentarei não permitir que a minha mente se distraia.

Ela sorriu para sua irmã, enquanto se dava conta da profundidade da tristeza que tinha feito mudar Gwynn, de uma moça alegre, para uma mulher mal-humorada.

— Mas já sabe Gwynn. Sempre foi a que teve mais talento de todas nós! Nossa mãe se desesperava por todos os nossos pontos, enquanto aplaudia os teus.

Gwynn sorriu lentamente em troca, consciente de que não merecia em particular a caridade de alguém que passou todo o dia atormentando.

— Sinto muito, Erin, hoje estive bastante insuportável contigo.

Erin deixou sua posição na janela para ir para sua irmã. Ajoelhou-se ao lado dela e pôs sua cabeça brevemente nos joelhos de Gwynn, antes de encontrar-se com seus olhos.

— Está realmente perdoada, Gwynn! Sei que o bebê a faz se sentir incômoda!

— Doce Erin - murmurou Gwynn, com os olhos, como os de sua irmã, abrindo-se. Apesar do volume de sua barriga, Gwynn era ainda uma mulher jovem e bonita. Ao seu rosto faltava a perfeição de sua irmã menor, mas ela tinha sido muito disputada entre os príncipes de vários países. Este fato tinha contribuído para que sua vida fosse mais amarga agora. Riu, de repente, já que Erin tinha sido sempre sua favorita e se sentia culpada pela perseguição com a qual tinha estado incomodando a sua irmã:

— Se Levante Erin! Estou me comportando como uma velha bruxa e você tentando me agradar! Todas nós sabemos que não é o bebê o que me incomoda e me faz sentir miserável, a não ser esse desprezível do meu marido.

— Gwynn! - Bridge, a irmã maior, matrona agora de três décadas e meia e mãe de filhos crescidos, falou asperamente:

— Não deve falar assim de seu marido. Ele é seu senhor e deve lhe render respeito!

Gwynn aspirou pelo nariz.

— Respeito! Se tivesse alguma sensatez consultaria um Brehon e exigiria a separação. As leis declaram que eu recuperaria o que é meu, o que feriria meu nobre marido. Pois ele perderia a metade de seus recursos monetários para o jogo!

— Gwynn!

A reprimenda veio desta vez de uma suave e tranqüila voz. Era Bede quem falou cuja simples entonação do nome de Gwynn era musical.

Bede nunca havia possuído a beleza que inclusive Bridge ainda mantinha, seu cabelo era liso, de um tom castanho-escuro e sua face era magra. Sua única e verdadeira qualidade eram os olhos esmeralda profundos, que compartilhava com seus irmãos.

Sempre tinha sido a mais feliz da família, sempre capaz de encontrar o prazer nas menores coisas, o fato de que tivesse sido prometida à igreja desde seu nascimento tinha contribuído para isso.

Uniu-se à ordem aos doze anos e só vinha para casa para as festas especiais. Estava aqui hoje porque seu pai tinha pedido que todos os membros de sua família estivessem presentes, e como Ard-Righ, sua palavra era lei.

— Não posso acreditar que fosse feliz se deixasse de lado a seu marido, — disse Bede sabiamente - Porque ainda o ama. Possivelmente quando o bebê nascer, as coisas melhorem. Tenha presente seu orgulho, irmã, mas lembra que o tempo também pode ser seu amigo. Quando as noites se perderem no tempo, você ainda será esposa e a mãe de seus herdeiros.

Ainda sobre os joelhos do Gwynn, Erin olhava o doce rosto de Bede. A intuição de sua irmã era frequentemente surpreendente. Bede poderia ser uma monja, mas estava longe da inocência ou desamparo. Enfrentava o mundo com um elogiável bom sentido.

Gwynn suspirou.

— Tem razão, irmã. Eu não poderia deixar de lado meu marido porque sou o bastante tola para amá-lo. Desejo-lhe. Aceito as migalhas de seu afeto, e choro e grito quando descubro suas amantes! Mas... ainda o amo, e por isso acredito, como Bede sugere, que deslumbrarei seu coração de novo. Quando o bebê nascer... — Suas pestanas baixaram ao suspirar e olhou fixamente uma vez mais em Erin — Me perdoe irmã. Comecei a infligir minha desgraça em você porque me tornei uma amarga desgraçada! Você é sábia, Erin, e em meus ciúmes, eu noto sua sabedoria ao não se casar. Nunca se case! E nunca, nunca seja o bastante tola para amar! Dê seu coração a Deus como Bede fez se puder, mas nunca, nunca permita ser pisoteada por um homem!

— De que lixo a alimenta! — interrompeu-as Bridge mofando-se — Ela já ultrapassou a idade para casar-se, e você a deixaria seguir jogando tão tranquilamente aos espadachins com nossos irmãos até que todos tenham ouvido falar de sua falta de virgindade e a dêem como impossível! É a filha do Aed Finnlaith! É seu dever casar-se, igual a nós, irmã, para melhorar nossas alianças e manter a salvo as posses de nosso pai e nosso irmão!

Bede, silenciosa e escura em seu comprido hábito negro, de repente se moveu com impaciência.

— Bridge, deixa à moça.

— Não o farei! — Bridge soprou — Papai teme por seus sentimentos como um velho tolo! Bem, Clonntairth foi uma parte de sua vida e Erin deve superá-lo.

A menção do Clonntairth recordou de repente a Erin quão atentamente tinha esperado a volta de seus pais. Se não se apressasse agora, não poderia ver seu pai antes que ele mandasse a seus serventes preparar seu banho, e então não poderia lhe falar até tarde da noite.

Levantou-se, consciente de que essa pressa era imprópria de sua linhagem, faria que Bridge advertisse sua mãe sobre seus modos. Mas Bridge não ficaria muito tempo em Tara.

Quando a reunião terminasse e as tribos se separassem, Bridge teria que voltar para sua própria província, com seu marido e seus filhos.

— Me desculpem, irmãs — murmurou. Então escapou delas e do Grianan sorrindo e saudando as outras senhoras que estavam sentadas costurando e conversando.

Quando alcançou o ar livre, Erin ouviu por acaso a seu pai falando com sua mãe sobre a comida que se serviria essa tarde. Erin não queria ver sua mãe. Maeve não tão crítica quanto Bridge, mas olharia Erin com tal tristeza que a jovem se sentiria culpada. Erin acreditava que jamais chegaria a ter a bondade e doçura de Maeve.

Permitiu-se um breve e irônico sorriso. Em realidade ela se sentia muito orgulhosa de seus pais, Aed Finnlaith era o Ard-Righ ou o Rei Supremo da Irlanda, e governava por cima de outros reis irlandeses menores, que estavam constantemente disputando entre si.

Um guerreiro magnífico tinha unido a Irlanda graças a uma força superior a que havia possuído qualquer rei antes dele. E embora devesse permanecer sempre alerta, era um pai e um marido carinhoso. Quando seu coração e sua alma estavam nublados pelas preocupações como hoje, procurava a sua Maeve, a qual sempre iluminava seu coração com uma risada aprazível ou contos divertidos sobre a rivalidade que existia dentro do Grianan.

Para evitar um confronto com ambos, Erin deslizou pela parte de trás do Grianan e esperou no tronco de uma grande árvore.

Seu pai teria que passar diante dela para chegar ao edifício, belamente adornado, que era sua residência.

Enquanto esperava, mordida o lábio. Teria que medir cuidadosamente cada uma de suas palavras. Não queria que seu pai percebesse que a vingança era a única coisa que trazia em seu coração.

Passos na grama de veludo verde lhe advertiu que se aproximava seu pai, e Erin saiu sorrindo a seu encontro.

— Pai!

Aed levantou sua envelhecida cabeça ruiva e lhe sorriu afetuosamente.

— Filha! Que doce de sua parte aliviar as tensões de um velho homem cansado. É como um sopro da primavera para minha vista, minha Erin. — Erin foi a seu lado e aceitou seu abraço — O que faz aqui, filha?

Erin encolheu os ombros.

— Vim caminhar contigo um pouco, Pai.

Aed deteve seus passos e a olhou fixamente no rosto enquanto elevava uma sobrancelha, com um gesto de dúvida.

— Quer caminhar comigo, pequena? Ou me perseguir com perguntas?

Erin fez uma careta.

— Bem, eu gostaria de ouvir a decisão do conselho.

Aed a olhou longamente. Era de uma beleza pouco comum, a última de seus dez filhos. Em seus olhos estava toda a beleza verde da terra, em sua bonita figura e sua silhueta esguia, sua força. Sob o sol, seu cabelo da cor do ébano brilhava gloriosamente, emoldurando uma face que era formosa e claramente inteligente ao mesmo tempo, e sem necessidade alguma de pós ou pinturas. A pele de sua filha era como uma pétala de rosa, suave, formosa e rosada por si mesma. Orgulhava-se dela.

Entendia cada nuance da política, lia com uma facilidade superior a qualquer de seus irmãos, e escrevia com uma letra bonita. Sua voz, como a de Bede, soava como uma melodia, e podia tocar a harpa com mais talento que suas irmãs.

E manuseava estupendamente à espada. Embora seus filhos se queixassem, Aed não podia negar a Erin aprender com os professores. Estava secretamente satisfeito que ela fosse melhor que seus irmãos, assim silenciavam os grunhidos de seus filhos, lhes recordando que eles deveriam trabalhar mais duramente. Se sua irmã podia lhes fazer acabar de joelhos, o que não poderia fazer um viking?

Mas agora Aed franzia a sobrancelha por sua pergunta. Tinha estado observando-a cuidadosamente, desde que tinha voltado para casa depois da incursão viking ao Clonntairth, cruzando o país com a única companhia de seu louco primo Gregory.

Clonntairth tinha sido destruído. Seus edifícios arrasados, sua gente escravizada pelos noruegueses. Apesar de tudo, Erin e Gregory tinham escapado, arrastando-se através dos escombros e túneis antigos. Aed tinha tido que enviar Gregory aos monges no Armagh. Mas Erin tinha sido forte e se recuperou em casa, embora convivendo com o ódio.

Aed era um homem sábio que sabia que o ódio poderia formentar ações desesperadas. Não era um sentimento de que alguém podia esquecer-se, mas tampouco era um com o que se devia crescer. Deixar-se levar pela raiva, esquecendo a astúcia era temerário. Podia levar muito facilmente à destruição.

Tinha tentado ensinar isso a sua filha, mas apesar de sua aparente concordância, Aed sabia que Erin ainda albergava um ódio terrível.

Parecia ser um ódio pessoal, o que surpreendia e confundia Aed. Bridget tinha morrido por suas próprias mãos e Brian, seu marido, na batalha. O ataque tinha vindo das tropas de Olaf, o Branco, um homem estranhamente misericordioso para alguém de sua raça.

Este não permitiu nenhuma matança de meninos ou de mulheres, nem, pelo mesmo motivo, teria permitido o assassinato insensato de guerreiros. Converter em escravos os conquistados era a maneira como

funcionava o mundo, e escravos não vivia na miséria. Era sabido que os vassalos do Lobo Norueguês comiam melhor que muitos príncipes e vestiam roupas de lã nos invernos.

Aed a olhou fixamente um bom tempo e depois encolheu os ombros.

— Escolheram apoiar aos príncipes dinamarqueses, já que estes prometeram orar ao São Patrício e oferecer grandes riquezas em sua honra para que lhes ajude na batalha. E... — Aed fez uma pausa, nenhum gesto escapava à aguda mente de Erin — E me alegro de que apoiemos aos dinamarqueses, porque acredito que eles vencerão a batalha que se aproxima. São mais fortes agora, estão unidos.

Erin baixou seus olhos e sorriu, mas não antes que seu pai visse um brilho de prazer em seus olhos.

— Isto não significa muito, filha, — advertiu-a bruscamente. — Acredito que a decisão tomada significa menos que o tempo que demoramos em adotá-la. Nós não abrimos os braços aos dinamarqueses. Estão assassinando aos bárbaros também, não importa que capas vistam. OH, umas poucas tribos irlandesas lutarão. Mas te garanto que, apesar da decisão que se alcançou aqui hoje, algumas tribos irlandesas também lutarão junto aos vikings, e quer saber? Alegrarei-me de ver os noruegueses caírem, mas nós simplesmente passaremos de umas mãos para outras. Os vikings estão aqui para ficar, e a meu ver não importa sua nacionalidade. Nos anos vindouros deveremos andar com cuidado com estes homens, e avaliar a nossos inimigos.

Erin assentiu com a cabeça, embora não estava particularmente interessada na sabedoria de seu pai, neste momento. Mantinha seu olhar cuidadosamente baixo, para que seu pai não pudesse ler seus pensamentos. Assim como ela podia recordar bem a matança de Clonntairth, também podia recordar muito bem do Lobo.

A batalha tinha acabado, e ela e Gregory tinham escapado. Ela tinha afogado seus gritos mordendo suas mãos quando tinha visto lady Moira, a esposa de um dos guerreiros de seu tio, sendo violada. Uma e outra vez Moira tinha sido ultrajada. Então ele veio montado, como um Deus do Sol, sobre um cavalo de guerra tão negro como a meia-noite. Mais alto que seus próprios homens, lhes deteve com um só grito lhes reprovando pelo trato que estavam dando à mulher. Que tinham de valor, tinha perguntado.

Alguns escravos meio mortos? Meu Deus, como ela o tinha odiado!

Erin entendia o que pensava seu pai e suas razões. Não, o Lobo norueguês não tinha assassinado a sua tia, nem ele tinha violado a pobre Moira.

Mas Clonntairth tinha sido tomada sob suas ordens e seus habitantes feitos escravos. Escravos! Os irlandeses não mereciam serem escravos desses bárbaros pagãos que tinham vindo do norte.

Nesse dia em Clonntairth, Erin tinha jurado solenemente vingar a sua tia e a Moira. E agora não podia fazer nada mais, exceto esperar pacientemente, com o pensamento de que a morte poderia chegar ao Lobo Norueguês, e a escravidão à sua guerreira, uma mulher tão loira como ele, que vinha montada junto dele naquele dia.

Embora ela fosse bonita, sua espada levava o brilho do sangue. Quando o Lobo a viu, tinha-lhe sorrido, e suas feições, como o granito, e seus olhos azuis como gelo, quase pareceram humanos. Humano! O Lobo da Noruega! Erin quis cuspir. Olaf, o Branco, Príncipe da Noruega, era um bárbaro, um animal!

Mas agora estava decidido. Os Irlandeses e os Dinamarqueses lutariam contra o Nórdico, e provavelmente, muito provavelmente, ele morreria.

Tentou controlar a excitação em sua voz.

— Cormac MAC Fennen me disse que os exércitos estavam fazendo revista em Carlingford Lough. Diz que planeja cavalgar e observar a batalha. Eu gostaria de ir contigo, Pai.

— OH? É isso que gostaria? Tal sede de sangue é pouco atrativa para Deus e para o homem, Erin. Deveria te enviar com Bede, para que ela pudesse trabalhar na limpeza de sua alma.

— Pai! — protestou Erin — Sei que odeia a esses pagãos! Eu vi o fogo em seus olhos, ouvi-te amaldiçoando-os, e — mordeu o lábio, mas depois continuou — E eu me pergunto, freqüentemente, por que nunca te deixaste levar por esse ódio.

— Basta, filha! — ordenou Aed. — Eu sou o Ard-Righ, Erin, não posso agir como um menino enlouquecido. Sim, eu odiei. Em meus sonhos matei a muitos homens. Mas sou o rei de muitos reis, Erin. Minha posição no trono é débil, tento fazer da melhor maneira. Eu não posso levar os homens a uma matança insensata, devido aos meus ódios ou perdas pessoais. A morte de seu tio é muito recente em meu coração, Erin, por isso, estarei encantado de me enfrentar com os noruegueses no campo de batalha. Mas terá que ser paciente e sábia, filha. Os dinamarqueses farão o que eu não posso — fez uma pausa por um momento, olhando-a tristemente. — Nem sequer por você, filha, eu posso esquecer que sou o Ard-Righ. Nas decisões que tomo sempre olharei pela Irlanda.

Erin baixou a cabeça. Respeitou o seu pai, e inclusive entendeu sua sabedoria. Além de ser seu pai, ele era seu rei. Sem sua bênção, ela não poderia fazer nada, e por isso permaneceu com a cabeça baixa, para que ele não pudesse ver o brilho de admiração que se acendeu em seus olhos.

— Entendo o que quer dizer, pai — disse solenemente — mas montaria contigo por outra razão.

— OH! — Aed elevou suas grossas sobrancelhas. — E que poderosa razão é essa?

Erin odiava mentir ao seu pai, mas nunca poderia lhe explicar o horror de sua experiência em Clonntairth. De acordo com São Patrício, a vingança é minha, disse o Senhor, mas o coração de Erin clamou por sua vingança. Para seu pai muitas coisas eram lamentáveis, a política estava entre elas. Erin não podia ver a tomada de Clonntairth como um movimento militar admirável, nem podia ver a moderação de Olaf, o Branco. Podia ver somente a sua tia, a bonita Bridget de Clonntairth, jazendo em um atoleiro de sangue. Ela podia ver Moira arrastada e machucada, gritando. Podia fechar os olhos e recordar o fedor das fogueiras.

Olhou e sorriu a seu pai.

— Não é vingança o que procuro Pai. É... — fez uma pausa, ruborizando-se belamente — É Fennen MAC Cormac. Acredito que ele me corteja, pai, e como ainda não sei o que quero... Se pudesse estar durante algum tempo perto dele...

Aed elevou suas sobrancelhas, com interesse.

— Fennen MAC Cormac, né? Bem, bem. Parece um bom homem. Luta bem, mas pensa com sua mente em lugar de seus punhos. Estou contente, filha.

— Então me permitirá montar contigo?

— Não sei Erin. Eles são pagãos. Poderia ser perigoso. Deveríamos criar uma comissão para saber quem consegue a vitória, mas pelo contrário uma trégua mantém aos homens seguros...

— Pai — interrompeu Erin. Estava mostrando sua excitação, mas agora podia permitir-se, já que Aed Finnlaith parecia acolher com agrado seu interesse no jovem rei Fennen:

— O velho Druida Mergwin tem uma cabana perto do Lough, se não me engano. Estaria segura ali, enquanto você se encontra com os dinamarqueses. E assim poderia estar na festa.

Aed encolheu os ombros. Ele era um rei cristão, mas não guardava rancor aos poucos Druidas que ainda praticavam suas velhas crenças. A verdade é que estava afeiçoado pelo velho Mergwin, de fato, ele tinha posto Erin aos cuidados dele, muitas vezes. E Erin tinha razão. Nenhum dano poderia lhe ocorrer na cabana isolada no interior do bosque. Mas não quis ceder imediatamente. Queria que ela considerasse, profundamente, a obrigação, a obediência e a caridade, as qualidades necessárias em uma princesa e uma esposa.

— Eu tomarei minha decisão com sua mãe e falarei contigo pela manhã, filha, — disse firmemente — nesta noite pode jantar ao lado deste jovem rei, que permanece em sua mente, e depois passará as horas com Bede, e estudará sua serenidade.

Erin baixou sua cabeça respeitosamente, e humildemente disse:

— Sim, pai.

Aceitou seu beijo na fronte e esperou até que seus passos o levaram para sua morada.

A seguir levantou a cabeça, com um sorriso muito travesso e feliz no rosto. Conhecia bem ao seu pai e soube que tinha ganhado. Amanhã montaria com os emissários.



CAPÍTULO 2

O Druida, Mergwin, era uma visão magnífica, com suas largas túnicas brancas e seu abrasador olhar. Seus cabelos eram compridos e selvagens, que se mesclavam com uma barba cinza espessa que lhe chegava até abaixo dos joelhos.

Havia rumores que era filho de uma sacerdotisa Druida e de um professor de Runa viking, que tinha vindo com a primeira onda de invasores, chegados à Irlanda em finais do século.

Mergwin nunca falava de sua procedência, mas se acreditava que o homem era, de fato, um estranho feiticeiro, bento por ambos os deuses, graças a sua longínqua e confusa procedência.

Mas qualquer que fosse o segredo de seu passado ou o uso de sua destreza, Mergwin sabia muitas coisas, e este era um fato que ninguém se atrevia a negar.

Dentro das paredes de sua cabana, o fogo ardia, uma chama azul sobre a terra com uma panela sobre ele, já que era conhecido por suas diferentes misturas de beberagens.

Uma mulher solteira bem podia estar celebrando o Sabbath de joelhos na capela, e depois correr à casa de Mergwin para suplicar que lhe desse uma poção para ganhar o favor de certo guerreiro.

Também estavam aqueles que se benziavam e rezavam à Virgem Maria enquanto passavam por sua casa no bosque, pensando que estava louco. Havia outros, que praguejavam contra ele dizendo que os dias de bruxaria estavam terminados, que Mergwin era apenas um uxaria tinham bruxo.

Mas aqueles que gritavam contra ele se calavam quando Mergwin lhes dedicava um olhar sábio, com aqueles olhos tão profundos como o tempo. Assim Mergwin permanecia em sua cabana, dando boas-vindas e acolhendo àqueles que vinham a ele.

Mergwin amava a filha de Aed Finnlaith, da mesma forma como amava ao Rei. O Ard-Righ de Tara era, na opinião de Mergwin, um homem justo e excepcional que preferia a negociação entre as constantes disputas de seus chefes às batalhas de massas nas que, muito freqüentemente, desembocavam as disputas menores.

Aed inclusive era capaz de administrar justiça quando seus próprios filhos estavam envoltos. Escutaria, fecharia seus olhos, e ao abri-los, estariam vazios, escondendo todo sentimento pessoal.

As emoções e a sabedoria do homem eram profundas. Desde que sua filha era pequena, Aed havia a trazido para os bosques, para ficar com

Mergwin. Os sacerdotes e monges podiam ensiná-la sobre a vida de Cristo, mas Mergwin lhe ensinava sobre sua própria alma e sobre a terra que a rodeava...

Na opinião de Mergwin, a princesa Erin poderia ter sido uma poderosa sacerdotisa no culto dos Druidas.

Mas segundo o acordo tácito que Mergwin e Aed tinham, tratava à menina como estudante e pupila, nada mais. Ensinou-lhe a respeitar as árvores, a amar e honrar a terra.

Ensinou-lhe a predizer os sinais do céu, para que ela pudesse saber se haveria sol ou trovões. Ensinou-a que ervas podiam sanar e quais podiam aliviar a dor. E a via com as criaturas do bosque, amando-a mais cada vez que ela curava meigamente a asa de um diminuto passarinho ou atraía as lebres selvagens das profundas tocas a seus pés, para acariciá-las, mimar e alimentar.

Hoje ela cavalgava para ele junto com o jovem rei de Connaught, Fennen MacCormac. Algo preocupava Mergwin, enquanto se aproximava da porta para sair ao seu encontro.

Era como se uma sombra descendesse sobre o sol. Franziu o sobrecenho quando viu que a princesa era ajudada a descer do cavalo pelo jovem rei. Parecia que uma sombra recaía sobre MacCormac.

Mergwin se sacudiu, ligeiramente. Os olhos de Erin estavam iluminados de alegria e prazer, esta desfrutando de sua escolta. Velho homem tolo reprovou-se Mergwin, silenciosamente.

Fennen MacCormac era um rei respeitado e honrado. Dizia-se que possuía muita sabedoria e caridade. Para a filha de Aed Finnlaith, o Ard-Righ de Tara, este era um partido mais que apropriado.

Deveria reler os sinais, advertiu-se Mergwin.

— Erin MacAed! — Mergwin a chamou. Caminhando para frente, ele se inclinou primeiro para ela e depois para o jovem rei que estava ao seu lado — E Fennen MacCormac. Dou-lhes boas-vindas. O que os traz aqui, neste dia?

Ele sabia, é obvio. Toda a terra sabia que as forças vikings se reuniam perto de Carlingford Lough.

Mergwin havia sentido o próximo tremor da terra, a brisa lhe tinha sussurrado sobre o sangue que jorraria.

— Uma matança — respondeu o jovem MacCormac, sem olhar para Mergwin. Seus olhos! - observou Mergwin, já cobiçavam a princesa.

Fennen finalmente olhou ao Druida.

— É a justiça, ancião, você não acredita? Cavalgo com o Ard-Righ, como emissário. Observaremos a matança e recolheremos o dízimo de ouro e prata para São Patrício pelas vitórias dinamarquesas.

Mergwin assentiu ao ambicioso jovem senhor, enquanto lhe considerava um néscio.

Os dinamarqueses e os vikings tinham assolado a terra por igual, o fariam de novo. O enviado irlandês teria sorte de escapar vivo.

— Aed Finnlaith, Maelsechlainn, e eu mesmo asseguraremos o tesouro, depois voltaremos para buscar minha senhora, Erin. Cuide bem dela, velho.

Mergwin ficou rígido. Ele não precisava que lhe dissessem isso.

Ele cuidaria bem dela por sua própria decisão e para seu pai, não para um senhor que não sabia qual era o seu lugar.

— A filha de Aed Finnlaith sempre permaneceu a salvo comigo, Rei de Connaught — disse Mergwin, por fim, severamente.

Fennen pareceu não notar o tom do ancião. Seus olhos estavam posados em Erin. A noite anterior, no salão de banquetes, ele não tinha tido nem um momento a sós com ela.

E tinha sofrido as agonias de um condenado, enquanto observava seus brilhantes olhos enquanto ela desempenhava o papel de princesa perfeita, a anfitriã perfeita para seu pai, dançando com todos os reis, encantando do mais velho ao mais jovem dos príncipes.

— Druida — disse Fennen asperamente — Eu gostaria de ter um momento a sós com a senhora, e depois a deixarei aos seus cuidados.

Mergwin apertou sua mandíbula e se afastou um pouco apenas do jovem casal.

Fennen ofereceu sua mão a Erin, ignorando a expressão severa e paternal do Druida.

— Erin, venha passear um pouco pelo bosque.

Erin sorriu abertamente, levantando uma sobrancelha para Mergwin.

Ante a destreza cintilante nos olhos verdes esmeralda da princesa, Mergwin quase riu. Ele a conhecia muito bem. Gostava de Fennen, e por que não? O jovem rei de Connaught era bonito, atlético, e poderoso, o sonho de qualquer moça. Mas Erin estava, como sempre, segura de si mesma.

Podia caminhar nos bosques com o homem que procurava cortejá-la, lhe encantar e deslumbrar. Mas Mergwin estava mais que seguro de que ela não lhe permitiria e muito menos, lhe prometeria nada.

O rosto do Druida se abriu em um sorriso, enquanto os via se afastarem.

Foi o sorriso de Fennen que desapareceu, quando escoltou Erin através de um caminho entre as árvores para um local mais isolado.

Erin tinha vinte anos, e Fennen tinha estado apaixonado por ela durante muitos anos.

Suas irmãs se casaram à idade de dezesseis. Aed nunca havia desencorajado Fennen, embora evitasse qualquer conversação sobre o compromisso, enquanto dizia a todos que ele não daria sua filha mais jovem em matrimônio, até que soubesse o que queria o coração dela.

Mas Erin tinha enfeitado Fennen. O rei de Connaught, a quem desejavam a maioria das mulheres, queria só a ela, a única mulher que não caía presa aos seus encantos.

Era uma moça fogosa, e como esposa ia precisar ser domesticada, especialmente depois de ter sido a favorita de seu pai durante tanto tempo. Mas Fennen adoraria domá-la, gentil e amorosamente, é obvio. E como seu marido, ele poderia por fim pô-la aos seus pés.

Erin também estava pensando sobre o matrimônio, enquanto caminhavam. Seu próprio sorriso era um pouquinho forçado, especialmente quando viu o olhar escuro de Fennen sobre ela. Gostava tanto dele! Mas desde o Clonntairth, ela tinha valorizado sua liberdade, desesperadamente.

Suspirou brandamente.

Algum dia teria que casar-se, mas por agora, tinha que ver completo seu desejo de ver os noruegueses derrotados e humilhados.

— OH, Erin! Por que gosta tanto de me torturar?

Sobressaltada, Erin lhe olhou fixamente nos olhos. Viu o amor que ele a professava, e se sentiu muito culpada.

— Fennen. . . Eu, eu não procuro lhe ferir — respondeu, com sinceridade.

— Então, se comprometa comigo. Falaremos com seu pai...

— Fennen! Por favor, já sabe quanto me importo com você, não me pressione! Em seu momento...

Erin duvidou, sabendo que seu futuro era precário. Sabia que seu pai lhe diria com o tempo que devia casar-se, e ela escolheria Fennen.

Apenas queria prolongar sua liberdade o mais que pudesse, sem perder ao rapaz, que impediria seu pai de decidir seu futuro por ela.

— Fennen, me dê tempo para te conhecer totalmente, para te amar. Tanto o tempo quanto o conhecimento formam as uniões mais bem-sucedidas, não concorda?

A mandíbula de Fennen se esticou, porque sabia exatamente do que ela estava falando. O teria, mas quando ela o decidisse.

E enquanto ele esperaria, olhando suas suaves formas e imaginando toda a beleza que escondiam suas túnicas e mantos reais, sofrendo; sonharia de noite com ela, com a plenitude de seus seios, a curva de sua cintura. Esperaria, mas não lhe negariam tudo. Aproximou-a de seus braços.

— Um beijo, minha beleza. Conceda-me um beijo, e eu esperarei toda a eternidade.

— Um beijo — ela esteve de acordo, fascinada e orgulhosa pela necessidade dele.

Ele roçou seus lábios com reverência, acariciando suas costas com uma mão, e embalando sua nuca com a outra. O batimento de seu coração era forte contra o seu, e a percepção de seus fortes braços rodeando-a não era tão excitante quanto tinha esperado, mas era agradável.

A ponta de sua língua se moveu brandamente sobre seus lábios ainda fechados, tentando que se abrissem para ele. Curiosa, Erin permitiu o contato. Sua língua invadiu sua boca, entrando mais e mais profundamente. Uma vez mais, a sensação era agradável. Mas não lhe dava nenhuma pista do que estava por vir. Ela moveu suas mãos pelo peito dele. Ele a sujeitou com força e de repente começou a sentir pânico. As visões de violação de Moira nas mãos dos vikings tomaram a sua mente.

Seu protesto retumbou profundamente dentro de sua garganta, antes de esbofetear seu pretendente.

— Você disse um beijo, meu senhor de Connaught! Você está abusando de meu consentimento, quando meu próprio pai lhe confiou meu bem-estar!

Irritação foi a primeira reação de Fennen, enquanto esfregava sua bochecha, mas então compreendeu que tinha chegado muito longe. Tinha sido muito fácil perder o controle, quando ele a sustentava em seus braços.

— Desculpo-me, minha senhora — disse com uma humildade que estava longe de sentir. Algum dia ele não teria que soltá-la. Acalmariam seus medos, e lhe ensinariam toda a beleza que havia no amor. Em seu beijo pôde sentir uma sensualidade, como um fogo lento, algo que ela ainda não tinha podido reconhecer. Podia consolar-se sabendo que a paciência lhe outorgaria seu prêmio. Algum dia ele a teria para sempre, rindo com ele, lhe tocando, deslumbrando só a ele, e ele a amaria.

— OH, Fennen! Eu também sinto! — murmurou Erin, sentindo de novo uma ponta de culpa. Tinha-lhe aceito, tinha desejado suas carícias, até... Até que pensou nos noruegueses. Mas estava sorrindo de novo e devolveu seu olhar travesso desfrutando do poder que tinha sobre este belo e desejável guerreiro e rei irlandês.

— Deveria me devolver a Mergwin, Fennen — disse, docemente — Depois, deveria voltar para acampamento e ver o destino dos vikings na batalha. Oh, Fennen, papai acredita que os noruegueses serão os perdedores, e que uma multidão deles serão massacradas no campo! Fennen assentiu, sustentando seu braço respeitosamente, enquanto a conduzia de volta à cabana.

— Os dinamarqueses são em maior número e estão mais unidos, além de que nos prometeram grandes riquezas! — Ele riu.

Mergwin ainda estava de pé diante da cabana.

— O dia chega ao seu fim rapidamente, Rei de Connaught — disse significativamente.

Fennen ignorou ao carrancudo Druida. Voltou-se para Erin.

— Cuide-se, minha princesa. A verei logo.

— Que tenha uma boa viagem, meu senhor Fennen — replicou Erin, fazendo uma humilde e encantadora reverência. Mergwin viu como virava seu rosto, recatadamente ao ser beijada por ele e também viu a faísca em seus olhos.

Mergwin fez um grande esforço para não rir. Não creia, meu senhor, que já conquistou a princesa, pensou silenciosamente.

Fennen MacCormac deixou uma echarpe, finamente bordada, no braço do Druida.

— Um presente da senhora Maeve e de Aed — e a seguir montou em seu corcel.

Erin observava enquanto o guerreiro desaparecia através de um caminho entre as árvores. Depois se voltou para Mergwin, esboçando um sorriso nos lábios.

— O que pensa, Druida? — perguntou ela, com uma faísca em seus profundos olhos cor de esmeralda. — Não parece meu senhor Fennen um pouco presunçoso? São assim todos os homens?

Mergwin elevou as sobrancelhas e franziu os lábios para reprimir a risada.

— O que é isto, Erin? Está zombando do rei de Connaught? E eu que pensava que, finalmente, me trazia um noivo.

Erin encolheu os ombros, apertando seus olhos ao cruzar com o olhar do Druida, ao entrar na cabana. Suspirou quando ele a seguiu.

— Não, Mergwin, não estou zombando de Fennen. É um bom homem, um bom rei para sua província. É somente que eu... Não sei Mergwin. Acredito que sou eu. Frustro ao meu pai e à minha mãe, incomodo minhas irmãs. Mas não tenho nenhum desejo de me casar.

— Possivelmente — sugeriu Mergwin astutamente, — deveria entrar em uma ordem religiosa, como sua irmã Bede.

— OH, não! — disse Erin voltando-se para sorrir ao seu velho amigo e mentor — Bede está satisfeita em seu convento. Temo que não sou tão caridosa como Bede, nem posso amar tão cegamente ao seu Deus.

— Ou purgar o ódio em seu coração, — sugeriu Mergwin tranquilamente, interrompendo-a.

Erin deu de ombros, voltou-se uma vez mais, e andou para o fogo, para esquentar suas mãos.

— Eu vi um povo arrasado, Mergwin. Meu primo foi ferido e golpeado. Tiveram que enviá-lo aos monges para que lhe atendessem. Minha tia e meu tio acabaram servindo de comida para os abutres, e nem sequer foram vingados. Surpreende-se que o ódio seja o único que fique para me sustentar?

Mergwin se sentou à mesa e começou a moer uma mescla de raízes.

— Seu pai não pôde vingar Clonntairth, Erin. Os reis da Irlanda estavam dispersos, lutando entre eles. Os vikings eram, então, muito poderosos,

como serão sempre. O amparo de Tara e as leis Brehon vêm em primeiro lugar para o Aed. Não podia deixar indefesa a alta sede do governo frente a um ataque. E acredite em mim moça, Aed tem mais motivos para vingar-se. Seu irmão perdeu a vida em um ataque dos dinamarqueses e seu pai foi assassinado por um rei irlandês que considerava seu amigo. Diga-me, Erin, por onde deveria começar seu pai? Provocando o fim da pouca ordem que se conseguiu?

Erin era uma moça inteligente, ele sabia que ela tinha entendido perfeitamente tudo. De todas as formas, Mergwin era consciente de que nenhum raciocínio do mundo poderia aliviar a dor de seu coração.

— Então que faço, Mergwin? — exigiu ela — Me caso com Fennen Mac Cormac, me torno uma esposa dócil e viro o rosto, enquanto meu país é assolado?

Não se casaria com o filho de MacCormac, Mergwin pensou com certeza, mas não disse nada. Voltou a prestar atenção a sua mescla.

— Poderia ser pior.

— Ah... Acreditava que poderia ser melhor!

Devia lhe advertir, devia dizer que havia uma aura escura ao redor do rei. A escuridão significava tragédia ou dor, mas para quem? Para o jovem rei, ou para a princesa que ele cobiçava?

Ao não responder Mergwin, Erin explorou.

— Não posso casar, criar meninos e observar diariamente como meu homem se dedica aos seus assuntos, até que os veleiros ou os cavalos apareçam e minha província seja destruída também!

Mergwin elevou a vista, observando fixamente os veementes olhos verdes.

— Os navios chegarão um dia, não importa o que se fizer. Se não chegarem agora, farão quando seus filhos viverem, ou quando viverem os filhos de seus filhos...

— E simplesmente ficamos sentados como se fôssemos cordeiros a caminho do matadouro! — queixou-se Erin, furiosa — E os grandes reis provincianos como meu senhor Fennen chorarão pela Irlanda, com os assassinos ao seu lado.

— Nem será uma matança, — replicou Mergwin, emocionado — Nem ao final o invasor triunfará.

Erin se concentrou em sua respiração. Em cima da mesa havia uma fina bolsa de couro. Dentro dela se encontravam as runas de Mergwin, peças excepcionalmente finas, com belos símbolos esculpidos. Agarrou a bolsa e a sacudiu sob o nariz de Mergwin.

— Faz uma predição. Lança as runas para mim, Mergwin, — rogou-lhe.

— Não! — replicou Mergwin, bruscamente.

Erin se ajoelhou aos seus pés, embora o gesto estivesse longe de ser humilde. Elevou seu queixo orgulhosamente e o observou com seu fixo e implacável olhar.

— Então eu te contarei algo Mergwin. Ontem à noite, no banquete, o novo poeta de meu pai contou a história da filha do Maelsechlainn. Relatou como ela, junto a outras quinze donzelas, enganaram ao Turgeis, o Norueguês. O matou, Mergwin! Uma mulher liberou aos Irlandeses do pagão Turgeis! Quando os vikings tomaram Clonntairth, eu vi uma mulher guerreira. Ela lutava junto aos homens. O que, meu estimado Druida, penso fazer exatamente. Pode ser que os invasores assolem nossos campos durante as décadas vindouras, mas não ficarei parada, Mergwin. Pode ser que eu morra no intento, mas o invasor morrerá comigo! Isso é algo que posso te assegurar, Druida!

— Menina tola! — Mergwin ficou de pé, com os olhos brilhando e a túnica agitando-se. — Morrerão muitos! Destroçaria o coração de seu pai? Deixaria a sua mãe desesperada?

— Os homens morrem na batalha. E eu estou mais bem treinada que muitos deles! Meus irmãos cada vez estão mais zangados porque luto, muitas vezes, melhor que eles...

— Se cale! — Mergwin levantou suas mãos, com suas mangas flutuando. Olhou-a longamente, enquanto o silêncio que se estendia entre eles.

Então girou e fixou seu olhar no fogo, antes de voltar a olhá-la.

— Lerei as runas para você, moça, e verá que tais tolices são fruto de sua imaginação.

Ela riu brandamente, deixando ver manipulação em seu olhar.

— Oh, obrigado, Mergwin! — exclamou.

Além de ser teimosa, brilhante e determinada, Erin era toda uma mulher. Apesar de seu desinteresse pelo matrimônio, Mergwin entrevia um brilho em seus olhos e uma sensualidade natural em seu bem formado corpo, que falava de uma grande paixão.

Quando ela amasse, pensou Mergwin, faria com todo o ardor que agora punha em seus sonhos de vingança.

— Espero — murmurou ele — que as runas lhe mostrem respeitavelmente casada, mãe de uma dúzia de meninos e cumprindo respeitosamente as vontades de seu pai e de seu marido.

Pouco depois, ambos se sentavam, um em frente ao outro. A escuridão tinha descido sobre o bosque. A única luz provinha do fogo e de uma vela. Mergwin pôs um tecido de linho em cima da mesa e lançou as pedras sobre ela, com os símbolos para baixo.

— Toque em três — pediu a Erin.

Ela o fez, decididamente. Mergwin virou a primeira pedra. Thurisaz. A pedra da Porta. Erin ainda deveria ser tolerante, observando o mundo ao seu redor cuidadosamente, não atuando impetuosamente.

Sem dizer uma palavra, deu a volta à segunda pedra. Hegalez. A pedra dos grandes desastres e transtornos, uma pedra dos deuses. Algo que trazia o destino, algo que o homem não poderia controlar, como uma grande onda no oceano... Como a maré interminável dos invasores. Ainda silencioso Mergwin virou à terceira pedra. A runa estava em branco.

Erin, ao observar como os olhos do velho Druida se estreitavam e nublavam, sentiu como a inquietação aumentava em seu interior.

— Mergwin! Diga-me! Diga-me o que é que vê!

Ele não desejava falar do que tinha visto. A runa branca lhe era desconhecida. Para os vikings, era a runa de Odin. Podia significar a morte, podia significar um princípio, um renascimento.

Seguindo ao Hegalez, a pedra marcava imensos e perigosos obstáculos, tecendo-se ante ela. Ela deveria aceitar a mudança que estava por vir. Se o fazia, sua vida poderia ser longa e, com o tempo, encontraria a felicidade. Mas o caminho para esta felicidade parecia cheio de perigos.

Fechou seus olhos, concentrando-se profundamente, com os dedos acariciando a frieza das pedras e absorvendo seus símbolos.

Viu-a vestindo tal como tinha ameaçado e sentiu a agonia do castigo recebido devido a esta vestimenta. O castigo seria causado por um homem, mas este não seria Fennen MacCormac.

Tratava-se de um homem dourado. Rodeado de luz. Poderoso, perigoso. Embora em sua aura não pairasse maldade, a não ser força e determinação, as runas pareciam sussurrar que ele era da terra e que os caminhos de sua vida se trançariam, irrevogavelmente, com as de Erin MAC Aed.

Em sua mente, Mergwin ouviu o uivo de um Lobo. Uma bandeira com o símbolo deste animal luzindo bem alta... Uma bandeira viking.

Mergwin começou a tremer. Não estava sendo uma leitura usual de runas, topou-se com um destino que era da terra, relacionado com a terra da Irlanda.

— Mergwin! — chamou-lhe Erin.

Seus olhos se abriram de repente.

— Silêncio, Erin de Aed! — Lançou um olhar febril pela irritação. — Vi exatamente o que devia ser visto para a filha de Aed. Envelhecerá, dará a luz a muitos meninos que povoarão a terra.

— Está me mentindo, Druida! — reprovou-lhe Erin.

Mergwin se levantou da mesa com suas túnicas tremulando ao redor dele. Devolveu as runas ao saco, fingindo desinteresse.

— Eu não minto filha de Aed, estou velho, cansado e faminto; quero ter meu jantar e ir para a minha cama. — Irritado, voltou para a mesa e tomou as pedras, às deixando cair, de novo, em sua bolsa de couro.

Erin duvidou por um momento e depois sorriu.

Mergwin podia ser um homem velho e caprichoso, mas ela o amava muitíssimo. Ficou de pé, arrumou sua túnica e o seguiu até o fogo. Situou-se a suas costas para lhe fazer uma massagem, como fazia freqüentemente com seu pai.

— Um homem velho e cansado, né? — Respondeu com um sorriso em sua voz — Não pode ser velho, Mergwin, quando sobreviveste a todas as árvores do bosque! Mas vamos! Este guisado que cozinhou em fogo lento todo o dia cheira deliciosamente! Vamos comer, te contarei todas as intrigas que fluem em Tara, e logo me contará mais lendas do passado e dormiremos!

Elevando a tampa de uma arca, Erin tirou duas terrinas.

— Oh, há bom vinho da província da Alsacia em minhas bolsas! Comprei-o quando o mascate trouxe sedas para a mãe. Tomaremos um pouco enquanto falamos, Mergwin!

Mergwin levou fatigadamente sua terrina de guisado à mesa e jogou uma olhada a sua apetitosa comida.

— Não estarei tão embriagado, Erin, para que possa tirar de meus lábios o que não tenho intenção de dizer. — Seus olhos se tornaram muito escuros durante um momento. Ela estava imóvel, erguida e orgulhosa enquanto elevava seu queixo para ele.

— Não tenho nenhum plano para lhe tirar algo, Druida — disse ela, tranqüila e com dignidade.

Pôs sua terrina na mesa frente à ele e se aproximou do abrigo onde se encontrava o cavalo, para pegar o vinho. Se voltando, e com palavras suaves, mas veementes disse:

— Sabe, Druida? Não me importa o que suas pedras digam. Eu forjarei meu próprio destino.



CAPÍTULO 3

Com as mãos em seus quadris, ele estava de pé ao lado de um tronco, criando uma grandiosa silhueta no crepúsculo do dia. Seu manto vermelho adornado com a cabeça de um lobo envolvia seu magnífico corpo, mechas de seu cabelo, loiro como o sol, caíam para trás.

Seus olhos brilhavam enquanto observava Carlingford Lough.

Podiam-se ver os acampamentos dinamarqueses ao longo das bordas. Milhares deles se reuniram naquela noite para a batalha que começaria à alvorada.

Olaf estremeceu. Os dinamarqueses eram homens hábeis e inteligentes. A mesma cota de malha que ele e alguns dos chefes Irlandeses vestiam era fruto do engenho dos dinamarqueses, contra os quais lutaria no dia seguinte. Estava arriscando muito mais do que os noruegueses e dinamarqueses compreendiam. Ele, um príncipe da Noruega, procurava algo mais que batalha e tesouros. Inclusive desde menino, quando se sentava nas frias noites aos pés do contador de histórias, sonhava com a Irlanda. Sendo o filho mais jovem, ele não herdaria o reino de seu pai. Seu destino seria o que ele mesmo fizesse. Pensou em seu tio Turgeis, quem tinha dominado a maioria da Ilha fazia tempo. Das bordas de Liffey até Dublin, tinha abrangido o reinado de Turgeis. Olaf sabia onde se equivocou seu tio. Turgeis tinha estado decidido a criar um império pagão... Mas o povo irlandês estava formado por gente que não estava disposta a deixar de lado seu próprio Deus.

Eu conquistarei e depois aprenderei a conviver com eles, pensou Olaf. Não importava a que Deus rendia culto. Visualizou em sua cabeça uma nova raça, possuidora da grande força e talentos arquitetônicos dos vikings... E das grandes leis sociais e conhecimentos dos irlandeses, capaz de fazer frente a qualquer ameaça vindoura.

Suspirou. Tudo isso eram estúpidos sonhos de um guerreiro fracassado. Por agora, ele era o conquistador de nada. Era só um guerreiro, como outros tantos generais que guiariam os nórdicos na batalha à alvorada. Sim, esta noite seus pensamentos eram estúpidos. Tinha tomado muitos povos, tinha repartido as riquezas entre ele e seus homens. Mas a Irlanda ainda era um campo de batalha, e ele sabia, com toda segurança que nenhum terror chegado pelo mar poderia dominar totalmente aos irlandeses. A convivência...

O viking que se converta em irlandês será o homem que sobreviverá, pensou com uma estranha certeza. Encolheu-se de ombros, inquieto com

seus próprios pensamentos. Ele era o filho de um rei... Mas sem reino, e ele ansiava ser rei.

Sentiu que lhe tocavam o ombro. Não saltou ou procurou sua espada já que conhecia o contato.

Pôs sua mão em cima da mão que descansava sobre seu manto, desenhando seu contorno devagar, até que ela se posicionou frente a ele. Sua doce Grenilde.

Uma mulher tão alta que quase alcançava seus olhos. Tão valorosa que lutava na batalha como um homem. Tão singularmente bela que tinha capturado seu coração e sua alma.

Levantando uma de suas douradas sobancelhas, ela zombou dele.

— Não vem à cama, meu Lobo? Odiaria ver como cai por falta de sonho quando chegar amanhã.

Ele riu e a abraçou fortemente enquanto brincava:

— Pede-me que eu durma, minha senhora bárbara? Ou tem outros planos para mim?

Sua risada ao responder foi refrescante. Ainda assombrava quantas facetas podia mostrar.

A tinha encontrado liderando outro grupo de vikings em uma incursão que coincidiu com uma das suas. Quando o povo foi tomado, enfrentaram-se entre si.

Tensos, olharam-se fixamente nos olhos, e suas espadas tinham caído de lado enquanto riam. Após, tinham cavalgado juntos, tanto como amantes como aventureiros. Ela tinha conhecido a outros homens, não era de sangue real, mas enquanto que outras princesas casadas aguardavam a espera em casa seus maridos, ele a tinha convertido em sua companheira, pensando que as outras mulheres empalideciam em comparação com a beleza e espírito dela.

Ela tinha acabado com o hábito que tinha de aproveitar-se de inocentes que descobria em suas incursões. Uma mulher já não lhe chamava a atenção, não quando tinha esta criatura dos deuses para lhe agradecer, soluçando pelo prazer de suas carícias.

Ele não podia impedir o comportamento de seus homens com as mulheres, que eram em parte, moedas de troca, mas em suas andanças havia imposto certas regras, e devido a elas, tinham agora pessoas para obedecer a suas ordens.

Alguns de seus guerreiros tinham mantido donzelas irlandesas, fazendo delas suas esposas em lugar de amantes.

Ele roçou meigamente os lábios de Grenilde e a boca dela se abriu docilmente e enquanto suas línguas se encontravam em um duelo de seda, o desejo dele cresceu mais e mais. Separou-se dela e viu o desenho de sua cota de malha marcado pela força de seu abraço na tenra carne de seus seios.

— Vem. — sussurrou - Vem para cama.

Na solidão da tenda ela começou por lhe tirar o manto, logo a cota de malha e o cinto e por último a túnica e as perneiras de couro.

O prazer que sentia ao despi-lo esquentou seu sangue ainda mais se isso era possível, enquanto o pulso dele se acelerava.

Quando por fim esteve nu diante ela, deu um passo atrás para devorá-lo com os olhos. Ofegando umedeceu, excitada, o lábio inferior e se aproximou de novo dele para percorrer com a língua uma cicatriz que lhe cruzava o bronzeado peito. Quando lambeu os duros mamilos, Olaf a sujeitou com rudeza rasgando sua túnica e a abraçou um instante contra seu coração antes de arrastá-la ao chão com ele.

Já deitados, seus famintos olhos observaram como os mamilos que coroadavam seus cremosos seios se endureciam, suplicando ser beijados e acariciados. Novamente seus olhares se encontraram, mas o dele escorregou até deter-se em sua boca ofegante e na inquieta língua que passeava por seus lábios. Suas sedentas bocas se chocaram e suas mãos, lábios e dentes se perderam famintas no corpo do outro com um desespero febril. Ele a percorreu da cabeça aos pés, descobrindo lugares que a faziam gemer de prazer enquanto se perdia cada vez mais no furacão da paixão.

Os ardentes gemidos de Grenilde continham a promessa de cobrar uma vingança por aquelas torturas. Seus cabelos dourados o envolveram enquanto rolavam juntos no chão. A boca dela encontrou a sua e as mãos dele se enredaram na glória dourada de seu cabelo. Era toda uma mulher: forte, intrépida e desinibida. Seu amor viking o igualava em sua apaixonada luta, para logo render-se a ele, aceitando de boa vontade seu domínio quando se colocou sobre ela. Abriu-lhe as coxas com a mão e procurou até encontrar, com seus dedos, a amável umidade dela que o recebeu, arqueando-se convidativa e envolvendo-o com suas pernas. Reclamou-o gritando seu nome e ele se elevou para afundar-se profundamente nela, tomando-a e unindo-se por fim em um clímax doce e selvagem.

Já saciados, colocou-se junto a ela e acariciou seu corpo.

Quanto a amava! Era perfeita... Sua pele da mesma cor de bronze que a sua, esbelta, mas firme em todas suas formosas curvas.

A única no mundo para ele, tanto companheira como amante apaixonada, a destinatária de todos seus sonhos. Envolto ainda em seu cabelo se rendeu ao sonho.

Mas no interior de seus sonhos, pôde ver serpentes que vinham atrás dele. Levantando suas cabeças sobre ele, estas se aproximavam feito ondas, cravando suas presas.

Tentava as matar com sua espada, mas cada vez havia mais. Suas presas não podiam atingi-lo, mas estas continuavam tentando, e havia gritos, gritos terríveis que vinham detrás dele...

Despertou coberto de suor, e por um momento ficou gelado, alerta ao perigo. Tremia tanto que seus dentes se chocavam.

Mas não havia nada em sua tenda, nada exceto a mulher que se encontrava ao seu lado, compassando o batimento de seu coração com a do coração dela.

Fechou os olhos, apertando-os com força. Quando os abriu de novo, ela estava incorporada sobre ele.

— O que acontece, meu amor?— perguntou franzindo as sobrancelhas e depois, tratando de aliviar a situação disse:

— O Lobo que nunca retrocede na batalha, treme por um pesadelo? Conte, amor, e assim afugentarei a escuridão.

Ele olhou fixamente seus olhos de safira, tão bonitos à pálida luz da lua, e a febre do medo lhe pressionou uma vez mais.

— Não quero que participe da batalha de amanhã.

Ela colocou seu cabelo dourado em cima de seus seios orgulhosamente.

— Sou mais guerreiro que a maioria de seus homens, — riu desdenhosamente. — E sou minha própria senhora. Lutarei contra meus inimigos quando eu quiser.

— Você não é sua própria senhora!— declarou ele, acaloradamente — Eu sou seu príncipe... É quase meu igual, mas é minha companheira. O fará porque eu digo.

Grenilde duvidou um momento, observou a irritação que brilhava tão irracionalmente no profundo de seus olhos.

Podia discutir, podia lhe recordar que inclusive como mulher ela ganhou o respeito e lealdade de suas próprias tropas, mas o amava.

Olaf era seu senhor, e por isso o agradaria e prometeria sua obediência, e depois de tudo, faria o que desejasse.

Grenilde se deitou ao seu lado.

— Como desejar, meu senhor Lobo — murmurou com um bocejo — Como desejar. — Enroscou seu braço ao redor dele, simulando colocar-se para dormir.

Mas foi ela quem permaneceu acordada, quando o esgotamento tomou conta de Olaf. Ela o manteve longe dos espíritos da noite, orando ao deus Thor para mantê-lo a salvo na batalha da manhã seguinte.

A batalha do Carlingford Lough foi a mais sangrenta que houve sobre aqueles campos de cor verde esmeralda.

No meio da tarde, Olaf soube que era uma batalha perdida.

Ao redor dele se amontoavam os corpos. Era tão imensa a matança, que um homem não podia dar dois passos sem escorregar no sangue.

Estava coberto de sangue, que se mesclava com o suor de seu rosto, gotejava sobre seus olhos.

Podia ver escassamente. Em um dado momento, se salvou da morte só pelo horroroso grito de seu atacante.

Seus braços, mais que acostumados ao peso de sua espada, estavam cansados, e sua mente, tão habituada as matanças, estava rebelando-se. O aroma de morte ao seu redor era terrível, e a batalha estava perdida. Corpos de reis e príncipes vikings mortos se encontravam por todo o campo. Ainda se deu conta de que ele era um dos poucos entre a realeza e generais, que ainda estava de pé. Só sabia que para salvar as vidas de outros nórdicos, era o momento de retirar-se.

Aqueles que tinham sobrevivido teriam que fugir para os campos e encontrar refúgio, até que pudessem reunir-se uma vez mais. Levantando seus braços, por cima de sua cabeça, enviou o sinal de retirada aos vikings que podiam vê-lo.

Quando baixou seus braços cansadamente, soube que os dinamarqueses tinham ganho Dublin por agora.

Mas ele e seus homens se levantariam de novo e voltariam. Ele procuraria vingança por este dia.

Sua resolução aumentou. Olaf esquivou de uma lança dinamarquesa, e a pesada arma se fincou na terra. Arriscou a afundar sua espada no dinamarquês, matando a seu inimigo rapidamente.

Depois observou como o restante de suas forças desapareciam entre as árvores da Irlanda. Já podia pôr em marcha sua própria retirada. Caminhou cautelosamente através do campo para o que parecia ser uma enseada.

Foi então que viu Grenilde.

Ela ainda estava no centro da batalha, sua graça e equilíbrio lhe permitindo dançar sobre seus atacantes. No princípio ficou furioso, ela havia ignorado sua ordem direta.

Então o medo lhe percorreu, uma vez mais. Já o tinha visto em seu sonho, os dinamarqueses.

A chamou, gritando. Seus olhos de safira se encontraram com os dela, através do campo. E então Grenilde se dirigiu para ele. Corria, detinha-se para cobrir suas costas, corria uma vez mais, parava para matar a um gigante armado com espada e elmo. E por fim, começou a correr de novo, para a enseada.

Mas havia mais dinamarqueses aproximando-se com lanças, cadeias e espadas. Olaf correu ao encontro deles, enquanto gritava para Grenilde, tratando que se colocasse atrás dele. Agora eram dois contra dez, mas os corpos foram caindo ao redor deles.

— Vamos!— gritou-lhe.

Olaf se encontrou com o último de seus opositores, vagamente consciente do sangue escorrendo sob sua cota de malha, proveniente de uma ferida no braço e da debilidade de sua perna causada por uma profunda lesão em sua coxa.

Mas não podia ceder ante a fadiga e a dor. Tinha que seguir lutando como um demônio, esquecendo-se de todo o resto, pela necessidade de sobreviver.

A batalha continuou por todo o terreno, até que o último homem caiu ante ele. Olaf se lançou para as árvores gritando o nome de Grenilde até que esta lhe respondeu.

Seguindo o som de sua voz a encontrou, tombada sobre folhas e musgo. Quando a viu ali, pensou que estava mais bonita que nunca. Não viu nem o suor, nem a sujeira, nem o sangue. Sob a fuligem que cobria sua pele só via seus olhos, seus bonitos olhos como safiras. Olharam-se com amor.

Então ela lançou um grito de agonia, um grito de morte.

Ajoelhou-se ao lado dela.

— Não!— chorou, enquanto procurava sua ferida. Mas no mesmo momento que deslizou seus braços ao redor dela, ele se molhou com seu sangue. A ferida estava nas costas, e no mesmo momento que ele lançou seu grande corpo para trás para uivar contra isso, a vida começou a escorregar-se de seu corpo. Os braços que se alargavam pateticamente para ele estavam gelados, muito fracos para alcançá-lo.

— Meu amor. — sussurrou ela.

Alisando o encaracolado cabelo, agachou-se sobre ela, roçando seus lábios, inconsciente do fétido aroma de morte que pairava ao redor deles.

— Te amarei por toda a eternidade, — jurou-lhe — não pode me deixar. De algum modo ela sorriu. Mas a seguir, ao exalar profundamente, irrompeu em um espasmo de tosse. O sangue brotou de seus lábios, ele a beijou de novo.

— Não morra, — rogou, — por favor, não morra...

Através de seus ressecados e rachados lábios ela sussurrou:

— Me abrace, amor... Seu calor disfarça o frio da morte. OH, me abrace... Meu senhor... Abrace-me... Tenho frio... Muito frio... Tão frio como quando há tormentas de neve. — Então, seus murmúrios cessaram.

Ele a abraçou, sacudiu-a, sentou-se apertando seu corpo morto contra seu peito. E ali a balançou, enquanto lhe sussurrava como se estivesse fazendo uma criança dormir.

O sol se pôs quando a deixou finalmente no chão.

Permaneceu tremendo, a raiva e a dor atormentavam seu já débil e cansado corpo.

Inclinando sua cabeça dourada para trás, gritou seu pesar e seu desespero aos céus. Enfureceu-lhe sua tortura, sua angústia, sua perda, e seus lamentos sacudiram a terra. Lá onde foram ouvidos tremeram e oraram aos seus deuses, fossem dinamarqueses ou bárbaros. O uivo poderoso do Lobo provocou calafrios de terror e condenação.

Da posição na cúpula da alta colina que dominava o Lough, Aed Finnlaith olhava o campo ensangüentado.

Aqueles que se encontravam de pé em meio a matança eram dinamarqueses. Se tinha sido por ser superiores em número ou por sua organização, ou se São Patrício tinha ouvido suas orações pagãs, ele nunca saberia, mas a vitória era deles.

Dublín, cidade dos noruegueses durante anos, pertencia agora aos dinamarqueses.

Apoiado sobre um joelho enquanto examinava a cena, Aed repentinamente fechou seus olhos em uma oração silenciosa. Os corpos que cobriam o campo eram os de seus inimigos, mas não podia sentir um grande prazer ao ver tão horrível número de perdas humanas.

Faz com que acabe, Deus, orou silenciosamente. Permite aos dinamarqueses manter sua cidade de Dublín e construir seus muros. Faz que cessem seus inumeráveis açoites. Permita-nos viver em paz...

Não ouviu nenhuma resposta a sua prece, sabia em seu interior que seria ignorado, e tinha a estranha intuição de que, pelo que tinha sido testemunha nesse dia, seria simplesmente o princípio. Que se faça sua vontade, murmurou dolorosamente.

— Pai.

Sentiu uma palmada em seu ombro. Aed virou sua cabeça para ver seu filho Niall de Ulster de pé detrás dele.

Niall era um homem poderoso, de trinta anos, um gigante jovem, bonito, com uma sabedoria aprendida com seu pai, que se refletia em seus olhos verdes escuros.

— Fennen e Maelsechlainn o aguardam, pai. Devemos cavalgar até eles e receber o tributo dos dinamarqueses para o altar.

Aed assentiu e se levantou, fazendo uma careta de dor ao ouvir seus ossos ranger. Com Niall não se incomodava em disfarçar sua debilidade.

Seu filho não tinha nenhum desejo de tomar sua coroa no momento, de fato, Aed às vezes duvidava se Niall cobiçaria a posição do Ard-Righ algum dia. Não era um título necessariamente hereditário, passava entre as poderosas tribos reais. Niall se encarregava de seus próprios assuntos no Ulster e da constante perseguição viking que ocorria no norte.

De todas as formas, sempre havia homens desejosos de derrotar a um rei imprudente, assim um homem na posição de Aed não podia se permitir o luxo de mostrar debilidade.

Recolheu as rédeas de seu cavalo e montou com uma agilidade que desmentia a dor de seus ossos.

—Vamos com os dinamarqueses. —disse a seu filho.

Os trompetistas do Ard-Righ soaram e os irlandeses começaram a mover-se.

O crepúsculo caía enquanto eles cavalgavam.

Ao tempo que tomavam o caminho para a tenda de Friggid, o Patizambo, chefe Dinamarquês, os fogos começavam a erguer-se dentro do acampamento, organizado apressadamente. Os dinamarqueses detiveram suas atividades no acampamento para olhar aos irlandeses.

Ostentavam o sorriso do vencedor, olhadas furtivas que gelavam o coração, permitindo ver que a prometida trégua não era mais que uma esperança vã.

Apesar de tudo, Aed não tinha medo quando enfrentou Friggid, apesar do mau humor do selvagem dinamarquês de cabelo vermelho. De fato, Aed sentiu prazer ao descobrir a fúria em seus traços, enquanto este bramava aos seus homens.

— Encontrem! O Lobo deve morrer!— Friggid controlou seu temperamento para dirigir-se a Aed. — Uma matança, Ard-Righ.

Aed descobriu que podia sorrir sinceramente. O assassino dinamarquês tinha medo, pois um norueguês tinha sobrevivido... O Lobo.

Olaf abraçou Grenilde durante toda a noite. Pela manhã parecia mais calmo, mudado, e inclusive mais determinado.

A ferida da perna estava ulcerando-se, mas não pensou nisso. Elevou-a em seus braços e começou a caminhar, em busca de água. O sol estava alto e fazia calor, mas manteve sua marcha, um passo depois do outro. Ao meio-dia chegou a um rio e a banhou, meigamente. Tocou-a, acariciando seu cabelo sedoso e a suave pele...

Passou o resto do dia construindo seu ataúde. Quando a plataforma esteve completa, colocou-a nela e pôs sua espada entre suas mãos. Empilhou lenha ao seu redor, desejando que seu caminho à Valhala fosse fácil.

Ela viajaria com o vento para sentar-se ao lado do deus da guerra, Wodon, para, sem dúvida, levar ali a vida de princesa que não tinha tido na terra.

Quando tudo esteve completo, beijou sua fria boca. Procurando com decisão, encontrou um pedaço de pederneira e acendeu o fogo. Com uma

lança, ele o aproximou de sua amada. O ataúde se queimou ferozmente. Como se encontrava de pé na beira do rio viu-o, ardente ainda. Seus olhos estavam distantes e ainda duros. Já não uivava seu pesar. Começou a ser uma parte dele, uma parte de seu coração. Pela manhã, descobriu que lhe era difícil estar de pé. Suas feridas o tinham debilitado.

Dobrou-se junto ao rio e bebeu com ansiedade, então cambaleou para apalpar suas feridas. A dor em sua coxa lhe queimava igual ao fogo do féretro de Grenilde.

Tentou limpar a perna ferida, mas a fadiga lhe venceu. Caiu na borda do rio, metade dentro, metade fora da água, seu rosto se alojou no barro, sua cabeça dourada estava suja e emaranhada. Mas seu nariz e sua boca ainda permaneciam fora da água. O Lobo tinha se cansado, mas ainda respirava.



CAPÍTULO 4

Andando nas pontas dos pés dentro da cabana, Erin se vestiu silenciosamente colocando uma túnica de lã curta, perneiras de couro grossas, e um cinto de ouro gravado. A necessidade de cavalgar rapidamente poderia surgir e não queria que um apropriado vestido virginal o impedisse. Pegou seu manto e saiu pela porta, segurando o broche. Justo no momento que tocava o pesado fecho de madeira, Mergwin parou de roncar.

— Aonde crê que vai, Erin?

— Ao rio, Mergwin, onde mais? — perguntou ela, inocentemente.

— Não vá cavalgar Erin. Os bosques hoje estão cheios de perigos.

— Levarei minha espada, querido Druida— disse Erin, finalizando com um sorriso travesso, — depois de tudo, Mergwin, o que pode acontecer? Foi você quem disse que envelheceria com meninos aos meus pés!

Fechou a porta rapidamente atrás dela, parou quando ouviu as suaves maldições do Druida, que a seguiam. Não estava realmente preocupado, Erin estava segura disso. Mergwin sabia que ela conhecia perfeitamente esses bosques, e seria precavida quando se aproximasse da batalha. Tomaria cuidado, escutaria os sons do vento e a terra tal como ele a tinha ensinado. Mas queria encontrar o campo de batalha. Tinha que vê-lo.

O que a conduziu nessa direção nunca soube.

Que ela odiasse aos Vikings era, logicamente, absurdo, porque sabia que os dinamarqueses eram mais bárbaros ainda. Mas era seu pai que lidava com a lógica e a política, ele era o rei. Ela só podia ter em mente a tortura de sua própria alma, e essa tortura a tinham infligido os noruegueses. Noruegueses dirigidos pelo Lobo, Olaf o Branco.

Deu várias paradas, enquanto conduzia seu cavalo através dos caminhos descuidados e campos que desembocavam nos pardos em cima do Lough, tendo sempre presente a advertência de Mergwin de que mantivesse seus olhos e orelhas abertos.

Não tentou nenhuma estupidez. Sua meta era ver a terra tinta de vermelho pelo sangue dos vikings, não do seu. Mas era difícil sentir o perigo no ar. O céu era da cor de uma safira aquela manhã, com tão somente umas poucas nuvens brancas que pareciam algodão.

A relva verde reluzia como milhões de esmeraldas, devido ao orvalho da manhã. Ricos grupos de urze cobriam os campos, adicionando o toque da cor da ametista à beleza do dia.

Cavalgou durante quase uma hora antes que descesse do cavalo e o deixou cuidadosamente através das altas colinas de Carlingford Lough. As sarças e ramos caíam em seu cabelo e a cobriam como um manto, quando fez sua aparição através da densa folhagem. Mas ela já não sentia tanta vontade de alcançar seu destino.

Quando alcançou um ponto bastante próximo do precipício, para inspecionar o imenso campo que havia debaixo, fechou os olhos. Uma vertigem lhe sobreveio, tendo que agarrar-se a um ramo firmemente, para evitar cair. Seu estômago começou a doer e a ter náuseas. Apesar de seus esforços, teve que sentar-se na grama.

O mundo pareceu ficar negro durante um minuto, e depois pôde levantar-se. Deve ver, recordou-se, para ver os cadáveres noruegueses. Mas nada na vida, nem sequer Clonntairth, tinha-lhe preparado para a cena que havia diante dela. As aves de rapina já se encontravam entre os corpos mutilados. Quantos homens jaziam mortos? Perguntou-se. Milhares. Literalmente milhares. Afogou uma risada histérica que certamente não faria nada mais que aumentar suas náuseas. Em um só dia, um dia sangrento, os vikings tinham dizimado a mais homens que os irlandeses tinha feito em anos.

Oh, Deus, pensou Erin outra vez. Fechou seus olhos com força, tentando afastá-los do pesadelo que assolava o campo.

Oh, Deus. . . Igual o impulso que a tinha ordenado a vir, agora tinha que escapar. De repente, pareceu que o ar se impregnou com o aroma de morte e putrefação.

Não se deu conta que soluçava de terror enquanto voltava para trás, imprudentemente para onde se encontrava sua montária.

Uma sarça rasgou sua bochecha. Tocou sua face e com muita dificuldade compreendeu que suas lágrimas estavam mescladas com o sangue.

Inspirou profundamente uma vez, e logo outra vez, e quando pôs sua perna para montar seu cavalo, precaveu-se que tinha estado muito aterrorizada para tentar discernir se os corpos eram nórdicos ou dinamarqueses. A verdade era que nem sequer sabia quem tinha saído vitorioso.

Com todos esses mortos, tinham que ter sido os dinamarqueses. Tragou bruscamente, notando ainda o sabor da bÍlis em sua boca. Teria sido uma ironia muito grande que o Lobo tivesse escapado.

Se tivesse feito justiça, e todos esses homens eram comidas para abutres, então Olaf o Branco, tinha que estar entre eles.

Faz que seja assim, Meu Deus, orou, para que eu possa esquecer o passado.

Conceda-me só sua morte e eu tentarei ser mais sábia, como meu pai e perdoarei como minha irmã, Bede... De verdade, Deus, o que presenciei

é horrível. Não posso estar feliz por estas mortes. Não posso, não posso...

Não podia parar de tremer, nem controlar as náuseas. Cheirava a morte ao seu redor, tinha penetrado por sua boca e seu nariz.

Tão somente queria encontrar água e limpar-se, limpar-se até que pudesse acabar com o horror que invadia sua mente.

Cavalgou para longe, antes de desmontar e uma vez mais, caminhou através do espesso mato até o rio que corria através do bosque.

Estava alerta e cautelosa. Antes de atar sua égua, permaneceu em silêncio de pé, escutando, percebendo.

O bosque estava calado e pacífico, estava sozinha. Mesmo assim, agarrou sua pesada espada de aço quando deixou a égua para aventurar-se em busca da água.

Ao ver o rio cristalino brilhando sob o sol, Erin se esqueceu de toda cautela e correu para ele. Colocando-se ao chão sobre seus joelhos, mergulhou seu rosto na água, como se assim pudesse eliminar o terror. Tirou a cabeça e pôde respirar mais facilmente. A seguir baixou seu rosto de novo para beber e limpar a boca.

Inspirou profundamente, fechando os olhos ao mesmo tempo em que escovava as mechas de seu cabelo molhado. Piscou para tirar a água dos cílios, e então ficou paralisada quando seus olhos enfocaram um corpo na água a uns cinquenta metros de distância.

Ajoelhou-se ali mesmo, muito rígida enquanto passavam os segundos, sem pestanejar, segurando a respiração. Sem deixar de olhar o corpo, olhou a seu redor, até que seus dedos se fecharam sobre o aço de sua espada. Só então ficou de pé, levantando a espada, com os olhos fixos no corpo.

Era evidente que ele provinha da batalha. Meio fundo na água, seu corpo coberto por uma cota de malha muito suja, estava manchado de sangue. Não levava nenhum elmo, mas era impossível discernir a cor de seu cabelo porque estava coberto de barro, e tampouco podia ver seus olhos já que sua cara estava voltada para o outro lado.

Cautelosamente, com sua espada preparada para atacar, começou a aproximar-se dele.

Um peixe saltou dentro da água e o som lhe fez retroceder de medo. Como o corpo não se moveu, obrigou-se a avançar de novo. Quando se encontrou ao lado dele, primeiro pensou que estava morto, antes de notar como seus pesados ombros se moviam ao respirar.

Estando ali de pé preparada para atacar, a horrível cena que acabava de presenciar lhe fez duvidar na hora de acabar com a vida do homem.

Vislumbrou sangue seco em suas têmporas e no emaranhado cabelo. Por debaixo da água podia ver uma grande ferida em sua coxa. Uma terrível navalhada tinha destroçado suas meias e esmigalhado sua carne.

Ele gemeu de repente, e uma vez mais esteve a ponto de correr a refugiar-se entre as árvores. Mas depois desse gemido de dor, ele tinha ficado em silêncio de novo.

Uma piedade que não queria ter se apoderou dela. O homem estava terrivelmente ferido.

Erin não sabia o que fazer. Não podia matá-lo enquanto estava ferido ali, mas também seria uma tola se lhe permitisse escapar. Provavelmente morreria de qualquer forma e se converteria simplesmente em outro viking morto. Mas não queria ver todos os vikings mortos?

Embora, uma coisa era pensar assim, na segurança da casa de seu pai, e outra distinta era fazê-lo tendo visto todos aqueles ossos quebrados, crânios esmagados e corpos mutilados. E depois de ouvir como sofria... Por Deus, como podia ser tão débil?

Então lhe ocorreu que ele podia ser um viking importante... Um importante prisioneiro para levar ao seu pai.

Na verdade, o que estava acontecendo era fantástico. Ao salvar esse homem, demonstraria ao seu pai que era tão digna como qualquer um de seus irmãos.

Mas como o capturaria? Teria que o prender antes de tentar acordá-lo e lhe obrigar, para que se movesse, lhe ameaçando com sua espada. Ela era boa com a arma, mas seria mais inteligente não contar somente com isso. O homem que tinha aos seus pés era incrivelmente alto e musculoso.

Erin só pensou por um momento, depois voltou rapidamente onde estava sua égua e procurou dentro de suas bolsas.

Não tinha nada. Então lhe ocorreu que talvez as correias de couro que sujeitavam as bolsas à égua eram suficientemente fortes para atar os punhos do homem rapidamente. As molharia, e ao secar seriam firmes e fortes e ele nunca poderia se libertar delas.

Excitada por seu objetivo, embora ainda precavida, Erin voltou junto ao viking cansado.

Ajoelhou-se a seu lado e, sem perder de vista sua espada, elevou cuidadosamente primeiro uma mão e depois a outra.

O peso morto dos braços do homem era tal, que quase se cambaleou pelo esforço, dando-se conta de quão afortunada era de que ele estivesse moribundo. Se este homem estivesse consciente, duvidava de que, até com toda sua habilidade, ela tivesse podido lutar com ele com alguma esperança de vitória.

Não pôde sufocar a piedade que surgiu, de novo, dentro dela quando olhou a suas largas mãos e aos dedos que se penduravam flacidamente das mãos que estava atando.

Diminutos cabelos dourados salpicavam seus dedos e o dorso de suas mãos. Distraidamente Erin limpou o pó acumulado em suas mãos. Esse gesto fazia parecer o homem mais humano. Estou louca, pensou. Suas mãos e seus dedos são fortes porque esgrimem armas contra os irlandeses.

Ele gemeu uma vez mais, lhe fazendo apertar os dentes. Sua mente lutava em uma batalha silenciosa, uma parte dizia que ele era um animal bárbaro e devia morrer, e outra parte via que era incapaz de lhe provocar sofrimento.

Finalmente encolheu os ombros. Ele estava ferido, era seu cativo, e se atacasse, faria com que a ponta de sua espada acariciasse sua garganta. Tinha que movê-lo, ao menos virá-lo e assim ser capaz de lhe limpar o rosto, determinar a magnitude de suas feridas, e lhe fazer caminhar. Uma vez que chegassem à cabana de Mergwin, faria com que o Druida lhe desse uma poção para dormir. Se o gigante viking vivesse, seria muito perigoso quando despertasse.

Primeiro Erin tentou movê-lo, puxando a cota de malha que vestia, mas logo compreendeu que o esforço era inútil.

Tudo o que tinha que fazer era puxá-lo pelo braço, e se ainda estava com vida, se viraria nem que fosse para conservar o equilíbrio.

Utilizou o peso de seu corpo quando empurrou como tinha pensado e ele se moveu. O movimento foi acompanhado por um profundo, baixo, e angustiante gemido.

Erin pôs sua grande cabeça molhada em seu colo e começou a apartar o cabelo do rosto do homem. Sem pensar nisso, começou a falar meigamente.

— Shh... Tudo vai bem. Eu limparei suas feridas.

Interrompeu-se quando os olhos do homem se abriram de repente, uns olhos frios e azuis como uma manhã cristalizada, que expressavam alarme. Ao olhar fixamente, esses olhos se estreitaram perigosamente.

Não havia nenhuma dúvida. Nem sequer o sangue, o barro e a suja barba podiam ocultar os cruéis e duros planos desse semblante arrogante e indomável.

Seu tom se voltou alto e gritou.

— Você!— ofegou ela. Era um rosto muito familiar. Um rosto que ela havia visto muitas vezes em seus pesadelos — Você!

Suas exclamações se tornaram grunhidos. Ao sinal de perigo instantaneamente os reflexos de guerreiro voltaram para Olaf.

A cabeça lhe dava voltas, tinha o corpo completamente dolorido, e não sabia nem onde se encontrava, nem as circunstâncias. Só sabia que os olhos que lhe olhavam expressavam surpresa e um ódio profundo.

— Você! O lobo bastardo do Norte...

Tentou mover-se para agarrar a harpia, que o estava atormentando, e descobriu que não podia mover os braços porque suas mãos estavam firmemente atadas. E então recordou tudo. A batalha... Grenilde. . . . Seus olhos se fecharam de novo.

Quando voltou a abri-los para olhar sua atormentadora, estes estavam curiosamente vazios, desprovidos de medo, aborrecimento, nada. Olhou Erin como se ele fosse o captor em lugar dela, observando-a quase ausentemente, como se ela fosse totalmente inconseqüente.

Ela se atirou para trás, de repente, deixando cair sua cabeça no chão com um baque. Olaf fez uma careta de dor, e seus olhos se estreitaram, observando-a com irritação.

Erin correu em busca de sua espada e rapidamente a pôs em seu pescoço.

— Vamos, Olaf, o Branco! Cão da Noruega.

Ele ignorou sua ordem. Erin apertou seus lábios enquanto aproximava sua espada mais da sua jugular.

Observou, com satisfação, a surpresa que apareceu em seus olhos.

Ainda assim ele não fez nenhum movimento. Erin sorriu. Teria se surpreendido ao ver o grau de crueldade que despediam seus próprios olhos.

Ela moveu sua espada seguindo uma linha imaginária através de seu torso, roçando a cota de malha. Sua espada revooou até debaixo de seus quadris.

—Vamos, agora, cão. Você, violador, saqueador, assassino bastardo. Desejo prolongar ao máximo seu sofrimento. Oh, viking, não pode imaginar o que eu te faria! Mas será o refém de meu pai. Assim, vamos. Mas lhe advirto isso agora, cão bastardo do Norte, um movimento em falso e perderá sua masculinidade e a assarei ante seus olhos!

Ela tinha conseguido zangá-lo.

Seus olhos se acenderam qual fogo azul, ao mesmo tempo em que apertava sua mandíbula, mas iniciou um doloroso esforço por levantar-se.

Quando ele vacilou em seus pés diante dela, Erin deu um passo para trás sem querer. Embora ela fosse bastante alta para uma mulher, este homem se sobressaía muito acima dela. Os grandes músculos de seus braços e coxas se inchavam pelo esforço que tinha que fazer para permanecer de pé.

Erin viu como chiavam os dentes sob sua barba cheia de barro quando se viu obrigado a apoiar o peso em sua coxa ferida.

— Te volte devagar, viking, — vaiou — Asseguro-te que a carícia de minha espada pode ser pouco prazerosa. Não te mataria rapidamente, viking. Os dinamarqueses mostrariam maior misericórdia.

Ele se voltou. Erin apertou a ponta de sua espada em suas costas.

— Caminha, viking, e nem te ocorra se voltar.

Ele começou a caminhar, vacilando. Tropeçou e caiu. Erin sentiu uma labareda de compaixão, mas fechou seus olhos e recordou Clonntairth: o aroma do fogo, os gritos das mulheres. . . . Sua espada se fincou na parte baixa de suas costas.

— Tem cinco segundos para se levantar, viking.

Ele ficou de novo de pé. Uma vez mais se encaminharam para as árvores onde a égua de Erin estava atada.

Ela não apartava a vista dele enquanto desatava as rédeas de seus arreios. Mas ele estava meio morto, cansado, cheio de sangue e sujeira. A armadura deve lhe pesar terrivelmente, pensou Erin. Mordeu o lábio ao dar-se conta de que não ia poder levá-lo longe naquelas suas condições. Uma vez mais, as lembranças pesaram sobre ela. Ele caminharia até que caísse.

Com cuidado, um olhar sobre seu quase inconsciente prisioneiro, cortou a rédea esquerda da brida de sua égua para usá-la como corda. A rédea não era particularmente forte, mas, a estas alturas, tampouco o era o Lobo.

— Estende suas mãos — lhe ordenou, asperamente.

Ele se negou a fazê-lo até que lhe ameaçou com a ponta de sua espada. Pestanejou, mas nem sequer então trocou a expressão gélida de seus olhos. Ele levantou suas mãos.

Foi difícil manter sua espada levantada com uma mão e dobrar a rédea firmemente ao redor das ligaduras que atavam suas mãos, mas apesar de sua condição, não podia confiar nele, não podia baixar seu guarda nem um momento.

Foi ainda mais difícil montar seu cavalo enquanto sustentava o prisioneiro e à espada, mas não se atrevia a soltar nenhum dos dois. Ajudou que a égua fosse uma criatura dócil, e embora em ocasiões se inquietasse, permanecia tão mansa como um cordeiro, enquanto Erin lutava para sentar-se na sela. Cravou os joelhos contra os flancos da égua e começou um trote lento.

Erin observou da sua posição ao cativo. Outra labareda de compaixão não desejada passou através dela, junto com um rastro de admiração e inveja. Apesar de estar tão pálido como as nuvens e seu rosto tenso pela dor, ele corria.

Clonntairth! Recordou-se ela, e fechou seus olhos rapidamente, forçando as imagens de terror a aparecer em sua mente. Sentir compaixão desta besta perigosa era trair a memória daqueles que ela tinha amado.

Ela abriu seus olhos para encontrar-se com os seus azuis como o gelo, olhando-a fixamente. Eram tão estranhos, tão desprovidos de vida; e ainda assim pareciam burlar-se dela. Seus olhos eram rudes, seu rosto belo e incrivelmente arrogante inclusive em uma situação tão desfavorável como essa.

A forma como a olhou enquanto se esforçava para correr lhe provocou calafrios.

Havia algo dele que a assustava terrivelmente. Ele parecia ser algo mais que um simples homem. Ferido, esfarrapado, manchado de barro, fraco e miserável, ainda conseguia caminhar e lhe dirigir olhares cheios de provocação e arrogância, esses olhos tão frios... Vazios.

Estremeceu, lhe olhando fixamente de novo. Era um gigante musculoso e em boa forma. Tão alto que a cabeça dourada ficava à altura de sua cintura embora ela estivesse sobre o cavalo...

Se ele estivesse em plenas faculdades físicas, eu já não estaria sobre o cavalo, pensou. Ele a teria atacado e tirado do cavalo, rompendo suas amarras... Apontou sua espada para os olhos dele:

— Te advirto viking, um só movimento e sofrerá horivelmente.

Seus olhos ainda estavam fixos nela quando caiu, primeiro de joelhos e mais tarde de bruços.

Ela saltou da égua. sem esquecer que sua ação podia ser só um truque. Mas quando chegou perto cuidadosamente e apertou a ponta de sua espada em sua coluna, ele não se moveu.

Ficou de pé, perplexa, se repreendendo por não ter pensado mais sobre a magnitude de suas feridas. Podia ter matado o demônio. Encolheu os ombros. Não queria ver morto a esse viking em particular?

—Oh, Deus. . . — sussurrou alto.

Erin queria que ele sofresse como tinham sofrido os irlandeses. Mas havia uma linha fina, frágil, entre a vida e morte e, embora não entendia de todo o porquê, sabia que não queria um assassinato sobre suas costas. Tal responsabilidade pertencia ao seu pai, aos seus irmãos, aos guerreiros que encontraram a seus inimigos no campo.

Erin suspirou, agachando-se para tocar suas largas costas.

Ele ainda respirava. Ficou de pé de novo, olhando para as árvores. Não tinha chegado muito longe, e tinham seguido o atalho paralelo ao rio. De algum modo ela tinha que devolvê-lo à água. Suspirando uma vez mais, a fúria corroeu seu estômago, quando estudou seu rosto de novo.

Não se assombrava que ele fosse tão conhecido entre os vikings como entre os irlandeses, que pensavam que estava protegido pelos antigos deuses escandinavos.

Inclusive atirado, inconsciente, prisioneiro, ele parecia irradiar uma aura de poder dourado, como se fosse um desses deuses loiros com olhos azuis. Ah! Ele não era nenhum deus. Ele era seu prisioneiro. E nunca

possuiria de novo o poder de nenhum deus porque, se não fosse executado, seria encarcerado por aqueles irlandeses que ele tinha assumido, tão arrogantemente, que poderia conquistar e dominar.

— Eu sou o conquistador, viking!— sussurrou ela—. Você é o cativo. . . O conquistado. . . Meu prisioneiro!

Chiando os dentes, ficou de pé e agarrou firmemente suas mãos atadas. Gemeu ao tentar arrastar seu tremendo peso com a pouca força que tinha. Ia terrivelmente lenta, e grunhiu e ofegou a maior parte do caminho, mas finalmente o levou de volta à margem do rio.

Utilizando a pouca força que ficava, apoiou seu torso contra o tronco de um carvalho e amarrou suas mãos a uma árvore, com um pedaço da rédea. Uma vez segura de que ele estava bem amarrado, atou sua égua e correu ao rio para beber.

Depois olhou atrás para seu prisioneiro. Ele também necessitava água.

Erin voltou para perto de sua égua e agarrou a pequena taça de prata que levava sempre consigo, encheu-a de água, e voltou para o viking. Seus lábios estavam ressecados e seus olhos ainda fechados. Aproximou a taça cautelosamente de seus lábios e permitiu que a água gotejasse sobre eles e de sua barba.

Seus olhos começaram a abrir e os lábios a mover-se. Apertou a taça de novo contra eles e ele começou a beber instintivamente.

— Devagar!— advertiu-lhe, cortante, quando ele começou a tragar e o penetrante olhar azul gelo a observou.

Pareceu considerar a prudência de sua ordem, porque fez uma pausa para realizar uma profunda inspiração. Fechou os olhos antes de beber de novo. Ao tentar mover-se, compreendeu que tinha as mãos atadas à árvore.

Arqueou uma sobrancelha e sorriu secamente, enquanto seus lábios se torciam em um grunhido.

— Obrigado — murmurou em nórdico.

Ela se afastou dele. Quando estava consciente, assustava-a, sem importar quão forte estivesse preso. Era muito consciente da largura de seu peito, da força de aço de seus potentes braços.

— Não me agradeça por isso, viking — respondeu com irritação — Te mantenho vivo para que possa sofrer muito mais. Uma morte rápida seria muito boa para você, cão da Noruega.

Com a esperança de demonstrar seu lugar, Erin caminhou, desdenhosamente, por cima de suas pernas estendidas e voltou depressa para sua égua. De suas bolsas tirou um pedaço de pão. Estava a ponto de levá-lo para ele, quando se deteve.

Ele era um viking, e os vikings eram conhecidos por suas terríveis atrocidades. Ele poderia tentar morder seus dedos.

Sorrindo amplamente, Erin cravou o pedaço de pão na ponta de sua espada e o colocou sob seu nariz.

— Sua comida, viking — se mofou orgulhosamente — tudo o que come em minha terra provém do uso de uma espada. Hoje não deve ser diferente. Mas tome cuidado, viking, para não tragar a ponta da espada e cortar sua língua.

Alegrava-se de que Aed a tivesse feito aprender o idioma dos invasores quando era jovem. Ela sabia que o Lobo entendia cada palavra perfeitamente. O vazio de seus olhos foi substituído por puro ódio e desejo de vingança.

Apesar de tudo, olhando o pão, começou a comer cuidadosamente.

Erin controlou um pequeno calafrio que lhe percorreu ao vê-lo morder o pão e recordou aquele dia que ele riu com sua loba loira, em Clonntairth.

Erin apartou sua espada com o pão ainda nela, lhe obrigando a que torcesse sua cabeça rapidamente para evitar que se afundasse na metade de sua boca. Seus olhos pareciam adagas de cor esmeralda, enquanto fitava o sol. Ela bocejou exageradamente.

— Me desculpe, Senhor Cão da Noruega. Estou muito esgotada para satisfazer seu apetite. — ela se afastou dele e se deitou na relva, com a espada abaixada. — Dorme bem, viking — ela sussurrou— Amanhã correrá junto ao meu cavalo e conhecerá a ira de meu pai, a justiça dos irlandeses!



CAPÍTULO 5

Erin despertou de repente, molhada, encolhida, e sentindo-se miserável. Piscando, ao tentar limpar-se, a primeira coisa que notou foi que logo seria alvorada. Recordou imediatamente onde se encontrava, mas se perguntou o que a tinha despertado. E então soube. O Lobo a olhava fixamente uma vez mais. E apesar de seu olhar gelado, ela sentiu que se esquentava, como se ele pudesse penetrar em sua mente com esses frios e extraordinários olhos azuis.

Ela se levantou e caminhou para o rio para lavar o rosto e beber, depois se voltou para seu cativo.

— Hoje caminhará Viking, ou morrerá — disse mordazmente.

Levantou sua espada sobre ele, sorrindo ao pensar que ele acreditaria que a ia deixar sobre ele. Mas então, com cuidado cortou o pedaço de couro que lhe atava à árvore.

Seus braços caíram diante dele e se sentou durante vários segundos, deixando que o sangue fluísse de novo por eles. Erin pôs a espada contra seu pescoço.

— Em pé — lhe disse — Caminha para o rio. Pode lavar seu rosto e beber água, mas não tente nenhum truque. Advirto-lhe isso, sei utilizar a espada. Desobedeça-me e começará a perder suas extremidades uma por uma.

Ele se cambaleou ao tentar levantar-se, mas Erin pôde ver imediatamente que a noite lhe tinha dado mais força. Cautelosa, ela manteve a ponta de sua espada firmemente apoiada contra sua coluna enquanto o seguia ao rio. Permitiu-lhe beber só um gole de água, antes de apertar sua espada contra suas costelas.

— É suficiente. Vamos.

Ele se levantou, cambaleando.

— Anda direto para meu cavalo, e não volte a cabeça. Recorda, Lobo, que é meu prisioneiro. Agora se mova!

Ver-lhe obedecer as suas ordens fazia a excitação pelo triunfo correr por seu sangue. Mas enquanto se aproximavam do animal, Erin ainda era muito consciente de que não podia baixar sua guarda, nem por um instante.

Quando alcançou a égua, enquanto Erin desatava a rédea do ramo, um pássaro saiu voando, de repente, da árvore, grasnando como um demônio.

A égua se agitou, relinchando em pânico, e Erin não teve mais remédio que deixar cair sua espada e dirigir toda sua força às rédeas para acalmar o animal e evitar que fugisse.

Aquilo foi sua ruína. No segundo em que deu as costas, os musculosos braços de seu cativo a envolveram, suas mãos atadas rodeando sua cintura, apertando fortemente.

— Seu prisioneiro? — o Lobo grunhiu — Eu acredito que não, cadela irlandesa.

Por um momento deixou de respirar, meio paralisada pelo terror, mas totalmente consciente de que, de algum modo, tinha que lutar contra ele. Durante um momento se manteve completamente quieta, consciente do corpo masculino feroz apertado ao dela, consciente do aroma, da forte respiração, da sufocante força.

Sua barba lhe roçou a bochecha ao baixar a cabeça e sussurrar uma ordem arrepiante contra sua orelha.

— Agora se moverá.

Erin voltou sua cabeça para afundar seus dentes em seu ombro, enquanto lhe dava chutes furiosamente, tentando acertar a perna ferida. Seu agoniado gemido foi um sinal de êxito, mas ainda permanecia aprisionada entre seus braços, e quando ele cambaleou pela dor, Erin tropeçou nele e juntos caíram na terra.

Estava debaixo dele, tentando desesperadamente respirar. Durante vários segundos simplesmente permaneceram tombados, tentando respirar e analisar suas possibilidades.

Então ele se retorceu, ignorando a ligeira dor que sentia no braço, de forma que pudesse olhá-la nos olhos. O profundo olhar azul se encontrou com o olhar esmeralda. Ambos os olhos registraram a surpresa incrível de que refletiam por suas posições.

Olaf se encontrava débil e destroçado. Erin tremia impotente, sob seu peso. Como oponentes em um ringue, eles se olharam, tratando desesperadamente de respirar.

Erin tentou o primeiro movimento, enquanto Olaf, cujos olhos ainda estavam nublados, agitava continuamente sua cabeça para esclarecer sua visão. Quando suas pálpebras se fecharam, ela tentou escapar de seu abraço desesperadamente.

Quase o tinha conseguido quando, de repente, ele deixou escapar um grunhido e lhe puxou o cabelo. A ferida sob seu braço já quase não lhe doía. Erin gritou de dor e caiu debaixo dele. Então lhe arranhou o rosto, com as unhas.

Ele amaldiçoou furiosamente e lhe deu uma cotovelada nas costelas. Erin apertou os dentes pela dor e lhe golpeou, desesperadamente, primeiro com os punhos e depois com os pés. Amaldiçoando, de novo, soltou-a e a esbofeteou com força, com o dorso da mão.

O golpe a deixou aturdida. A cabeça lhe deu voltas devido à dor e teve que ficar parada, com os olhos fechados enquanto lutava contra as lágrimas e esperava sentir o golpe mortal, ou a vingança bárbara que ele exigiria.

Nada aconteceu. Devagar, abriu os olhos. Ele se afastou, olhando-a fixamente, cansado, enquanto ofegava, tentando respirar. Durante um interminável momento seus olhos se fecharam.

Ela conteve um grito de terror quando ele se voltou para ela.

Aturdida e paralisada pelo temor, seu corpo se negou a reagir. Ele a envolveu de novo com seus braços atados. Começou a lutar contra ele, segura de que o que Olaf queria era esmagá-la com seu abraço. Mas não o fez. Deixou cair seu peso em cima dela e ficou imóvel de novo, respirando profundamente. Novas ondas de pânico a dominaram outra vez quando o sentiu contra ela: a força de aço de seu peito, o calor dos músculos de suas pernas, seu férreo abraço. Inclusive o simples roçar de sua barba em sua garganta e sua bochecha era terrível e ameaçador. Embora ele não estivesse lhe fazendo dano, assustava-a muito mais que se o estivesse fazendo.

A aura dourada que tinha percebido ao redor dele tinha sido liberada, envolvendo-a. Era um poder sem piedade, grande e masculino. Nunca antes tinha sido tão consciente de um homem. Nunca antes tinha estado tão impotente, ou tão intensamente consciente da debilidade de seu sexo. E do poder do dele.

Ofegou, em busca de ar para respirar, enquanto tremores se apoderaram dela. Todas as formas de horror se estenderam através de sua mente. Com certeza ele a mataria. Possivelmente a violasse primeiro. A torturaria. Afogou um grito enquanto esperava.

Finalmente ele a liberou de seu abraço e se afastou. Ela compreendeu que ele simplesmente tinha estado retendo-a e imobilizando-a para recuperar as forças. Tragou com dificuldade. Agora ele a faria pedaços.

Mas embora seus olhos permanecessem grudados nela, irritado e em guarda, não fez nenhum movimento para aproximar-se. Ficou em pé com dificuldade e voltou para rio, onde se deixou cair para beber a grandes goles e logo limpar o barro de seu rosto e seu cabelo, tarefa que lhe pareceu difícil, devido a suas mãos atadas.

Erin tentou levantar-se, mas caiu ao solo, desmaiando. Esforçou-se por recuperar a consciência. Quando, por fim, a neblina de sua cabeça se dissipou, ele estava de pé ao seu lado, gotejando água de sua barba.

— Tem mais comida? — exigiu.

Ela continuou olhando-o fixamente. Deu-lhe um pequeno chute nas costelas para fazê-la reagir, o que provocou uma careta de dor.

Surpreendeu-a que ele falasse em sua língua, especialmente depois de que lhe tivesse estado ridicularizando em seu próprio idioma. Mas ela não pensou muito nisso. Fechou os olhos, e depois se levantou devagar.

— Em minhas bolsas — lhe respondeu, desanimada.

Agarrou-a pelo cabelo e a levou para a égua, que estava pastando docilmente. Quando chegaram ao animal, a empurrou. Sem soltá-la, escavou nas bolsas de couro com dedos trêmulos.

Quando se voltou para lhe oferecer o pão e a carne seca que levava, seus olhos se arregalaram de assombro e deixou cair suas oferendas forçadas. Seus olhos estavam fechados, seu rosto gasto e tenso pela fadiga enquanto estendia suas mãos para ele. Veias azuis se sobressaíam dos músculos de seus braços devido à força aplicada enquanto apertava e tirava suas ataduras. As correias de couro que o mantinham preso se romperam e caíram na terra.

Ele abriu seus olhos, olhou para Erin e depois para a comida do chão.

— Recolha - disse apagadamente, ainda no idioma dela.

Tremendo incontroladamente, Erin se inclinou para obedecer. Ele a olhava fixamente, enquanto devorava a comida ali mesmo. Primeiro o pão, logo a carne. Erin lhe devolveu o olhar, não moveu nem um músculo.

Mas então a mão que não utilizava saiu disparada para agarrar sua mão. Erin se deixou levar pelo pânico e levantou um joelho com força, roçando sua ferida e golpeando na virilha.

Ele grunhiu ante a dor. Seus olhos se estreitaram, enquanto apertava os dentes tão fortemente que ela pôde ouvir como chiavam. Mas ele não a liberou. Deu um puxão selvagem em seu braço e a arrastou junto com ele até a borda da água. Ele se sentou, e Erin foi empurrada de lado, enquanto observava como ele separava a malha de sua coxa ferida.

Era uma navalhada grande e profunda. Sua mandíbula parecia pulsar, devido a grande dor que estava sentindo. Erin tentou afastar seus olhos de seu rosto e da ferida.

Ele pôs uma mão ao redor de seu queixo e voltou seu rosto para ele.

— O limpará — lhe ordenou, com uma voz carente de expressão, embora soasse áspera e dura.

— Não — murmurou ela, sentindo-se doente e nauseada de novo. Seus dedos se apertaram ao redor de seu queixo.

— Vai fazê-lo.

Erin tragou e rasgou a prega de sua túnica. Molhou-o na água fria, depois fez uma pausa.

Seus olhos eram como reluzentes diamantes duros, sua mandíbula estava de novo apertada.

— Faz — repetiu.

Seus olhos se separaram dos dele e tocou sua carne destroçada cautelosamente. Apertou os dentes também e começou a lavar a ferida. Só um gemido, que rapidamente afogou, lhe escapou. Embora seu rosto ficasse pálido, ele não lhe permitiu ver nenhuma evidência da agonia que a limpeza lhe causava escapasse de seus lábios.

Erin estava mordendo seus próprios lábios e tremendo quando terminou a tarefa. Ao lhe tocar, sentia sua carne quente.

Era consciente do cabelo dourado de suas pernas, da força de suas musculosas extremidades, do respirar ofegante do homem pela dor contra a qual lutava. Parou, apertou seus dentes fortemente, e olhou seu rosto. Por um segundo, seus olhos permaneceram fechados, logo se abriram, com a assombrosa azul safira, sem mostrar nenhuma emoção.

— Deveria ser queimada e fechada.

A razão pela qual abriu a boca para falar, não soube. As palavras simplesmente tinham saído.

Ele assentiu e fechou seus olhos. Erin pensou que ele tentava ignorá-la, mas ele se levantou e começou a procurar na terra.

Erin pensou de novo em lutar. Mas seus olhos se fixaram nela justo no momento em que se preparava para sair correndo, desesperadamente, o que a fez hesitar. Ele coxeou até ela, a agonia de sua pressa claramente expressa em seus olhos. E então, em lugar de correr, foi lançada dentro da água.

Foi ignorada, uma vez mais, até que descobriu a pederneira que procurava. Movendo-se dolorosamente, ele recolheu a lenha.

Com um cuidado deliberado, acendeu um fogo na borda e logo se moveu até o matagal, onde a espada de Erin tinha estado.

Só quando o fez se voltou para Erin, coxeando decididamente para tirá-la da água. Agarrou sua mão, enquanto deixava a espada nas chamas para esquentá-la. Quando estava em vermelho vivo, obrigou Erin a agarrá-la e os arrastou a ambos ao chão.

— Agora! — mandou.

Sua mão estava tremendo. Seu apertão ao redor de sua mão se fez mais forte.

— Agora! E se assegure de que sua mão esteja firme — a advertiu.

Ela aproximou o metal esquentado contra sua coxa, sentindo-se doente ao cheirar a carne queimada. Neste momento, ele gritou. A liberou de sua captura e se desabou pela dor, golpeando o chão com os punhos.

Erin ficou paralisada por um momento como se seu coração se lamentasse pela dor que ele estava suportando.

Mas então despertou de seu estupor. Ele era o inimigo, e ela tinha sido uma tola por não matá-lo. Saltou para trás e tentou correr, passando por cima de seu corpo. Tinha que alcançar seu cavalo.

Ele trocou de postura e agarrou sua perna, com seu rosto retratando a agonia que seu esforço lhe causava. Mas estava determinado. Ele puxou sua perna fortemente, fazendo-a cair.

Puro pânico correu através das veias de Erin. Com o que lhe restava de força, golpeou com seu cotovelo sua ferida. Ele rolou sobre suas costas, mas sua captura não se aliviou, enquanto jazia na terra ao lado dele.

Seus olhos estavam fechados tentando lutar contra a dor. Estava apenas consciente. Ela deu puxões em sua perna, furiosamente, mas em vão. Voltou-se para ela e seus olhos se abriram. Fechou suas mãos tão fortemente que ela gritou certa de que seus ossos se romperiam sob sua força. Mas ele sabia quando parar, como produzir dor sem infligir um dano permanente. Olhou-a fixamente e lhe gritou:

— Cadela irlandesa! Tenho muito de que me vingar. Não nutra a vingança que poderia cair sobre ti. É minha prisioneira. Está em meu poder.

Como poderá suportar sua dor para permanecer consciente e, além disso, falar? Perguntou-se Erin, amargamente. Tinha-lhe feito mal e o encolerizado, agora estava mais segura do que nunca de que ele a mataria ou a torturaria, lentamente. Estava encurralada, mas de repente, lhe deu uma valentia absurda.

— Nunca, viking. Nunca estarei em seu poder — vaiou — Os Irlandeses lhe encontrarão. . . Meu pai nos encontrará. . . E será comida para cães.

Interrompeu-se com um grito quando ele apertou suas mãos.

— Te cale! — ordenou, rolando subitamente, com fúria, até ficar por cima dela, ofegando pela dor que sentia na coxa, devido ao movimento. Seu rosto era uma máscara arrepiante e crispada, quando pegou o rosto de Erin entre as mãos. Ela lutou contra as lágrimas que ameaçavam sair, ao dar-se conta de que ele podia lhe esmagar o crânio facilmente, os delicados ossos de suas bochechas, se o desejasse.

Fez uma careta de dor e ficou imóvel, sem poder afastar o olhar de seus hipnotizantes olhos azuis.

— Te cale! — Repetiu com um grunhido—. Cadela, está ultrapassando a benevolência dos deuses!

Erin ficou imóvel, sentindo como o pânico crescia dentro dela. Manteve seu desafiador olhar o tempo que pôde, e então, sem lhe mostrar nenhum medo, fechou seus olhos contra o poder dos dele, fazendo uma careta de dor.

Lentamente foi cedendo. Por alguns momentos Erin manteve seus olhos fechados com força, muito aterrorizada inclusive para estremecer-se. Mas não sentiu nada, nenhum roçar em seu corpo, nenhum ato de crueldade ou vingança.

Houve somente uma mudança no peso que tinha em cima, um que a imobilizou até mais firmemente.

O momento passou e incapaz de suportar mais a incerteza, Erin abriu seus olhos e compreendeu tudo. O Lobo não era desumano. A dor pela ferida lhe tinha finalmente vencido.

Durante vários segundos não respirou, então soltou a respiração devagar, mas a cabeça que estava sobre seu ombro não se moveu.

Seus braços estavam de ambos os lados dela, seu torso em cima e suas pernas aprisionando as suas. Todo seu corpo se converteu em um cárcere. Teria que movê-lo para poder escapar.

Odiando a cada segundo que sentia o calor dele, que a pressionava contra o chão, Erin se obrigou a esperar. Seu cabelo, loiro como o sol, fazia cócegas no queixo. Seu largo peito estava em contato com o seu, assim como suas firmes coxas, criando uma absurda sensação de intimidade. Se ele a tivesse querido violar, não se colocaria de outra forma.

Esse pensamento lhe provocou pânico, e decidiu que já tinha esperado bastante tempo. Tentou sair debaixo dele, cautelosamente, observando-o atentamente, enquanto tentava elevar seu braço direito.

Os musculosos bíceps reagiram, fazendo que contivesse a respiração, uma vez que movia, cuidadosamente, sua perna por debaixo da dele.

Colocando-se sobre seu estômago, descobriu que podia escapar mas facilmente de seu peso.

Erin tinha já a metade do corpo liberado de sua prisão, quando notou por acaso, um movimento de um lado. Moveu seu rosto rapidamente, procurando com seu olhar a cabeça do captor, só para gritar quando viu que seu rosto estava agora voltado para o de Erin, com os olhos abertos, olhando-a mordazmente, enquanto sua mão se fechava ao redor de sua cintura e suas costas. Seu alarido se converteu em um grito afogado de indignação e humilhação ao notar como sua mão descia para suas nádegas. Seus olhos se voltaram frágeis pelas lágrimas.

Teria suportado antes outra bofetada que esta humilhação, que a reduzia ao estado de nada mais que uma menina.

Mas justo quando sua mente começava a lhe dar voltas pela agressão, esta cessou, e ela se encontrou arrastada de novo debaixo dele, lhe olhando fixamente aos olhos, com sua própria ameaça derramando-se e seus lábios tremendo, apesar de seus grandes esforços. Falou, cansadamente, enquanto a sujeitava.

— Não tenho forças para me mover. Por isso, se voltar a tentar alguma coisa, quebrarei sua perna. Seus ossos se romeriam facilmente, tal proeza é algo que também posso obter só com uma mão e pouca energia.

Olhou fixamente, bastante tempo antes de voltar para sua antiga posição e descansar sua cabeça sobre seu ombro e seu peito.

Quando as lágrimas caíram silenciosamente por suas bochechas, observou de maneira sombria, que o amanhecer não tinha raiado completamente ainda. Permaneceu rígida, em silenciosa desgraça, até que a necessidade de descansar que o Lobo ansiava, a curvou também, e se deixou levar pela segurança e o esquecimento de um sonho intranquilo.

Olaf estava vendo um lugar glorioso. Era o grande salão de Valhala, envolto em uma neblina, como devia ser o salão dos deuses.

Era resplandecente, tal como devia ser. Os guerreiros e suas mulheres, vestidas de sedas riam e festejavam. Os homens levantavam grandes chifres e brilhantes cálices, com cristais preciosos incrustados, para seus lábios para beber.

Mas Olaf não se parou para beber com seus camaradas. Apressou-se a passar pelo salão, procurando as portas que se levantavam na neblina enquanto flutuava para diante. Grenilde...

Ela estaria esperando. E ali estava ela, com esses olhos azuis como o céu oferecendo o paraíso, deslumbrando-o em suas boas-vindas, envolvendo-o com seus braços.

Abrçou-a, sentindo parte do amor que lhe tinha sido dado, uma lembrança dos bons tempos. Não se tratava da beleza selvagem de um corpo ansiando o outro, mas sim da paz e da ternura de almas que se entendiam. Simplesmente abraçando... Tocando...

No crepúsculo embaciado entre o sonho e a vigília, havia um período de tranqüilidade.

Sorria enquanto a abraçava, enquanto se movia ligeiramente, sentindo assim a carícia de seu cabelo na bochecha, a beleza das curvas do corpo da mulher. Deslizou os nódulos por sua bochecha, acariciou com o polegar a linha de sua garganta, seu firme e voluptuoso seio que descansava na palma de sua mão. Ela se moveu mais perto dele, emitindo um suave gemido.

Seus olhos se abriram e a dor o percorria ao ver o brilhante sol por cima de sua cabeça. Mas uma agonia pior lhe destroçou a alma, ante a lembrança do sonho. Observou, com a mandíbula apertada, a mulher que estava abraçando.

O cabelo que estava incomodando seu queixo não era dourado como o sol, a não ser negro como a noite. Os membros largos e flexíveis que se entrelaçavam com os seus não eram os de Grenilde, nem tampouco o era a face delicada que aparentava ser doce e inocente no sonho. Reconheceu ao seu lado a cadela irlandesa, que estava tão ávida de vê-lo castrado e esmigalhado em pedaços.

Ela suspirou, brandamente de novo, como se estivesse cômoda e contente, e se aproximou mais, seu seio enchendo a palma que o sustentava.

Afundou-se contra seu ombro, como um gatinho, fazendo-o compreender que, ironicamente, ela albergava seus próprios sonhos.

Erin não estava sonhando como o tinha estado Olaf. Ela estava voltando a si, despertando lentamente. Respondia por instinto. Erin estava acomodada contra essa força que a fazia se sentir segura e cômoda, a qual emitia mais calor ao seu rígido corpo do que os raios do sol. Tudo o que sentia era suave e comovedor, até que, de repente, abriu os olhos encontrando-se com o gelado olhar azul do Lobo.

Os olhos de Olaf se estreitaram com sarcasmo quando via como sua cremosa face adquiria uma expressão de terror.

Observou-lhe, fixamente, e depois se fixando em sua própria posição com a túnica elevada, as esbeltas pernas enredadas com as dele, seu corpo curvado sugestivamente... A mão dele...

O grito de Erin morreu na garganta ao encontrar-se de novo com o olhar depreciativo dele. Tinha sido ela quem o tinha feito. Ela se aproximou como só uma amante o faria. Tinha sido ela quem tinha respondido ao seu contato. Inclusive agora se estremecia pelo contato de sua palma em seu seio.

Ele riu de repente, mas era um som vazio, como o das folhas secas sussurrando.

Estava distante, tão distante.

Ria sem parar. Sua humilhação e aversão chegaram ao limite. Por um momento esqueceu sua ameaça de lhe romper as pernas, uma ameaça da que não tinha duvidado nem um minuto, começou a repartir golpes com mãos e pés, agarrando-o de surpresa e lhe causando de novo dor em sua ferida.

Uma expressão de raiva que começava a conhecer muito bem substituiu a risada em seu rosto. Montou escarranchado em cima dela e rapidamente, agarrou-lhe as mãos e as colocou por cima da cabeça — recuperou todas suas forças — pensou amargamente, arrependendo-se de sua tola e impulsiva ação enquanto a cólera dava lugar ao terror.

— Cadela irlandesa, necessita que lhe ensinem umas quantas lições — lhe disse com irritação— Agradece ao seu Deus que minha mente está ocupada, e meu corpo ferido. E que necessito de seu tato suave — adicionou sarcasticamente.

Soltou suas mãos, arqueando uma sobrancelha, inquisitivamente, animando-a a rebelar-se. Roçou ligeiramente com seus dedos a bochecha dela, sorrindo abertamente ao observar sua batalha interior para permanecer calma. Seu ligeiro roçar se manteve, uma vez que seus olhos começavam a escurecer-se.

—Se alegre de que te necessite, moça — disse ele, quase sem irritação — e de que um dinamarquês atravessasse minha perna, mais não esquece de que estou muito irritado. E você, cadela irlandesa, me deu uma e outra vez motivos para me queixar.

Soltou seu rosto e ficou em pé cuidadosamente. Depois se agachou para agarrá-la, lhe obrigando a ficar de pé.

— Me ajudará com a água — ordenou.

Empurrou-a até a borda do rio, antes de se deixar cair ao seu lado. Ele tragou com dificuldade e se reclinou sobre seus braços.

— Limpe a ferida de novo! — exigiu — E enxágua-a bem, irlandesa, porque ainda sinto a queimadura. Alivia a dor.

Com mãos trêmulas, Erin começou a refrescar a carne machucada com água fresca. Jogou-lhe uma olhada nervosamente observando que sua cabeça estava inclinava para trás, com os olhos fechados. Mas estes se abriram, brilhando de advertência assim que ela voltou para sua tarefa.

Está agora distraído, pensou preocupada. Mas seguro que se lembrava de tudo o que lhe tinha feito. O que passaria quando o desinteresse que o mantinha alerta desaparecesse?

— O barro deste rio é uma argila especial — disse entrecortadamente — Quanto à ferida, seria conveniente cobri-la com a argila e algumas ervas deste rio. A queimadura se aliviará...

— Apodrecerei-me mais adiante com o veneno? — perguntou, bruscamente.

— Não — Erin murmurou — Estou dizendo a verdade.

— Então faça, com cuidado.

Ainda estremecendo-se, Erin rasgou a malha próxima à ferida e rasgou mais de sua própria roupa, para criar uma atadura.

Todo o tempo, ela era consciente dele. Notava seu fôlego no pescoço quando se agachava sobre sua coxa, o roçar de seu musculoso braço quando se movia. Inclusive quando ela não estava olhando-o, podia sentir seus olhos, imaginar seus grossos e formosos lábios, rodeados pela barba, podia-os torcer tanto com brincadeira como com diversão.

Qualquer roçar contra seu corpo, qualquer pensamento sobre ele, a fazia estremecer. Tinha que escapar, mas se o feria de novo, teria que preparar bem sua escapada.

Como se percebesse seus pensamentos, ele falou.

— Diz-se, irlandesa, que o sabor de vingança é o mais doce do mundo...

— Sim — Erin lhe respondeu. - A vingança é doce, viking.

Ela tocou a bandagem de sua ferida, como se estivesse verificando seu trabalho, e então ficou de pé, pretendendo cuidadosamente estirar seus músculos endurecidos pelo esforço realizado. Como tinha esperado, ele baixou sua cabeça dourada para a ferida, para inspecionar seus cuidados.

Está débil, Erin disse para si mesma. Mesmo que tenha comido, e embora tivesse descansado, ainda estava ferido, exausto. Apesar da grande força de seu corpo, estava cansado. Tinha que estar suportando uma dor exaustiva. Não estava sujeitando-a, e era impossível que pudesse correr, e se ela não conseguisse escapar dele, ele procuraria uma vingança sobre a qual a tinha advertido que seria muito doce.

Inclinou-se, cuidadosamente, para agarrar um grosso galho morto na borda do rio, rezando para que ele não a escutasse. Ele o fez, mas elevou a vista muito tarde. Os olhos azuis se encontraram com os seus justo antes que lhe golpeasse com o galho na cabeça. E justo antes que seus olhos se fechassem, viu uma mensagem dentro deles. Nunca se mostraria distante ou desinteressado a respeito dela outra vez. Se ele alguma vez podia tê-la de novo em seu poder, sua vingança seria doce e duradoura.

Ele caiu na borda, mas Erin estava segura de que seu golpe não tinha sido mortal. Duvidou inclusive de que o tivesse deixado inconsciente. Mas não esperou para averiguá-lo.

Erin correu. Esquecendo-se de seu cavalo e de qualquer absurda idéia de que poderia torná-lo prisioneiro de novo.

Meio histérica, correu através das sarças e espinhos, folhagem e árvores, sem pensar em outra coisa, exceto em pôr distância entre ela e o homem, uma criatura de incrível poder, o Lobo.



CAPÍTULO 6

A.C. 853

Erin se apoiou pesadamente contra o largo tronco de uma árvore, fechando seus olhos e respirando profundamente.

A primavera estava se aproximando e, com ela, as chuvas fortes. Estava acostumada ao chão úmido sob seus pés, e o bosque cheirava fortemente a terra e a erva. O próprio ar dava a sensação de estar carregado e úmido. Dentro em pouco, choveria de novo e a terra se tornaria barro e lodo.

Ela ajustou sua postura, agarrando o ombro com uma ligeira careta de dor. Sua mão entrou em contato com algo pegajoso e olhou seus dedos, com surpresa. O sangue gotejou de sua carne. Era estranho, não havia sentido nenhuma dor.

Incorporou-se para tirar o elmo dourado que protegia sua cabeça e escondia seu rosto, e depois se deixou cair, até ficar sentada ao pé da árvore. Em alguma parte, não muito longe detrás dela, seus invasores estariam terminando com o acampamento dinamarquês que havia na beira do mar. Ela já não escutava os lamentos dos homens — ensinou a si mesma a não escutar, assim como se ensinou a não pensar na matança.

Um ramo estalou, o que lhe fez abrir os olhos enquanto alcançava sua pesada espada, tentando acalmar o pânico que surgia dentro dela. Assombrou-se ao ver Mergwin de pé diante dela. Mas ao diminuir seu pânico, também o fez seu assombro. O velho Druida estava acostumado a aparecer e estar em um lugar quando se supunha que se encontrasse muitas milhas distante.

Erin se encontrou com seu olhar implacável e permaneceu em silêncio, esperando a que ele falasse.

— As mulheres — disse brandamente — estão isentas de levar armas, minha senhora Erin, como bem sabe, em 697, depois que a mãe de São Adamnan viu duas formosas senhoras na batalha. Essas criaturas dóceis, ante da visão de Ronait, esquartejaram-se entre si com foices de ferro, de uma maneira tão selvagem e bárbara, que São Adamnan decretou em Tara, naquele ano, uma lei a que nos referimos agora como Cain Adamnan. Não conhece essa lei, Erin?

Ela quis manter o olhar do druida, mas seus olhos a traíram. Deixando sair um suspiro cansado.

— Eu não tomo parte das batalhas, Mergwin.

— Não, você lidera aos homens, os conduz para lutar nos bosques, para atacar uma vez que atrai aos vikings para suas armadilhas.

O rubor inundou sua face e se sentiu miserável.

— O que está fazendo aqui, Mergwin? — perguntou ressentida.

Seu braço estava começando a doer e a cota de malha de ouro, que vestia, parecia incrivelmente pesada. Ela se sentia moída e cansada e muito mais imunda do que simplesmente suja.

Por que Mergwin tinha este efeito nela? Tinha saído vitoriosa nesse dia, como muitas outras vezes, desde que tinha começado suas andanças. Mas sua vitória era vã. Ela queria estar em casa, em Tara, estar com sua mãe, penteando seu cabelo cuidadosamente, escolhendo sedas para os novos vestidos...

— Oh! — Mergwin encolheu os ombros, em resposta à pergunta que ela quase se esqueceu que tinha feito — Pensei que poderia te encontrar aqui, filha de Aed — Se sentou ao lado dela e separou a malha de seu braço, murmurando, ao ver sua ferida.

— Eu vou fazer um curativo. — disse ele. - Mas terá que tomar cuidado e conservá-lo limpo ou a carreira da Guerreira Dourada acabará sem honra ou grandes lucros, a não ser apodrecendo na enfermidade. Entendeste-me?

Erin assentiu em silêncio.

— Suponho — Mergwin continuou com um tom resmungão — que nem Aed nem meu senhor Fennen de Connaught sabem que tem no seio de sua família à senhora que conduz aos Vikings a tal nível de distração com suas táticas?

Erin negou com a cabeça, sem enfrentar o olhar de Mergwin.

— Não — murmurou ela tragando nervosamente. Era estranho o fato de que ela pudesse enfrentar uma horda de guerreiros, sem nenhum temor, e que Mergwin a pudesse fazer sentir como uma menina travessa. Mas ela não era a "Guerreira Dourada" para Mergwin, sabia muito bem. Ela era uma jovem, que freqüentemente se perguntava como tinha terminado em tal caminho.

Finalmente voltou os olhos para seu velho mentor.

— Mergwin, papai não deve saber que sou eu quem lidero estas coisas. Ele me deterá, Mergwin, e me casará com Fennen.

— Devo dizer ao seu pai — Mergwin murmurou, fazendo-a ofegar quando apertou forte uma parte de sua própria túnica ao redor do corte de seu braço:

— Deveria estar casada com Fennen e bem encerrada em sua residência real, afastada deste derramamento de sangue e imprudência.

Erin começou a tremer, sentindo mais medo que em sua primeira incursão.

A maioria do tempo não se permitia pensar. Depois do dia no bosque, no qual se topou com o Lobo Norueguês, acreditava ser mesmo inepta, tinha perdido todos os sonhos de batalha. Deu-se conta de que era frágil e de que não tinha nenhum desejo de morrer, nem de ser ferida.

Mas então seu primo Gregory tinha retornado a casa, e os sonhos de vingança de Gregory reacenderam os seus.

Somente ela e Gregory tinham estado em Clonntairth, somente eles podiam recordar o horror. E por isso tinham criado fantasias, sonhos nos quais eles eram os vencedores, nos quais davam morte um por um a todos os vikings que tinham destruído Clonntairth.

Erin tinha falado para Gregory sobre a filha de Maelsechlainn, que tinha provocado a morte de Turgeis, o Viking, e sobre a mulher guerreira viking, que tanto a tinha impressionado. Gregory tinha escutado cada uma de suas palavras. E Erin tinha descoberto que seu primo não só tinha ganhado força e saúde com os monges, mas também uma destreza que de longe superava sua idade.

Mas embora ela se permitisse tecer tais contos com Gregory, Erin nunca tinha esquecido o campo de Carlingford Lough e tinha recordado a sensação do frio olhar do Lobo Norueguês sobre ela.

Supostamente, a paz tinha reinado depois que os dinamarqueses ganharam a batalha de Carlingford Lough.

Mas, na realidade, a paz não tinha durado nem um dia. Nem sequer os dinamarqueses eram inimigos totalmente organizados. Algumas de suas tropas tinham saqueado pequenos povos costeiros, inclusive quando os reis irlandeses se estavam reunidos com Friggid, o Patizambo, os noruegueses derrotados se estavam convertendo em uma praga. Suas incursões se tornaram cada vez mais ferozes, e em sua vingança atacavam mais cruelmente que nunca aos dinamarqueses.

Ao Gregory importava pouco se os invasores eram noruegueses ou dinamarqueses. Estava obcecado por destruir. Ele tinha a febre de destruir a todos os estrangeiros. Mais ainda que aos estrangeiros, queria destruir aos bandidos irlandeses, que tinham dado as costas a sua própria pátria para unir-se aos grupos de vikings e atacar em seu próprio benefício.

Durante sua recuperação em Armagh, Gregory tinha estudado as táticas bélicas.

Ao combinar todo o aprendido com os contos de Erin a respeito das valentes mulheres, tinha nascido a Guerreira Dourada.

Ante seu primo, Erin tinha admitido finalmente que ela era uma covarde. Contou para Gregory que se encontrou com um viking nos bosques, depois da grande batalha, e que essa vitória se converteu em derrota rapidamente. Gregory tinha estado fascinado, assegurando a Erin que se

comportou louvavelmente e que tinha sido, obviamente, protegida pelos poderes do bosque porque tinha um destino heróico.

Erin não estava muito segura de que estivesse destinada ao heroísmo. Mas Gregory tinha desenhado um bonito elmo dourado e uma túnica de malha, e antes que ela realmente se desse por conta, tinha aceitado seus audazes planos e se converteu na Guerreira Dourada, admirada por reis, venerada, respeitosamente por poetas e temida pelos vikings.

No princípio, só tinham sido ela, Gregory e um punhado de jovens. Não tinham sido nada mais que um pequeno grupo de jovens, que chiavam por cada gota de sangue que viam. Mas a fé os tinha mantido unidos, e depois de várias noites soluçando de terror, gritando com agonia por suas feridas e vendo amigos e familiares morrer, endureceram-se, formando uma frente formidável.

E com o êxito de suas velozes e hábeis incursões, mais e mais príncipes e guerreiros irlandeses se uniram às linhas secretas.

Encontravam-se poucas vezes, só quando Gregory e Erin podiam escapar do trabalho e das formalidades da casa, inventando desculpa atrás de desculpa, para cavalgar além de Tara. Tinham tido mais tempo ultimamente, pois Aed estava ocupado preocupando-se sobre o ressurgimento do poder norueguês, que parecia propagar-se. Ele viajava pelas terras, tentando reunir aos reis, pois uma defesa organizada era vital se queriam sobreviver. Maeve nunca tinha controlado muito sua filha caçula, e era duvidoso que alguma vez pensasse que Erin podia estar mentindo sobre as peregrinações que ela levava ao cabo com seu primo. Erin se encontrou com suas tropas, vestida com o uniforme dourado e seu elmo colocado cuidadosamente em seu lugar.

Durante meses, tinha temido que lhe delatasse sua voz, mas a viseira, delicadamente amoldada, criava um eco estranho, camuflando sua voz. Suas tropas eram fiéis e a tinham sobre um pedestal, assim respeitavam o desejo que tinham de manter sua identidade em segredo.

Qualquer homem que se deixasse levar pela curiosidade e não pela honra, encontraria, rapidamente, com espadas em sua garganta.

— Mergwin — disse Erin brandamente — por favor, não diga nada ao meu pai, ao Fennen, ou a qualquer um. Não agora. Eu não poderia ser a esposa de ninguém, Mergwin, eu sou necessária. Atuamos com honra contra os vikings. Salvamos inumeráveis povos irlandeses, incontáveis vidas irlandesas — Ela tocou as bochechas barbudas do velho Druida e sussurrou — Por favor, Mergwin. Juro-lhe isso, só levo minha espada para que possa me defender no caso de que...

— E se um dia a Guerreira Dourada não puder desaparecer suficientemente rápido, depois de atrair aos homens para a morte?

Erin perdeu as estribeiras. Estava cansada, esgotada e o braço lhe doía horrores, e Mergwin estava comportando-se como se os vikings fossem a facção prejudicada.

— Mergwin — disse ela friamente — estes homens a quem eu “atraio” para a morte são violadores, assassinos e ladrões. Açougueiros, que saqueiam uma terra que não é deles! Eu não os atraio para lhes proporcionar dor. Eles vieram aqui, Mergwin, para a minha terra. Só precisam sair daqui para resguardar suas malditas peles! Atacamos seus acampamentos quando sabemos que estão a ponto de dizimar nossos povos.

Pôs-se de pé enquanto falava, ajeitando os ombros e endireitando as costas. Mergwin sabia que ela tinha reunido um grupo de moços valentes ao seu redor, que tinham um valor inestimável.

Seus olhos reluziam com dignidade. Dentro de suas profundidades verdes, se via a terra em toda sua plenitude. Nem sequer podia argumentar com lógica. Não sabia que suas façanhas secretas tinham conseguido, ironicamente, unir a mais reis irlandeses que seu próprio pai.

Mas estava preocupado por ela, preocupado até a medula. Principalmente por saber que um grande perigo relacionado com o gigante loiro a espreitava, sabia também que não podia fazer nada para mudar o curso das coisas.

Ele ficou de pé ao lado dela e se alegrou por um momento de ser um homem alto. Com esta selvagem filha de Aed, precisava aproveitar algo ao alcance da mão, para dar a impressão de ser uma figura de autoridade.

— Vem e dissolva suas tropas — lhe disse brevemente—. Vim para te escoltar até Tara. Seu pai está chamando o concílio, e te asseguro que notará sua ausência.

Erin olhou fixamente ao genioso Druida por um momento, escutando o batimento do seu coração. Ele não iria trai-la contando para seu pai, só tinha vindo para procurá-la.

—Bem, Mergwin — disse ela brandamente. Endireitou o elmo dourado que lhe entregava o druida, ajustando a viseira.

Erin MacAed, a beleza doce e indômita de Tara, tinha desaparecido. A viseira eclipsava a doce moça que ele tinha conhecido, aquela que curava as asas dos passarinhos e derramava lágrimas pelas criaturas feridas do bosque. Vestia seu uniforme dourado com uma aterradora autoridade.

Erin caminhou rápida e silenciosamente através do bosque, voltando para rodear o lugar onde os vikings tinham sido emboscados. Afastou o olhar à visão dos mortos.

Como tantos homens valentes antes dela, tinha aprendido a não ter em conta à morte. Como tinha feito desde o começo, começou a rezar fervorosamente para que Gregory não estivesse entre os mortos.

O bosque estava em silêncio, e se obrigou a fazer uma pausa durante um minuto, como Mergwin a tinha ensinado fazia tanto tempo. No princípio só ouviu o agitar ligeiro das folhas com a brisa, mas então a brisa trouxe um murmúrio distante, que parecia o som de vozes masculinas.

Seguiu o som, compreendendo que sua tropa tinha ido arrasar o acampamento viking.

Andou lentamente e deparou-se com uma grande destruição de casas da aldeia viking.

Tragou sua repulsa, à vista do dano feito por seus companheiros irlandeses e conteve a ridícula necessidade de chorar.

Eram dinamarqueses, disse a si mesma, mas às vezes, vendo a destruição e a perda, doía fosse quem fosse. Um homem velho jazia morto perto de um fogo para cozinhar, uma mulher — uma seguidora do acampamento — jazia morta, diante de sua casa, com uma lança irlandesa atravessando seu coração.

O horror rasgou Erin, fazendo com que se dobrasse sobre si mesma.

Estou perdendo o controle, pensou sentindo-se nauseada. Eles são os açougueiros, os bárbaros.

Nós somos os educados, instruídos... Os Cristãos.

Caminhou pelo lugar e sua voz soou por todo o acampamento. Os homens começaram a surgir das casas, com moedas em suas mãos. Mas quando ela os repreendeu por suas maneiras pagãs, seus rostos se mostraram tímidos. Um homem se separou da multidão e prostrou, de joelhos, diante dela.

— Nossas desculpas, senhora. A mulher morreu no frenesi de nosso ataque. Apareceu quando nossas lanças voavam sem direção.

O homem elevou a vista, e um estremecimento de surpresa atravessou Erin. O guerreiro ajoelhado diante dela não era outro senão Fennen MacCormac. “Meu Deus! Ele saberá quem eu sou”, pensou com pânico. “Não”, assegurou-se a si mesma.

Ele não podia reconhecê-la. Só seus olhos eram visíveis através de sua viseira. “Pára de tremer e pensa!” advertiu-se. “Tome cuidado com o que diz, ou perderá a seus valentes lutadores. Se esqueça que é Fennen.”

— Se levante, por favor — disse em voz alta — Peço a Deus que em nossa luta para liberar a terra dos pagãos, não nos estejamos convertendo nós mesmos em pagãos.

A maioria dos homens estava agora de pé, próximos, com seus troféus na mão. A Erin não importava que eles saqueassem os acampamentos. O que os vikings tinham, geralmente, tinha pertencido primeiro aos irlandeses.

Ela elevou suas mãos cobertas com luvas douradas.

— Amigos, dispersar agora! Chegará-lhes a voz de quando e onde nos encontraremos de novo.

As tropas se fundiram silenciosamente no bosque. Erin examinou os rostos, apressadamente. Ela se aproximou de seu primo e interiormente sussurrou uma pequena oração de gratidão.

Os olhos de Gregory se encontraram com os seus, através do acampamento. Ele torceu seus lábios em um sorriso rápido, que a indicou que estava bem, depois inclinou sua cabeça ligeiramente. Ele sabia que ela estava à beira do pânico, devido ao encontro com Fennen.

Erin girou, tomando cuidadosamente a direção oposta a que Fennen tinha tomado. Encontrou-se com Gregory no lugar acordado de antemão, atirando-se em seus braços, permitindo-se finalmente tremer pelas conseqüências da confrontação.

— Fennen!— Erin sussurrou — Gregory, ele poderia ter me reconhecido. Por que não soube que ele estava conosco? Deveria ter me advertido!

— Não pude Erin, ele se juntou na última hora. Tudo o que podia fazer era aceitá-lo por cortesia, assim como aceitamos a todo irlandês que deseja unir-se ao grupo. Não podia te distrair antes da batalha — Ele ficou calado, abraçando-a fortemente, e depois falou de novo — Por que temos que nos espalhar, Erin?

— Oh, Gregory, meu pai chamou ao conselho em Tara, assim devemos voltar para casa! E agora estamos com problemas. Fennen sabe que você está entre os soldados... E mamãe acredita que cavalgamos juntos às capelas...

Gregory negou com a cabeça.

—Fennen não mencionará esta incursão, te garanto isso. Seu pai não pode perdoar as façanhas da Guerreira Dourada e seu bando porque estamos, basicamente, fora da lei, fazendo o que queremos. Fennen é o rei de Connaught. Supõe-se que ele está seguindo a política dos reis, que agora mesmo sugere para todos permanecerem sem fazer nada, até que possa estabelecer-se alguma organização. Ele não admitirá sua cumplicidade mais do que eu o faria.

Erin encolheu os ombros.

— Espero que tenha razão, Gregory— murmurou— Será melhor que vá buscar os cavalos. E também precisamos nos despojar das cotas de malha.

Gregory franziu o sobrecenho.

— Como sabe que seu pai está chamando um concílio?

— Mergwin apareceu no bosque.

— Mergwin!

Erin assentiu e sorriu ironicamente.

— Esse velho Druida tem seus talentos.

Murmurando baixo, Gregory saiu para pegar seus cavalos. Erin continuou meditando sobre Fennen. Tinha aumentado sua estima por ele, graças ao que tinha feito naquele dia.

Quando Gregory reapareceu, ela já tinha tirado seu elmo e viseira e estava tentando despojar-se de sua cota tinta de ouro. Ajudou-a em silêncio e depois, aceitou sua ajuda, igualmente.

— Erin? — Gregory perguntou, estranhamente vacilante.

— Sim, Gregory?

Gregory estava de costas, enquanto pegava cuidadosamente suas vestimentas de guerra para guardar nas bolsas e ocultar antes que alcançassem Tara.

— Como nos encontrou Mergwin? Como podia ele saber onde estávamos? Ela encolheu os ombros.

— Mergwin... bem, às vezes ele simplesmente sabe coisas. Venha, Gregory, temos que encontrá-lo de novo e continuar. É uma sorte que ele nos encontrasse. Meu pai acreditará que estivemos com ele.

Não tiveram que procurar Mergwin. Ele apareceu junto a eles, em seu cavalo baio, com a capa e sua barba flutuando na brisa.

— Bom. — exigiu irritado — Nós já podemos ir?

Erin e Gregory montaram silenciosamente em seus cavalos e o seguiram. Eles tinham percorrido uma distância razoável, antes que Erin pensasse em perguntar. Ela cravou os estribos nos flancos de seu cavalo e ficou a se aproximou.

— Mergwin, por que meu pai chama para um concílio? Passou algo?

Seus olhos a olharam de forma estranha, como se ele visse algo em seu rosto. Mas logo esse olhar desapareceu e encolheu os ombros.

— Pode-se dizer que aconteceu, senhora Erin. Olaf, o Branco, derrotou aos dinamarqueses de Liffey e tomou Dublin. O Senhor dos Lobos retornou.

Ficou gelada pelo medo. Jamais havia sentido algo parecido. Olaf tinha retornado. Meu Deus, ele tinha retornado!

Encontrou-se novamente com o olhar de Mergwin, escuro e insondável, enquanto falava com um tom inquietante, desprovido de emoção.

— Diz-se que ele não ficará satisfeito com Dublin. Que o Lobo montará por toda a Irlanda. Que se dirige para Tara!



CAPÍTULO 7

— Não sairá de Tara, filha, enquanto eu estiver fora. Tolerei todas essas saídas sem sentido de Gregory e você, rezando em capelas, mas não sairá enquanto nós lutamos. Entendeu-me, moça?

Erin sentia um nó terrível em sua garganta. As lágrimas brilharam, fracamente, em seus olhos. Seu pai, seus irmãos, e Gregory iriam todos enfrentar-se com o Lobo que, dizia-se, viajava com milhares de guerreiros. Os vales de Tara viraram em caos, agora que os reis irlandeses se uniram por fim sob o Ard-Righ para lutar contra o inimigo comum.

— Sim, Pai — disse ela, docilmente.

Ele tocou seu queixo ligeiramente com um dedo.

— Ah, Erin, este velho coração tem debilidade por ti... — Sua voz se voltou áspera de novo — Mas me incomoda, moça, que tenha que lhe dizer isso, terá, de verdade, uma conta pendente se me desobedecer enquanto estou ocupado com o Lobo.

Erin assentiu de novo. Seu pai montou seu cavalo e ela se apressou, para colocar-se detrás de sua mãe, para beijar os seus irmãos, fazendo uma pausa para ajustar o broche do manto de Niall.

— Se cuide, Niall — sussurrou ela, tentando sorrir da careta amável de seu irmão.

— Levanta esse queixo, irmãzinha. Nos encontraremos logo.

Dedicou-lhe um sorriso deslumbrante. Separou-se para se despedir de sua esposa e Erin se aproximou de Gregory.

— Parece que a Guerreira Dourada deve desaparecer por um tempo — lhe sussurrou.

— Me alegre, Erin. Estará segura enquanto isso.

— Gregory, isto é pior. Estou muito assustada por você e por meu pai.

— Retornarei. E o mesmo fará seu pai e seus irmãos.

— Isso eu acredito, Gregory. Em meu coração, acredito.

Uma mão em seu ombro a distraiu de Gregory. Fennen estava de pé atrás dela. Aproximou-a dele e a beijou ligeira, mas meigamente, nos lábios.

— Voltarei, Erin, e quando o fizer, não esperaremos muito mais. Falaremos com seu pai e nos casaremos em seguida.

Ela abriu a boca para protestar, mas depois a fechou. Possivelmente quando voltassem, o Lobo estaria morto e a ameaça viking já não existiria.

— Tome cuidado, Fennen MacCormac — respondeu brandamente.

Beijou-a de novo.

— Não estaremos muito tempo fora, prometo, beleza esmeralda — murmurou depois se voltou, montando no cavalo e se afastou ao galope, passando pelos homens de Connaught, dentro de suas filas.

Erin se voltou para procurar Gregory, mas ele já tinha montado. Ela viu sua mãe olhando fixamente ao seu pai, mas Aed também estava cavalgando para alcançar a frente das tropas.

Maeve deslizou um braço ao redor de Erin. Juntas viram como o último cavalo desaparecia sob a luz intensa do sol do meio-dia.

Os dias passavam devagar em Tara. Os trabalhos se voltaram mais tediosos e mundanos.

A Erin tinham atribuído, como tarefa, cuidar as ovelhas, e em lugar de permitir a sua mente encher-se de visões de derramamento de sangue, tombava-se na grama enquanto as ovelhas pastavam e sonhava que os irlandeses saíam vitoriosos.

O Lobo norueguês morria, e ela se livrava de todas essas lembranças, tão difíceis de esquecer...

Fennen se prostrava, elegantemente, aos pés de Aed, pedindo a sua filha em matrimônio, e, orgulhoso do valor e vitórias de Fennen, Aed estava de acordo, orgulhoso de sua filha ter conquistado tal guerreiro...

Tão somente sonhar lhe provocava estremecimentos em Erin. Perguntou-se como seria, na realidade, conhecer e amar a um homem com toda sua alma.

Encontrava-se meditando sobre isso numa das tardes da quinta semana, depois da saída do exército de Tara, quando o retumbar de cascos de cavalos lhe devolveu, de repente, à realidade.

Quando o som penetrou em sua consciência, agachou-se rapidamente, sentindo que seu coração pulsava tão rápido quanto o som que se aproximava.

Quanto tinha se afastado do rebanho enquanto passeava? Não podia ser perigoso. Certamente, os guardas teriam visto um intruso.

O ritmo do batimento de seu coração diminuiu ao ver que o cavaleiro que se aproximava não era outro a não ser Gregory.

Ficou em pé, vestida com sua puída túnica de linho, e gritou seu nome com júbilo, precipitando-se colina abaixo para atirar-se a seus braços, assim que este desmontou de seu cavalo.

— Gregory! Está aqui! Está bem? E papai? Como vai? Gregory. Está bem? Niall, meu...

— Shh... — murmurou Gregory, afastando-se levemente e sorrindo, carinhosamente, enquanto olhava seus ansiosos olhos.

— Seu pai e seus irmãos estavam bem faz dois dias, quando os deixei. — Viu como o alívio acendia seus olhos. Tomou um momento só para

contemplá-la tranqüilamente, mais consciente que nunca de sua extraordinária beleza. Inclusive com o velho e feio vestido de trabalho, seus inteligentes olhos, tão brilhantes e verdes contra o marfim de seus elegantes traços cinzelados, seu cabelo da cor da meia-noite que, contrastando com sua pálida pele, suas finas sobrancelhas arqueadas para cima, interrogantes.

Abraçou-a de novo, sussurrando.

— Oh, Erin, te vejo tão maravilhosa. É tão maravilhosa, depois do que vi...

Ela se afastou, ansiosamente, dele.

— Gregory! Vai algo mal? Por que está aqui?

— Não — disse rapidamente — as coisas vão bem. Seu pai queria enviar um mensageiro a Tara com notícias — Ele fez uma pausa, perguntando-se se esse era o motivo real de sua volta, ou simplesmente queria lhe dar o prazer de ver um parente vivo e são. Ele optou pelo último.

— É estranho, Erin, este Lobo é um lutador hábil. Tomamos parte em umas poucas batalhas. Aquelas de que participamos foram ferozes e terríveis — fez uma pausa, não precisava descrever-lhe Olaf - Entra nas aldeias, mas só mata aqueles que levantam as armas contra ele. Rouba tudo quão pequeno pode encontrar nas terras de lavoura para abastecer a suas tropas, mas não queima nada e depois se retira — Gregory franziu o cenho — Sabe, Erin? Não acredito que Olaf pense em vir para Tara. Acredito que nunca chegou a pensar. Temo que queira que acreditemos que vai reger-se pelos costumes vikings e estejamos caindo em sua armadilha.

Erin deslizou uma mão para segurar a de seu primo e o guiou até o diminuto lugar, onde ela tinha estado sonhando tão recentemente, com dias de paz. Evadiu-se da realidade como se todo o resto fosse uma tolice.

Franziu o cenho ao refletir sobre o que lhe havia dito seu primo, enquanto obrigava este a sentar-se e lhe oferecia queijo e pão fresco de sua bolsa de comida.

— Não o entendo, Gregory — disse enquanto ele começava a comer, vorazmente — por que esse norueguês furtivo quereria aceitar aos irlandeses? Se ele nunca tivesse ameaçado Tara, poderia haver lhe deixado sozinho. Dublin pertenceu aos vikings durante décadas. Enquanto não saíssem dali, nós os evitaríamos.

Gregory sacudiu a cabeça e aceitou a água fresca que lhe oferecia. Bebeu durante um longo tempo, derramando água pelo queixo.

Depois limpou o queixo com a manga de sua roupa, suspirou e agitou a cabeça de novo.

— Eu não sei, isso é exatamente o que me preocupa. Ninguém pode entender exatamente o que pretende fazer. O caçamos diariamente, logo

o obrigaremos a voltar para Dublin e, apesar de tudo, não tenho a impressão de que o estejamos perseguindo, absolutamente. É só que não...

— Eu sei! Erin disse com um entusiasmo venenoso. — Meu pai venceu a esse lobo, esse cão da Noruega. Sairemos vitoriosos!

Gregory detectou algo mais por trás de suas palavras, uma coisa muito estranha, pouco natural.

Um ódio pessoal tão intenso... Clonntairth, claro.

Mas era sua família a que tinha perdido, devido às tropas de Olaf, o Branco, e ele não enfocava seu ódio nessa direção em particular.

Tinha lutado contra os vikings como tinha podido, tinha sido ele quem tinha criado as espetaculares tropas da Guerreira Dourada. Era o valor sem fim e a dignidade de Erin que tinham feito dessa aventura um êxito. Os sonhos de vingança eram dele.

Tinha aprendido táticas e política com seu tio e tinha visto como a sabedoria de Aed solucionava muitas situações em que uma conduta precipitada teria sido um suicídio.

Ele lutava contra o Lobo da Noruega agora, e o que fazia era gratificante. Mas a guerra não podia ser pessoal, e Gregory compreendia agora, com um pouco de assombro, que ele não culpava Olaf, pessoalmente, pela perda de seus pais.

De fato, tinha abandonado o campo de batalha quando tinha tido oportunidade de encontrar-se com o norueguês, cara a cara. Possivelmente sua fuga tinha sido o melhor, porque tinha visto com seus próprios olhos o gigante dourado em combate.

Nenhum homem parecia tão poderoso. Era como um furacão arrasando tudo no seu caminho.

Voltou-se para olhar Erin, perguntando-se em que pensava. Então se encolheu por dentro. Ela tinha sido mais forte que ele em Clonntairth, mas Clonntairth tinha acontecido fazia três anos. Apesar do valor que só ele parecia apreciar, ela era uma mulher, mais emocional que um homem. Nunca lhe tinha ocorrido que o viking com o que se encontrou perto de Carlingford Lough, pudesse ser o Lobo da Noruega.

— Me diga, Gregory — murmurou Erin, contemplando as ovelhas — Viu alguma vez Olaf, o Branco?

— Eu o vi.

— Está vivo então? Não o viu ferido?

— Nem um arranhão. Muitos homens acreditam que está protegido pelos deuses nórdicos. — Não gostou do que viu em seus olhos, assim decidiu que tinha chegado o momento de falar. — Solicitei especialmente ao seu pai ser o mensageiro que traria notícias da batalha para casa. E fui eu quem escolheu os que me acompanhariam.

Ela não respondeu, mas continuou contemplando as ovelhas. Ele estava a ponto de falar de novo, quando ela murmurou, finalmente:

— Me alegro de que pudesse vir para casa, Gregory. Valorizo sua vida com tanto carinho como a de meus irmãos.

Ele apertou sua mão.

— Seremos sempre como irmã e irmão — disse. Por um momento se instalou um silêncio entre eles, e então Gregory, falou de novo. — Me alegro de estar em casa, mas esta não é uma visita de cortesia.

Ela se voltou finalmente para ele, com expressão confundida.

— Não entendo do que está falando.

— Preciso de você, Erin.

Ela franziu o cenho.

— Entendo menos ainda agora, primo.

Ele conteve a respiração, sustentando-a por um momento.

— A Guerreira Dourada deve cavalgar de novo.

— O que? Deve estar louco! Preferiria confrontar sozinha uma vintena de dinamarqueses do que meu pai, se este nos descobrisse...

Gregory sacudiu sua cabeça.

— Não vamos a nenhum lugar perto de seu pai. Althrip esteve explorando a cavalo todo o campo. O Lobo não ameaça Tara, mas o fazem um grupo de bandidos irlandeses e dinamarqueses. Althrip descobriu um acampamento a menos de um dia a cavalo. Ele acredita que atacam agora porque Tara se encontra, neste momento, desprotegida. As esposas dos nobres estão aqui, e seria uma pilhagem de primeira para violar e logo as vender como escravas.

Erin pensou por um momento, logo falou.

— Gregory, como serei capaz de fazê-lo? Meu pai me fez prometer que não partiria, e minha mãe passa uma hora cada manhã elaborando as tarefas que devo atender em Tara.

— Erin, não haverá uma Tara se nós não atuarmos.

— Não posso acreditar que meu pai não enviasse tropas...

— Nós somos as tropas. Não há ninguém mais. Cada dia a luta se volta mais crítica, enquanto alcançamos Dublin. Ocupa a todos dos que se pode prescindir! Seu pai confia em mim para ganhar, Erin, e eu confio em mim mesmo. Mas nós necessitamos um elemento surpresa.

— Gregory, os guardas.

— Não serão suficientes. Deve pensar em algo, deve atuar.

Durante um momento, seu rosto refletiu dor. Não estava muito segura de qual faria mais dano, vestir o traje e enfrentar aos bárbaros, ou ir contra as ordens diretas de seu pai.

Estremecendo momentaneamente, seus formosos traços se voltaram, desprovidos de emoção.

— Tenho a desculpa perfeita— disse, clara e concisamente — Diga a minha mãe que Mergwin se encontra mal. Que me escoltará até ele. Aos homens contará a mesma história, e assim não desconfiarão que sua senhora e a guerreira dourada se encontram na mesma área.

— Bem pensado, Erin — murmurou Gregory.

Erin ficou em pé, sacudiu a sujeira e as fibras de erva de sua túnica. Olhou fixamente os formosos edifícios, de longe. Tara parecia reluzir sob o sol. Pensou sobre aquele dia tão longínquo, na cabana de Mergwin, quando ela tinha sonhado ser uma heroína. Agora era mas, ironicamente, desejava ser qualquer outra coisa.

— Vamos — disse, agarrando a mão de Gregory — Vamos, demos uma alegria a minha mãe com sua visita e ouçamos as boas notícias a respeito de meu pai e meus irmãos, que nos traz. Gwynn te atormentará sem compaixão. Logo... Logo terá que falar com as mulheres que não verão seus maridos e filhos de novo.

Gregory colocou um braço ao redor de seu ombro. Aproximaram-se de seu cavalo e Gregory tomou as rédeas para conduzir ao animal. Erin assobiou forte aos cães e estes instigaram às ovelhas, para que se movessem.

O pequeno grupo, triste e silencioso, fez seu caminho para casa.

Olaf, o Branco, jogava incrivelmente bem o jogo de gato e rato. Durante dias tinha atacado pequenos povos, desaparecendo a seguir tão rápido como um raio, sempre um passo adiante dos irlandeses, sempre se retirando para Dublin.

Mas hoje ele ficou para lutar, depois dos aterros de Dublin. Empregando as mesmas táticas florestais que, sem o conhecimento de Aed, sua filha também tinha utilizado, o viking tinha atraído aos irlandeses a uma emboscada.

A batalha tinha durado toda a manhã e a tarde, e continuava, enquanto o crepúsculo começava a cair.

Em meio da batalha, Aed lamentava sua idade enquanto lutava. Levou-se a impressão que os irlandeses tinham agüentado no campo de batalha bastante tempo. Agora compreendia que tudo isto tinha sido uma ilusão. Durante um momento, ele tinha estado lutando entre seus homens e um minuto mais tarde, estava rodeado de vikings por todos os lados.

“Estou velho”, pensou, “já vivi toda uma vida.”

Mas nenhum homem podia enfrentar a uma morte segura com tal pensamento.

Pensou em Maeve, em seus filhos, e na Irlanda pela que tinha lutado e, apesar das desigualdades, levantou a espada.

Tão de repente como se encontrou rodeado pelo inimigo, encontrou-se de pé, a sós. Todos se tinham afastado dele. A cabeça lhe começou a zumbir, os olhos se nublaram. Fechou os olhos e ao abri-los de novo, viu ante ele Olaf, o Branco.

Era certo que uma aura parecia irradiar do homem. Inclusive para ser viking ele era alto, e sob sua cota ostentada, parecia haver um corpo musculoso. Ao andar, parecia saltar faíscas.

— “Não quero morrer!” – pensou.

Aed se estremeceu quando fixou o olhar nos glaciais olhos azuis do escandinavo, embora seu semblante não transparecesse nenhum sinal disso. Por Deus! Convertei-me em um ancião temente a morte, pensava enquanto começava a rezar. Era como se estivesse caminhando em direção a um precipício... Aed levantou sua pesada espada, enquanto a oração fluía em sua mente. E foi ele quem atacou primeiro. Um golpe parou seu ataque. Parecia ser mais um baile de agilidade que um baile de morte, enquanto os dois homens se enfrentaram o um contra o outro. Cada roçar de aço sobre aço parecia lançar faíscas.

Os braços de Aed tremiam pela força a que tinha que recorrer para aparar cada golpe.

Notou, vagamente, que ficaram totalmente sozinhos. Ao menos tinha a vantagem de não ter que preocupar-se com que lhe atacassem pelas costas com uma lança.

Era um guerreiro extraordinário. Um guerreiro que nunca tinha fracassado, nem sequer contra os mais ferozes e habilidosos oponentes. O fato de que tivesse agüentado durante tanto tempo consolava Aed, o suficiente ao menos para fazer-se à idéia pouco a pouco de sua iminente morte, para aceitá-la orgulhosamente. A morte de um guerreiro, a morte de um rei.

Um golpe de espada do viking lhe fez cambalear e caiu de joelhos. Tratou de ficar em pé outra vez, mas escorregou com o sangue e se viu incapaz de dirigir a pesada espada de guerra, eficazmente.

Fechou os olhos e pensou na erva verde, no aroma da terra molhada pela chuva, no sorriso de Maeve e nos céus azuis. Obrigou-se a não tremer, quando sentiu a ponta da espada do viking tocando sua enrugada garganta.

A ponta da espada se afastou e Aed abriu seus olhos, perguntando-se por que o rei viking não lhe concedia a morte em batalha.

Acreditava que, embora o homem que tinha em frente, era conhecido por um estranho sentido da misericórdia, não iria conceder nenhuma ao Ard-Righ da Irlanda.

Ante o assombro de Aed, uma mão enluvada parcialmente de couro, estendeu-se para a sua. Havia um rastro de diversão nos olhos árticos.

— Levante-se, Ard-Righ de Tara — uma voz profunda e surpreendentemente agradável lhe disse em sua própria língua. Bem inexpressivamente, Aed aceitou a mão. — Oxalá tenha sua força e valor quando tiver sua idade — continuou discretamente o gigante loiro.

Aed ficou em pé, rezando para não voltar a cair.

— Se for me matar, Lobo da Noruega — Aed replicou, usando por sua vez a língua nórdica — reconheçam a um rei seu direito e acabem aqui mesmo.

O viking riu. Aed não sabia que, nesse instante, estava vendo o primeiro reluzir de calor que aquele olhar produzia em anos.

— Por seu Deus cristão, Aed Finnlaith, Ard-Righ de Tara, eu não tomaria sua vida. Só esse seu Deus sabe quem deve seguir seus passos. Além disso, eu gosto das pessoas racionais. Retorne com suas tropas, Ard-Righ. Não será incomodado. Você é um homem de honra e coragem.

Mal acreditando no que ouvia, Aed observou um oceano de gigantes corpulentos se afastarem para lhe permitir passar entre eles.

Olhou fixamente a dura e formosa face de seu inimigo, depois se voltou e se obrigou a elevar seu queixo, sem vacilar, enquanto começava a caminhar.

Em qualquer momento uma lança cairá sobre minhas costas, pensou enquanto lentamente percorria seu caminho. Mas como lhe tinha sido prometido, não foi incomodado.

Deixou para trás os vikings e o campo de batalha. A luta tinha terminado por aquele dia. Uma trompeta estridente soou e o nórdico pareceu sumir entre as árvores.

Quando Aed terminou seu silencioso, mas fervente, agradecimento a Deus pela peculiar oportunidade que o Lobo da Noruega lhe tinha concedido a sua vida, começou a analisar os resultados do dia. Devido a sua sobrevivência, ele não soube quem tinha tido a vitória.

Quarenta milhas adiante, a filha de Aed abandonava a cena de sua própria batalha particular. Tara tinha sido salva por Gregory e as tropas da Guerreira Dourada, mas Erin não estava cheia de júbilo, enquanto cavalgavam através do bosque.

Gregory tinha sido ferido e ela estava ansiosa por alcançar Mergwin rapidamente, para que este pudesse ser tratado. Inclusive Gregory, que tinha expressado certo medo do Druida certa vez, desejava seu toque mágico.

Erin se topou com o olhar do primo, enquanto cavalgavam em silêncio. Ele sorriu, mas ela podia ver a dor em seus olhos.

— Mergwin saberá que nós estamos chegando. — assegurou Erin — Sua dor logo será aliviada.

Gregory encolheu os ombros.

— Preocupa-me você, Erin, não eu.

Erin não fez nenhum esforço para responder. Quase a tinham apanhado naquele dia. Viu-se enredada na batalha, forçada a um combate corpo a corpo com um dinamarquês volumoso. Tinha conseguido evitar sua lança letal, menos mal que Gregory tinha chegado com ajuda e não se viu obrigada a atirar o golpe mortal.

Convenceu-se de que podia matar, se fosse para sobreviver. Não era suficientemente forte para a guerra. Sabia que ao Gregory preocupava a possibilidade de que se encontrasse de novo em uma situação similar, e não tivesse coragem suficiente para golpear.

— Gregory — disse finalmente — por favor, não se preocupe mais. Se a necessidade chegar, alguma vez, e estiver sozinha, farei o que seja necessário por minha vida.

Gregory sorriu, mas seu sorriso era débil.

—Eu rezo prima, para que nunca tenha que te pôr o traje dourado de novo.

Eles permaneceram em silêncio, enquanto continuavam atravessando o bosque.

Como Erin tinha intuído, Mergwin os esperava. Ocupou-se das feridas de Gregory, alimentou-os, e lhes fez descansar. Não os repreendeu, nem lhes deu nenhum sermão. Acariciava sua larga barba continuamente, com olhar distraído.

Passaram a noite na cabana do bosque.

Erin dormiu muito bem, como um bebê. Pela manhã, quase chegou a sentir-se feliz, como se fosse pequena de novo, quando ficava com Mergwin simplesmente para aprender a escutar a brisa e deleitar-se com a vista de um arco íris.

A cabana de Mergwin era acolhedora, segura. Tagarelou, incesantemente, com o ancião enquanto preparava o café da manhã, composto de pescado defumado. Mas nem sequer com suas conversas pôde lhe fazer perder esse ar de distração.

Ela e Gregory partiram depois da comida. Erin deu a volta para despedir-se, com um sorriso nos lábios. Mas quando voltou a vista para frente, franziu o cenho.

Esteve a ponto de pedir a Gregory que desse a volta para olhar o Druida, mas seu primo quase não podia manter-se em seu cavalo e sua expressão era cansada e irritável.

Ela estremeceu, de repente, incapaz de esquecer o olhar de Mergwin. Tinham a olhado tão tristemente... Nunca tinha visto ninguém lhe dirigir um olhar com tal expressão de... Lástima.

Puderam voltar para Tara sem incidentes. Gregory permaneceu outro dia e logo montou para voltar para o campo de batalha. Erin reassumiu suas tarefas, silenciosamente. Passava as tardes com suas irmãs e ao ver que Bridge se deixava levar pela alegria, ao saber que os irlandeses estavam

pressionando aos noruegueses para voltar para Dublin, uma vez mais, Erin permitiu que seus sonhos a envolvessem, enquanto cuidava dos gansos ou das ovelhas.

Desgraçadamente, ela era inconsciente de que seus sonhos, o sustento de sua existência, estavam a ponto de serem quebrados. Do modo mais incrível.



CAPÍTULO 8

Aed Finnlaith permaneceu de pé, se apoiando cansadamente em uma árvore, enquanto observava a fortificação de Dublin, a qual estava sendo substituída por um muro de argamassa e pedra.

Seus generais estavam celebrando o dia. Ele sabia que os murmúrios que ouvia, provenientes da fogueira central do acampamento, eram de glória. Aed não podia considerar o dia como vitorioso.

Os verdes Montes da Irlanda estavam transbordantes do sangue de seus filhos. Homens com os quais tinha jantado na noite anterior, tinham ficado irreconhecíveis.

De fato, inclusive o céu noturno ressaltava a exibição de morte cinzenta, trocando-a por uma horripilante coleção de carmesins e zombadores vermelhos sangue.

Aed fechou seus olhos, ao sentir as náuseas. Tentou separar de sua mente tal perda de vida sem sentido, tanto de irlandeses como noruegueses. A maioria dos mortos eram homens jovens, fortes, saudáveis... O orgulho de seus pais e mães.

"Deus tenha piedade de nós!" Pensou enojado. E seu aborrecimento se voltou contra seus próprios generais, ao pensar quanto havia franco ao unir a todos. Eles tinham nascido e tinham sido criados contra a ameaça viking, nascidos e criados para batalhar.

Hoje tinham enfrentado aos nórdicos e, embora eles mesmos se acreditavam cristãos civilizados, só podiam ser considerados açougueiros. Aed começou a perguntar-se quanto tempo demorariam os reis em guerrear entre si de novo, se a ameaça dos vikings diminuísse.

— Possivelmente, nós mereçamos isso, — sussurrou alto. E possivelmente a ameaça viking nunca termine, pensou desgostoso. Olaf estava jogando muito bem o camundongo ao gato.

Olaf, o Branco. Aed o tinha visto de novo hoje, liderando suas tropas, mantendo sua pesada espada no alto, ao atacar no campo montado em seu imenso semental negro. Tinha dado o grito bárbaro de guerra mais penetrante que alguém tinha ouvido em sua vida e tinha cavalgado através do campo tão ferozmente como o tinham feito os senhores vikings antes dele.

Mas ele era diferente. Isso tinha ficado demonstrado no dia anterior.

Aed conservava sua vida como testemunho.

Sim, Olaf era diferente — jovem, forte, e tão firme, alto e poderoso como um velho carvalho.

Seu dourado cabelo, ao aparecer por cima da colina, tinha sido suficiente para infundir o terror nos corações de muitos homens valentes. Além disso, era um homem que só lutava contra homens. Não se aproveitava nem das mulheres, nem dos meninos. Era um feroz guerreiro na batalha, mas não um carrasco.

O ar, pouco a pouco, perdeu essa sensação de brincadeira que o impregnava, mas isso não aliviava o espantoso dia que tinha tido.

Em troca, as fogueiras do acampamento flamejavam com a brisa da noite, como douradas advertências.

Com impaciência, Aed se livrou da pesada cota de malha. Muitas das tropas irlandesas ainda lutavam com leves túnicas de couro e caíam pela superioridade do aço.

Sentou-se, apoiado no tronco da árvore, sentindo-se, de repente, muito velho. Possivelmente seu cabelo e barba acinzentados eram sinais exteriores da debilidade que sentia nos ossos e na mente.

Todos queriam que atacasse a cidade.

Possivelmente, isso fosse exatamente o que devia fazer. Por que não o fazia? Porque não poderia ganhar. Ele sabia que Olaf antecipava o ataque e que estava esperando o próximo movimento de Aed, com curiosidade. E porque, se existia alguma esperança para suas vidas e para a paz, esta residia no Lobo.

Ele era diferente. Um selvagem bárbaro do Norte, sim. Mas de algum modo civilizado.

Ao contrário do dinamarquês Friggid, o Patizambo, Olaf era escrupuloso. Murmurava-se que tinha assumido muitos costumes irlandeses, como, por exemplo, a higiene diária. Era um construtor e um sonhador.

Dentro das muralhas já tinha sido construído um grande castelo de pedra, e Aed também tinha ouvido que em Dublin chegava água diretamente nas casas, através de troncos ocos.

O lamento de agonia de um homem, mortalmente ferido, atravessou os tímpanos de Aed como uma lança.

Apertou os dentes e torceu fortemente os punhos, tentando ignorar os angustiantes lamentos do homem agonizante.

Então de repente Aed Finnlaith, o Ard-Righ de Tara, o homem que tinha unido aos nobres do país para enfrentar-se com o inimigo comum, chorou. Lágrimas, que não haviam rolado de seu curtido rosto em quarenta anos, caíram por suas bronzeadas bochechas.

E durante um momento, ele se deixou levar pela dor que residia em seu coração. Chorou pelos filhos da nação dispostos em covas, mutilados.

Aed voltou a ficar de pé devagar.

Não tocou sua cota de malha, nem sua espada coberta de sangue.

Ele caminhou com suas velhas, embora ainda poderosas, pernas para a fogueira de acampamento, onde os generais e reis aguardavam o

Concílio, acreditando que daria a ordem para atacar Dublin no dia seguinte.

Os homens olhavam Aed com curiosidade, enquanto ele se aproximava deles, com seus olhos reluzentes pelo brilho luxurioso do poder e da vitória. Néscios, pensou Aed. Eles viram como nos atraía para ele, inclusive muito perto e ainda acreditam que este dia foi realmente nosso? Aed enrugou o cenho, ao observar os olhos de seus homens. Eram cristãos apesar de que pareciam animais, carnívoros e sedentos de sangue. Meu Deus, perguntou-se Aed silenciosamente, somos nós, homens de fé, melhores que a besta que vem do Norte?

A resposta tinha diante dele. Os reis, que estavam junto ao fogo, aqueles que tinham resistido semanas de batalha e o horror de hoje, com tão somente uma pequena ou nenhuma lesão, continuavam alardeando seus lucros.

Aed esquentou seus enrugados dedos no fogo, enquanto esperava que a conversação cessasse ao seu redor. Depois elevou o olhar feroz, entretanto convincente, brilhante e azul.

— Acabou-se — disse simplesmente— Quando amanhecer, enviaremos uma comissão para Olaf e vamos oferecer uma negociação.

A única resposta que receberam as surpreendentes palavras de Aed foi o chiado do fogo. As expressões no rosto dos homens situados ao redor do fogo diferiam; algumas eram de alívio, escassamente dissimulado, outras eram de irritação. Foi finalmente Fennen MacCormac quem falou, rompendo assim o tenso silêncio de tão macabra cena.

— Note-se em nós, Aed — protestou, enquanto ficava em pé — Você nos reuniu. Você exigiu a derrota definitiva dos vikings. Agora propõe que nos retiremos, quando estamos a um dia da vitória final.

Aed olhou Fennen, pacientemente, e depois falou tranqüilamente.

—É certo que eu reuni a todos. Olaf ameaçou toda a Irlanda. Mas nunca nos livraremos realmente dos vikings. Eles atacam a vontade, não são inimigos comuns. O viking é dinamarquês, norueguês, sueco. E como também vimos, Olaf não é um inimigo do tipo ao qual estamos acostumados a nos enfrentar. Assim pensem nisto, meus nobres senhores. Parece que ganhamos hoje. O nórdico se refugiou dentro de suas muralhas. Mas, podemos confiar nesta vitória? Fica a possibilidade de que temos sido atraídos até aqui por um grupo. Poderíamos atacar amanhã pela manhã e descobrir que Olaf tem milhares de guerreiros nos esperando.

— Ou poderíamos negociar. Ele é mais forte que qualquer viking anterior a ele. Os homens obedecem a sua palavra, cegamente. Uma aliança com ele poderia nos conceder ajuda contra as guerras nos litorais, e que estão devorando pouco a pouco, a Irlanda. Demonstrou ser um homem melhor que qualquer dos dinamarqueses. Nós o vimos lutar, e também vimos

sua generosidade. Permite-nos levar nossos feridos. Não deixou nenhum rastro de morte nos povos que deixou para trás. Esta, meus nobres senhores, é minha opinião. Pensem sobre isso e à alvorada, tomaremos uma decisão. Mas eu acredito que Olaf nos atraiu até aqui, habilmente. Que ele não quer nada mais que a parte de Dublin, mas quer que reconheçamos que a cidade é dele. Eu acredito que devemos lhe permitir tê-la, a cidade sempre foi nórdica. A outra opção poderia ser a matança final dos reis da Irlanda. Uma última coisa sobre a que pensar. Nós recuperamos a terra hoje. Não pudemos com Olaf. Embora o vencamos, ele tem a capacidade de recuperar suas forças, uma e outra vez, e possivelmente no futuro, aniquilar nossos reinos.

Instaurou-se o silêncio de novo, ao redor do fogo.

Aed inspecionou os olhos dos reis, sem esperar nenhuma palavra mais ou discussão.

Permitiu a suas mentes recuperarem-se da surpresa, pensou enquanto se afastava. Estava cansado.

Desejou estar em casa, ouvindo a agradável risada de Maeve, sentindo seu toque lhe aliviando o corpo.

Posso me haver feito velho, pensou, e as paixões e fogos de juventude podem ter sido dominadas, mas minha esposa é, ainda, minha amante e minha amiga.

Não tinha alcançado sua tenda e seu filho Niall já lhe tinha detido.

— Pai?

A sobancelha de Aed se arqueou e expressou seu esgotamento.

Niall falou rapidamente.

—Acredito que os reis lhe respaldam. Poucos deles estão obcecados ainda com a vitória. — Niall trocava de postura, nervosamente. — Muitos dos reis acreditam que Olaf tem aos deuses do seu lado, que ele é indestrutível. Preocupa-lhes só uma coisa: como consolidar a paz, como assegurar que Olaf não cavalgará de novo contra nós?

Aed sorriu e apoiou as mãos sobre os ombros de seu filho.

—Obrigado por me dizer isso, Niall. — Ele sabia que Niall dispunha da confiança e o respeito dos reis mais jovens. Agora me vou descansar, pensarei sobre o problema. — Ele fez uma pausa. — Niall, qual é sua opinião?

Niall duvidou, depois limpou a garganta.

—Igual a você, acredito que o Lobo é hábil. Acredito que ele te perdoou a vida porque te respeita e tem a esperança de que escolham a paz em vez de forçá-lo a uma matança sem sentido. — Niall fez uma pausa de novo. Depois falou, roucamente, quase sussurrando. — Olhe esses muros, Pai. Só Deus sabe que horror tem preparado atrás deles.

Aed assentiu e se afastou de seu filho. Ao entrar em sua tenda, encontrou a uma moça jovem, uma seguidora do acampamento, uma prostituta.

Sorriu secamente, enquanto pensava qual defraudada se sentiria a garota. Ele era um homem fiel, e, no caso de que não o fosse, estaria muito velho para ser guerreiro e amante no mesmo dia.

—Saia, moça — lhe disse, brandamente — pois não vou fazer uso de seus talentos esta noite.

Ela era muito jovem e muito bonita, muito jovem e bonita para essa classe de vida. Seu rosto ardeu, devido a suas palavras, e se deu conta que acreditava que ele pensava que ela não valia o suficiente. Isso lhe fez ceder.

—Se me proporcionasse a água para lavar o fedor do sangue de minhas mãos, encontraria prazer em uma pequena limpeza.

A moça assentiu com um sorriso.

—Conseguirei-lhe água, meu senhor — murmurou timidamente — e posso esfregar seus ombros, para aliviar a tensão.

—Isso estará muito bem — disse Aed brandamente. Ao observar como a moça procurava a água e lhe limpava as mãos, se surpreendeu ao dar-se conta de que recordava um pouco Erin.

Sua pele não tinha o mesmo matiz, nem seu corpo sua perfeição, mas tinha a mesma idade que sua filha.

A moça começou lhe massagear o pescoço e os ombros. Aed sorriu, fechando os olhos, seus pensamentos ainda em Erin.

Seria bom voltar para casa.

Ele tinha que parar de pensar em sua casa. Ele tinha que pensar em Olaf, o Branco, e o tratado de paz que poderia obter, mas estava tão cansado. Pensar era um processo doloroso; ele tinha que pensar sobre o Lobo, sim, tinha que pensar sobre o viking. A moça era boa dando massagens, quase tinha o tato tão suave quanto o de Erin.

Tinha começado a relaxar-se, mas então todo seu corpo se esticou de repente. Os pensamentos do Lobo Norueguês e sua filha tinham surgido, de uma vez. Como pai, encolheu-se de dor. Como Ard-Righ, ele tinha sabido, instantaneamente, o que tinha que fazer, oferecer uma trégua, uma aliança que não poderia romper-se.

Aed passou uma noite miserável, mas com a alvorada, os mensageiros foram enviados às muralhas de Dublin. O Lobo esteve de acordo em encontrar-se com Aed, e um Niall infeliz foi enviado a Tara para trazer sua irmã Erin para ver seu pai. O Ard-Righ tinha conseguido sua aliança.

Erin provou cada truque feminino que sabia durante a viagem com seu irmão, desde xavecar e enrolar até ficar furiosa e rogar.

Quando tudo falhou, tentou com as lágrimas, mas nem com esse isso pôde tirar de Niall uma explicação.

Tinha-lhe ordenado que viajasse como uma princesa, e o grupo que se preparou para Dublin eram impressionantes.

As sedas mais finas e os melhores cetins adornavam aos homens, assim como às senhoras. Inclusive os cavalos estavam vestidos com adornos de seda e ornamentação de ouro e prata. O esplêndido manto de Erin, da cor índiga mais profunda, resplandecia desde seus ombros, formando suaves dobras que caíam por cima dos quadris de seu cavalo. Estava adornada com uma raposa branca como a neve de inverno, e contra a pele seu cabelo caía formando ondas que brilhavam como a asa de um corvo. Estava aterrada, e, devido a seu medo, mantinha seu queixo bem alto.

Com as bochechas rosadas pelo fresco ar e os olhos brilhando com dignidade e cautela, Niall de Ulster jamais tinha visto sua irmã Erin mais formosa.

A sensação de traição era muito clara, mas devido tanto a sua lealdade e respeito a seu pai como à certeza de que o compromisso levado a cabo pelo Aed era perfeito, estava se forçando para manter o segredo.

Não duvidava, nem por um segundo, que Erin tentaria escapar se tivesse o mínimo pressentimento de qual ia ser seu destino.

— Niall? — Sua voz irrompeu em seus pensamentos. O som suave e sedutor lhe fez saber que ia ser vítima de outra sessão de perguntas.

— Sim, Erin?

— Por favor, Niall, se tiver algum problema com papai, viajarei muito melhor se for consciente do que acontece! Oh, Niall...

— Erin — mentiu Niall — eu sou só o mensageiro do pai. De verdade que não sei por que te convocou. Sinto muito, Erin.

Eu sinto mais do que jamais saberá irmãzinha. Pensou tristemente. Oxalá fossemos somente crianças e somente fosse ser castigada por alguma tolice...

A viagem durou vários dias, mas apesar do tamanho da comitiva, que incluía cem homens armados devido à óbvia riqueza e importância do grupo, encontraram o entusiasmo da hospitalidade irlandesa e as leis de hospitalidade Brehon nos povos onde descansavam.

A Erin sempre lhe destinavam o melhor quarto da estalagem ou na casa do chefe do povo.

Foram alimentados muito bem e entretidos com entusiasmo, inclusive nas comunidades mais pobres.

Ao aproximar-se do acampamento irlandês, situado ante Dublin, Erin sentiu como os estremecimentos, com os quais ela tinha aprendido a

viver os últimos dias, aumentavam até se tornarem calafrios incontroláveis.

Tentou raciocinar consigo mesma, dizendo-se repetidamente que ela era a favorita de seu pai.

Se ele sabia algo de sua dupla vida, poderia lhe gritar durante horas, mas, que mais podia fazer ele, em realidade? Era absurdo ter medo, o que tinha feito não era tão terrível, era honrado, e ela o contaria ao pai, com dignidade. Depois rogaria e choraria, pedindo seu perdão e compreensão.

Ele a ameaçaria encerrar em um convento, ou unindo-a em matrimônio a algum rei poderoso, mas repulsivo, mas ele nunca levaria ao fim tal ameaça. Depois de tudo, ela tinha sido a Guerreira Dourada e tinha protegido Tara, quando as tropas de seu pai estavam ocupadas enfrentando à ameaça viking.

Erin empalideceu, ao dar-se conta de que todos seus raciocínios não mudavam o fato de que Aed devia estar furioso para convocá-la, quando ele ainda se mantinha perto das muralhas de Dublin.

E então sentiu uma fúria rebelde em si mesma, Niall tinha resmungado algo sobre uma trégua que ia ser declarada ante as mesmas muralhas que protegiam ao cão Norueguês.

Perdeu o fio de todo pensamento quando, ao chegar ao topo de uma colina, viu a cidade.

No campo ao redor da muralha, o número de tendas dos irlandeses parecia interminável. Mas foi a vista, além da muralha, que a aturdiu. Dublin era enorme, muito maior que o espaço que ocupavam as casas. De sua posição privilegiada, Erin podia ver os magníficos edifícios dentro dos limites, edifícios que combinavam madeira, belamente esculpida, e pedra.

— Papai quer te ver imediatamente — disse Niall bruscamente, enquanto dirigia seu cavalo para frente. A comitiva de Erin lhe seguiu automaticamente.

Passaram por diante das casas, das tendas dos nobres e de seus servos, e Erin inclinava a cabeça cada vez que algum dos homens a saudava ao passar, os quais, de vez em quando, aclamavam Niall de Ulster e à filha de Aed.

Erin tentava sorrir, mas na realidade, a única coisa que gostaria de fazer era voltar, rapidamente, com seu cavalo e partir. Queria encontrar sua irmã Bede, confessar tudo à religiosa, e suplicar que Bede pedisse ajuda a Deus para que a fizesse desaparecer, por arte de magia.

A tenda de seu pai estava instalada numa parte separada dos outros. Deu-se conta quando chegaram à entrada, que Niall e ela montavam a sós.

Puxou as rédeas de seu cavalo. para que parasse e desmontou para ajudá-la a fazer o mesmo.

Erin se encontrou com os olhos de seu irmão, e a dor que leu neles lhe infundiu pânico de novo. Pai, ele sabe, ele deve sabê-lo, o que outra coisa poderia ser? Certos pensamentos lhe invadiram a mente. Ela tinha desafiado uma ordem direta...

Ocorreu-lhe, então que se encontrava mais perto de seu maior inimigo do que nunca tinha estado.

Eu sou a que foi traída, ela pensou. O exercito de meu pai está posicionado nos portões do Lobo e não fazem nada para aniquilá-lo e as suas forças armadas da face da terra.

Fechou os olhos e, por um segundo, visualizou aquele dia no rio. Se tão somente tivesse atravessado seu pescoço com a espada...

Outra onda de pânico a atravessou quando se perguntou se veria o mesmo Lobo de novo. Lembraria dela? Era possível. Tinha-lhe ameaçado e humilhado enquanto estava ferido, e, além disso, tinha aumentado bastante sua dor ao escapar dele.

Ela tragou a saliva, com dificuldade, e arrumou seu elegante manto. Não, ela não teria que enfrentar-se com o Lobo. Fossem quais fossem as tréguas estabelecidas. Certamente Aed não se sentaria à mesa com um animal. E fosse como fosse, a fúria de Aed, não esperaria que ela fizesse o papel de anfitriã para os bárbaros.

— Entra — disse Niall brandamente.

— Não vem comigo, Niall? — perguntou-lhe.

— Papai deseja te ver a sós.

Com esse comentário como despedida, Niall montou de novo seu cavalo. Erin deixou escapar um profundo suspiro, fazendo planos de última hora, desesperadamente.

Devia comportar-se desde o começo humildemente ou devia mostrar-se zangada porque seu pai a tivesse separado de sua mãe e seu lar, trazendo-a tão perto da muralha viking?

Agachou-se para entrar na tenda e depois fez uma pausa. Possivelmente pela primeira vez, viu seu pai tal como outros o viam. Ele estava sentado em uma cadeira estudando pergaminhos. Seu manto de cor violeta profunda lhe envolvia até tocar terra. Seu rosto, concentrado, parecia feroz. A mão que descansava sobre seus joelhos era grande e forte. Elevou o olhar para observá-la, e de repente pensou que nunca tinha conhecido nos olhos de seu pai, um olhar tão seco.

— Erin — disse simplesmente.

Jamais me tinha falado assim, pensou ela, sentindo-se como se seu coração tivesse deixado de pulsar, momentaneamente. Algo ia mal, terrivelmente mal. Aed era seu pai. E não veria a parte positiva de seu

papel como Guerreira Dourada, ou simplesmente pensaria que ela tinha desobedecido tanto a ele como às leis do país, as leis Adamnan Cain.

Se ela não estivesse tremendo tanto, se estivessem em Tara e não diante da muralha da fortaleza viking, ela teria caminhado para ele, teria lhe abraçado e beijado, e teria tentado diminuir a gravidade da situação.

Não, inclusive em Tara ela não teria podido fazer isso, não com esta tensão terrível entre eles! Erin baixou seus olhos, sentindo que seu coração pulsava de novo, muito forte, muito rápido. Inclinou a cabeça da forma mais humilde, elegante e profunda que sabia, para mostrar respeito.

— Humildemente te peço perdão, meu pai e senhor.

— Por quê? — os olhos que tinham estado tão gelados brilharam devido à confusão, durante um instante.

— Não sabe, pensou Erin, temendo deprimir-se pelo alívio. Assim nada do que tinha feito podia ser tão terrível para ele convocá-la.

Manteve o olhar baixo.

— Seja o que foi aquilo que te ofendeu, Pai — disse ela gravemente.

Ele ajustou sua armadura, incomodamente, e afastou seu olhar para observar seu pergaminho.

— Não me ofendeste — disse Aed, inexpressivamente. — Convoquei-te porque tratei seu matrimônio.

Erin franziu as sobrancelhas. Se ela não estava com problemas, então teria todo o direito de estar indignada.

— Mas, Pai...

— Nenhum, mas, senhorita — rugiu Aed de repente — fui generoso e indulgente contigo, filha, por muito tempo.

Ela ainda poderia discutir com ele, a menos que, claro, o nobre fosse de seu gosto. Fennen? É obvio! Deixou-se levar por seus pensamentos e seus sonhos na colina, ali em pé diante do Aed, inclusive quase sorrindo. Possivelmente era, finalmente, um tempo para a paz, o momento de examinar seus sentimentos por Fennen.

Sim, decidiu, casaria-se, mas só se o homem fosse Fennen. De repente deu-se conta de que Aed tinha outro homem em mente. Por que a convocaria em um campo de batalha para casá-la com um homem que ela conhecia há anos? Ela elevou o olhar e enfrentou Aed, com renovadas energias.

— Entendo os deveres de uma princesa, Pai, e, tal como você ordena, eu me casarei. Mas acredito que devo lhe recordar Pai, que só posso me casar com o homem que eu escolha. Se tiver decidido me casar com Fennen...

Aed fez um gesto com seu braço, impacientemente, e interrompeu seu discurso.

— Não é Fennen MacCormac. Tratei-o com Olaf, o Branco. Amanhã dirá seus votos, antes do crepúsculo.

— O que?

O sangue abandonou sua face. Erin se sentiu como se tivessem lhe atirado um balde de água gelada.

— Já me ouviu!— Aed Finnlaith estava rugindo, porque não podia suportar a estupefação pela sua traição. —Amanhã te casará com Olaf. Os contratos se estabeleceram, chegou-se a um acordo.

— Pai! Não! Não pode me fazer isto! Sabe quanto desprezo aos vikings, quanto detesto a Olaf, o Branco. — Erin começou a tremer. Tinha tentado convencer-se de que tudo era uma brincadeira, que não podia ser verdade, mas era, podia ver dentro dos olhos de seu pai. — Não o farei!

— disse firmemente, tratando de parar de tremer.

— O fará — ele era inflexível.

Por fim pôde mover as pernas. Atirou-se aos seus pés, procurando tocar suas mãos. Ajoelhou-se.

—Pai, por favor, não posso. Ele é um bárbaro! Não pode ser capaz de dar seu próprio sangue a um animal do norte! O Lobo da Noruega! O Cão da Noruega! Não pode, Pai! Case-me com Fennen, casarei-me com qualquer um, entrarei para um convento, tudo, exceto me casar com norueguês que massacrou a minha família! Pai, nós somos irlandeses. As leis do Brehon... Nossas leis... Protegem às mulheres...

— E também declaram que as filhas devem obediência aos seus pais — Ele nem sequer a olhava. Permaneceu imóvel, com seus olhos fixos no pergaminho.

— Papai! — ela gritou — Não entende? Não posso fazer isto, antes prefiro morrer! Não direi às palavras que devo responder! — Ele continuava sem olhá-la. Ela estalou nas lágrimas. — OH, por favor, Papai, por favor! Desabou-se sobre seus joelhos, soluçando histericamente. Ele nunca tinha podido ignorar minhas lágrimas antes, pensou amargamente, mas agora, que eram reais, ele se mantinha tão frio como aço.

— Não entende — ofegou ela, ao pensar que teria que enfrentar-se com Olaf, o Branco. Provavelmente ele a mataria, ou encontraria uma maneira de fazer de sua vida uma tortura interminável.

Notou, de repente, que a porta da tenda se abrindo e dois guerreiros corpulentos que ela não conhecia entraram. Seu pai elevou uma mão, ligeiramente, e eles se aproximaram.

— Se assegurem que fique encerrada. — disse Aed brandamente.

Os guerreiros tentaram agarrá-la, mas Erin se sacudiu, furiosamente, ficando de pé, enquanto elevava o queixo orgulhosamente. Não era nenhuma brincadeira, nenhum sonho. O pai que ela tinha adorado durante toda sua vida, estava lançando-a friamente ao inimigo.

Ela nunca pensou que Aed ofereceria sequer a mais inferior prostituta irlandesa a um viking, mas ali estava ele, oferecendo a sua própria filha. E ela não podia fazer nada. Ele tinha criado um escudo inquebrável ao seu redor.

— Não me toquem — disse a seus guardas pessoais, enquanto colocava o manto — Sou bastante capaz de andar sozinha. — Ela precedeu aos homens que tinham a cabeça inclinada, fazendo uma pausa à saída para lhe dizer. — Eu lhe digo isso. Não me casarei com o Viking. Tente me obrigar a fazê-lo e montarei uma cena que fará empalidecer ao guerreiro mais curtido.

Aed ainda não a olhava.

— Eu sou o Ard-Righ — disse em voz baixa, olhando para frente. — Sou seu pai, e tudo o que posso fazer é advertir que te provocar dor só causa agonia dentro de mim, mas o que faço agora está sendo feito porque é meu dever. Pela Irlanda. Pelo país. Ele é mais importante que você ou que eu, Erin. E pela terra, e pelos séculos e pessoas vindouras, você te converterá na esposa do Lobo da Noruega.

Erin se voltou, tentando não tremer, nem chorar de novo frente aos homens. Caminhou, regamente, entre eles enquanto a conduziam da tenda de seu pai a uma segunda tenda, um pouco mais à frente, no bosque.

Havia mais guardas ao redor da tenda. Dispersou, com um movimento de mão, o homem que a conduzia e fechou a entrada da tenda. Só então começou a tremer.

— Erin?

Bede a esperava dentro da tenda, seus olhos desprendendo amor e compaixão. Erin caiu em lágrimas, uma vez mais, e se refugiou nos braços de sua irmã.

— Oh, Bede — soluçou, pateticamente — Papai... Ele... Olaf...

— Sei — Bede tentou acalmá-la, acariciando sua longa cabeleira — Shh, tranqüila, Erin...

Erin seguiu soluçando. Os tremores de sua irmã rasgavam o coração de Bede. Mas não foi até que ela parou de chorar, que se deu conta de que ela mesma estava tremendo.

Subitamente calma, com seus preciosos e imensos olhos, tão brilhantes como uma pedra preciosa, Erin sussurrou, rancorosamente:

— Não o farei, Bede. Não me casarei com ele, e ninguém pode me obrigar a isso. Podem pôr uma faca em minha garganta porque nem sequer então o farei. — Erin ficou de pé e começou a caminhar pela tenda, nervosamente. — Chamarei um Brehon para falar de meu caso.

Bede sabia que Erin falava a sério, o que a fez tremer. O olhar no rosto de sua irmã era mas que frio.

— Erin — a interrompeu brandamente — nunca encontrará um Brehon que aceite seu caso contra o Ard-Righ. E eu ouvi que, embora o Lobo seja um lutador feroz, é um bom homem. Niall me disse que sua residência é a mais formosa que ele jamais viu. Olaf jurou que você receberá o respeito que merece uma princesa de Tara. De verdade, Erin, não será tão mau. Eu ficarei algum tempo contigo, e terá as suas senhoras. E muitas famílias irlandesas estão do outro lado da muralha. Nossos arquitetos desejam estudar o método que utilizam os nórdicos para construir. E ele é um homem magnífico, segundo eles. Seus dentes estão sãos, nenhuma cicatriz de varíola danifica seu rosto. Ele será amável.

Erin começou a rir de tal forma, que Bede se aterrorizou. Amável! Com ela! O homem nunca, nunca nem em mil anos, seria amável com ela. Não é que lhe importasse, porque ela o odiaria até a morte.

Deveria tê-lo matado quando tive a oportunidade, pensou furiosa consigo mesma.

Então teve uma revelação. Possivelmente se falasse com seu pai sobre o encontro nos bosques, Aed compreenderia que a estava entregando a um animal.

Não, dizer-lhe isso só aumentaria a determinação de Aed para que se casasse como planejou. Seu coração se endureceu contra ela e tudo no que ele pensava era em seu precioso país.

— Deveria te deitar e descansar, Erin — murmurou Bede, interrompendo a batalha que se produzia no interior do Erin.

Erin olhou a sua irmã.

—Não vou me casar com ele, Bede. Vou escapar esta noite. Já dei bastante às pessoas e ao país — disse ela, amargamente, fazendo que Bede franzisse o cenho.

— Erin, como escapará? Há guardas ao redor da tenda...

—Há pessoas que me ajudariam — disse Erin —. Quando for de noite, escaparei. Tenho minha espada entre minhas coisas, e sei usá-la.

Bede estava assustada, mas mais que isso, estava angustiada, tanto pelo estado mental de Erin, como pelas consequências que acarretariam uma fuga.

—Bom, irmã, — disse — se quer escapar, deverá comer. Vou conseguir um completo e nutritivo jantar.

Erin a olhou, seus olhos, brilhando de alegria de repente.

— Tem razão, Bede, vou necessitar de todas as minhas forças! Olhe e veja se também pode conseguir um pouco de pão e carne seca extra. Não sei quanto tempo terei que cavalgar.

Bede sentiu uma pontada terrível de culpa, mas ela assentiu e sorriu.

—Voltarei em seguida.

Bede deixou Erin e se dirigiu para a tenda de seu pai. Ele estava reunido com Niall e alguns pequenos reis de Ulster, mas assim que ele viu sua expressão preocupada, pediu que os deixassem a sós.

— Pai — disse Bede com ansiedade — Eu estou preocupada com Erin, muito preocupada. Está convencida de que não se casará com o viking, quer tentar escapar esta noite. Estou segura que falhará Pai, mas isso me assusta. Eu acredito que ela preferiria morrer, inclusive no altar, para escapar de tudo isto.

A dor que se refletiu nos olhos de Aed, deixou Bede ficasse sem respiração. Apoiou um braço ao redor de seus ombros, consciente da sua dor.

— Algum dia te perdoará, Pai.

— Será? — Aed deu palmadinhas em sua mão, distraidamente, e depois agitou sua cabeça. — Se tão somente fosse razoável... — Enrugou a testa em um gesto desesperado. — Sabe o que é estranho, Bede? Eu confio nele muito mais que na maioria de meus próprios generais. Ele é um homem honrado.

Bede não disse nada, mas permaneceu de pé em silêncio.

Aed suspirou, fatigado.

—Sejam quais forem seus sentimentos, deve casar-se com Olaf — Fez uma pausa, como perdido em seus próprios pensamentos e depois disse.

— Fique aqui. Mergwin está em alguma parte do bosque. Estarei de volta em seguida.

—Disse a Erin que lhe traria algo que comer e algo para levar quando escapasse — disse Bede, nervosamente.

Aed cabeceou, chamou um guarda e o enviou em busca de provisões. Desapareceu, deixando Bede caminhando nervosamente pela tenda. Ela odiava decepcionar e machucar Erin. Mas igual ao seu pai, Bede tinha a capacidade para esquecer o pessoal e pensar no bem de outros.

Era um milagre que tivesse se estabelecido uma trégua entre os vikings e os irlandeses. Possivelmente, seria um milagre que não duraria. Ainda ficavam muitos grupos de dinamarqueses que se consideravam fora da lei, igual a vikings e suecos, que morreriam antes de trocar seus costumes. Mas com o tempo, inumeráveis pessoas teriam que viver e aceitar que as forças de seu pai e Olaf se uniram.

Aed voltou silenciosamente e entregou a Bede um diminuto frasco cheio de pós.

—Com a metade, dormirá toda a noite. Levantaré dócil. Ocupe-se de que ela tome um quarto mais pela manhã e outro antes do crepúsculo. Entendeste?

Bede fez uma careta de dor, mas assentiu.

Estou acordada, pensou Erin. Mas a verdade é que ela não estava realmente acordada, tinha que estar sonhando. A luz transpassava a

tenda quando, em realidade, teria que estar escuro. E ela devia estar sonhando enquanto dormia, porque Bede deveria havê-la despertado há tempo, se já era dia.

Se tudo era um sonho, porque as coisas ao seu redor estavam confusas? Tentou sentar-se, mas a névoa não desapareceu. Bede estava em seu sonho. Estava de pé diante dela.

— Trouxe algo para o café da manhã, Erin. Come tudo — Erin a obedeceu. Era um sonho, já que tudo o que lhe pediam, ela o fazia.

Era um sonho maravilhoso. Não se sentia débil, mas se sentia no ar — Beba o hidromel, Erin, deve beber o hidromel — lhe pediu Bede e ela o bebeu.

Depois apareceram mais mulheres ao lado de Bede. Ela lhes sorriu, porque todas eram muito amáveis. Uma delas começou a lhe pentear e a carícia era muito agradável e suave... Ela não tinha que fazer nada mais que desfrutar da maravilhosa sensação. Ajudaram-na a lavar-se, cobriram-na de seda e a fizeram sentir maravilhosa enquanto se ocupavam de sua pele.

Seu pai entrou na tenda e durante um minuto, franziu o cenho. Estava zangada com seu pai. Ele não deveria ter estado em seu bonito sonho. Depois seu rosto relaxou. Ela amava seu pai, assim não podia estar realmente zangada com ele. Além disso, estava-lhe olhando tão preocupadamente...

Sorriu e estendeu sua mão para ele. Ele a tomou e caminharam juntos.

— Pode montar? — sussurrou Aed.

— Sim.

Era estranho que duvidasse de sua habilidade para montar, pensou Erin enquanto ouvia seu pai e a sua irmã falarem aos sussuros.

— É óbvio que posso montar — assegurou, com um sorriso. Sua voz soou tão divertida... Ela quase nem sentia o cavalo embaixo dela. A sensação era tão parecida com flutuar...

Logo descobriu que seu sonho se tornou mais e mais fascinante.

Estava em uma linda sala de pedra com os mais bonitos adornos. E havia muita, muita gente.

Não paravam de lhe sorrir, e ela lhes devolvia o sorriso. Era uma festa, uma maravilhosa festa. Todo mundo parecia muito feliz.

Caminhou enquanto era conduzida ao princípio da sala. Seu pai lhe soltou a mão, mas isso não lhe preocupou porque outra mão, firme e forte, agarrou a sua.

E Bede continuava com ela. Um pequeno homem, muito divertido, que se vestia como um monge, estava dizendo coisas, e Bede lhe sussurrava que devia repetir essas palavras.

Erin teve que se concentrar para não rir, porque era muito engraçado que Bede e toda essa gente estivessem brincando com o padre.

Mas logo viu que havia dito as palavras adequadas porque, de repente, todo mundo estava gritando muito feliz.

Erin sorriu feliz por lhes haver agradado. Olhou à mão que sujeitava a sua e pensou em como era bonita, tão forte, com dedos largos e unhas curtas e suaves, cobertas de finos cabelos que pareciam fios dourados. Elevou o olhar e seu sorriso se desvaneceu.

Olaf, o Branco, estava em seu sonho. Alto e dourado. Elegantemente embelezado com um manto escuro, sujeito em seus ombros por um broche dourado. A olhou fixamente, deixando entrever sua surpresa e a seguir com uma raiva surda que crepitava em seus olhos, como perigosas pedras preciosas. De repente ele riu zombador, e seus olhos refletiam um fogo azul. Fogo? Parecia gelo, um fogo gelado. Parecia um lobo que acabava de caçar uma presa e esperava, saboreando sua captura.

Erin se paralisou de medo, mas depois riu. Era tudo tão divertido. O lobo pensava que teria sua vingança. Não sabia que era somente um sonho...

Ele baixou sua cabeça e roçou seus lábios. Apenas se tocaram, mas a carícia foi amável e firme e a fez sentir ainda mais como se estivesse flutuando, deliciosamente, entre as nuvens. A festa começou. Havia deliciosa comida, contadores de histórias, bailarinos e os vinhos mais seletos de todo o continente...

Olaf ainda estava atordoado. Só tinha sentido raiva pela moça. Depois, a justiça irônica da situação lhe tinha feito rir, com o mais grato dos prazeres. Era incrível que lhe tivessem dado como esposa justamente a essa irlandesa. Ou talvez não. No bosque ela não tinha parado de lhe dizer que o estava levando para ver "seu pai".

Que outra coisa podia ser, além de uma princesa irlandesa? Divertia-lhe a raiva que gerava nele, pelo interesse. Deu-se conta de que ela ocupava seus pensamentos, inclusive quando estava trabalhando com seus generais ou seus construtores. Ver-lhe tinha esquentado o sangue que corria em suas veias, já que o fazia recordar como tinha feito dobrar-se pela dor, naquele dia, ao golpeá-lo.

Tinha essa pequena puta em suas mãos...

Haveria um ajuste de contas. Por todos os deuses que haveria. Mas seria rápido. Ele não queria nenhuma guerra com os irlandeses, nem sequer com a cadela que tinha tomado por esposa e que tanto lhe desprezava. Era um alívio voltar a sentir, poder esquecer a dor de sua perda por um momento.

Mas a indiferença que se converteu em uma parte de si mesmo voltou. Faria o que fosse necessário para convertê-la na anfitriã que necessitava em sua casa, mas nada mais.

A deixaria sozinha, garantindo tudo o que tinha prometido ao seu pai. Seu ódio seria bem-vindo, desde que o guardasse para si mesma, enquanto aceitava sua própria dor. Ela seria sua esposa, mas uma vez

que lhe fizesse dar-se conta de que não tinha esquecido tudo que lhe feito passar, ele seria feliz.

Sentia pouco interesse por ela. Apesar de tudo, seu pai, pensou objetivamente, não tinha mentido. Com toda segurança, era uma das mulheres mais bonitas que tinha visto. Tinha o cabelo escuro enquanto a mulher que tinha amado era loira, mas o matiz escuro de ébano de seu cabelo era tal, que parecia ter um estranho brilho azul.

Seus olhos, emoldurados por longos cílios, eram deslumbrantes. Os traços de seu rosto eram elegantes, delicadamente moldados, como se esculpidos segundo indicações específicas da realeza.

O violeta pálido de seu traje de cerimônia moldava sua jovem silhueta, como uma luva, e entendeu quão importante era a paz para Aed, quando lhe entregou esta ágil e curvilínea beleza.

Um rápido sorriso se desenhcou em seu rosto, enquanto a observava.

Ele poderia ser o Lobo da Noruega, mas com toda segurança, Aed era a Raposa da Irlanda.

A moça o desprezava e Olaf era bem consciente disso. A primeira vez que a tinha visto, se perguntou como Aed a tinha obrigado a casar-se com ele. Era pouco provável que Aed Finnlaith soubesse que ele, o Lobo, encontrou-se com sua filha, mas tinha certeza que a jovem se negou ao matrimônio. Parecia que o tinha feito, porque estava drogada, e a poção tinha sido bem frprie. Parecia atuar com normalidade. Mas olhando atentamente aos seus olhos esmeralda, claramente via seu estado. Mas a poção começava a deixar de fazer efeito, o que era bom. Queria que ela estivesse totalmente consciente quando falassem.

Empurrou a cadeira com o emblema esmaltado do Lobo. Em um canto afastado, vislumbrou a irmã dela, a monja. Uma jovem com uns olhos cheios de sabedoria e inteligência. Fez-lhe um gesto e esta assentiu. Um segundo mais tarde, foi em busca de Erin.

Erin olhou a sua irmã, a seguir olhou para Olaf, e nesse momento ele se deu conta que finalmente estava consciente do que havia feito. Ainda se encontrava sob os efeitos da poção, mas estava consciente.

Soltou-se de sua irmã o suficiente para lhe olhar fixamente, com seus olhos cheios de um fogo abrasador, de puro ódio.

—Cão da Noruega — vaiou — eu te desprezo. Não é outra coisa exceto um bárbaro, um animal!

Olaf apertou a mandíbula e seus olhos se voltaram da cor de gelo. O ajuste de contas seria logo.

A noiva foi conduzida para fora, momentaneamente dócil de novo. Voltou a olhá-la, sentindo como a raiva lhe percorria, depois agarrou o cálice e o apertou. Ele queria submetê-la, devolver o ódio que refletiam seus olhos.

Era o Senhor de Dublin e tinha lutado duramente para conseguir o título, e ele seria também o senhor de sua casa.

Mas depois a raiva desapareceu. A indiferença, tão típica nele ultimamente, voltou. Grenilde... Seu nome rompia seu coração.

Suspirou, ao sentir que a ira voltava. Sua esposa irlandesa era uma pequena cadela com muita determinação. Ela aprenderia que não era o tipo de homem que se podia falar com essa língua afiada. Não voltaria e lhe colocar no ridículo.

Sua raiva aumentou ainda mais, mas ao igual a seus olhos, era uma raiva fria. Uma ira calculada e controlada. Observou a sala. Era o momento, e os efeitos da poção certamente já teriam desaparecido.



CAPÍTULO 9

Como câmara nupcial, era estranhamente austera. Tinham banhado Erin com água de rosas, tinham lavado seu exuberante cabelo, até conseguir que este caísse em cachos da cor do ébano e depois a tinham vestido com uma larga túnica de seda e abandonado ali, sozinha. Nem sequer Bede tinha tentado falar. Nenhuma das damas irlandesas que a acompanhavam tinha sorrido durante o sombrio procedimento... E menos ainda brincado.

Erin se mostrou calada enquanto era preparada, com seus olhos muito abertos, enormes.

Mas agora a semente de papoula que tinha ingerido e lhe tinha impulsionado a pronunciar o suave "sim" durante a cerimônia, começava a perder seu efeito. Bede começou a rezar para que o rei guerreiro reclamasse à noiva antes que esta recuperasse todos seus sentidos.

Bede beijou rapidamente a sua irmã.

— Espero que Santa Bridget te ajude esta noite — murmurou rapidamente e depois deu um passo atrás, para deixar a câmara. Os profundos olhos esmeralda no aflito rosto de sua irmã se cravaram nela, atravessando-a. Durante um doloroso momento, Bede se agarrou com força ao dourado marco da porta.

O viking era um homem esplêndido, sim, mas era o tipo que Erin mais desprezava. Bede fez uma careta de dor, odiando ser parte daquele engano. Pobre Erin...

Ela vai querer nos esfolar vivos! Bede estremeceu ao pensar, mas depois suspirou. O destino de sua irmã não era incomum. Era o de muitas mulheres, sobretudo o de muitas princesas. Sem olhar para trás de novo, Bede fechou a porta da câmara.

O suave clique da porta tirou Erin de seu estupor. De repente, se sentiu completamente consciente, pela primeira vez em muitas horas, e quando baixou o olhar para sua túnica branca, sussurrou um feroz "Não!"

Cobriu o rosto com as mãos e estremeceu. Tinham feito. A tinham drogado, enganado para fazer o que havia jurado que nunca faria. O Lobo, o animal, era agora seu marido. Ele viria logo ao seu aposento — não o dela, mas o dele — e esperaria que o recebesse.

O matarei primeiro! Pensou, e então se acovardou, dando-se conta que ele também estaria desejoso de vingar-se por aquele dia no bosque.

Deveria haver dito ao pai, sussurrou, e o som engasgado de sua voz soou patético.

Erin fechou os olhos, tremendo, perguntando-se o que faria ele. Com toda certeza a degradaria, torturaria...

Não! Soluçou de novo, saltando de onde estava quieta como uma estátua, para lançar-se através do quarto procurando em seu enxoval até encontrar suas tesouras.

Era um sinal pensou, que o instrumento se parecesse tanto à adaga com que Bridget tinha acabado com sua própria vida. Porque agora ela, Erin, acabaria com a vida do conquistador. Ela era forte, tinha passado longas horas estudando a arte do assassinato com seus irmãos. Ele estaria esperando uma humilde e narcotizada noiva, aterrorizada por sua chegada. Teria a vantagem da surpresa, e mataria ou morreria no intento, porque ela não seria tocada por suas garras de lobo.

Empalideceu, pensando que todos os que estavam congregados, vikings e irlandeses, estariam sussurrando no hall, brincando sobre a atividade do leito nupcial. Estariam pensando que o viking a teria, que estaria suando e esforçando-se como o animal rude que era.

— Nunca! - sussurrou.

Retirou as peles e os lençóis e se meteu na cama, sustentando as tesouras firmemente contra seu peito enquanto arrumava as cobertas a seu redor. Seu coração pulsava dolorosamente, mas sabia que sua mesma antecipação a faria parecer uma aterrorizada e inocente virgem.

A porta começou a abrir-se e o forte batimento do coração em seu peito se voltou tão doloroso que mal podia respirar. Olhou fixamente enquanto ele abria a porta, mas quando seus ameaçadores olhos de um azul profundo se encontraram com os seus, ela baixou o olhar.

— Assim, irlandesa — murmurou divertido, — nos encontramos de novo.

Ela não respondeu. Apesar de seus abatidos olhos, sentiu como a olhava enquanto atravessava o quarto a grandes passadas, despojando-se de seus ornamentos de bodas. Sentou-se para tirar as botas e logo deixou seu cinto sobre o cofre de madeira. Parecia ser ordenado, colocando seu manto bordado sobre uma cadeira e dobrando suas meias e sua túnica.

A confusão se mesclou com o ressentimento. Supunha-se que os nórdicos eram uns porcos, sujos e desgrehados. Mas inclusive enquanto se movia tão meticulosamente, ela notou de novo uma fragrância de sândalo mesclada com um aroma masculino que não resultava de todo desagradável. É o inimigo, pensou, seja limpo ou sujo.

Ele se moveu agilmente apesar de seu tamanho, e ela aterrorizada, tragou saliva ao senti-lo nú junto a ela.

Seu coração pulsava tão forte que não podia acreditar que ele não ouvisse. Estava olhando fixamente para ela, mas não se sentia capaz de elevar seus olhos para encontrar os dele. Podia vê-lo entre seus cílios, seu torso largo, sua magra cintura e seu abdômen duro, seus quadris...

Tudo nele indicava um homem em plena forma. Os finos cachos dourados que se estendiam por seu peito se interrompiam ali para aparecer de novo mais embaixo, criando um ninho para um membro que parecia assustador, forte, pulsantel.

Ele morrerá, pensou. Encontraria seu coração, seu centro vital, e então todos seus magníficos músculos e força não significariam nada, quando se afogasse em seu próprio sangue.

Se sua mente não tivesse estado ocupada com a idéia de matá-lo, não teria podido suportar o momento. Estava certa de que ele tentaria vingar-se. Ele acreditava em seu poder, e utilizaria esse poder sobre ela. A golpearia, a faria pagar o humilhante tributo por aquilo que aconteceu nos bosques.

— Me olhe! — ordenou.

Ela se forçou para elevar seus olhos. Ele os olhou fixamente por um momento com um semblante duro e inescrutável. Depois esboçou um sorriso zombador que não alcançou ao gelo de seus implacáveis e ameaçadores olhos.

Foi esse olhar que a fez tremer. Um olhar desprovido de emoções. Ele não sentia nada por ela. Não, pensou, acredita que estou me encolhendo de medo. Não sabe que é ele quem pagará esta noite.

Ainda assim estremeceu porque sabia que devia esperar e não gostava daquele estranho e desdenhoso brilho em seus olhos, enquanto se aproximava e engatinhava sobre as cobertas para colocar-se em cima dela. Manteve seus olhos fixos nos dele, com um desafiante ódio, enquanto ele ficava escarranchado, colocando uma mão de cada lado de sua cabeça, sem deixar de olhá-la. Agora, meu senhor viking, pensou, te aproxime duas polegadas mais e poderá sentir minha lança atravessar seu coração.

Ele manteve seu malévolo sorriso, enquanto se aproximava cada vez mais. Agora, pensou Erin. Mas o tamborilar em seu peito a estava fazendo tremer. Sentiu seu peso sobre ela, seu calor. Ouviu os batimentos do próprio coração. Estava tremendamente consciente dos musculosos braços que cercavam sua cabeça e perdeu o controle. Suas mãos se umedeceram e as tesouras escorregaram de seus dedos.

O Lobo atacou. Sentado de novo sobre seus quadris, moveu sua mão direita em um poderoso golpe sobre suas mãos escondidas. Ela ofegou quando as cobertas caíram — e as tesouras voaram inofensivamente sobre o frio chão de pedra.

—Se não tivesse perdido a coragem, irlandesa — disse friamente — seu leito conjugal estaria agora tingido com o sangue de sua jugular.

Não foi coragem que a manteve silenciosa nesse momento, a não ser o atordoamento. Seus olhos continuaram fixos nos seus, o ódio brilhando através deles, sem pensar na decepção.

Não teve medo pelo que ele pudesse fazer e agiu rapidamente.

Uma vez mais lhe assombrou o fato de que um homem tão grande pudesse se mover tão agilmente. Enquanto ele apartava os cobertores da cama, ela se deu conta do que estava completamente nú, e parecia ainda mais ameaçador do que vestido. Podia-se ver cada músculo, o poder que irradiava seu bronzeado corpo era inclusive mais arrepiante já que este era totalmente físico. O corpo nú de qualquer homem a teria paralisado, o seu lhe impedia de respirar e convertia seu corpo em gelatina.

—Ahhh... Murmurou ele com um tom mortalmente tranqüilo, enquanto a examinava na cama com suas mãos nos quadris. — O brilho dos olhos da assassina pede agora clemência! Doce e inocente... Cadela irlandesa!— Seu grande punho se disparou e agarrou suas mãos.

Meu deus, não, ela não suplicaria misericórdia, mas quando ele a obrigou a levantar-se da cama, não pôde deter um grito de dor e medo.

— Te matarei, bastardo viking! — gritou, enquanto tentava se soltar.

Teria suportado melhor se a tivesse golpeado em vez de rir. Mas antes que pudesse dizer nada, sua outra mão se moveu para seu decote e rasgou sua túnica branca com um só puxão.

Ele a soltou então, deu um passo para trás e se inclinou, lento e zombeteiro.

—Se me permitir isso, senhora, —disse sardonicamente, — verei a mercadoria que o senhor seu pai me ofereceu. Não quero ser extorquido. Erin ficou paralisada pela humilhação, mas se arrumou para continuar de pé, com a cabeça bem alta e o olhar desafiante. Mordeu o lábio enquanto ele procedia com sua lenta e insultante inspeção. Seu olhar de cor safira descansou primeiro em seus seios e deslizou a por sua cintura, mais abaixo na sombra entre suas coxas e finalmente através de toda a longitude de suas pernas. Seus frios olhos voltaram para os seus, aquele terrível sorriso zombador em seus lábios.

Durante um momento de loucura, esteve tentada de lhe perguntar se lhe agradava o que tinha visto.

Depois de ver como arqueava uma de suas douradas e espessas sobrancelhas, com um gesto de desdém, lhe fez um nó na garganta que impediu de falar. Quando pôde, conseguiu com muita dificuldade fazê-lo, num um tom que refletia ironia:

— Espero, senhor pirata do mar que tenham achado o acordo justo. Os irlandeses se orgulham de suas leis e sua justiça. Pode estar seguro de que meu pai nunca romperia um compromisso.

Ele riu de novo. Então, de repente sua risada cessou, inclusive seu sorriso zombador desapareceu. Teria jurado ver um momentâneo brilho de dor em seus olhos, que logo tinha desaparecido. Parecia duro e desumano, e totalmente sem misericórdia. Apertou os dentes fortemente, deixando sair um grunhido que parecia o de um lobo.

Sem se importar com o que ocorresse, Erin tinha jurado que não lhe mostraria nenhum temor, nem choraria. Mas quando ele avançou ameaçadoramente para ela, foi consciente de sua tremenda masculinidade e se deixou levar pelo pânico.

Nesse momento toda sua resolução e orgulho se esvaíram. Tão somente pôde pensar em sua própria sobrevivência. Dando um grito, deu a volta e fugiu sem saber para onde.

Não ouviu, nem sequer o sentiu mover-se, mas de repente seus dedos se fecharam sobre seu braço. Súbitamente se encontrou entre seus braços, pressionada contra a longitude de seu duro corpo. Lutou, tentando livrar-se, mas horrorizada se deu conta de que só conseguia sentir-se mais consciente de seu sexo esfregando-se contra seu estômago e do encrespado pêlo dourado que fazia cócegas e fazia arder seus peitos.

Agarrou-a pelos ombros e entrelaçou seus dedos em seus suaves cachos, forçando-a a inclinar a cabeça para trás e encontrar seus agora chamejantes olhos.

—Agora tem um pouco de medo de seu conquistador, cadela irlandesa, — vaiou em seu ouvido, tão perto que seu corpo, frouxo pelo terror, estremeceu-se convulsivamente—. Está bem que tenha medo, esposa, porque te prometo que todas as minhas lanças são fortes e implacáveis. Foi jogada contra a cama, tão fortemente que ficou aturdida.

—Mas violar, minha querida esposa —, cuspiu, elevando-se rigidamente sobre ela e tremendo devido a uma profunda emoção que ela não chegava a entender, — é algo que não precisa temer esta noite. Pensou que estaria tão louco de desejo por seu precioso corpo virginal? Não, esposa, não há nada desejável em uma fria assassina. Não tem nada para me oferecer!

Ele se voltou de repente. Aturdida e insultada, Erin não pôde fazer nada mais que olhar fixamente suas largas costas, sentindo como sua cabeça dava voltas, como se a tivesse golpeado. Olaf olhou fixamente o fogo durante vários segundos, durante os quais Erin reuniu forças suficientes para arrastar-se, cautelosamente, para o lado mais distante da cama, onde se cobriu com as mantas.

Quando finalmente se voltou, acariciou sua barba distraidamente, em seus lábios um sorriso ameaçador.

—Embora a verdade é que deveria temer algo mais que uma simples violação, minha senhora. Certamente te pergunta se estou pretendendo me vingar. Com o que me ameaçou naquele dia?

Apartou as mantas que a cobriam, para que pudesse esconder o tremor de seu corpo. Seu mordaz sorriso estava tão perto de seus lábios que podia ver as veias pulsando em sua garganta.

Teve que se esforçar para não gritar quando ele a tocou, levemente e com um só dedo, riscando uma linha de fogo ao longo de sua garganta

até seus seios e daí, para seu estômago. Apertou os dentes ao sentir seu bronzeado dedo na brancura de sua coxa.

— Acredito que mencionou algo sobre assar minha masculinidade diante de meus próprios olhos?

Seu tom era quase educado. Mas tampouco lhe escapou que era mortífero. Teve que lutar duramente para não apartar o olhar, para não apertar os joelhos contra o peito, em um esforço para evitar a marca ardente que seu dedo desenhava em sua pele.

— Bom, minha esposa — disse, quase distraído, —isso é algo que dificilmente poderia te fazer, embora quisesse.

Com um ágil movimento, ele se afastou dela, lançando, desdenhosamente, as mantas para que se cobrisse de novo. Olaf afastou-se alguns passos e permaneceu em silêncio enquanto a contemplava, ainda em estado de choque e tremendo, com a cabeça dando voltas. Mas quando ele se aproximou de novo, toda emoção tinha desaparecido. Parecia cansado, apenas consciente de sua presença.

—Não te guardo rancor —, disse ele, fatigadamente, apartando do rosto uma mecha do dourado cabelo, com um gesto distraído—. Não procuro vingança pelo modo como me tratou no rio. Não me cause nenhum problema, esposa, e terá uma vida tranquila. Mas advirto agora, sou o senhor deste castelo, um viking se o preferir, e se me desafiar, será tratada duramente. Não tolerarei a mínima oposição. Ficou claro?

Ela ficou olhando-o longamente, então assentiu devagar. Não tinha outra opção nesse momento. Jamais será meu senhor, viking, pensou. No momento não lhe importava fingir submissão.

Olaf lhe deu as costas de novo, como se já não o interessasse, ignorando-a. Apagou as luminárias de azeite e voltou para a cama, deitando e lhe dando as costas.

Assombrada pelo inesperado dos acontecimentos, Erin permaneceu em seu canto, longe dele. Não estava morto e tampouco tinha tentado violá-la.

Se não o odiasse tanto devia se sentir insultada, então compreendeu que tinha sido insultada. Olaf a tinha comparado com sua amante viking e tinha saído perdendo.

Bem! Graças a Deus! Ela não seria o recipiente de seus bárbaros desejos. De todas formas, era estranho que suas palavras pudessem lhe fazer sentir humilhada e desprezada, aumentando seu ódio.

Permaneceu sentada na escuridão, iluminada pelas chamas do fogo durante um tempo que lhe pareceu interminável.

Então escutou a leve respiração dele. Passaram por sua mente imagens de como a tinha tirado a força da cama, tinha-a despido e sacudido, como se ela não fosse nada.

Apertou fortemente os dentes para lutar contra as lágrimas de mortificação que ameaçavam sair de seus olhos. Não podia suportá-lo, simplesmente não podia.

Ele esperava que dormisse ao seu lado, que cumprisse suas ordens, que fosse sua vassala, como se devesse agir como um cãozinho. Como podia seu pai lhe fazer isto?

Jogou um olhar ao homem que estava ao seu lado. Dormia tranqüilamente, enquanto ela suportava a tortura. Mordendo o lábio inferior, para impedir que as lágrimas fluíssem, se voltou, e seu olhar topou com as tesouras, que brilhavam na luz do fogo.

Erin cobriu o rosto com as mãos. Nem sequer era capaz de assassinar um viking, lhe apunhalando pelas costas. Mas queria ter as tesouras perto. Se tentasse tocá-la de novo, humilhá-la com sua grande força, atacaria. Não falharia uma segunda vez.

Olhou de novo os largos e bronzeados ombros do homem que tanto desprezava.

Subiam e desciam, ritmicamente. Com muito cuidado se moveu, levantando-se da cama, pouco a pouco, e andou nas pontas dos pés pelo frio chão de pedra para onde estavam as tesouras. Agachou-se e às recolheu.

Sua voz soou como um látego por cima de seu ombro, quando seus dedos a agarraram pelo cabelo.

—Malditos sejam os deuses, mulher, é uma estúpida.

As lágrimas brotaram de seus olhos enquanto era obrigada a ficar de pé, sujeita pelo cabelo. A dor era tão insuportável que chegou a pensar em suplicar misericórdia, mas não pôde.

Ofegou, tragou saliva e tentou cegamente lhe golpear no rosto. Ele agarrou seu braço e o torceu nas costas. Escapou-lhe um grito. Uma vez mais sentiu como era empurrada para a cama e caía sobre ela.

—Uma coisa mais, cadela irlandesa, — advertiu-lhe com o azul de seus olhos brilhando na escuridão, —e descobrirá que os vikings não tem nada contra golpear suas esposas, inclusive em sua noite de núpcias.

Esfregando a cabeça, onde estava segura de ter perdido a metade de seu cabelo, Erin se endireitou, escondendo-se na cabeceira enquanto o olhava cautelosamente.

Tinha tentado sua sorte estupidamente, e somente tinha conseguido que ele acreditasse que tinha querido apunhalá-lo pelas costas.

Mas, por alguma razão, seu insultante desdém lhe produzia uma estranha sensação de calma.

Quando se deu conta de que ambos estavam ainda nus, tentou cobrir-se de novo com as peles. Rezou para que ele interpretasse seu silêncio como submissão e retornasse à cama.

Observou sua silhueta enquanto se movia pelo quarto. Um momento mais tarde voltou para seu lado.

— Me dê suas mãos, — exigiu.

Ela compreendeu então que ia amarrá-la e se aterrou.

— Não! — Não queria que soasse como um grito, mas foi. Impacientemente, tentou fugir e o instinto superou sua inteligência e começou a lutar. Erin deu-lhe chutes, agitou os braços e tentou arranhar os olhos.

Ele a amaldiçoou, mas dominá-la não foi difícil. Bastou cair com seu peso em cima dela e, habilmente, agarrou suas mãos. O esforço, entretanto, os deixou sem fôlego. Durante um momento ficou simplesmente convexo sobre ela, seu corpo apertando o dela contra a cama. Erin voltou sua cabeça, mordendo fortemente os lábios. A barba fazia cócegas na orelha e o pescoço e podia sentir seu fôlego ali. Sentiu, com horror, como seus mamilos se endureciam ao reagir contra a pressão de seu duro e quente peito e o contato com seu encaracolado pêlo. Seus quadris estavam à mesma altura dos dela, fazendo-a dolorosamente consciente do que descansava sobre a suave e tenra carne de seus quadris.

De repente ele mudou de posição.

—Deveria ficar quieta e não lutar mais. Poderia decidir que minhas necessidades físicas superam meu aborrecimento pelas virgens frias. Faz um tempo que não estou com nenhuma mulher, mas fui conhecido por apreciar o trabalho de uma boa prostituta. Poderia me sentir tentado a te considerar uma delas. Depois de tudo, há muitos esperando ansiosamente que esta união produza um herdeiro que una as forças deste país.

Erin fechou os olhos para não ver, mas ainda assim não pôde deixar de sentir sua força. Tragou convulsivamente, estremecendo ao dar-se conta de que o pulsar entre suas coxas era cada vez mais forte.

Podia senti-lo tão claramente que era chocante. Era consciente de cada centímetro do corpo que estava em contato com o seu.

Suas mãos, antes tensas pela força, relaxaram. Ela permaneceu totalmente imóvel e sua recompensa foi outra gargalhada seca e mal-humorada.

Ele montou sobre ela escarranchado, totalmente inconsciente de que a nudez de ambos a afligia, aproximou as mãos dela e as atou cuidadosamente com um cinturão. Apertando, inclinou-se sobre ela elevando os braços para atá-la à cabeceira.

Seu estômago e quadris ficaram à altura de sua cara enquanto a atava e tragou saliva, desejando fechar os olhos, mas descobrindo que era impossível. O suave pêlo dourado sob seu umbigo roçava seu nariz enquanto ele se ocupava da tarefa e ela se encontrou tremendo de fúria e humilhação, apesar de todos seus esforços. Sentiu desfalecer de raiva e

a indignidade que sentia pela intimidade que se viram forçados a compartilhar.

Ele se moveu de novo, grunhindo enquanto apertava o nó. Seu membro ficou situado entre seus seios e uma quebra de onda de calor subiu às bochechas.

Sentia-se como aço fundido ao vermelho vivo, enquanto o mundo girava e todo se voltava negro ao seu redor. Vou desmaiar, pensou desesperadamente. Estava ardendo de fúria, humilhação e ainda lutava contra o medo que sentia. Não podia respirar. Não conseguia engolir.

Terminou sua tarefa sem lhe dirigir um único olhar, virou de costas e se ajeitou para dormir.

Já não podia deter as lágrimas, enquanto tremia de impotência e humilhação. Escorregaram silenciosamente por suas bochechas. Não se importava, a descartou como se fosse um incomôdo e agora descansava. Mas não estava dormindo. Surpreendeu-se ao ouvir seu amável tom de voz.

— Sinto que tenha me obrigado a chegar a isto. Pode ser injusto, mas não queria que acontecesse. Temo que não posso passar a noite me preocupando com uma punhalada pelas costas.

Erin pensou em suplicar, lhe dizer que não tinha pensado em apunhalá-lo pelas costas, que só queria uma arma para o caso que ele decidisse atacá-la.

Mas se abrisse a boca, ele ouviria o choro em sua voz. Depois de tudo que lhe tinha feito passar, não poderia suportar nada mais. Além disso, poderia ficar rouca suplicando e provavelmente não receberia misericórdia. Ele tinha advertido...

Havia um ar de espera sobre eles, como se ele aguardasse uma resposta. Mas Erin não deu nenhuma.

Ela ouviu um grunhido de impaciência, e depois sentiu como se acomodava. Em pouco tempo, ouviu sua respiração lenta e profunda. Dormiu de novo.

Mas Erin se manteve acordada muito, muito tempo, chorando silenciosamente. Era a noiva do Lobo, o mais poderoso rei dos vikings, e absurdamente, ela ainda era virgem, atada ao seu leito nupcial. O estranho encontro tinha deixado bem claro que seu marido se considerava senhor e chefe indiscutível. Ela ainda era virgem porque ele assim queria. E ela tinha pronunciado os votos que a convertiam em sua esposa.

De seu mais odiado inimigo.



CAPÍTULO 10

Erin despertou lentamente e sentindo-se miserável, com os braços encolhidos e doloridos. Incapacitada de se mover durante toda a noite, presa num agitado sonho e a ponto de chorar muitas vezes. De algum modo tinha conseguido agüentar até a manhã.

Num segundo, soube onde estava e em quais circunstâncias. Ainda era difícil aceitar o fato de que tudo o que tinha acontecido era real.

Viu-se empurrada a esta situação tão rapidamente que até a aceitação gerava confusão. O que faria agora?

Fechou seus olhos e logo os abriu de novo, compreendendo que seu desconforto era devido à outra razão que não o fato de que tivesse os braços atados.

Olaf, o Lobo, estava dormindo asquerosamente cômodo. Sua cabeça dourada descansava sobre suas costelas, seu braço descansando em seu estomago.

Ela estudou sua postura, perguntando-se se não poderia se mover, de alguma forma, para escapar de seu contato. Ela observou como os largos dedos de sua mão repousavam no osso de seu quadril. Possivelmente pudesse mover-se...

De repente, um pequeno formigamento na nuca fez que levantasse a vista para a loira cabeça.

O terror ruborizou seu rosto. Ele não estava dormindo, mas sim a estava olhando. Seus olhos azuis denotavam que era consciente da situação e que estava se divertindo. Erin afastou a vista rapidamente e a fixou nas cortinas da cama, enquanto ele ria entre dentes.

—Sinto — murmurou, um tom irônico em sua desculpa — Te incomoda minha posição? Pois, então, mudo.

Sua mão, imediatamente, moveu-se em círculos roçando ligeiramente com as pontas de seus dedos lentamente um percurso invisível dos quadris até o estomago. Erin conteve a respiração, determinada a não demonstrar exteriormente nenhuma reação à carícia. Nem sequer os tremores que a percorriam. Olhou fixamente a mão, tratando de não estremecer enquanto os dedos continuavam movendo-se, hipnoticamente, para seu umbigo, subindo a seguir por suas costelas até o seio. Ele descansou a mão sobre o montículo, roçando o mamilo com o polegar. Sensações completamente novas a sacudiram. Sentia como se um líquido ardendo fluísse de um lugar invisível, no mais profundo de seu ventre até suas coxas, lhe deixando as pernas débeis e inúteis. Com horror viu como o mamilo se endurecia e encrespava sob o polegar de

Olaf. Não pôde controlar os tremores por mais tempo. O líquido ardente que sentia em seu interior se voltava aterrador e lhe esmagava. A cabeça dava voltas. Via-se cada vez mais incapaz de ter um pensamento lógico. Sem poder evitá-lo, fechou os olhos e soltou uma súplica angustiada.

— Por favor,...

Para sua enorme surpresa e alívio, ele cessou sua tortura imediatamente. Abriu os olhos lentamente e o encontrou apoiado sobre um cotovelo, com seus lábios ainda curvados, com uma careta de diversão, os olhos indagadores.

— Isso, esposa — murmurou — é capaz de suplicar. Assim é melhor. Possivelmente exista uma possibilidade de que possamos viver em paz. Erin fechou seus olhos de novo, lhe ignorando. Sentia seu olhar fixo nela. Sem abrir os olhos, perguntou brandamente:

— Poderia me desatar agora?

Ele se levantou para libertá-la, mas Erin manteve os olhos bem fechados. Não queria ver seu corpo. Não queria sentir a doce carícia dos pêlos dourados do ventre plano contra seu rosto. Conteve o fôlego, tentando não sentir esse aroma tão limpo e masculino.

Seus braços caíram para os lados, uma vez que teve desatadas suas mãos. Ele se afastou, e finalmente pôde abrir os olhos. O nórdico azul de seu olhar parecia atravessá-la, assim rapidamente desviou os olhos para as mãos, esfregando os pulsos.

— Por que me odeia tanto? — exigiu saber, bruscamente.

— É um viking — respondeu ela, brevemente. Notando, de súbito sua nudez, tentou cobrir-se com uma pele. Ao som de sua risada, soube que seu movimento não lhe tinha escapado. Ele não fez nada para detê-la.

— Há algo mais — disse ele insistindo.

Erin encolheu os ombros, negando-se a olhar em sua direção.

— Encontramo-nos uma vez, Senhor dos Lobos, e não foi um encontro amistoso.

— Não — replicou ele — foste ajudar a um de seus odiados vikings naquele rio, antes de descobrir que era eu. Repito, por que me odeia?

— Porque matou a minha tia! — Erin explodiu, enfrentando-o com raiva. Um olhar perplexo substituiu o gelo que geralmente caracterizava o olhar dele.

— Jamais matei uma mulher — respondeu ele, com segurança.

Erin sabia que estava a ponto de chorar e não tinha nenhuma intenção de lhe permitir ver seu pranto.

— Clonntairth — murmurou, seca e amargamente—. O rei de Clonntairth era meu tio. Bridget era sua rainha.

Ele se levantou da cama de repente, frio de novo.

— Não matei sua tia. Nunca matei uma mulher, nem tampouco permiti aos meus homens fazê-lo.

—Não — Erin respondeu, com um tom cortante — seus homens não cortam seus pescoços. Simplesmente as atacam até que elas estejam tão maltratadas que desejam estarem mortas.

—Realmente, é uma pequena cadela mal informada — Ihe disse com pouca emoção.

— Mal informada! — a confusão e a raiva que fervia dentro de Erin Ihe fez esquecer as circunstâncias e se levantou de um salto para olhar, fixamente, da cama — Eu vi o que fez, Olaf, o Ca...

Com uma velocidade e uma agilidade assustadora, ele subiu de um salto na cama, imobilizou suas mãos e a arrastou até derrubá-la na cama, imobilizando-a com seu peso antes que ela pudesse terminar de pronunciar a palavra.

O aço de seus traços e o gelo de seus olhos a desafiavam. A única coisa que foi capaz de fazer foi Ihe devolver o olhar e rezar ao Deus de Bede para que Ele não permitisse que fluíssem as lágrimas.

—Por favor — ordenou — continua.

Ela fechou seus olhos e tragou saliva, desejando desesperadamente que ele tirasse seu peso de cima dela, que movesse os quadris que a esmagavam, a virilidade que queimava a suavidade entre suas coxas.

—Eu estava ali — sussurrou ela —. Eu estava em Clonntairth.

O tom de sua voz pareceu suavizar-se.

—Eu não matei sua tia — repetiu ele.

—Ela... Ela se apunhalou porque vinha... E, e eu vi...

— O que viu? — seu tom era ainda baixo, mas poderoso, de modo que ela não ousou negar-se a prosseguir.

—Moirá... Uma mulher que eu conhecia bem. Ela... Foi atacada.

— Falou que seu nome era?

—Moirá.

Ele permaneceu em silêncio durante um momento, sem diminuir a força com que agarrava suas mãos e esmagava seu corpo. Logo falou com serenidade.

—Posso te assegurar que não toquei aquela mulher irlandesa. Se estivesse ali, deveria saber — Tomar uma mulher, aterrorizada, gritando, enquanto Grenilde vivia? Não, pensou Olaf com ira. — Te falei que não me interessam as virgens frias.

Erin Ihe devolveu o olhar, tratando de não piscar ante o desprezo que destilavam sua voz e seu olhar.

Rezou para que as lágrimas não aflorassem, já que, embora ele não se sentisse atraído por ela, a íntima pressão que exercia estavam criando um som ensurdecido dentro de seus ouvidos, um som que debilitava sua força, um som que a estava envolvendo na escuridão apesar de que ela estava dando tudo de si para acalmar os tremores desenfreados que sofria por dentro.

Sacudiu a cabeça contra a cama, tentando falar antes que a paralisia alcançasse sua língua.

—Possivelmente, Lobo do Norte, você não foi um dos cães que a atacaram. Mas Clonntairth foi arrasada sob suas ordens, foram seus homens que abusaram da pobre Moira.

—O rei de Clonntairth podia tere se rendido — interrompeu Olaf, com impaciência — Todos teriam sido perdoados. Quando os homens lutam nas batalhas, as pessoas se ferem e se matam. É desafortunado que o inocente, freqüentemente, esteja envolvido, mas assim funciona o mundo.

— Render-se! — Erin chiou — Clonntairth pertencia ao meu tio.

— As conquistas dos homens são também passageiras — interrompeu Olaf com irritação. — E é o forte quem conquista.

Sua fúria cresceu como os tremores desenfreados que sentia. Voltou-se, tentando lutar contra ele. Deteve-se com horror ao ver como um sorriso lento se infiltrava em seus traços. Ele sabia que era o mais forte. Erin só tinha conseguido levá-los a uma posição ainda mais íntima, fazê-los mais conscientes da carne nua contra carne e das diferenças entre seus sexos. Erin apertou a mandíbula e olhou fixamente, com seus olhos de esmeralda ardendo com um fogo feroz.

— Então me diga, Senhor dos Lobos? — resmungou ela com frieza — O que passa quando os homens têm a mesma força?

—Então — respondo Olaf brandamente — os homens se comprometem. Como eu me comprometi com seu pai.

—Recorda suas próprias palavras, viking — vaiou — O seu “compromisso” era com meu pai, não comigo — Erin interrompeu sobressaltada, quando bateram na porta.

Franzindo o cenho distraidamente, Olaf ordenou ausentemente,

—Entre.

Os olhos de Erin arregalaram-se de terror. Uma vez, mais suplicou, automaticamente. A humilhação em seus olhos recordou a nudez de sua esposa irlandesa.

Ele a liberou e rapidamente contradisse sua ordem,

— Espere!

Ruborizada, Erin se afundou sob as peles. Olaf arrancou um lençol de linho da cama, enrolou ao redor de seu corpo, aproximou-se da porta e abriu. Um homenzinho, muito baixo para ser um norueguês, fez uma reverência a Olaf e olhou atentamente, dirigindo a Erin um sorriso pícaro ao qual ela não pôde resistir.

—Seu banho, Lorde Olaf — disse Rig, com outra reverência.

—Entra — ordenou Olaf.

Rig se afastou. Dois serviçais entraram com uma pesada tina de metal, seguidos de várias moças ruborizadas, que a encheram com água

fumegante, sem olhar nem para Olaf, nem para Erin, mas rindo bobamente, enquanto saíam da habitação. O homenzinho ficou e depositou varios frascos de cristal sobre um baú grande de madeira que se encontrava junto à porta.

— Deseja que lhe atenda, meu senhor?

—Não — disse Olaf, voltando-se para Erin — Erin, este é Rig. Rig, minha esposa Erin. Rig te servirá.

O homenzinho fez uma reverência com um sorriso tão contagiante que Erin se encontrou devolvendo-lhe o sorriso, timidamente.

—Sim, minha senhora, se necessitar de algo, me chame.

—Obrigado — murmurou Erin, retorcendo nervosamente as peles contra seu peito. Ele se inclinou de novo e partiu, piscando um olho ao fechar a porta atrás de si.

Como se a tivesse esquecido, Olaf deixou cair o lençol e se afundou na água fumegante com um suspiro, fechando os olhos. Erin o olhou nervosamente durante um momento e logo começou a sair da cama para dirigir-se rapidamente para o baú, que continha sua roupa. Estava certa de que tinha sido esquecida, quando de repente sentiu aquela sensação de novo em sua nuca, que advertia de que ele a estava olhando. Voltou-se rapidamente e encontrou seus olhos entreabertos olhando-a, com prazer.

—Vêem aqui — ordenou ele —. Desejo que me esfregue as costas.

— Não o farei! — respondeu imediatamente, ultrajada.

Lamentou suas palavras assim que as disse, por que ele se levantou da tina gotejando. Ela começou a caminhar para trás, mas não havia nenhuma lugar que pudesse ir.

—Senhora, estás tentando a sorte. Quando estive gravemente ferido se sentiu bem em me torturar, e ainda me chama bárbaro. Acredito que fui muito clemente contigo, dadas as circunstâncias, princesa de Tara, por isso penso que é melhor que deixemos algumas coisas esclarecidas antes que desista de ser paciente com todos os irlandeses. Tomei uma esposa só por razões políticas. Seja suficientemente invisível e dócil e te deixarei sozinha. Falamos de compromisso. Princesa, não é nada mais que um instrumento de compromisso. Em troca segue sendo rancorosa e passará amarrada. Entendeu-me? Estou certo que meu irlandês é bastante claro.

Ela ficou tremendo, seu vestido empapado pela umidade do corpo que se apertava contra o seu. Apesar de tudo olhou fixamente durante um longo momento. Como lamentava ceder e essa sensação de impotência ante o aço de sua força. Ela estava impotente. Inclusive tendo em conta o fato de que era uma mulher forte, a sua força era uma brisa aprazível contra um vento ártico.

—Entendo suas palavras perfeitamente — lhe disse, entre dentes.

Seus olhos pareceram travar uma competição terrível de vontades, o gelo do norte contra o calor dos campos de esmeralda. Então os dedos que a capturavam pelos ombros se afrouxaram, fazendo que ela resmungasse acaloradamente.

—Esfregarei suas malditas costas.

Ele sorriu lentamente.

—Acredito que necessitar primeiro de uma massagem.

—Uma massagem — murmurou inexpressivamente, enquanto calafrios lhe percorriam a coluna e perguntando-se que nova humilhação planejava.

—Uma massagem — repetiu devagar, sem deixar de sorrir enquanto agarrava uma toalha para secar-se. Ele a liberou, totalmente consciente que, no momento ao menos, Erin não podia fazer nada exceto cumprir suas exigências. — O primeiro frasco sobre o cofre... Traga-o.

Erin endireitou seus ombros enquanto se movia através do quarto e se forçou a si mesma a suspirar sonoramente, como se estivesse tratando com um menino. Fingiu uma enorme moléstia quando voltou para ele, esperando assim poder ocultar seu tremor. Estirou o braço para lhe oferecer o frasco, mantendo-se o mais longe possível.

Ele sacudiu sua cabeça, negando-se a pegar o frasco.

—Fique com ele — disse ele em um tom agradável, observando-a com olhos preguiçosos. Erin sabia que ele estava observando para ver sua reação enquanto falava, por isso forçou sua expressão para permanecer suave e imóvel — Contém um azeite muito especial, conseguido por algum de meus irmãos “bárbaros” quando se aventuraram às regiões do sul do continente. Tem um aroma agradável e, quando esquenta, é bastante calmante. Sinto-me bastante tenso. É difícil dormir ao lado de uma mulher que deseja que faleça logo.

— Dormiu bastante bem! — espetou Erin zangada

— Seriamente? De todos os modos meus músculos estão bastante doloridos.

Ele deu a volta e estendeu seu corpo em cima da cama. Erin olhou fixamente.

— Bem? — ele exigiu.

Erin se aproximou dele e sentou com cautela ao seu lado. Ela abriu a tampa e verteu um pouco de azeite sobre suas costas. Hesitou, antes de colocar os dedos sobre seus ombros. Começou a passar o azeite sobre suas amplas costas, a contra gosto, cheia de admiração pela extensão de carne bronzeada e os fortes músculos que estava acariciando. Erin começou a agitar-se. O aroma do azeite era sutil e tentador sobre a pele.

Esfregou seus ombros, a fenda entre suas omoplatas, encolhendo-se um pouco ao sentir como os músculos se estremeciam sob seu toque.

Descendo os dedos até uma zona mais estreita no centro e daí até que alcançou sua esbelta cintura. Então afastou as mãos e ficou de pé.

— Suas costas foram massageadas.

Ele se voltou, abriu os olhos e agarrou sua mão antes que ela pudesse fazer algo. Ele sorriu, uma risada zombadora que não chegava aos seus olhos.

— Fez bem — murmurou educadamente, com uma voz lenta como um ronronar perigoso. — Agradou-me tanto que eu gostaria que continuasse. Ela não pôde controlar o rubor que invadiu seu rosto.

— Se alegre — advertiu brandamente — Tudo o que te peço é uma massagem.

Erin apertou os dentes tão fortemente que acabou se machucando, apesar de tudo verteu o azeite em pequenas linhas ao longo de suas pernas, tratando de manter os olhos longe das nádegas dele. Trabalhou sua panturrilha, notando que eram fortes, duras e bem formadas.

Seus dedos trabalharam firmemente, tremendo ligeiramente enquanto se esforçava em mantê-los suaves em um ponto detrás do joelho. Ali parou convencida de que tinha terminado e inconsciente de que ele se levantou sobre seu cotovelo para observá-la.

De repente sentiu seus olhos e elevou a vista para ele. Ele sorriu.

— Por favor,... Continua.

Consciente que ele notaria o mais leve estremecimento, Erin manteve a expressão impassível. Deus querido, como podia ser possível que ela tivesse chegado a isso? Acariciando, tocando a pele daquele homem que ela desprezava com toda sua alma e, além disso, pensando que era formoso, firme e inquietante.

—Bem...

Ela começou a levantar-se de novo, mas ele se moveu rapidamente, capturando suas mãos outra vez.

—Não exatamente.

Ela encontrou seus olhos, destilando veneno.

—Não mais, viking.

—Só pare quando eu disser, Princesa.

Ela ficou de pé em silêncio, mas desafiando, obstinadamente, sem se preocupar naquele momento se ele lhe castigasse. Olaf não o fez. Sorriu de novo.

— Recorda isto, esposa, as coisas sempre chegarão tão longe quanto eu queira.

Erin respirou profundamente e se sentou outra vez, desejando, de repente, que ele não tivesse sido tão extraordinariamente exigente e extranhamente sofisticado para ser um viking. Ela fechou seus olhos quando tocou suas nádegas, embora pôde sentir quanto eram firmes e duras. De repente, enquanto o estava tocando, ele girou, deixando à

altura de seus dedos sua virilidade. Esta parecia ter vida própria. Sentiu-a quente e enorme sob seus indecisos dedos. Ela sabia que seu rosto estava ficando de um vermelho ardente, mas não estava disposta a mostrar nenhuma reação disso e assim aumentar sua satisfação. Tentando ficar indiferente, deixou de lado seu sexo como se não fosse mais que um incômodo, e passou a esfregar rapidamente seu quadril e a parte inferior do ventre plano como o aço.

Ele ria as gargalhadas.

Uma tentação sobreveio, um impulso de retorcê-lo e lhe fazer dano como a tinha prejudicado com aquela humilhação. Entrecerrou os olhos e aumentou a força de seus dedos enquanto descia de novo, mas antes que pudesse levar a cabo seu selvagem e irracional propósito, ele a advertiu bruscamente.

— Pense bem, irlandesa. Se estivesse em seu lugar não faria isso, depois terá que suportar as conseqüências.

Erin se esticou, cravando as unhas nas palmas das mãos, odiando-o, odiando-se. Se pudesse ganhar dele, apenas uma vez...

—Tenha muito cuidado, doce bruxa — interrompeu seus tempestuosos pensamentos. — Está em minhas mãos e já não estou nem débil, nem ferido. Nem completamente aturdido pela batalha e pela dor. Se me fizer mal, só conseguirá machucar a si mesma.

Apesar da tensão, do autocontrole a que estava recorrendo para não golpeá-lo, conseguiu afrouxar os dedos e proceder com a massagem em seu peito. As pontas dos dedos eram extremamente conscientes do cabelo dourado que crescia ao longo de todo seu amplo torso.

Com as palpebras entreabertas, deslocou as mãos para suas coxas e tragou nervosamente quando viu a larga e branca cicatriz, que tinha ficado de sua ferida na parte interior. Não pôde evitar tocá-la. Viu-se obrigada a lutar contra a lembrança, contra a crueldade com que atuou, contra a dor que o fez sentir. Curou-se maravilhosamente. E provavelmente tinha sido por seus cuidados. Ela tinha fechado a ferida, e a tinha limpado e a havia coberto com ervas e argila curativa. Tinha-lhe feito mal, sim, mas também tinha ajudado.

E inclusive aquele dia no rio, Erin tinha sido terrivelmente consciente de sua masculinidade. E uma vez tendo escapado dele, nunca teria imaginado, nem em um milhão de anos, que voltaria a tocar outra vez, que voltaria a ser tão consciente dele, e que além disso, estaria despreocupadamente nú na sua frente, lhe exigindo uma massagem.

Ela retirou suas mãos bruscamente, e as cruzou em seu colo, sentando-se rigidamente. Já não o estava tocando, mas de todos os modos, podia senti-lo, e o que sentia era aço. Ele era mais forte... O conquistador. E o estava demonstrando.

— Obrigado — seu grave sussurro continha, claramente, diversão.

Erin ficou de pé rapidamente, afastando-se dele e da cama, rumando para as janelas. Desta vez, ele não a deteve.

Deu-lhe às costas, escutando seus movimentos pelo quarto, enquanto se vestia, totalmente consciente de que seus olhos não se afastavam dela em nenhum momento. A sutil essência do azeite de sândalo permanecia ainda dentro do quarto, um perfume agradável e masculino, um aroma que ela sempre associaria a ele.

Foi Olaf quem falou de novo.

— Realmente não tenho nenhum desejo de te fazer infeliz — disse ele brandamente. Simplesmente necessito que entenda que minha vida não será controlada por uma mulher odiosa e traiçoeira. Não tenho tempo para tratar com seus insignificantes desejos de vingança. Sinto que sua tia tenha morrido. Não tenho nenhuma desculpa para o que sou, um viking. Mas agora, decidi ser um construtor e não um destruidor. É uma pena que o destino nos reunisse anteriormente, porque meu desejo é que seja uma rainha cordial. Mas o destino realmente nos uniu antes, e as circunstâncias lhe trouxeram até aqui agora. Aceite que é minha esposa, minha posse. Assim poderá viver plácidamente sem ser incomodada.

— Fui criada como uma mulher irlandesa. As leis Brehon garantem que não sou posse de nenhum homem. Como quer que aceite isso? — sua voz era tranqüila e suave, angustiada pela tristeza, o desespero e o orgulho.

Olaf sentiu uma pontada de compaixão... E de admiração.

— Porque deve fazê-lo. As leis Brehon não significam nada para mim. Sou minha própria lei. De qualquer modo, não quero te prejudicar.

— Se o que desejas for uma coexistência pacífica por que me humilha assim?

—É estranho — respondeu ele tranqüilamente — que te atreva a perguntar isso. Houve um tempo, irlandesa, em que me desejava o pior. E ainda tem a esperança de terminar com minha vida. Mas isso, irlandesa, é um sonho. Hoje não te tratei assim por vingança, mas sim porque acredito que é necessário compreender que não pode me vencer ou me desafiar. Não tenho tempo para te agradar. Há muitos que não concordam com a nossa aliança. Dublin e outras cidades irlandesas serão atacadas pelos que não honram, nem ao seu pai, nem a mim. Haverá guerras para lutar e cidades para reconstruir. Deve entender que se cruzar em meu caminho, será tratada severamente. — ele fez uma pausa um minuto, mas ela não respondeu — Enviarei criados para que lhe preparem um banho.

—Minha irmã... — Erin começou a dizer.

—Poderá ver sua irmã mais tarde — ele a interrompeu. — Tenho pensado te enviar uma senhora que, acredito lhe fará feliz.

Erin ouviu a porta fechar-se detrás dele, mas seguiu olhando cegamente para a janela, alternando o desespero que ameaçava envolvê-la e a raiva que sentia por ver-se impotente contra esse inimigo que a atormentava sem piedade, demonstrando seu domínio. E desejando que ele não se mostrasse tão racional e claro, e tão surpreendentemente poderoso e esplêndido. Teria sido mais fácil viver odiando-o do que saber que não era um assassino de mulheres.

Alguém bateu na porta. Distraidamente, ordenou que entrasse, começando a se perguntar como ia ser sua vida, como ela ia preencher seus dias nesta fortaleza Nórdica.

— Sou eu, Rig, minha senhora. Trouxe sua tina e água limpa.

Erin se ruborizou ao dar-se conta que sua túnica ocultava bem pouco, mas Rig se concentrava em seu trabalho, fiscalizando a chegada da tina e a saída de Olaf. Quando a habitação ficou vazia de novo, ainda sorrindo, fez uma reverência e com uma voz muito amável, disse:

—Se necessitar de algo, me chame, minha senhora. De acordo?

—De acordo, Rig — respondeu Erin brandamente — Obrigado.

Ela sorriu ao homenzinho, inconsciente de que acabava de fazer seu primeiro amigo dentro de Dublin. Com só um olhar aos seus formosos e atormentados olhos e ao seu triste, mas amável sorriso, tinha causado dentro dele uma verdadeira adoração. Olaf era um homem afortunado, pensou Rig. Casou-se procurando uma aliança e tinha recebido uma pedra preciosa.

—Ao seu serviço — murmurou Rig, consternado pelo rubor que tinha aparecido ao ver seu sorriso. Retirando-se, fechou a porta atrás dele.

Erin de repente começou a sentir uma aguda dor de cabeça. Tinham acontecido muitas coisas em pouco tempo.

Ela tinha sido livre. Uma sonhadora. Em várias ocasiões, uma guerreira. Uma mulher que sustentava a ligeira esperança de que algum dia derrotaria ao mesmo homem que agora a mantinha, sem dúvida, sob seu poder. Um homem que, aparentemente, sentia pouco interesse por ela, exceto quando queria colocá-la em seu lugar.

Graças a Deus esse era seu único interesse. O rubor pareceu estender-se em todas as partes de seu corpo. Ao menos, não a tinha forçado a recebê-lo. Isto a teria deixado realmente devastada.

Se não houvesse perdido essa oportunidade! Ela deveria ter se casado com Fennen. E se houvesse casado, certamente teria desfrutado do aroma masculino e do contato com seu firme e forte corpo.

Erin fechou seus olhos, sentindo-se doente ao dar-se conta de que Fennen nunca tinha feito com que tremesse como este homem conseguia, de que o beijo de seu pretendente irlandês a tinha deixado levemente interessada, mas nem de longe tão vulnerável como quando sentia o olhar de Olaf sobre ela ou a proximidade do viking.

Minha reação em relação a ele é devido ao ódio, pensou desesperada. Ele me deixa tremendo de medo e fúria, isso é tudo.

Mas havia algo mais que ela não queria admitir. Porque embora tenha odiado fazer a massagem, seus traíçoeiros dedos tinham ficado fascinados pela forma dos músculos que acariciava, por sua fina pele bronzeada.

Ela se perguntou sobre o homem, tão obviamente viril, que tinha decidido abandoná-la. É óbvio, estava segura de que Olaf não sentia nada por ela. De qualquer forma, ela acreditava que se veria obrigado a aliviar as necessidades que sabia que tinha, como qualquer homem.

Erin de repente cobriu o rosto com as mãos. Certamente, era óbvio. Ela não lhe importava e Olaf sabia que o rei irlandês não lhe teria dado nenhuma outra, exceto uma noiva virginal, sem experiência. Deve haver uma mulher por perto, possivelmente dentro do castelo, que não seria inexperiente e nada contrária a atender as exigências do grande Senhor dos Lobos. Bom! - ela disse a si mesma - lhe deixe ter sua puta ou putas e que me deixe tranquila.

Odiou-o mais que nunca. Encontraria alguma forma de escapar com o tempo.

Um soluço afogado se rompeu dentro dela. Escapar... Para onde? Não podia voltar para casa. Seu pai tinha feito isto... Seu pai, a quem ela tinha adorado toda sua vida. Estava tão furiosa com ele, mas a dor pesava mais que a cólera. Queria vê-lo. Seu último encontro tinha sido tão negativo. Ela queria ser acolhida como uma menina outra vez. Apertou seus olhos fortemente, pensando em sua mãe. Certamente Maeve não sabia nada disto. Se pudesse ver sua mãe, sentir sua auréola de tranquilidade...

Erin suspirou profundamente enquanto seus pensamentos voltavam-se, inconscientemente, para Bede. Quis estrangular a irmã, que a tinha traído. Qual seria o castigo por esfolar a pele de uma monja, polegada por polegada?

A dor nas têmporas de Erin começou a palpitar. Agora era a rainha de Olaf, e certamente se esperava que cumprisse com certas funções. Ele respeitaria uma rainha irlandesa? Ou saberiam todos que ela era tão somente um instrumento de compromisso, um brinquedo para o rei, quando ele estava de bom humor?

Entrando na água, prendeu seu cabelo em um rabo na nuca, e fechou seus olhos. Aceita as coisas como se apresentam, advertiu-se. Deixa sua mente longe quando puder, ou ficará louca.

Alguém bateu na porta. Erin abriu seus olhos quando escutou. Observou a bonita e sorridente face da mulher que entrou no quarto, e seus olhos se arregalaram, com assombro. A mulher que entrou sorriu,

amavelmente. Ela parecia sã, descansada, e feliz. Muito feliz. Erin ofegou e pronunciou uma só palavra, com incredulidade.

— Moira!



CAPÍTULO 1

Moira entrou silenciosamente no quarto e fechou a porta atrás dela.

—Alegra-me que ainda lembre de mim, Erin.

—Lembrar... — havia vezes que nem sequer podia fechar os olhos sem recordar os gritos de Moira, mas não tinha muito sentido dizer isto a ela. Erin tragou saliva convulsivamente e piscou. — Certamente que te recordo Moira!

O sorriso da Moira se alargou.

—Passei mal no princípio — disse ela, brandamente — mas como pode ver, agora estou bem.

Erin tinha centenas de perguntas para fazer, mas não conseguia abrir a boca. Ainda não tinha se recuperado do choque.

— Fui ferida gravemente — continuou Moira, movendo-se pelo quarto e rebuscando em um formoso baú, situado ao pé da cama — mas fui atendida por Grenilde.

— Grenilde?

Moira vacilou e seus encantadores olhos cinzentos se encontraram, por um instante, com os do Erin.

—A senhora de meu senhor Olaf — disse brandamente — Está morta agora... — Moira encolheu os ombros e voltou a concentrar seu interesse no baú — depois, vivi com Sigurd, o conselheiro principal de Lorde Olaf, e levo uma vida agradável.

Selecionou um vestido e o pôs sobre a cama, dando uma toalha para Erin. — Gostará de Dublin, Erin. Há sempre tanta atividade! Eruditos, químicos, vendedores ambulantes, sacerdotes... Todos vêm para Dublin.

Moira sustentou a toalha. Erin, ainda aturdida, ficou de pé, automaticamente, e aceitou o abraço suave do linho.

—É maravilhoso que o rei de Dublin tenha tomado uma esposa irlandesa — disse Moira. — Para aqueles de nós que somos irlandeses, isto será como uma conexão com os nórdicos... Não é que soframos — acrescentou Moira rapidamente. — Olaf é um homem incrivelmente justo. Mas, às vezes, sua justiça é cega. Sábio, mas não com o coração. Você pode ser seu coração, Erin.

Erin entreabriu os olhos. Seu coração! Não queria decepcionar Moira, mas sinceramente duvidava que alguma vez chegasse perto do coração do Lobo.

Ainda se sentia incapaz de falar. Moira manteve um bate-papo suave que, pouco a pouco, a fez sentir-se mais calma.

— Escolhi uma túnica de linho cor de malva. Parece-lhe bem?

Erin assentiu com a cabeça, e não se moveu, aturdida, enquanto Moira a ajudava a vestir-se.

— Tem um belo cabelo, tão farto e formoso. Eu gostarei de te pentear — Erin finalmente encontrou a voz:

— Não precisa me servir, posso cuidar de mim mesma.

Moira riu, um som parecido ao suave correr de um rio. Erin não podia acreditar que ela pudesse ser tão feliz!

— Estou feliz de te servir, Erin! É como se tivesse uma irmã pequena. Sente-se, e pentearei seu cabelo.

Erin se sentou, com expressão pensativa durante vários minutos, antes de dar a volta, interrompendo Moira.

— Moira! Como pode estar tão bem? E tão... Como pôde esquecer... Perdoar...?

Esse mesmo sorriso que a fazia formosa voltou.

—No princípio, somente quis sobreviver. Depois, simplesmente, fui tratada bem. Não esqueci, mas mudei. Vivi com esta gente durante três anos. Como bem, me visto bem. E eu... Eu cheguei a respeitar meu senhor Olaf e eu gosto de muitas pessoas por aqui. Erin há algumas coisas que nunca mudarão. Olaf tem Dublin e ele está aqui para ficar. Como o centeio nos campos se inclina para os ventos, também devemos nos inclinar quando não se pode fazer nada mais.

Erin voltou a cabeça, afastando o olhar do alcance de Moira.

Moira começou, hesitante, de novo.

—Por favor, Erin, deve aceitar seu destino. Se tentar fugir para evitar este matrimônio, poria em ridículo a aliança de seu pai. Os vikings seriam humilhados e exigiriam vingança, as guerras poderiam começar todas de novo... — a voz da Moira se acalmou.

Erin fechou os olhos fortemente, lutando contra as lágrimas. Moira tinha razão. Não podia escapar. Embora nem um só guarda rondasse pela cidade, não podia escapar, não importava quanto se aborrecesse com essa situação.

Era tão doloroso. A vida zombava dela. Sentia-se como se o mundo nadasse na escuridão, tão profundo era seu desespero. Abriu os olhos de novo.

—Não se preocupe, Moira — disse brandamente — não fugirei.

—Encontrará a vida aqui muito parecida com Tara. A maior parte das damas norueguesas é amável. As tarefas diárias são as mesmas. Costuramos em um aposento encantador, com o sol entrando, igual como é em Grianan. Estará ocupada, Erin. Há tantos que alimentar todas as noites, os quais devem ser ocupar sua posição corretamente, e agora haverá senhores irlandeses de visita!

Erin esfregou a testa, cuidadosamente, com os dedos. Se não podia evitar a humilhação de estar casada com Olaf, devia, como Moira, superar a situação, e para isso, devia se colocar acima disso. Usaria todo seu poder para, não só ser uma rainha eficiente, a não ser perfeita. Ao menos teria o consolo da companhia de sua própria gente. Tinha que se desfazer, sutilmente, de seu marido. Ele afirmava que não queria que vivesse em desgraça. Tinha-lhe prometido que a deixaria em paz, enquanto não causasse nenhum problema.

Erin deteve Moira e inclinou seu queixo.

— Terá que me ajudar, Moira. Não sei o que se espera de mim. Pode ser que os homens aceitem esta aliança, mas duvido que o façam as mulheres.

— Não será tão mau — prometeu Moira—. Muitos dos homens já tomaram mulheres irlandesas como esposas. Tente não se mover, para que possa arrumar teu cabelo e depois iremos procurar sua irmã e te levarei para a habitação do sol.

Erin ainda queria estrangular Bede ou, pelo menos, sacudi-la até que seus dentes batessem. Mas quando viu os traços crispados de sua irmã e a agonia em seus olhos ao entrar na câmara, compreendeu que tinha que controlar sua irritação. Bede nunca lhe teria feito mal a não ser que ela, como Aed, realmente acreditasse que o sacrifício era para a Irlanda e era a vontade de Deus.

Bede se aproximou dela e a abraçou, com lágrimas nos olhos.

—Irmã, me perdoe.

Perdoar, Erin pensou. Ah, Bede, não te dá conta nem da metade do que me fez! Mas realmente te quero, e não há nada que qualquer de nós possa fazer. E não seria bem visto que a nova rainha irlandesa estrangulasse a uma monja Irlandesa.

Afastou-se dos braços de sua irmã e fez uma careta.

—Vamos, Bede, Moira vai nos ensinar como viver entre os lobos.

Havia várias damas presentes na habitação do sol e só duas irlandesas. Erin nunca tinha conhecido mulheres norueguesas antes, e estava fascinada por suas roupas. Vestiam largas túnicas de linho, com distintos tipos de mangas trançadas e túnicas de lã mais pesadas do que normalmente utilizavam as irlandesas.

Levavam idênticos broches como os irlandeses para sustentar as túnicas. Usavam muitos anéis, braceletes e colares de ouro, cristal, e pedras. Erin sabia que suas coleções de ouro e prata as distinguiam como esposas de homens poderosos e muito ricos.

Ela não era dada a usar muitas jóias, ainda que fosse a favorita de seu pai. Moira tinha prendido seu cabelo com presilhas de ouro e, além disso, não levava nenhum adorno e estava vestida simplesmente de linho. Perguntou-se se as damas nórdicas teriam sedas, ou se somente ela possuía tão fino material já que a Irlanda tinha comercializado muito com os reinos católicos da Espanha e Itália.

Ficou gelada quando entrou no quarto onde dedos ocupados trabalhavam em teares e com agulhas e fio. Ela era uma forasteira que tinha sido jogada ali. Mas Bede, sempre confiando que seu Deus a dirigiria, arrastou-a para dentro. Moira apresentou Bede como uma monja cristã e princesa de Tara e logo anunciou a Erin como a rainha de Dublin.

Erin teve vontades de rir. Ele não era seu marido, não podia pensar em Olaf de tal maneira, por isso não era nenhuma rainha. Era uma peça do jogo entre seu pai e o Lobo.

As damas não deram imediatamente as boas-vindas para ela, mas quando Bede olhou para Erin, soube que sua irmã tinha causado a melhor impressão possível. Algo do ressentimento natural começou a

sumir dos olhos que estavam cravados sobre Erin, quando falou brandamente solicitando sua ajuda.

Erin passou três horas escutando sugestões que começaram a dar voltas em sua cabeça. Moira, que rondava, finalmente a interrompeu, anunciando que era hora de conhecer a chefe da cozinha. Erin procurou Bede para que a acompanhasse, mas esta sacudiu sua cabeça imperceptivelmente. Sabendo que sua irmã esperava aprender mais ou tentaria fazer conversões para seu Deus, assentiu e a deixou.

— Moira? — Erin perguntou, enquanto seus olhos vagavam sobre a escada minuciosamente esculpida que as levou do segundo piso a enorme sala de banquetes. Estava vazia, exceto por uns velhos que esculpiam perto do fogo e que riram quando passaram.

— Por que não participou da conversação? Parece-me que sabe muito mais...

Uma amarga risada da Moira a interrompeu.

— Aquelas damas são esposas de heróis vikings. Eu só sou a mulher de Sigurd.

— Elas não deveriam ter mais direitos que você — disse Erin.

— Deixe estar, Erin — disse Moira — Eu aceitei, mas isto não muda o fato que fui um troféu de guerra.

Erin pouco mais pôde dizer por que, nesse momento, deixaram atrás uma das alas da residência em forma de U e chegaram a um pequeno jardim. Sobressaltou-se ao ver os homens combatendo com espadas e lanças, sobre uma colina.

Moira captou seu olhar.

— Eles trocam seus conhecimentos da arte da guerra — disse Moira—. Acredito que alguns de seus irmãos estão aí, e seu primo Gregory.

— E meu pai? — Erin se ouviu perguntar.

— Seu pai voltou para Tara.

Erin engoliu sua amargura. Ele a tinha abandonado e, passado um tempo, Bede iria também. Ficaria sozinha na cova do dragão, à exceção de Moira, que se tinha convertido em uma criada.

Moira guiou Erin pela segunda ala do castelo, para as imensas instalações dedicadas à cozinha, à ferraria, à lavanderia, à despensa e os currais do gado.

A cozinha era uma habitação grande, com um enorme fogão no centro, de argila e pedra. Os caldeirões se penduravam sobre o fogo, e as grelhas tinham sido postas sobre pesadas correntes. Os fornos de pão de argila se alinhavam a um lado da enorme parede; os utensílios estavam empilhados e dispostos sobre estantes de madeira. Erin se surpreendeu ao ver como a água fluía, graças a troncos de madeira ocos, até enormes tinas. Serventes, tanto homens como mulheres — a maioria, aparentemente, irlandeses — colocavam a carne nas grelhas, revolviam

os caldeirões e amassavam massa em enormes mesas. Uma moça jovem estava sentada em uma banquetta, depenando uma ave; outra recolhia a nata do leite fresco. Os aromas na cozinha eram deliciosos.

— Vou te apresentar a Freyda — disse Moira. — Ela é a responsável. Quando algo não lhe agrada, deve dizer-lhe.

— Moira, o que houve?

Moira deu uma olhada à concorrida estrutura, sentindo-se inquieta, então, de repente, ficou congelada. Erin seguiu seu olhar e se deparou com uma mulher voluptuosa, com um frondoso cabelo comprido e um traje de corte baixo, que dava ordens a um homenzinho que girava um espeto de vitela.

O monólogo — partes que ela captou — era em irlandês, o que não era surpreendente porque a mulher era muito morena para ser nórdica.

— Moira, o que acontece?

— Nada. — Moira sacudiu a cabeça—. Vamos, já vi Freyda.

Freyda era uma mulher agradável, rechoncha e com um maravilhoso olhar jovial. Sorriu calidamente para Moira e depois, avaliou abertamente Erin.

— Fará bastante bem ao nosso senhor, jovem — lhe disse—. Uma mulher bela para nosso bom Rei Olaf.

Erin se ruborizou, ligeiramente, quando a mulher, com expressão impassível, a tocou nos quadris, medindo seu tamanho.

— É magra, mas larga onde conta. Vou me ocupar de que se alimente, e assim nosso rei será pai de uma dúzia de filhos! — sentindo-se incômoda, Erin baixou o olhar para o chão, mas Freyda simplesmente riu.

— Discutirei com a senhora cada manhã o que se servirá para jantar, para ver se lhe agrada. Hoje já escolhi as carnes, mas se preferir trocar...

— Não — Erin respondeu rapidamente—. Confio em seu julgamento muito mais que no meu próprio. Aprenderei logo os paladares dos guerreiros.

Erin se deu conta, de repente, que a mulher voluptuosa que tinha estado ralhando com o cozinheiro, a olhava fixamente. Devolveu-lhe o olhar, perguntando-se como podia comportar-se tão friamente com uma compatriota.

O olhar que lhe retribuiu foi claramente grotesco e provocador. A seguir, deu a volta e abandonou a cozinha, balançando os quadris, sugestivamente.

Quando a conversa com Freyda terminou Erin se deu conta que não tinha comido nada todo o dia.

— Moira, poderíamos comer algo.

Os olhos da Moira se arregalaram de horror.

— Sinto muito, esqueci. Nossa refeição principal é na parte da noite, quando todos estão presentes. Trarei-lhe alimento pela manhã de agora em diante. Sinto muito.

— Moira, por favor, não se desculpe — o fato de que Moira lhe servisse a fez se sentir miserável, embora esta o fizesse sem ressentimentos —. Simplesmente procuremos algo para agora.

Deram-lhes grandes fatias de uma succulenta vitela, da qual Erin desfrutou até lembrar que o gado de Olaf era também um troféu de guerra. O que era comida irlandesa pensou, enquanto mastigava um saboroso bocado, e Moira era uma criada irlandesa desses canalhas, em sua própria terra.

Então Erin se lembrou, de repente, da outra irlandesa, a que a tinha encarado tão insolentemente.

— Moira — exigiu — Quem era aquela mulher que nos olhava tão fixamente?

Moira fingiu lamber o suco de seus dedos.

— Essa... Era Mageen.

— Também foi capturada em uma incursão?

— A princípio, sim. Pelos dinamarqueses, acredito. Ela vivia em Dublin quando Olaf tomou a cidade.

— A forma que olha para todo mundo, é como se tivesse acesso livre ao lugar. Não foi feita servente também?

A segunda vacilação de Moira foi dissimulada, mas Erin se precaveu.

— Mageen... Sim, suponho que é uma servente. Venha, devemos terminar, ainda falta muito para te ensinar.

Erin passou o resto da tarde aprendendo mais coisas sobre sua nova casa. Conheceu as costureiras, às lavadeiras e a vários criados. Descobriu que tinha um quarto especial para as audiências com aqueles que desejavam ser contratado para o entretenimento da corte, e também se supunha que devia lidar com as pequenas discussões que aconteciam entre as mulheres.

Mas mais importante de tudo, descobriu que os noruegueses eram pessoas. Isso foi para Erin uma experiência curiosa.

Além da guerra, tinham as mesmas preocupações básicas a respeito da família e do lar. Ela tinha descoberto que poderia, inclusive, gostar dos noruegueses, do mesmo modo como já gostava do pequeno Rig e de Freyda.

Quando o crepúsculo se tornou escuridão, voltou para seu quarto para assear-se para o jantar. Fez isso com pressa, já que não queria que Olaf a encontrasse muito ocupada se voltasse. Enquanto secava as mãos e o rosto, encontrou-se pensando na estranha mulher da cozinha, Mageen, que a tinha observado com tanta insolência. Mageen, a do corpo

voluptuoso, quadris sinuosos e olhos sedutores. Erin compreendeu, imediatamente, que só uma coisa poderia dar tal olhar a uma mulher. Mageen era a puta de Olaf. Uma sensação de dor a atravessou.

— Por que me importa? — perguntou-se. O seu casamento não era nenhum compromisso de amor. Não voltaria a experimentar a humilhação tal como tinha passado pela manhã e na noite anterior, porque tinha a intenção de se manter longe de Olaf. Tinha sido forçada a aceitar a situação, e, portanto, não faria nenhuma tola tentativa contra ele.

Apesar de sua aceitação, ainda se sentia indignada por dentro porque tinha certeza de que todos sabiam quem era Mageen.

Incapaz de suportar um pensamento mais a respeito da mulher, Erin escapou do quarto. Foi para a sala de banquetes, e então sentiu o estômago embrulhar. Teria que sentar para jantar ao lado de seu marido, como rainha. Para seu enorme alívio, viu Niall e Bede diante do fogo que esquentava o grande salão. Aproximou-se deles, com gratidão.

— Niall!

Os olhos de seu irmão estavam receosos, especulativos e suplicantes, quando se fixaram nos dela.

— Erin

— Vais ficar por aqui?

— Por um tempo. Depois devo voltar para Ulster.

Ela quis abraçá-lo e dizer que não era culpa dele. Mas se o fazia, começaria a chorar. Bede, finalmente, rompeu o incômodo silêncio.

— Muitas mulheres irlandesas ficarão, Erin. Não estará sozinha. E sabia que Olaf consente e promove o estudo do cristianismo? Este lugar, rapidamente, se converterá em um lar, Erin.

Não, Tara era meu lar. Aquela cidade nunca seria meu lar. Ainda estou rodeada pelo inimigo, pensou ela insolentemente, mas não disse nada.

— Brice e Leith ficarão durante vários meses — ofereceu Niall, falando de seus irmãos menores — e Gregory estará aqui contigo pelo tempo que quiser.

Gregory. Graças a Deus que Gregory vai ficar. Não estarei sozinha, pensou Erin com gratidão.

O salão, que um momento antes estava barulhento, por numerosos bate-papos ociosos, de repente ficou em silêncio. Erin deu a volta e se encontrou com Olaf, resplandecente e imponente como sempre. Tinha entrado, com sua capa flutuando por trás de seu alto corpo dourado, fazendo-o parecer mais que humano.

Seus olhos exploraram o salão rapidamente até que encontraram os de Erin. Ele levantou uma mão para ela.

Erin se aproximou dele, com a cabeça erguida, suntuosamente. Recordando a educação recebida de sua mãe, parecia flutuar através do salão.

Sentiu o calor de sua mão enquanto, silenciosamente, a conduzia para as cadeiras, luxuosamente esculpidas, na cabeceira da mesa. Uma vez sentada, soltou-a, como se não suportasse tocar nela.

Era uma prova, Erin pensou silenciosamente, furiosa contra o destino que a tinha forçado a viver uma vida de humilhação. Somente queria deixar-se levar pela raiva. Era uma prova para ver se ela se comportava ou não como uma esposa dócil, tal como ele queria.

Noruegueses e irlandeses se dirigiram para suas cadeiras. A conversação dentro do salão começou a borbolar, enquanto os novos aliados se avaliavam uns aos outros, com cautela. Os criados traziam pratos e mais pratos.

—Então, senhora, como passou seu primeiro dia?

Ela sempre podia sentir seu olhar, da mesma forma como podia sentir a terrível tensão que havia ao redor dele. Manteve os olhos presos em seu prato e no pedaço de carne que cortava delicadamente, com sua faca.

—Bem — respondeu com serenidade.

Da mesma forma que podia sentir seu olhar, pôde sentir o franzimento de sua testa e como se crispavam seus dedos ao redor da taça.

— Posso presumir que aprendeste seus deveres?

—Fui criada em Tara, senhor da Noruega. Estou segura que não encontrarei nenhuma tarefa muito... Difícil. — Ela falou docemente, fazendo que o sarcasmo de sua resposta se assemelhasse a uma navalha afiada.

Podia aceitar muitas coisas, mas o que não aceitaria nunca era esse entristecedor poder e a masculinidade inata do homem que estava ao seu lado. Cada nervo dentro dela parecia despertar quando ele estava perto. Agora que, por fim, tinha compreendido que teria que ficar, ao menos o faria com a máxima dignidade. Conquistador ou não, ele não poderia julgá-la, a não ser que lhe desse razão para isso.

Ele não respondeu, mas mudou de posição, para falar com o homem ao seu lado. Erin dirigiu seu interesse para o salão. Era evidente que qualquer paz entre os irlandeses e os nórdicos levaria tempo. Guerreiros de gênio violento já brigavam com palavras, enquanto enchiam suas bocas. O número de nórdicos era superior ao de irlandeses. Alguns dos próprios homens de Olaf pensavam que este estava um pouco louco, para aceitar jantar com o inimigo.

— Espera problemas?

Erin se encontrou com o olhar de seu marido sobre ela de novo. Encolheu os ombros.

—Não espero nada, meu senhor. Ainda estou assombrada pelo que vejo, portanto, há pouco que esperar. De qualquer forma, rezo para que não haja nenhum problema, já que os invasores são em maior número do que os herdeiros legítimos desta terra.

Ele se inclinou perto dela, com o fôlego acariciando sua bochecha, enquanto falava em voz baixa.

—Ah, se fossem os irlandeses que excedessem em número os nórdicos, você gostaria de ver um pequeno derramamento de sangue ou possivelmente um grande? O meu em particular?

Erin deu a volta para enfrentá-lo, com um sorriso curvando seus lábios e uma frieza em seus olhos.

—Olaf, nunca fingi outra coisa.

Como antes, suas palavras eram suaves e doces.

Ele sorriu, com seu braço apoiando-se nos ombros dela, como se fossem amantes sussurrando brincadeiras.

— Planeja me assassinar e escapar?

Foi uma pergunta brandamente pronunciada, como se estivesse lhe perguntando sobre a cor do céu.

Seu contato provocou vários calafrios que lhe percorreram a coluna vertebral. Olhou fixamente, com desdém, a forte e ampla mão que se pendurava sobre seu ombro e depois voltou a centrar o olhar nos olhos dele.

—Não, meu senhor, eu não assumiria o risco de machucar a minha gente. Esperarei até que chegue o dia no qual um dinamarquês te parta o crânio.

Surpreendeu-lhe que o marido achasse graça no comentário. Este respondeu com uma risada grave, gutural... Um som perigoso. Pequenos estremecimentos a atacaram outra vez, assim teve que centrar sua atenção nos malabaristas que atuavam no salão. Olaf outra vez escutava algo que diziam a sua direita. Erin jogou uma olhada, disfarçada, ao viking que requeria tão freqüentemente a atenção de seu marido e que estava sentado em um lugar de autoridade. Era alto, embora não tão esbelto como Olaf, e tinha o cabelo mais curto. Seu cabelo era de um vermelho flamejante, seus olhos de uma cor cinza azulada. Ele a tinha olhado cuidadosamente e tudo o que tinha resultado de tal avaliação tinha sido de apreciação. Erin tinha interpretado que o homem, embora não gostasse de irlandeses, tinha se interessado por ela, como mulher. Talvez fosse o Sigurd de Moira. Provavelmente. Pobre Moira.

Ela não foi chamada para falar com ninguém. O viking de sua direita estava profundamente concentrado na conversação com um irlandês, que estava colocado de seu outro lado.

Começou a rezar para que terminasse a comida. Bede e Niall estavam longe do salão e ainda não tinha visto Gregory.

Para sua consternação se inteirou de que os navios vikings acabavam de voltar de uma viagem a Espanha. A comida continuaria porque frutas frescas estavam sendo servidas sobre travessas imensas.

Comeu meia laranja, sentindo-se mais só do que nunca se sentiu em sua vida. Como poderei suportar isto dia após dia? - perguntou-se. Tomou um gole de sua cerveja e logo se recostou na cadeira.

Possivelmente, pudesse fingir uma indisposição e desfrutar de sua refeição na solidão de seu quarto.

Os malabaristas acabaram de fazer seu espetáculo. Um bardo começou um relato sobre um rei viking, Fairhir, que tinha lutado contra o deus Frey. A história era muito interessante e Erin se entreteu, escutando. Quando terminou de contá-la, o homem se inclinou executando uma reverência, ante os aplausos de toda a sala e Erin pensou que começaria outro conto, mas então uma mulher se levantou e lhe fez gestos para que se retirasse e deixasse espaço para os bailarinos. Erin não os olhou, porque seus olhos se encontraram antes com os da outra mulher, que a desafiava com um olhar mordaz. Era Mageen.

Sorriu para Erin. Então, com uma piscada depreciativa de seus olhos sedutores, sentou-se de novo, com sua risada elevando-se em resposta a uma brincadeira. Erin sentiu como o sangue corria por seu rosto, devido à fúria. Olhou para Olaf e viu como este, simplesmente, erguia o olhar, ao notar a mudança de atuação, sorrindo vagamente para Mageen, e voltava a sua conversação sobre a construção de navios com o gigante ruivo.

Mas então Erin notou que muitas das damas, da mesma forma alguns dos irlandeses e noruegueses que estavam no salão, olhavam em sua direção. A compaixão e a curiosidade encheram seus olhos por um instante, até que foram conscientes que Erin os estava observando e, rapidamente, afastaram o olhar. Ela manteve a cabeça erguida, até que, simplesmente, não agüentou mais. Ficou de pé, atraindo o olhar de Olaf bruscamente.

— Desejaria me retirar, meu senhor. Minha viagem até aqui foi fatigante e ainda não recuperei o sonho atrasado.

Durante um momento pareceu que ele fosse discutir com ela, então encolheu os ombros, como se sua presença não tivesse importância.

Erin escapou do salão e se encontrou com Moira esperando-a em seu quarto.

— Por que não estava no jantar? — Erin exigiu.

Moira encolheu os ombros, num gesto de impotência.

— Prefiro evitar a sala de banquetes durante a noite — respondeu ela brandamente.

Erin sentiu a risada histérica que borbulhava dentro dela.

— Te esconde aqui porque vive com Sigurd enquanto que... Que essa bruxa faz alarde de sua posição!

Moira levantou uma sobrancelha, mas não disse nada. Erin fechou os olhos cansadamente.

—Sinto muito, Moira. Está em seu direito fazer o que quiser.

—Venha, Erin, ajudarei a te despir.

Erin não se moveu enquanto Moira a ajudava com sua camisola. Nenhuma pronunciou uma só palavra enquanto Moira penteava o cabelo de Erin.

—Erin, ajudaria falar? —perguntou Moira.

Erin sacudiu a cabeça. Não podia falar já que nem ela se entendia. Não deveria importar que todos soubessem que a puta de seu marido tinha mais poder que sua esposa. Não deveria preocupá-la que ele tivesse sorrido para Mageen. Não deveria incomodá-la que o mesmo homem que se deitou nú ao seu lado, com o único propósito de ridicularizá-la e submetê-la, fizesse muito mais com uma mulher de sua própria raça, que parecia decidida a demonstrar que era ela quem governava.

—Dou boa noite, então — disse Moira brandamente, cruzando o chão de pedra e tentando dedicar um sorriso alegre ao abrir a porta. — Lorde Olaf provavelmente virá logo.

Quando a porta se fechou, as palavras de Moira penetraram na mente de Erin. A única coisa que queria era enfrentar-se com Olaf, lhe amaldiçoar e fazê-lo sofrer, golpeá-lo. Queria era gritar de frustração. Queria ir para casa.

Mas não podia permitir-se fazer nenhuma dessas coisas, não desejava estabelecer uma relação de fria propriedade e distanciamento entre eles. Deitou na ampla cama perguntando-se, com surpreendente amargura, se o marido se incomodaria de vir para seu quarto, embora fosse óbvio que preferia dormir em qualquer outra parte.

Deveria sugerir que tivessem quartos separados, pensou. Ele pode ter sua liberdade e eu posso ter a minha. Não nos manteremos em uma guerra constante. Ele não me quer para outra coisa, a não ser zombar de mim.

Ouviu seus passos, o rangido da porta, e fechou os olhos. Sentiu cada um de seus movimentos, enquanto se despia. Podia sentir, pressentir, cheirar o agradável aroma corporal, tão masculino, enquanto se aproximava da cama. E soube que ele ficou em pé, observando-a.

—Suas mãos, Erin — disse brandamente—. Não tenho nenhum desejo de que te converta em uma viúva feliz nesta noite.

Ela ficou congelada, lutando contra as lágrimas que ameaçavam precipitar-se pelos olhos. Outra vez não, pensou, por favor, outra vez não. Nego-me a rogar.

Ela se voltou para olhar fixamente. Não parecia tão terrível esta tarde. Podia adivinhar um tênue brilho de dor em seus olhos.

Sua boca tinha ressecado. Uma parte dela quis lhe golpear, exigindo saber como podia tratá-la de uma forma tão atroz, quando devia respeito ao seu pai, mas havia outra parte dela que, simplesmente, não poderia passar outra noite na escravidão. Ela umedeceu seus lábios.

— Não farei nenhuma tentativa contra ti. Prometo.

— Eu gostaria de poder acreditar. — Sua voz sustentava tanto determinação como pesar—. Estende as mãos. Apesar do fato de que deseje minha morte por um meio tão odioso, não desejo te machucar. Mas o farei se precisar.

Ele acreditava no que havia dito, e ela não estava a sua altura. Ela não queria brigar com ele outra vez, não queria sentir o poder que irradiava o corpo dele contra o seu. Seu lábio começou a tremer. Ela não podia permitir que ele percebesse. Apertando a mandíbula, obedientemente, fez o que lhe tinha pedido.

Começou a atar suas mãos com uma tira de seda. Então fez uma pausa, olhando-a fixamente. E a libertou. Seu tom foi áspero ao falar.

—Se voltar a tentá-lo, te assegure de que me mate. Já que se fizer outra tentativa de fazer correr meu sangue e não obter êxito, vou me ocupar de que receba vinte chicotadas, como qualquer outro criminoso.

Erin não disse nada. A advertência de seus olhos se intensificou, quando se moveu para apagar as velas. Deitou, silenciosamente, ao lado dela, deixando uma pequena distância entre eles, uma linha que jamais poderia ser cruzada.

Dormiu miseravelmente. Embora tivesse liberdade de movimentos, ela não podia permitir-se. Ele era como um calor poderoso e hipnótico, para o qual não queria ser arrastada. Perguntou-se tristemente como seria capaz de agüentar isso noite após noite. Não poderia. Comentaria a sua idéia de dormir em quartos separados. E, de algum modo, conseguiria fazer entender Mageen que ela era a rainha, e não devia obediência a uma prostituta irlandesa, que cobiçava o inimigo.



CAPÍTULO 12

A primeira semana de Erin como a nova rainha irlandesa de Dublin se passou numa desgraça contínua. Olaf tinha decidido deixar de zombar dela, e não lhe dava atenção, exceto quando exigia algumas pequenas tarefas e esperava que fossem prontamente atendidas, como se estivesse em seu direito.

Erin fez todo o possível para frustrá-lo, deixando suas tarefas para outras mulheres, fingindo haver esquecido, quando Olaf a solicitava para que lhe servisse comida, água ou cerveja. Geralmente controlava sua personalidade, mas ela era consciente da irritação que crescia dentro dele. A vontade incontrolável de irritar o marido era maior. Ele rechaçou categoricamente lhe permitir usar um quarto separado. Queria-a onde pudesse vigiá-la. E desta maneira, passou a semana, dormindo cada vez menos, sabendo que ele se encontrava a poucos centímetros, às vezes separando-se bruscamente, horrorizada quando se encontrava curvada contra seu corpo, às vezes encontrando seu braço rodeando-a. Nem a nudez dele, nem os contatos acidentais dela o incomodavam. Erin pensou, com indignação, que ele supunha que estava dormindo com um cachorro. Supunha-se que ele era o animal, o bárbaro que a deixou completamente sozinha, enquanto que ela, para seu próprio desgosto, resultava cada vez mais difícil aborrecê-lo. Uma noite ela se acalmou, sonhando que era resgatada por um magnífico guerreiro irlandês. Fennen deveria ter sido o homem que aparecesse em seus sonhos. Mas ela despertou a tempo, tremendo de novo, quando se deu conta de que tinha conferido ao príncipe de seu sonho não só a perfeita e a poderosa musculatura de seu marido, mas também seu cabelo dourado e seus traços fortes de falcão. E chegou até mais longe, quando imaginou uns olhos penetrantes, de cor azul nórdico.

Depois de sua primeira semana dentro das muralhas de Dublin, tinha evitado Moira e quis conhecer um pouco da cidade. As calçadas cercadas a tinham assombrado assim como às filas intermináveis de casas de teto de palha e pedra, construídos com troncos partidos, como fizeram os fundadores. Entre as casas estavam habitações de comerciantes e artesãos. A quantidade de artigos disponíveis era impressionante. No Leste da cidade ficavam as lavouras e os campos, onde o gado e os cavalos pastavam. Erin se encontrou seguindo para aqueles muros e olhando-os fixamente, com admiração. Assim estava ocupada quando

ouviu os cascos ensurdecedores de um cavalo de guerra aproximando-se. Assustada, voltou-se para encontrar-se o olhar sardônico de seu marido.

— Sonhando que está fugindo? — ele zombou.

Erin inclinou a cabeça para vê-lo por cima do corcel, tomando cuidado de evitar as patas do garanhão negro, que batia os cascos no chão.

— Um sonho só, meu senhor, — replicou ela, em resposta.

Ele estendeu uma mão para ela.

— Vêem, faz-se tarde. Voltaremos juntos.

— Obrigado, posso caminhar.

— Estou bastante seguro de que pode. Entretanto, montará a cavalo.

Ela não teve nenhuma chance de protestar. Ele se inclinou sobre a cadeira para deslizar um braço ao redor de sua cintura e subi-la, sentando-a diante dele. Não gostou do sentimento que a assaltou quando pôs seus braços ao redor dela, e não gostou de seu fôlego contra seu cabelo, o calor de seu peito contra suas costas, o aroma masculino dele. Mas ele era como o aço de sua espada, como uma força física que ela não podia combater. Sentou-se silenciosamente, sentindo os músculos do grande de cavalo debaixo dela.

— Temos sorte de que fale nossa língua.

Não sabendo se ele zombava dela ou não, replicou de novo com amabilidade:

— Somos afortunados de que fale a nossa.

Ela sentiu Olaf encolher os ombros.

— Se uma pessoa deseja invadir e conquistar uma terra, é sábio saber da terra e de sua gente.

— E se a terra de alguém está sendo invadida... — com uma pausa, Erin acentuou “invadida” — não tinha nenhuma necessidade de dizer “conquistada”. — É sábio conhecer tudo o que se possa sobre os ... Invasores.

Ele riu brandamente.

— Diga-me, esposa, Que mais sabe fazer?

Ela se alegrou de não estar de frente para ele.

— O habitual, Lorde.

Ele riu outra vez, mas o som foi um pouco mais rouco.

— Esposa, recorda que não realiza o 'habitual'.

Uma comichão percorreu sua coluna. Zombava de novo dela? Não tinha nenhuma resposta, mas ele seguia falando.

— Tenho a estranha sensação, Erin MacAed, que em tí nada é habitual. Diga-me, que outra língua fala?

— Latim e a língua dos francos

— Bastante culta. Ensinará-me o latim com o tempo. Desejo entender mais sobre este Deus que devo tolerar pelos irlandeses.

A magnífica entrada da residência do rei surgiu diante eles. Erin conseguiu escapar de seus braços com um tranqüilo salto do cavalo.

— Se deseja compreender ao Deus cristão, Lorde Olaf, fala com minha irmã Bede. Seu contato com Ele é muito maior que o meu.

Erin era totalmente consciente de que ele a olhava, enquanto corria para dentro. Escutou o som profundo e gutural do eco de sua risada atrás dela e pressionou suas mãos contra sua face vermelha, odiando-o, perguntando-se como era possível encontrar coisas tão agradáveis e comovedoras sobre um homem que ela odiava. Um viking, um homem que se zombava dela, ridicularizava e não a respeitava. Uma princesa muito orgulhosa mantida sob suas ordens. Estava tão preocupada com seus pensamentos que literalmente trombou com um homem que se encontrava ao pé da escada. Se afastando, com uma desculpa rápida, Erin se sentiu triste e dilacerada, quando se encontrou olhando fixamente o rosto de Fennen MacCormac.

— Erin, — murmurou brandamente, ofegando. — estive tentando te encontrar a sós.

Ela reteve o fôlego quando ele colocou as mãos sobre seus ombros, com ânsia.

— Sei como sofre — acrescentou ele, rapidamente. — E não te esqueci. Não sei como ainda, mas te libertarei deste horror.

— Oh, Fennen!, — murmurou Erin com tristeza. — Não há nada a fazer. Estou legalmente casada com Olaf. — Fugir, compreendeu, nunca poderia ser nada mais que um sonho, e se chegasse a conseguir, seria a causadora de guerras, de derramamento de sangue, de um grande número de mortes. Ela riu, tristemente, quando olhou fixamente aos sérios olhos negros. Realmente nunca tinha amado Fennen. Ele sofria muito mais que ela —. Deve partir daqui, Fennen — suplicou. — Está se machucando.

— Não posso, Erin, — jurou ele, sinceramente. — Não posso te abandonar com esse bárbaro do norte.

— Ele não é um homem cruel, — Erin se ouviu dizer, e havendo dito essas palavras, teve que admitir a verdade. — Estou bem, Fennen, e devemos aceitar o que aconteceu.

— Mas, Erin, — começou ele, abatido, quando seus olhos abandonaram os dela e ficou rígido, olhando fixamente sobre seu ombro. Um calafrop percorreu o corpo de Erin quando se voltou, devagar, para seguir a linha de visão de Fennen; ela já sabia o que ele olhava.

Olaf a tinha seguido. Ele esperou a certa distância deles, com a expressão tão impassível como as pedras de seu castelo. Deus querido, o que estava pensando? Erin se perguntou.

Mas ele se aproximou deles com serenidade, não dando nenhum sinal de ter ouvido suas palavras.

— Meu senhor de Connaught, — ele saudou Fennen com cordialidade. Seus olhos azuis claros observaram Erin só por um momento, enquanto Olaf deslizava um braço, afastando-a do contato de Fennen. — Devem nos perdoar, por favor. Há coisas que devo falar com minha esposa.

Fennen se distanciou, mudo. Meu herói! Pensou Erin, com um brilho de amargura. Por que até experientes guerreiros como Fennen pareciam acovardar-se diante o Lobo?

Ela sentiu o braço de seu marido sobre seu ombro, como se fosse uma cadeia de aço. Mas enquanto eles se aproximavam da escada, seu ressentimento com Fennen cessou, e ela começou a perguntar-se nervosamente o que Olaf poderia ter ouvido. Deveria estar agradecida, pensou Erin. Não quero ferir Fennen, e ao menos Olaf se comportou com cortesia. Mas ela não estava agradecida. Estava terrivelmente nervosa. Olaf a ignorava com frequência, e agora ele a conduzia para seu quarto.

— Do que deseja falar? — ela exigiu, irritada, enquanto ele empurrava e abria a pesada porta.

Ele não respondeu durante um minuto e o tremor que tinha começado na base de sua coluna, pareceu espalhar-se por seu corpo. Deu-se conta de que não podia lhe dar as costas e deu a volta para enfrentá-lo, esforçando-se a manter uma expressão irritada.

Ele se apoiou contra a madeira da porta, com os braços despreocupadamente cruzados sobre seu peito, os olhos ardentes fixos nos seus, seus lábios apertados numa linha fina, e sua expressão severa e sardônica.

— Desejo manter a paz, Princesa, — disse ele surpreendentemente tranquilo. — portanto não desejo te encontrar por acaso nos braços de um rei irlandês outra vez.

— Eu não estava em seus braços, — protestou Erin com ira, mas Olaf agitou um braço com impaciência e a interrompeu, com uma voz absurdamente aguda para a tranquilidade que aparentava.

— Se quiser que seu irlandês galante tenha uma vida longa, não me deixe te encontrar sozinha com ele de novo.

Erin levantou seu queixo. Deveria tomar cuidado, advertiu-se, mas não agora, quando sua cólera se elevava a uma velocidade espantosa. Ele mantinha sua puta no salão, e ela não podia dizer algumas palavras com um velho amigo, um homem que era um rei por seu próprio direito.

— Acreditava que era a rainha de Dublin, — disse docemente. — Assumiria meu senhor, que, como tal, deveria fazer amizade com os irlandeses, assim como com os noruegueses.

Olaf fez uma pausa durante um momento, com seus olhos fechando-se e um sorriso sutil desenhando-se em seus lábios. Encontrou seus olhos de novo e se moveu através do quarto para suspirar e relaxar seu corpo

sobre a cama, entrelaçando os dedos atrás de sua cabeça. enquanto mantinha seu olhar sobre Erin.

—Irlandesa — murmurou — É lenta para compreender.

Erin permaneceu muito quieta, com seu nervosismo aumentando.

— Vêem aqui, — ordenou ele tranqüilamente.

— Como deseja — murmurou ela, aproximando-se da cama com um gesto aborrecido. Parou a poucos centímetros dele e esperou com expectativa.

— Vêem a mim, Erin — insistiu ele, tranqüilamente.

Ela fez uma pausa, analisando o tom de comando em sua voz, encontrando-se com o fogo ardente de seus olhos.

— Não quero me aproximar mais, — murmurou ela.

Ele se voltou sobre a cama, inclinando-se sobre seu cotovelo. Ela sentiu seus olhos fixos sobre ela.

— Ahhh... Esse é o problema, irlandesa. Não quer me fazer caso... E parece continuamente esquecer que lhe permiti muitas concessões. — Ele seguiu rindo, em tom agradável. — Minhas costas me incomodam terrivelmente, Princesa. Se me emprestasse uma mão durante um momento...

Ela se manteve de pé, em silêncio, perguntando-se se poderia correr para a porta.

O sorriso de Olaf se voltou mais pícaro e agradável quando levantou suas mãos.

— Tão grande é o que te peço Princesa? Se quiser que eu me comporte de uma maneira verdadeiramente bárbara, poderia saltar desta cama e te arrastar.

Sua voz foi se apagando quando Erin deu dois passos furiosos para ele, sentando-se ao seu lado, sobre a cama. Ele levantou uma sobrancelha ante a expressão franzida de sua esposa, mas tirou a roupa pela cabeça e lhe ofereceu suas costas. Ele estava preparado quando ela começou a arrastar suas unhas, cravando-as em suas costas. Virando-se para capturar suas mãos, antes que ela pudesse desenhar com sangue, enfrentou à cólera de seus olhos com um sorriso cáustico.

— É incrível, esposa, — disse ele brandamente, — que se atreva a me chamar de bárbaro. Mas estive considerando esta situação, e ouvi que a negligência solta a fera e cria a esposa adúltera. Só procuro paz, Erin MacAed. Mas parece que estou te prejudicando...

Os olhos do Erin se arregalaram, alarmados, quando ele a pressionou sobre a cama.

— Não! — ela protestou rapidamente—. Não está me prejudicando!

Seu protesto chegou muito tarde. Ela viu a luz forte em seus olhos e logo sentiu a determinação dolorosa de seus lábios sobre os seus. Erin virou sua cabeça, mas não pôde evitá-lo. Ele enrolou os dedos em seus cabelos

e segurou sua nuca. Ela esmurrou com os punhos contra suas costas; Olaf agarrou suas mãos, agarrando seu cabelo uma vez mais.

Nunca se havia sentido mais acesa. Sua boca estava incandescente contra a sua, e até quando lutava contra ele, o calor parecia dominá-la, privando-a de resistência. Ele ordenava, apartando sua vã tentativa de negá-lo com uma persuasão sutil enquanto separava seus lábios e seus dentes com a língua, saqueando, procurando os segredos mais profundos de sua boca. Erin se encontrou sem fôlego, incapaz de mover-se ou protestar, caindo num abismo de debilidade onde não tinha nenhum controle do tremor, do calor crescente que a arrasava.

Sua boca era firme, embora a acariciasse brandamente, ardente embora aprazível. E a cabeça de Erin girava, cada vez mais perto daquele abismo. Ele enredou os dedos em seu cabelo, esfregou-o contra sua bochecha, ao longo de sua garganta, e logo insolentemente, sobre seu seio.

De repente ele se afastou. Erin olhou fixamente, atordoada, enquanto ele dava um sorriso frio, tocando seus lábios úmidos com a ponta de seu dedo.

— Eu acredito querida esposa, que escutará minhas ordens e pensará bem antes de paquerar com qualquer homem, seja ele nórdico ou irlandês. Já que eu poderia pensar que se sente negligenciada e me esforçaria para não te ver sozinha.

Erin compreendeu enraivecida, que ele falava friamente, sem paixão. Seu beijo ardente não tinha servido para nada, mas tinha aprendido uma lição, ensinada por um homem bem versado nas artes do amor. Um insulto para recordá-la que ele tinha o poder, e que se ela se opunha, teria muito que perder se escolhesse desobedecê-lo.

Olaf já não a agarrava, mas seus dedos descansavam sobre seu seio. Um tremor se instalou nela enquanto seu rosto enrubescia de raiva. Ela levantou sua mão para golpeá-lo. Olaf agarrou sua mão, e qualquer tom de brincadeira abandonou sua voz.

— Irlandesa, — ele grunhiu, — É a mulher mais valorosa e mais valente que alguma vez tive a maldita sorte de cruzar. Alguma vez aprenderá? Vejamos senhora. Voltarei a te encontrar alguma vez mais em alguma conversação íntima com o rei de Connaught?

— Não, — queixou-se agressivamente. — Mas é idiota, meu senhor. Não deveria duvidar de minha completa obediência ante suas... Ordens. Coloca-me numa situação que somente eu posso enfrentar, já que não tenho nenhum desejo de fazer sofrer a outros ou que homens possam morrer por minha causa.

Com essas palavras, Erin desceu da cama, levantando seu queixo com um orgulho arrogante. Ela se voltou para partir, mas ele agarrou seu

braço e a girou para confrontá-lo. Devolveu-lhe o olhar com valentia, ocultando o tremor que ainda sacudia seu corpo.

— Não é difícil, irlandesa, — disse ele tranqüilamente. — É livre para ir agora, mas convém escutar, e escutar bem. Não pretendo apertar as correntes, mas quando esta é constantemente esticada, é natural apertá-la mais. É possível que cheguemos a um entendimento?

— Um compromisso? — Erin exigiu amargamente.

— Assim é, irlandesa. Um compromisso.

Ela deu a volta para deixar o quarto, e só se atreveu a falar quando sua mão estava sobre o trinco da porta.

— Deve entender viking, que isto é um compromisso, uma aliança. Segundo a lei irlandesa ainda posso procurar uma separação, ou o divórcio. — Fechou a pesada porta, rapidamente, atrás dela, chateada por não ter forças para fechá-la de repente, apressando-se desesperadamente para, ao menos uma vez, ter a última palavra.

Erin se afundou no trabalho de fazer com que a cozinha funcionasse sem contratempos, encontrando prazer no tempo que empregava com Freyda e com Rig. Alegrou-se ao descobrir que realmente tinha talento para escolher a vitela mais saborosa e arrumar as travessas da comida, e também para dispor na mesa os numerosos senhores da Irlanda e jarls da Noruega, de modo que nenhum deles se sentisse menosprezado. A tensão dentro do quarto do sol das se aliviou quando as damas irlandesas se uniram às norueguesas e Erin não se sentiu tão sozinha.

Era de causar pena ver que Moira se ocultava nas sombras,, mas não podia forçá-la a adotar uma atitude que pudesse agravar sua situação.

As coisas andavam tranquilas, até que Erin descobriu que uma ordem direta que ela tinha dado na cozinha tinha sido revogada por Mageen — E tinham obedecido Mageen. Ela se inteirou desta situação quando estava a ponto de entrar no quarto de sol para procurar sua irmã Bede. Freou-se quando ouviu os sussurros.

— É uma pena, porque a rainha tentou...

— Se ela fosse da Noruega, poderia ser... compreensível

— Não se importa, por isso não faz nada...

Escutou uma risada tola.

— Pobre coitada! Uma filha de Aed, uma princesa de Tara, caindo tão baixo!

— Grenilde nunca teria permitido...

Erin se deixou cair contra o revestimento de madeira da parede, sentindo seu coração palpitando. Deus querido, eles fofocavam sobre ela, sem piedade, porque não tinha nenhum poder em sua própria casa. Se Olaf

tentasse, não poderia humilhá-la mais. Possivelmente tentaria, pensou, recordando como zombou de sua contemplação da terra além de Dublin. Embora, a sua maneira, ela tinha tratado de se comportar como ele havia dito que desejava. Tinha dirigido sua casa como tinha solicitado, e desde a tarde em que tinham falado em seu quarto, ela não interferiu em seu caminho, ocasionando poucos problemas.

Nunca mais, fez-se voto enquanto levantava a cabeça e voltava para seu quarto.

Ignorou todas as responsabilidades do dia, olhando fixamente através da janela. Ela podia ver Olaf fazendo exercícios nos campos com seus homens. Seus irmãos estavam com ele e Gregory. Gregory, a quem mal tinha visto desde sua chegada. Seu primo que tinha sobrevivido com ela, e tinha lutado ao seu lado, aliou-se ao Lobo. Olaf prometeu lhe devolver Clonntairth quando Gregory fosse bastante forte para mantê-lo.

Moira apareceu depois do crepúsculo para recordar, nervosamente, a Erin que era a hora do jantar na sala de banquetes.

— Não me sinto bem. Por favor, transmita minhas desculpas ao meu mar... A Olaf.

Um olhar de pânico cruzou a encantadora face de Moira.

— Erin, você dev...

— Moira. — Pela primeira vez, Erin falou com sua amiga como sua senhora. — Te falei o que desejo.

Ela pensou que Olaf notaria sua ausência, se talvez se sentisse chateado. Mas quando ele deixasse o salão essa noite, ela estaria pronta para abordá-lo. Ela não devia falar com Fennen, mas ele não só desfrutava de Mageen, mas também a permitia usurpar a posição de Erin.

Para a surpresa de Erin, Olaf apareceu no quarto minutos mais tarde. Quando Erin viu o tic em sua mandíbula tensa e o fogo azul em seus olhos, lamentou sua ação, mas então reprimiu sua covardia e permaneceu de pé ante seu ataque.

— O que crê que está fazendo?

Inclusive se permitiu uma risada doce e cândida.

— Compromisso, meu senhor. Não quero jantar com sua puta.

— O que?

— Não me unirei contigo na sala de banquetes nunca mais. Sou uma princesa de Tara, Lorde Lobo. Quer que sua casa funcione muito bem. Isto para honrar o acordo com meu pai. Mas não farei nada mais, Lorde Lobo. Não quando permite que eu seja desonrada por sua puta.

Ante sua enorme surpresa, ele riu.

— Virá comigo agora, — disse ele.

— Só se me arrastar. E há irlandeses que defenderão meus direitos em seu salão. E acredito que até entre seus próprios homens, encontraria os que acreditam que sua esposa deveria ser respeitada.

Suas mãos estavam sobre seus quadris e sua cabeça ligeiramente inclinada. Seus olhos azuis brilhavam, perigosamente.

— Acredito esposa — cuspiu ele — que esquece quem é o conquistador.

— Não, Olaf, — disse Erin com serenidade — nunca o esqueço.

Olaf a olhou fixamente. Que historia era essa de rameira? Ele se perguntou. Depois de tudo o que tinha ocorrido, ele tinha feito todo o possível para ajudá-la a adaptar-se a sua nova vida. Esforçou-se por ignorar suas contínuas farpas, e pediu muito pouco dela. Por quê? Perguntou-se.

Ela era formosa. Quanto mais a olhava mais compreendia quanto era encantadora. Quão perfeitos eram esses olhos, como os infinitos campos verdes quando o sol fazia brilhar o rocio da erva, seu rosto, tão incrivelmente delineado, seu corpo, como marfim, suave e firme, feito para receber um homem. E ainda assim a deixou sozinha, apesar de que o atraía muito mais que qualquer outra mulher que ele conheceria. As respostas penetraram rapidamente em sua mente.

Ela o desprezava. Era sua esposa e Olaf sempre tinha sonhado que Grenilde seria a única mulher que ostentaria esse título.

E até agora o desafiava com altivez, com seus olhos furiosos e a cabeça suntuosamente inclinada. Ela ainda não sabia que era só uma peça dentro de um jogo, e que ele era, não só o rei da cidade nórdica que tinha reconquistado com suas próprias mãos, mas também um homem que tentava estabelecer uma trégua entre seus homens e os irlandeses. Sua mandíbula se retorceu com dureza, seus lábios, cheios e sensuais, marcaram uma linha severa em seu rosto.

— Se deseja ser arrastada — a informou, em um tom mortalmente tranquilo, — então parece que me obrigará a isso.

Ele deu um passo para ela e Erin saltou através da cama para confrontá-lo.

Olaf se alegrou de vê-la perder a fria compostura que estava lhe irritando além da razão.

— Me arraste então, cão, mas lembra isto! Pode me açoitar ou me golpear aqui mesmo! Mas não farei nada mais em sua casa até que faça algo sobre sua puta.

Apesar de suas palavras, ele seguiu aproximando-se, rodeando a cama e encurralando-a contra a parede.

— Não! — Erin gritou. Mordeu-lhe no ombro com tanta força que ele ofegou pela surpresa e a liberou, com uma fúria evidente sobre seus traços.— Faça por mim, uma princesa de Tara, — chiou Erin, apenas consciente das palavras usadas em sua súplica, — o mesmo que teria feito por sua amante viking!

Ele ficou completamente parado. Assim que as palavras saíram de sua boca, lamentou. Nunca tinha visto uma expressão tão sombria, tão feroz,

tão contida. Unindo seu tamanho e seu poder mortal, era tão glacial como uma punhalada de gelo.

Olaf se lançou contra ela rapidamente, com uma violência que a esmagou. Um segundo antes ela estava de pé. No seguinte a palma de sua mão golpeou seu rosto e foi lançada sobre a cama, com sua cabeça cambaleando-se e lágrimas de dor brotando de seus olhos. Ela não pôde encontrar o equilíbrio para defender-se de um novo golpe.

Ele não o fez. Ao invés disso, abandonou o quarto e não voltou naquela noite.

Pela manhã, Rig lhe trouxe uma bandeja de pão fresco, salmão defumado e queijo. Primeiro viu a palidez de seu rosto e em seguida as pequenas linhas vermelhas através de seu rosto, convertendo-se em vergões.

Ele baixou sua cabeça, enfurecido, sabendo que o senhor que tinha servido tantos anos havia provocado aqueles hematomas. Como podia Olaf, misericordioso com todos, maltratar esta senhora tão delicada? Um dia teria que dizer ao Lobo exatamente o que pensava, mesmo que isso significasse arriscar-se a provocar a cólera do brilhante guerreiro.

Ele notou que Erin tratava de ocultar sua bochecha com o cabelo e seu sorriso. Levou a bandeja à cama e discretamente avaliou o dano. Não estava tão mal. O aspecto melhoraria antes da tarde.

— Já vejo que não se encontra bem ainda, minha senhora, — murmurou Rig, atento como sempre. — Me assegurarei de que não seja incomodada.

Seus olhos de esmeralda o olharam.

— Obrigado, Rig, mas acredito que ficarei em meu quarto esta manhã.

Rig verteu em uma taça leite de vaca. Ele não queria abandoná-la.

— Penso que eu gostaria de ficar com você para falar e contar algo de nossas lendas. — Não lhe deu possibilidade de protestar. — Para que saiba, no princípio, não havia nada mais que um grande abismo chamado Ginnungagap. Lentamente, dois mundos cresceram de ambos os lados: Niflheim, o lado escuro, e Muspell, onde havia luz e calor. No lugar onde eles se encontraram, a vida surgiu em forma de Ymir, o gigante. Ymir criou uma vaca que chamou de Audhimbla, e dela conseguiu alimentação. E ela lambeu o gelo salgado para esculpir a primeira forma humana, Buri. Depois Ymir criou gigantes que eram escuros e maus; Burl criou Bor que criou Odin, nosso deus mais importante. Logo todos os filhos de Bor mataram Ymir, e Odin começou a criar a terra. O sangue de Ymir se transformou em rios, sua carne na terra, até as montanhas foram criadas de seus ossos! E a luz foi tirada de Muspell para iluminar a terra. E logo os filhos de Bor criaram ao primeiro homem e à primeira mulher... deram vida e fôlego a duas árvores criando Ask e Embla. O

homem começou a repovoar a terra, em uma fortaleza feita das sobancelhas de Ymir, chamada Midgard.

Erin riu.

— Gente nascendo das árvores! —

— Sim, certamente! — Rig sorriu abertamente, se ocupando de arrumar uma habitação que já estava arrumada. — Mas todos os gigantes não foram aniquilados, e algum dia os gigantes voltarão a lutar contra os deuses. Surt protege Muspell com uma espada de fogo e ele lutará contra os deuses no último dia do mundo. Ragnarok.

Erin lhe deu um olhar espantado.

— Os deuses e o mundo inteiro têm um final?

— Sim, — disse Rig pícaramente, — e não. Direi-lhe algo sobre Ragnarok em outro momento. Agora deve recordar dos três: Odin, o deus da sabedoria e o deus dos mortos, e que junto com suas valquirias, escolhe os que devem morrer no campo de batalha; Tor, deus dos guerreiros e batalhas; E... Freyr, deus da terra e as coisas que crescem. Um amuleto esculpido de Freyr, dizem que torna os matrimônios férteis!

— Oh! — Erin se endireitou e empurrou a bandeja para Rig. — Muito obrigado, Rig, mas realmente não posso comer mais, e eu gostaria de dormir um pouco.

Rig estava triste por ter sido dispensado. Durante alguns minutos, ele a tinha feito rir. O que havia dito? Sacudiu sua cabeça, triste, quando a deixou, amaldiçoando o idiota do Olaf, ao qual tinham concedido a maior jóia da Irlanda e ele a tinha maltratado.

Erin dormiu. Não tinha conseguido por toda a noite e deixou-se cair contra o travesseiro e encontrou descanso devido ao seu esgotamento. Queria tão desesperadamente dormir, deixar de pensar, nem que fosse só um pouquinho.

Quando despertou, tinha recuperado sua força. Tocou a bochecha e se tranqüilizou, ao descobrir que o inchaço havia baixado completamente.

Ela lutou contra a estupidez das lágrimas e o desespero. Era pouco o que podia fazer, exceto lhe ameaçar com as leis Brehon, negando-se a admitir que elas não seriam de nenhuma ajuda em sua situação. Na Irlanda, até o criado mais humilde ou escravo, homem ou mulher, poderia comprar, eventualmente, sua liberdade. Uma camponesa poderia pedir a um Brehon e levar seu marido ante um magistrado. Quanto mais alta fosse a posição de alguém, mais alta a autoridade a que deveriam se dirigir para o julgamento. Ela deveria se dirigir ao rei — seu próprio marido — e procurar uma autoridade mais alta se Olaf não estivesse de acordo!. Ela seria levada ao Ard-Righ. Seu próprio pai. O homem que tinha fechado seu coração e tinha entregado Erin ao Lobo, numa bandeja de prata.

Olaf poderia forçá-la, e isto seria mais fácil de aceitar que a ignomínia de ser golpeada. Seu próprio marido tinha investido contra ela, a deixou sozinha e não havia retornado.

Ela não tinha querido dizer nada com suas palavras. Além disso, Grenilde tinha sido uma viking, que ela, a contra gosto, tinha admirado e tinha respeitado durante todos aqueles anos. Com sua morte, Olaf tinha perdido toda o respeito pelas mulheres. Exceto pela complacente Mageen, que fez alarde de sua autoridade.

Erin voltou a pensar no quanto gostaria de voltar a ver sua mãe, de chorar seus infortúnios para Maeve. Ela não podia dirigir-se a Bede, porque apesar do carácter de sua irmã, acreditava muito lealmente no dever e na ética cristã, que dizia que cada pessoa devia carregar suas próprias cruzes.

Patéticamente, ela sussurrou em voz alta.

— Pai, como pôde fazer isso comigo? — Fechou seus olhos de novo. Como lamentava não estar de volta em Tara, ser uma menina outra vez, subir lentamente sobre os joelhos de seu pai para receber umas quinquilharias de cristal colorido ou algum presente, quando ele voltava de suas viagens. Não sou uma menina, recordou-se, e não existe ajuda. De algum modo devo aprender a lidar com tudo isso ou ficarei louca.

Ouviu, de repente, um chamado na porta. Erin pensou em reclamar para que a deixassem sozinha, logo suspirou. Tinha alegado enfermidade, e Bede certamente insistiria em vê-la e Erin não podia ocultar-se no quarto para sempre. As demais damas encontrariam mais motivos para rir pelas suas costas.

Erin aprumou seus ombros. Era uma princesa de Tara. Não suportaria humilhações nunca mais. Aprenderia a elevar sua cabeça tão alto que ninguém ousaria subestimá-la.

O chamado se fez mais persistente. Erin se sentou contra seu travesseiro e emitiu um frio e real:

— Entre.

Como supunha, Bede entrou no quarto, acompanhada por uma das mulheres nórdicas, Sirgan que, desde o primeiro dia, tinha mostrado amizade por Erin, mais que outras mulheres. Ela também se converteu na favorita de Bede já que estava interessada nos ensinamentos do Deus Cristão; era bastante estranho tendo sido casada com Heidl, um dos bárbaros mais ferozes. Todos os nórdicos eram lutadores selvagens, mas entre eles, o berserkrs era uma classe à parte. Os irlandeses pensavam que eram meio loucos. Gritavam e grunhiam como animais na batalha, girando seus olhos febris, e era sabido que alguns chegavam a quebrar seus próprios dentes, por ter mordido brutalmente seus próprios escudos. Que Sirgan, uma mulher tranqüila, tivesse estado casada com tal homem, lhe pareceu estranho. Possivelmente tinha aprendido a

conviver com a crença de que cada batalha de seu marido poderia ser a última.

— Irmã, estive preocupada com você, — disse Bede, aproximando-se da cama e tomando a mão de Erin. — Se te sentir mal, deveria averiguar a causa e se tratar.

Erin dirigiu a Bede um sorriso convincente.

— Sinto-me muito melhor, Bede. Levantarei-me logo.

Bede devolveu o sorriso, logo olhou para Sirgan, que estava atrás dela, perto da porta. Bede parecia aliviada, não somente porque Erin estava bem, mas sim porque se não estivesse, teria que lidar com um problema que não estava acostumada. Se sua irmã tivesse estado doente, ela se encontraria num dilema.

— Sirgan deseja falar contigo, Erin, — disse Bede. Erin olhou para a mulher, curiosa, e sorriu.

— Como posso ajudá-la? —

Sirgan se aproximou de Erin, com um ar de preocupação em seu rosto. Ela não era uma moça, embora sua serenidade loira insinuava ter sido, no passado, uma grande beleza, e ainda era chamativa e agradável de se olhar.

— Estou preocupada com Moira, — disse Sirgan ante a surpresa de Erin.

— Ela está conosco faz muito tempo. E também, pacientemente, suportou aqueles meus compatriotas que não são tão agradáveis com os irlandeses. Mas hoje, quando Grundred a repreendeu sobre o ajuste de um tear, ela se pôs a chorar e escapou para o quarto. — Sirgan fez uma pausa. — Grundred é uma mulher rancorosa. Temo por Moira, já que tenho muito carinho por ela.

Erin escutou Sirgan com um pouco de assombro, e logo com tristeza. Entre os nórdicos existiam alguns amáveis, como Rig, Freyda, e agora Sirgan. Ela não podia desprezar todos, e tampouco podia permitir que machucassem Moira. Devia fazer algo.

— Obrigado, Sirgan, — disse — por trazer para mim este problema. Eu falarei com Moira e verei se posso ajudá-la.

Bede, aliviada, partiu com Sirgan. Erin franziu o cenho, logo saiu da cama para lavar-se e vestir-se. Não sabia onde encontrar Moira, por isso encarregou Rig para que a trouxesse para seu quarto.

Erin se deu conta de que não tinha que se preocupar com sua própria aparência quando viu o rosto de Moira. Embora estivesse tranqüila, suas bochechas estavam inchadas e seus olhos sulcados de vermelho.

— Sinto não ter vindo esta manhã, — Moira se desculpou, rapidamente, mas Rig disse que estava doente e que não desejava ser incomodada. Como se sente agora?

— Bem, obrigado, — murmurou Erin, sentindo-se culpada porque o estado de Moira era de causar pena. — Desejei te ver, Moira, porque eu gostaria de saber o que está acontecendo contigo.

O lábio inferior da Moira tremeu e ela baixou sua cabeça.

— Nada, acredito que estou muito fatigada.

Erin riu.

— Vamos trocar de lugar hoje, Moira. Você se senta e eu pentearei seu cabelo.

Moira protestou, mas Erin a sentou na banquetta, e logo começou a pentear o cabelo de sua amiga, massageando suas têmporas com os dedos. Erin falou sobre os monumentos que tinha visto nas ruas, e conversou sobre as diferenças entre Dublin e Tara. Então, lhe falou seriamente.

— Por favor, Moira, deve me dizer os problemas que tem. Ouvi que Grundred está zangada, e devo saber se quero manter a paz. — Erin fez uma pausa por um momento. — Por favor, Moira, — disse ela brandamente, — se houver problemas entre as mulheres, eu posso me incomodar com Olaf.

Moira explodiu em lágrimas. Erin se agachou junto dela e a sustentou entre seus braços, acalmando-a. Ela sentiu como se seu coração se rompesse. Quando tinha estado perdida e aterrorizada para enfrentar o dia a dia, Moira tinha estado ali, ajudando-a, fazendo-a compreender que sua situação poderia ser muito pior. Moira parecia uma fortaleza...

Finalmente Moira começou a dizer entrecortadamente.

— Estou grávida, embora não o busquei. Isso é pecado, certamente, mas não fiz... Não desejo ter um filho fora do matrimônio... Nem irlandês nem nórdico... Desprezado por ambos..., nem cidadão de honra, nem criado.

Seu pranto se suavizou, mas continuou. Erin seguiu acalmando-a.

— Seu filho não será desprezado. Prometo-lhe isso. Escute-me. Exigirei de Olaf que fale com meu pai e a envie para Tara. Ele tem muitos homens que perderam suas famílias, formosos jovens que lhe amarão e aceitarão a seu filho dentro da fé cristã. Encarregarei-me de que Sigurd nunca te toque outra vez...

Ela se afastou, quando viu que Moira ria. Um toque de frieza se apoderou de seu coração. Ela tinha esse poder? Somente a idéia de pedir algo a Olaf era um suplício para ela. Mas tinha que ajudar Moira, e certamente tanto seu pai como Olaf lhe deviam isso.

Sentou-se ao lado de Moira de novo.

— Por favor,... Não ri assim, só machucará a ti mesma! Deve confiar em mim, Moira. Liberarei-te do monstro viking.

A risada amalucada continuava, enquanto Moira levantava seus olhos para Erin. Logo tentou moderar-se.

— Ah, Erin, bendita seja, mas não desejo me afastar de Sigurd. Choro só por meu filho. Estou apaixonada por esse monstro viking.

Atordoada, Erin se levantou uma vez mais. Sua voz pareceu vir de muito longe. Era como se outra pessoa falasse, com calma e com segurança.

— Se estiver apaixonado por Sigurd, — disse ela, — e tem que parir seu filho, então ele deve casar-se contigo.

Moira começou a chorar e rir outra vez.

— Sigurd me deseja, mas ele não tomará uma esposa irlandesa. Ele não é nenhum rei, com necessidades de alianças.

—Ficará aqui, Moira, — disse Erin com serenidade, observando Moira, com voz tranqüila. —Voltarei dentro em pouco. Então faremos planos para suas bodas.

Moira ficou olhando como Erin saía, resolutamente, da habitação, inconsciente de que sua senhora se perguntava de onde havia tirado sua absurda confiança e rezando para que ocorresse algum milagre que a permitisse obter seu desejo.



CAPÍTULO 13

Montado em seu garanhão negro, Olaf observava os homens que se exercitavam no campo de treinamento. Especialmente Gregory de Clonntairth e seus reais cunhados de Ulster e Tara. Tinha sido prudente ao não desvalorizar as forças de Aed Finnlaith. Teria ficado realmente em duvidas, tendo que escolher entre formar uma aliança ou a aniquilação total como únicas alternativas. Embora a aliança escolhida tivesse sido cimentada por seu matrimônio não pudesse evitar as incursões de bandidos ou dinamarqueses por todo Eire, tanto Aed como Olaf se achavam em relativa segurança. Combinadas, suas forças eram virtualmente invencíveis.

Se comentava que Friggid, o Patizambo, se ocultava nas regiões do norte que pertenciam a Niall de Ulster. Olaf pretendia fazer sair da toca esses ratos dinamarqueses, e quando o conseguisse, teria os homens de Ulster ao lado dele. Esse Friggid corroía o peito de Olaf como um câncer. Como Friggid, Olaf acreditava que ele e os dinamarqueses estavam destinados a encontrar-se outra vez para lutar até a morte. Grenilde devia ser vingada. Só a morte de Friggid poderia lhe consolar da dor que ainda devorava seu coração.

Meditar sobre sua dor e sua situação recordou sua esposa irlandesa. Uma careta de pesar contraiu sua mandíbula quando pensou em seu último encontro, e então emitiu um grunhido impaciente. Tratava de ser paciente com ela. Tentava compreender sua forma de pensar. Mas ela era um problema. Não importava o quanto docemente lhe falasse, sua língua sempre estava afiada. E não importava quanto fingisse obediência e "compromisso," ele sabia que fazia tão somente como uma força, inclinando-se ante uma força maior enquanto, procurava a oportunidade de reafirmar-se. Ela poria a prova inclusive a paciência do homem mais tolerante, com seus brilhantes olhos verdes que nunca ofereciam submissão, e sua enganosa suavidade.

Tinha-lhe desafiado de forma evidente e tinha ignorado sua posição como sua esposa, para humilhar Olaf em seu próprio salão, com uma insignificante queixa. E ele tinha conduzido sua ira ao chamar Grenilde de sua "amante". Ela mereceu sua irritação.

Então, por que lhe atormentava assim havê-la golpeado? E por que passou uma noite miserável na frente da porta do quarto em lugar de na comodidade de sua própria cama? Porque lhe enfeitava diariamente com sua beleza e seu espírito, e ele tinha jurado afastar-se dela. Suas noites estavam se tornando uma tortura, inclusive, em sua própria cama, e tinha descoberto que não tinha nenhum desejo de ir a outra parte, nem sequer para aliviar o desejo que Erin lhe causava.

Olaf soprou de repente e pensou nas mulheres com aversão. Ele nem sequer sabia o que tinha despertado seu temperamental humor pela manhã. Não tinha estado perto de Mageen há vários dias, antes de levar a cabo a cerimônia cristã que tinha feito de Erin sua esposa. Um suspiro de irritação escapou dele. Supunha que teria que fazer algo — ao menos comprovar se a queixa era justificada. Tinha prometido a Aed que sua filha receberia o respeito devido à princesa de Tara, e se sua própria relação com ela não podia ser interpretada assim, devia ao Supremo Rei irlandês velar para que fosse honrada entre sua gente.

O cenho de Olaf se tornou mais feroz, e conduziu seu cavalo do campo de treinamento para cavalgar para dentro dos muros da cidade e inspecionar seu reino. Não gostava de se incomodar com assuntos domésticos. Esse, além da aliança em si, tinha sido o motivo que fez com que a idéia de

tomar uma esposa lhe parecesse aceitável, ainda quando seu coração desprezava tal ação.

Seus agudos ouvidos, acostumados há muito tempo com os sons da terra, advertiram-lhe de que um cavalo se aproximava. Moveu-se em sua fina cadeira de couro, e o assombro fez com que seu cenho se franzisse ainda mais.

Sua esposa irlandesa cavalgava para ele, ela que lhe incomodava tanto desperta quanto adormecida, que lhe obcecava inclusive nesse momento com sombras de remorso sobre sua justificada conduta. Com a cabeça erguida, aproximava-se dele.

Ela tinha chamado sua Grenilde de amante. Embora suas palavras não tenham sido cruéis, simplesmente desesperadas, ela não poderia entender que Grenilde tinha sido seu mundo... Seu cenho se abriu, de repente, com uma expressão de respeito. Apesar do violento resultado de seu último encontro, Erin desejava algo, e por isso vinha até ele. Não importava como retorcesse as cadeias de sua escravidão, ela não aceitava a derrota. Certamente ele já teria dobrado o espírito de uma mulher menos determinada que a bonita princesa de Tara que o destino parecia ter posto no caminho dele.

Ele esperou, estreitando seus olhos enquanto a olhava. Pensou outra vez com surpresa em quão bem montava. Tão natural, com tanto controle. Normalmente só os guerreiros podiam governar seus vigorosos corcéis com tanta facilidade, virtualmente sem esforço.

O cavalo se deteve diante dele. Olhou-o fixamente, com seu cabelo de ébano e seu manto violeta ondeando orgulhosamente com a brisa, seus olhos relampejando um estranho fogo esmeralda.

— Lorde Olaf, queria falar contigo.

Ele inclinou sua cabeça ligeiramente, suprimindo o impulso de sorrir abertamente. Tinha notado que ela nunca se dirigia a ele como marido, uma de suas maneiras de lhe informar que nunca lhe consideraria como tal.

— Há um problema doméstico que requer sua atenção imediata. Moira, uma de minhas mulheres, a que pertence ao seu Sigurd, está esperando um filho. Ela foi tomada na incursão de Clonntairth já faz alguns anos. Tenho entendido que esteve com Sigurd após, e também que ele foi um dos que a mancharam. Estabeleceste a paz com meu primo Gregory; ofereceste lhe devolver a província de Clonntairth. A Moira deve tanto ou mais, meu senhor, por tudo o que ela sofreu. Assim como honra seus acordos com meu pai — fez uma pausa ligeira, permitindo ao sarcasmo seco de suas palavras penetrar o ar — eu insisto que obrigue Sigurd a casar-se com Moira. Ela nunca te causou problemas de nenhum tipo, e apesar de sua posição de cativa, serviu bem a ti e Sigurd. Não pode permitir que continue sofrendo o abuso das outras mulheres, nem

permitir que seu filho nasça bastardo e não seja aceito por nenhuma raça — Ela terminou seu discurso e olhou, insolentemente, como lhe desafiando a opor-se.

Ele elevou uma só sobrancelha dourada, sobre seus zombadores olhos gelados.

— Deseja que eu force Sigurd a casar-se.

— Certamente. Eu fui obrigada também.

Olaf inclinou de repente para trás seu rosto de granito e riu.

— Olho por olho, Princesa de Tara?

Erin baixou seu queixo.

— Não, meu senhor, não há recurso possível para a injustiça que se fez comigo.

Sua voz era apenas um sussurro, e ainda assim lhe comoveu como nenhuma outra tinha feito em muito tempo. Possuiu-lhe outro impulso de esbofeteá-la e também uma urgência até mais forte de tocá-la, para sentir tudo o que seus olhos tinham avaliado uma vez e tinha encontrado perfeito, estreitá-la contra ele e ver se a paixão que flamejava em seus olhos corria também por seu sangue. O desejo de ensinar que ele era seu amo e senhor, e que tinha feito uma grande concessão deixando-a sozinha, era demasiado forte. As lições que lhe tinha dado tinham sido gentis, principalmente quando ele era um homem com necessidades — e não uma "injustiça" do destino.

Ele apertou seu cavalo com tanta fúria que o grande animal chutou a terra e elevou as patas em protesto.

Olhou fixamente para Erin, alheio aos movimentos do garanhão, sua expressão, de repente, tão fria e dura como o aço.

Mas para seu assombro, sua brusca resposta foi a que ela queria.

— Assim seja! — disse, com voz áspera.

Então o garanhão a deixou envolta em uma nuvem de poeira, enquanto Olaf retornava veloz ao campo de treinamento. Erin olhou, admirada por um momento, então voltou seu cavalo para levar as surpreendentes boas notícias para Moira.

Não se deu conta de que ele observava seu suave galope de volta, nem de que seus olhos se estreitaram uma vez mais, especulando sobre sua perícia com o animal. Ela montava excepcionalmente bem. Como um guerreiro.

Sigurd foi às nuvens e vociferou quando lhe ordenou que se casasse. Olaf permitiu seu mau humor, depois lhe recordou que eles tinham vindo criar um reino próprio, dado que nenhum lhes tinha sido devotado como lar. Sigurd parecia infeliz e Olaf lamentou um pouco sua própria situação, depois do qual o gigante de cabelo flamejante, pareceu envergonhado.

Olaf se deu conta, para sua surpresa, de que Sigurd queria sua amante irlandesa e de que estava orgulhoso de ser pai. Seu aborrecimento era

simples aparência. Olaf sugeriu ao seu general que fosse ele mesmo quem perguntasse à dama, e assim ninguém saberia que o matrimônio tinha sido idéia de outro.

Olaf emitiu um suspiro cansado quando seu general voltou a ter as maneiras orgulhosas de costume. Ele tinha outra tarefa: tinha que ocupar-se de Mageen.

Deixou sua residência, com a cólera retumbando em seu peito. Odiava que sua vida se visse alvoreçada com os problemas mesquinhos próprios das mulheres. Mas ele devia, possivelmente nem tanto à filha carrancuda do poderoso irlandês, mas ao próprio rei.

Erin tinha voltado para casa em êxtase. Talvez houvesse algo de positivo em seu desastroso matrimônio e ela poderia exercer seu poder como rainha para ajudar sua gente.

A alegria no rosto de Moira foi um raio de luz em seu coração. Erin descobriu que podia ser feliz, quando assegurou para Moira que suas bodas teriam lugar naquela mesma noite.

Quando Moira saiu, ela estava chorando outra vez, mas eram lágrimas de alegria.

Ainda cheia de poder, sentimento que a aturdiu mais que se tivesse bebido muita cerveja, Erin vagou para a janela e olhou, indolentemente, para o pátio. Seu sangue corria depressa, sentia-se maravilhada e riu em voz alta, então se acalmou, quando pensou na noite de tristeza que tinha precedido ao seu momento de triunfo. Olaf lhe tinha concedido este pedido, provavelmente, porque se arrependia de ter perdido seu frio controle, e devido à violência que lhe tinha mostrado. Mas ainda assim, ela não podia, não toleraria, viver com outra mulher governando sua casa. Ela era uma princesa de Tara.

Erin tocou a bochecha e recordou o golpe que a tinha feito cair. Mas ele não a tinha golpeado por causa de Mageen. Tinha feito por Grenilde, a beleza loira a quem amou.

Ela duvidou seriamente que Olaf sentisse por Mageen algum sentimento. Estava segura de que qualquer emoção parecida com amor que Olaf tivesse experimentado certa vez, pertencia unicamente a sua perda Grenilde.

Erin sabia que Olaf gostava de zombar dela. Era outro jogo de estratégia para ele, uma batalha que ele não tinha intenções de perder. Ele a tinha monopolizado frente a Fennen, e no retiro de seu dormitório, não teve escrúpulos para lhe recordar quem era que governava seu reino. Mas no grande salão, em público, lhe manifestava sempre uma deferência especial. Tinha prometido ao seu pai que seria respeitada, e apesar de que era um viking, tinha seu sentido de honra.

Faria ele algo com respeito a Mageen? Seria interessante vê-lo. Ela riu, entre dentes, de repente, pensando que o Senhor dos Lobos devia estar numa posição incômoda dividido entre sua esposa e sua amante.

Ele se envolveu com Mageen e este matrimônio de fachada com ela. Em efeito, tinha um problema. E ele mesmo ia ter que sair dele, da mesma forma como tinha entrado.

Erin empalideceu de repente, quando compreendeu que ele poderia continuar ignorando a situação e zombar dela, dormindo com a amante que tentava governar acima de sua esposa.

E o que me importa? Perguntou-se Erin. Mas lhe importava. Seu orgulho exigia isso. Vou contrariá-lo, outra vez prometeu. E não permitirei que sua rameira faça da minha vida insuportável.

Depois, quando ela chegou ao grande salão e se concentrou nos deveres da tarde, a ira que amargava continuou crescendo, apesar das bodas próximas, uma vitória que Olaf lhe tinha concedido. Ele tinha feito uma concessão, e por sua vez, ela fingiria certa obediência. Mas ele saberia. Ela se asseguraria que ele soubesse que, dentro de seu coração ela nunca, nunca, aceitaria um viking, como seu senhor.

— Olaf! — Mageen fechou seus olhos durante um segundo agradecida por lhe ver diante dela — Senti muitíssimas saudades do meu senhor — ela deslizou os braços ao redor de seu pescoço, sem pressentir nada estranho, até que ele se desembaraçou, energicamente, deles.

_ Superestimaste sua posição, Mageen. Só vim para te dizer que não voltarei a te ver e que deve abandonar a cidade de Dublin.

Sobressaltada, seu rosto empalideceu e se deslizou para o chão, aos seus pés.

— Não!

Olaf suspirou impaciente, sentindo um inesperado pesar. Levantou Mageen e a olhou fixamente, enquanto se sentava em um banco junto a uma mesa, estendendo suas longas pernas. Ele a olhou de pé diante ele, e notou um olhar febril em seus olhos, que lhe perturbou. Estava assustada. Nunca tinha imaginado que esta ardente mulher pudesse conhecer o medo. Era um autêntico quadro do medo nesse momento. Seus olhos muito abertos, seu peito respirando pesadamente. Ela recordou a Olaf que seu matrimônio tinha reduzido suas atividades.

Mageen lhe tinha devotado seus voluptuosos consolos durante muitas noites. Maldita Erin por criar este problema! Mas Mageen era a culpada, já que se não tivesse tentado zombar de sua rainha, poderia ter permanecido tranqüilamente onde estava.

—Não acredito que queira — disse Mageen roucamente—. Não pode querer me enviar para longe...

—Temo dizer que sim, Mageen. Ofendeu minha esposa enormemente — disse com suavidade, e ela reconheceu o som metálico em sua voz, que significava que sua decisão era irrevogável.

— Não! — disse ela, desesperadamente, golpeando o chão com seu pé —. Não posso acreditar! O Senhor dos Lobos governado por uma pequena cadela irlandesa? E o que existe entre nós, meu senhor? Esqueceu do prazer que eu posso te dar? Ela não pode te amar como eu faço.

— Ela é minha rainha, Mageen — declarou Olaf com simplicidade, erguendo-se.

Mageen o olhou desesperadamente, compreendendo que a despedia com pesar e o fazia definitivamente. Ele era o rei, um homem, mas primeiramente, o rei. Forte, às vezes, compassivo, mas frio, capaz de afastar-se sem olhar atrás.

— Cuidarei que encontre um lar e uma família adequada — lhe disse, ainda tranqüilo, mas firme —. Até então, temo que não deve te apresentar no grande salão.

Mageen não poderia aceitar o que ele estava dizendo, não até que ele partisse. O desespero brotou dentro dela e se jogou contra ele, grudando seu corpo no de Olaf.

— É um tolo! Não precisa me trocar por essa cadela fraca, que te mataria num momento! Ela fugirá Olaf, te advirto, te enganara com qualquer homem e alardeará suas infidelidades, porque te despreza!

Mageen lhe abraçou mais forte até sentir o fino aroma masculino da carne sob sua túnica, sentindo os braços musculosos. Ela não podia lhe deixar partir, nenhum outro poderia enchê-la, fazê-la sentir completa. Ela não era capaz de imaginar o que seria não poder antecipar suas visitas, embora tivesse passado muito tempo da última vez que tinham deitados juntos.

— Te digo Olaf, que ela te despreza, e não pode te agradar! Mas vigie aqueles olhos verdes, Olaf, porque certamente traem. Diz-se que ela queria se casar com Fennen MacCormac, que ainda ronda por Dublin. É nele que sua esposa pensa, quando o envolve com as pernas, ao deixar-se levar pelo prazer.

Os dedos de Olaf apertaram cruelmente seus ombros e depois a liberaram lentamente. Ele estava mais afetado por suas palavras do que gostaria de admitir.

—Procurarei que seja atendida, Mageen. Advirto-te agora, até que tenha encontrado uma casa conveniente para você, se afaste de minha esposa, porque acredite no que quiser, mas ela é a rainha de Dublin.

Ela caiu de novo no chão, soluçando, entrecortadamente.

Olaf se inclinou junto a ela, elevou-a em seus braços e a deixou sobre sua cama. Ele beijou sua testa docemente, endireitou-se, e saiu da cabana.

Pensou em Mageen, com pena, enquanto caminhava para sua própria residência. Tinha ido a ela para satisfazer as necessidades básicas que tinham qualquer homem, já que Mageen era toda uma mulher. E em sua relação nunca tinha havido mais que um sentimento meramente sexual, ou ao menos, era assim que ele pensava. Tinha avisado de que não queria nenhum relacionamento e ainda assim, ele sabia que as emoções não se podiam controlar. Grenilde estava morta, ele sabia e ainda lhe doía. Não podia controlar esse sentimento. Nem podia controlar a fascinação que lhe atraía para sua esposa irlandesa, a beleza que estava demonstrando ser um grande problema.

De repente se encontrou pensando nas palavras de Mageen. Fennen Mac Cormac. O rei irlandês com quem Erin tinha conversado, brevemente, umas poucas palavras no salão. Um rei jovem e bonito, o homem que a olhava fixamente, com grande dor e ternura, cujos olhos freqüentemente a seguiam pelo grande salão.

Tinha-lhe ordenado que não voltasse a falar com MacCormac, e ela tinha tentado desafiar sua ordem, antes de lhe assegurar que obedeceria só porque não desejava que pudesse ocorrer dano algum ao irlandês.

Uma raiva desconhecida agitou, de repente, o corpo de Olaf. Havia algo de verdade naquelas acusações? Certamente não. Aed não lhe teria entregado sua filha, se ela tivesse tido algo com MacCormac. Mas os pais não sabiam tudo...

Estava sua esposa estava apaixonada pelo irlandês? Abrigava sonhos de escapar com ele? Tinha deitado com o homem, seus olhos esmeralda ardendo com o calor da paixão, em lugar da irritação, as formas suaves envoltas nas dele, os cabelos de ébano como nuvens suaves, enredando seu amor?

Sua raiva aumentou enormemente com a visão, e ao recordar como ela dormia junto dele noite após noite, apartando-se com horror, cada vez que lhe tocava ou se enroscava, inconscientemente, contra ele.

Obrigou-se a relaxar lentamente, desejando saber o porquê de sua fúria. Estava absurdamente ciumento de uma mulher que nunca tinha significado outra coisa que problemas para ele. Então encolheu os ombros. Era simples. Ele era um guerreiro, e um rei. Um viking. Um homem muito possessivo. Não acreditava nas leis Brehon. Sua esposa era sua propriedade, e ele defendia sua propriedade, furiosamente. Se alguma vez descobrisse que tinha sido traído, mataria MacCormac e depois retorceria a bonita coluna de marfim que era o pescoço de Erin.

Olaf sorriu de repente. MacCormac teria que deixar a cidade definitivamente. Possivelmente sua partida poderia acelerar-se.

O rei de Dublin riu, entre dentes, com suavidade. Pode fazer um movimento, Princesa, pensou, mas sempre haverá outro movimento para rebatê-lo.

Olaf se serenou e começou a perguntar-se da noite que tinha adiante. Apreciaria sua rainha irlandesa o que tinha feito por ela hoje? Ele riu. Provavelmente não saberia nunca, duvidava sinceramente de que ela estivesse lhe esperando para beijar sua mão, com gratidão.



CAPÍTULO 14

Olaf entrou no grande hall e percebeu que já estava quase cheio para o jantar. Olhou para ver se Erin estava presente, cumprindo seus deveres como rainha. É obvio, ela estava ali, disposta a não criar nenhum problema naquela noite, já que havia sido ela que tinha organizado as bodas.

Estava falando com seu irmão Leith frente ao fogo quando, repentinamente, voltou seu delicioso olhar esmeralda para Olaf, como se tivesse sentido o seu olhar sobre ela. Aproximou-se com um passo leve, parecendo flutuar no ar.

—Meu Senhor Olaf, — murmurou, recatadamente, com os olhos baixos.

—Seria melhor que Sigurd e Moira se casassem antes que o jantar fosse servido. Assim todos aqui seriam testemunhas da cerimônia, não concorda?

—Está bem. Que comece a cerimônia.

Moira e Sigurd foram casados por um monge cristão, e, continuando, começou o festejo. Todo mundo bebia em quantidade e a noite se converteu em gritaria.

Olaf observou que seu grande general ruivo estava tão ruborizado como um adolescente e que a irlandesa irradiava felicidade, quase ao ponto das lágrimas.

Inclusive ele estava bebendo muito, notou, e isso lhe irritou, da mesma forma que os ocasionais olhares que dirigia para sua esposa, que estava sentada régia e recatadamente ao seu lado. Cada vez que se topavam seus olhares, podia sentir essa superioridade em seus olhos, e apesar de suas intenções de manter a paz, o que queria era sacudi-la até que essa superioridade desaparecesse de seu olhar e assim, poder vê-la comportar-se humildemente diante dele.

Sorriu-lhe de repente, sem que a expressão gelada abandonasse seus olhos, enquanto curvava os lábios. Elevou seu cálice.

—Bebe comigo, esposa, para celebrar sua vitória. Uma união feliz entre irlandeses e noruegueses.

Tal como esperava ela obedeceu, elevando o cálice em reposta e lhe dedicando um sorriso com seus bem formados lábios vermelhos, que não chegava aos seus olhos.

Então as desagradáveis palavras de Mageen ressonaram em sua cabeça.

“Fennen MacCormac ronda perto... é nele que sua esposa pensa quando o envolve com as pernas ao deixar-se levar pelo prazer... Deseja te apunhalar... Vigia esses verdes olhos...”

Um Sigurn muito bêbado o distraiu com um grande abraço de urso. Riu e afastou o homem de si, lhe desejando uma frutífera união, com uma piscada.

A seguir se voltou para olhar especulativamente sua esposa, mas ela não estava.

Permaneceu um momento mais na mesa, antes de levantar-se. Podia sentir o cansaço em todo o corpo. Tinha dormido miseravelmente. Passou todo o dia exercitando-se com a espada e ocupando-se dessas corriqueiras disputas entre os homens. Estava sem ânimo. Tudo o que desejava era um banho.

Fatigado e irritado, com a mente centrada em Erin, olhou o salão. Procurou Rig e lhe ordenou que preparasse um banho em seu quarto.

Entrou na habitação. Ela ainda não estava na cama, mas sim atando a fita de sua camisola. Sorriu ao ver como ela não podia evitar dar um pequeno salto ao vê-lo entrar. Ela correu através do quarto, deitando em sua parte da cama, não antes que pudesse ocultar o rápido movimento de seus seios ao respirar debaixo da fina túnica de linho e como tinha aumentado o rubor de suas bochechas.

Ele não disse nada e começou a tirar, despreocupadamente, a roupa. Rig apareceu na porta, ordenando entrar a tina, seguida pela água. Olaf se perguntou que acontecia com Rig, que parecia sentir-se muito incômodo no quarto.

Olaf se meteu na banheira. Rig permaneceu em pé, ao seu lado com o último balde de água. Com os olhos entrecerrados, Olaf olhou para cima, o cenho franzido.

—A água, Rig. Está tolo, homem?

Rig atirou a água sobre ele. Estava infernalmente quente, o que fez Olaf rugir em protesto.

— Que te passa Rig? Sai daqui antes...

Rig saiu da habitação dirigindo uma olhar às costas de Erin, antes que Olaf pudesse continuar.

Durante um momento, Olaf se sentou no vapor, sem pensar em nada, deixando que a água eliminasse a tensão de seus músculos. Mas não pôde dominar nem a inquietação, nem a irritação que sentia, e se encontrou desviando o olhar, repetidamente, para sua silenciosa esposa que permanecia imóvel na cama, embora tivesse certeza de que ela não estava dormindo.

Maldita seja ela e sua fingida e zombadora obediência. Como o tolo que era se arrependeu de lhe haver atendido, e por isso tinha ordenado ao seu general casar-se e se ocupou desses estúpidos problemas que tinha

com uma puta e nem sequer podia lhe dedicar um gesto de honesto agradecimento.

Sorriu de repente.

— Erin, — ordenou com os olhos prazerosamente meio abertos, — desejo que esfregue minhas costas.

Ela não respondeu. Igual fingia obediência, agora fingia que estava dormindo.

Ele falou de novo, com tranqüilidade.

—Sei que não está dormindo, esposa, e tive um dia muito longo e cansativo, devido em parte, devo dizer, a suas petições. Ordeno-te que venha e esfregue-me as costas.

—Meu senhor Olaf, — respondeu calmamente, sem deixar de lhe dar as costas — Te obedecerei em tudo o que é relacionado com a manutenção da casa, mas à sua pessoa não devo nada. Prometeu ao meu pai respeito, e não para de falar sobre compromisso. Mas ontem de noite achou apropriado me golpear, provando assim sua natureza barbára. Hoje, em troca, fez que as coisas fossem fáceis para mim, mas o feito não foi mais do que deve a meu pai e aqueles que você conquistou e com quem você deseja viver em paz. Portanto, devemos manter a paz que você deseja. Não vou me preocupar absolutamente, por você já que seus assuntos não são de minha conta, e não me sentirei ofendida por seus atos. Isso manterá a paz. Manterei a distância para não te zangar e assim não terá razões para me bater.

Saiu da banheira e se aproximou tão silenciosamente que ela não se deu conta até que, com um só movimento, levantou-a em braços sem esforço. Ela o olhou com seus brilhantes olhos verdes cheios de surpresa e tratou de livrar-se de seu abraço, retorcendo-se contra ele.

— Esposa, — disse-lhe em tom cortante, - qualifica-me de animal bárbaro, mas apesar de tudo se sente suficientemente a salvo para rir de mim. Devo te demonstrar que não sou um bárbaro, mas somente um homem civilizado que não quer outra coisa mais que levar uma existência tranquila. Não quer esfregar-me as costas; serei humilde e esfregarei as tuas.

Erin não conseguiu libertar-se e tremeu ante o fogo azul de seu olhar. Tinha lidado tanto com sua cólera como com sua calma, e esta última era a mais perigosa. Somente pôde gritar um — Não!—, antes de encontrar-se dentro da banheira.

Seus esforços para se agarrar nas bordas da banheira e assim estabilizar-se foram frustrados pela interrupção de seu marido.

— Que descuido da minha parte, — murmurou, enquanto lhe agarrava as mãos e se metia dentro da banheira,

—Não posso te esfregar as costas se houver roupa no meio, Não é?

— Maldito seja, viking! Não quero que me esfregue as costas!— replicou-lhe Erin desesperadamente ao sentir como deslizava a outra mão por seu corpo e tirava sua camisola, pela cabeça. Soltou-lhe as mãos para terminar de despi-la.

— Fique quieta, esposa. — disse brandamente, com expressão inocente. —Tudo o que quero é te servir.

Lutou com ele, tentando levantar-se. Mas somente conseguiu foi que seu corpo roçasse mais no de seu marido. Estremeceu como se a tivessem queimado e seus mamilos se endureceram, ao roçar o áspero cabelo de seu peito e notar sua pulsante masculinidade, cheia de vida. Afundou-se na água lhe dando as costas, tentando afastar-se dele o máximo possível. Afogou um grito de surpresa, ao sentir seu contato de novo, quando ele se moveu para alcançar o sabão e o pano.

— Relaxe, Princesa, — murmurou com um suave sussurro cheio de zombaria, ao ouvi-la gritar, sobressaltada — já que te assustei, terei que remendar a situação.

O sentiu mover-se em suas costas. Apartou seu cabelo com uma de suas mãos enquanto ensaboava seus ombros com a outra. Mais que seu contato, transtornava-a sua presença e a tensão que parecia irradiar de seu corpo. Podia sentir até o mais ligeiro movimento de seus músculos. Agarrou-se na borda da tina com força, como se estivesse na beira de um precipício e fosse cair. Que está passando? Perguntou-se, com desespero. Ele tinha se divertido as suas custas muitas vezes antes, mas agora era diferente. Era-lhe impossível lutar contra aquilo, não conseguia reagir, nem mover-se. Nem sequer era capaz de pensar, era como se sua mente e suas defesas se adormecessem de repente, ao sentir o contato e o aroma do homem ao qual jurou para si mesma, que sempre desprezaria. Sim, desta vez era muito diferente embora se pensasse bem... Sempre tinha temido mais seu lado amável que sua ira. A tensão entre eles era como uma fera escondida, sempre disposta a saltar, inclusive no rio. Uma tensão que a mantinha nesses momentos presa de uma estranha paralisia, acabando pouco a pouco com sua razão e fazendo-a prisioneira de perigosas sensações eróticas.

Ele não sabia bem o que desejava mais, se castigá-la ou acariciá-la. Talvez tivesse bebido muito, mas sabia que aquela sensação era mias do que a zonzeira da embriaguez. Recordou aquele dia no rio, quando lhe tinha provocado uma dor terrível ao golpear sua virilidade e o tinha chamado de cão. Ou sua noite de casamento, quando tinha descoberto que, na verdade, lhe tinham concedido uma estranha e valiosa jóia e tinha passado toda a noite sofrendo de desejo.

Seu escuro cabelo era seda entre seus dedos, igual à pele de seu esbelto pescoço. Umedeceu seus ombros e ensaboou as costas, seguindo a linha de sua coluna. Passeou o olhar por sua estreita cintura e a curva de suas

nádegas. Continuou seu trabalho em silêncio, fazendo-a tremer com seu contato. Inclinou-se para beijar sua nuca, roçando a pele apenas com os dentes. Sentiu-a ficar rígida, uma tentativa vã de esconder seu tremor, e viu como os nódulos de seus dedos ficavam brancos de tanto apertar as bordas da tina. Continuou movendo os lábios para o lóbulo da orelha e soprou até notar como ela estremecia outra vez.

—Sou um bárbaro, princesa, um cão da Noruega. Só estou me fazendo merecedor desse adjetivo.

Ainda atrás dela, deixou escorregar suas mãos pelos braços de Erin. Logo voltou a concentrar-se em suas costas, ensaboando, roçando sua pele de marfim. Seguiu com aquelas carícias até pegar em suas nádegas, já sob a água. Olaf não tinha nem idéia de como conseguia controlar-se sob o fogo do desejo que o estava consumindo.

Beijou-a de novo na nuca, com suavidade, e sua boca foi escorregando, acariciando com a língua cada vértebra. Sujeitou-lhe os quadris e ficou de joelhos para inclinar-se e morder levemente as covinhas de suas bochechas.

—Não, maldito seja—, ofegou ela, com voz quase inaudível. Ele se deleitou com a dança de seus quadris enquanto ela tentava voltar-se e enfrentá-lo.

Virou-a para ele e observou suas pupilas dilatadas, sorrindo com masculino prazer. O brilho daqueles olhos azuis fez que Erin abrisse ainda mais os seus ao se dar conta de que seus movimentos só tinham servido para incitá-lo ainda mais. Solto-a por um momento para acariciar seu tornozelo, com a desculpa de procurar novamente o sabão.

—Por favor,... — sussurrou ela, e um rugido de triunfo escapou de Olaf porque compreendeu o que ela acabava de suplicar, como um animal apanhado na rede de um caçador. A única coisa que Erin desejava era manter a calma, ignorá-lo e mostrar indiferença, mas não podia. Ele tinha acendido nela, novamente, as chamas de uma paixão e sensualidade já perdidas e embora o odiasse até o último fôlego de seu corpo, este a traía, respondendo instintivamente ao seu contato.

Seguiu subindo pela perna, esfregando brandamente, até chegar ao interior de suas coxas. Logo se dedicou ao estômago e a curva adorável dos quadris, antes de cobrir com as mãos seus seios para acariciá-los, lentamente, em círculos, roçando com o polegar os mamilos cheios de espuma.

Ela estava muito quieta, com os punhos apertados com força e o coração batendo na garganta. Olaf fixou os olhos em Erin enquanto que, com toda a calma do mundo, sustentava seus seios notando os escuros mamilos esticando-se entre seus dedos. Os olhos de Erin se encontravam arregalados e nublados pelo desejo, com a mandíbula tensa e os lábios entreabertos a ponto de voltar a suplicar.

Aproximou-se ainda mais, até lhe roçar os lábios com os seus. Erin ao senti-lo, pareceu sair do transe que a paralisava e tentou afastar-se dele, mas Olaf a sujeitou pela nuca com força enquanto a obrigava a lhe abrir o tesouro de sua boca para invadi-lo com sua língua faminta.

Erin se queixou fracamente, mas a segurança que mostrava não lhe deu outra opção exceto deixar-se levar pela maré. Ele deslizou a mão do seio até a sedosa pele entre suas pernas. Erin gemeu em um morno protesto, mas Olaf seguiu até encontrar o centro de seu ser e esfregá-lo uma e outra vez, com seus dedos.

Só então Erin se agarrou, com força, aos ombros de Olaf no que, supôs, era o último intento desesperado dela de juntar as escassas forças que ficavam e lutar contra ele.

Então interrompeu o beijo. Encheu suas mãos de água e a deixou cair sobre ela, adorando notar como ela se agarrava, com ânsia, a seus ombros, seus lábios inchados movendo-se em vão numa súplica muda.

Elevou seu corpo molhado e a levou até a cama. Depositou-a com suavidade, devorando-a com o olhar. Seus olhos verdes, nublados de paixão; seus brancos seios coroados por aqueles rosados e duros topos, seu perfeito umbigo e aquele sedutor triângulo escuro que prometia os maiores prazeres situados entre suas longas e sedosas pernas.

As palavras do Mageen voltaram a persegui-lo. Em algum lugar recôndito de sua mente imaginou que mataria Fennen MacCormac com suas próprias mãos se descobria que tinha havido outro antes dele, embora acreditasse na inocência que se refletia em seus olhos assustados. Apesar de que o fogo de seu próprio corpo parecia estar a ponto de explodir e arder fora de controle, agüentou seu desejo. Continuou olhando-a, embevecido por sua beleza.

Erin já tinha perdido qualquer vestígio de lucidez. Seu corpo trêmulo se converteu em uma massa lânguida e sentia-se devorada por uma poderosa energia que ameaçava sair de controle. Um selvagem rio de lava a percorria em ardentes ondas. Sua mente tinha passado da escuridão às estrelas e de novo para aquele abismo escuro. Crescia dentro dela como o vento de uma tempestade, subia do mais fundo de seu ser, como um torvelinho que a debilitava docemente. As mãos dele a levavam, pouco a pouco, à loucura, sobretudo aquelas carícias entre suas pernas.

Agora se sentia como se tivesse caído do céu. Ele a observava e tudo o que podia fazer era lhe devolver o olhar, sem forças, só com aquele estranho e doce fogo que a tinha deixado trêmula, em algum lugar entre o céu e o inferno.

Sentia-se como se a tivessem drogado e embora ele tivesse se afastado, já não restavam forças para tentar escapar. Seguiu-o com o olhar até a escura arca de onde tirou um frasco de azeite perfumado. Só quando se

sentou sobre ela, fez um esforço para resistir, mas já era tarde. Manteve-a imóvel, debaixo dele enquanto a olhava com uma terna brincadeira nos olhos.

—Nunca ousaria minha querida esposa, solicitar um serviço que eu não estivesse disposto a te devolver, com acréscimo—, murmurou com voz rouca, enquanto vertia umas gotas nas palmas de suas mãos, antes de pôr o frasco no chão.

—Não contém essência de sândalo e sim de flores. Possivelmente possa te demonstrar que meu ferrão pode ser doce se a rosa o merecer...

Erin, sem poder responder, tentou empurrá-lo com as mãos, mas ele as capturou com facilidade e começou a massagear seus dedos.

Tinha que detê-lo.

—Olaf... Solte-me. Eu, eu... — Tentou levantar-se, sem êxito e aquele olhar a imobilizava tanto como suas poderosas mãos em seus ombros.

—Fica quieta — ordenou.

Não podia lutar contra o que via nos olhos de seu marido.

—As leis —, murmurou ela, antes de ouvir sua risada maliciosa.

— Malditas sejam as leis do Brehon! Estou seguro de que não negam a um marido o prazer de servir sua esposa.

— Não me está servindo—, protestou ela, tremendo. Mas ele continuou seu trabalho ignorando seus protestos, movendo com segurança suas mãos, acariciando seus ombros e baixando até suas clavículas, deixando-a de novo naquele estado de dócil lassidão.

Quase gritou ao senti-lo em seus seios, pressionando com firmeza e doçura, envolvendo-os em suas mãos, enquanto roçava seus mamilos com o polegar uma e outra vez até que pensou que não agüentaria mais. E, justo então, deslocou as carícias até seus quadris e seu ventre estendendo novamente as ondas de fogo mais abaixo, para o centro de seu prazer.

Erin fechou os olhos com força, como se com isso pudesse escapar de seu feitiço.

Ele a virou sem esforço e percorreu suas costas com aquele ritmo hipnótico, inundando-a cada vez mais naquele ardente mar de sensações. Massageou suas nádegas, parando somente para colocar mais azeite em suas mãos, e seguiu por suas pernas até acabar os dedos dos pés.

Olaf estava também chegando ao limite da prudência, a sensação de triunfo que experimentava ao vê-la rendida ante o poder de suas mãos, se via empanado pela agonia que experimentava ao tocá-la. Seu pequeno espinho se transformava em algo suave e tentador, como um tenro casulo de rosa, que abrisse suas pétalas ao sol da paixão.

Com o corpo ardendo de desejo, a virou de novo e se levantou da cama, sem tirar seus olhos daquele maravilhoso corpo. Viu Erin abrir os olhos, nublados de desejo, e não pôde deixar de sorrir ante a tentativa dela de

juntar as pernas, num último vestígio de pudor. Olaf já não pensava permitir mais barreiras entre eles, nunca mais.

Erin estava totalmente perdida na névoa da paixão e seu corpo só obedecia aquele olhar sensual que a tinha totalmente subjugada. Vozes longínquas de aviso não conseguiam romper as brumas de sua mente, quão único podia fazer era observar a alta figura que dominava todo o aposento, seu amplo peito, à cintura estreita, sua potente e ameaçadora virilidade orgulhosamente erguida. Sua vontade não intervinha em seus atos, só podia olhá-lo e sentir... Foi quando a realidade conseguiu abrir sua mente e por fim em sua confusão.

De seus lábios secos e ardorosos brotou um grito, ao dar-se conta de que o jogo terminou. Ele tinha decidido tomá-la naquele preciso momento sem mais demora.

Revolveu-se, desesperada, tentando golpeá-lo.

— Não! Não me toque mais, bárbaro selvagem.

— Ambos sabemos que não te toco como um selvagem — disse ele, com suavidade.

Ele tinha notado a mudança em seus olhos, incitando a esposa a lutar novamente contra o que Olaf a fazia sentir. Ele ignorou seus frenéticos esforços de se libertar e a esmagou com seu peso, cravando seu olhar e lhe sujeitou as mãos nos lados da cabeça, entrelaçando seus dedos nos de Erin e mantendo-a quieta.

Ela ofegou, com o coração batendo tresloucado no peito e voltou a tentar libertar-se daquele abraço.

— Por favor,... Rogo-lhe isso, Olaf!

— Erin, é minha. Minha esposa. É nosso destino estarmos juntos. Aceita. Não pode esconder como treme cada vez que te toco — Ele esperou que ela deixasse de lutar e se rendesse, de novo, vítima de seu feitiço de fogo.

Olaf a beijou lentamente, sem pressa, riscando a curva de seus lábios com a ponta da língua, mordiscando seu carnudo lábio inferior e logo afundou a língua dentro de sua boca, saboreando-a inteira. O roçar da barba em suas bochechas aumentava as sensações que a percorriam. Ainda com as mãos dela presas pelas suas, elevou a cabeça fixando seu olhar, uma vez mais.

A seguir, capturou um mamilo com sua boca e o acariciou lentamente com a língua. Ela tinha cheiro de rosas e isso elevou seu desejo até proporções gigantescas. Olhou-a de novo, com seus belos olhos fechados a tudo o que não fosse a paixão, repetiu seus mimos no outro seio, firme e doce e sentiu os dedos dela agarrarem-se aos seus, com desespero.

Muito tarde Erin se deu conta de que ele estava se colocado entre suas pernas e baixou seus lábios por seu corpo, mordiscando brandamente e

lambendo até chegar a seu úmido e palpitante sexo. Um — Não! — que era apenas um leve suspiro, saiu de sua boca.

Ele afundou a língua entre os cachos escuros e Erin se arqueou, gemendo sob suas carícias. Olaf soltou então suas mãos para sujeitá-la pelas nádegas e elevá-la mais perto de sua boca, até levá-la, sem piedade, a um orgasmo que a sacudiu inteira em doces ondas.

—Por favor, — pediu Erin, retorcendo-se contra ele em uma dança febril que fazia ondular seu corpo, sensualmente. O desejo tinha acabado com todas suas inibições e Olaf ardia no mesmo fogo, ao senti-la aferrar-se ferozmente aos seus ombros, pedindo mais e mais. A Olaf custava conter-se ante o espetáculo de ver Erin no auge da paixão, mas continuou acariciando-a com os dedos e a língua até senti-la novamente chegar ao clímax. Ainda assim, ela gritou quando ele se colocou sobre ela e a penetrou com uma lenta e segura investida. Olaf lhe sussurrou ao ouvido, com doçura, para acalmá-la

— Tranqüila, preciosa,... Abre-te para mim, a dor logo passará.

—Olaf... — disse-lhe Erin agarrando-se com força aos seus ombros. Ele estava já completamente dentro dela, a dor a transpassava como um ferro ardente, mas aquele duro peito sobre seus seios lhe produzia estranhas sensações de segurança e bem-estar. Ele a tinha feito inteiramente sua e ela necessitava agora refugiar-se em sua poderosa força.

—Te abra para mim e me acolha Erin, se deixe levar... — e começou a mover-se, de novo, dentro dela, uma e outra vez, enquanto lhe sussurrava ternas palavras ao ouvido.

Luzes brilhantes explodiram em sua cabeça, em uma sucessão de fogos de artifício que marcavam seu caminho ao paraíso. Já não ficava nada mais que o anseio por chegar naquele mágico lugar, para onde Olaf a estava levando.

Ele também se perdeu naquela tormenta e devorou sua boca e depois seus seios, lambendo e sugando. Quando as pernas de Erin o rodearam, chegaram ao êxtase demorado, que culminou em um selvagem grito de prazer.

Depois, sem soltá-la ficou dentro dela, deixando que o mundo voltasse de novo para seu eixo, e só então a liberou lentamente, saboreando a maravilhosa sensação de retirar-se.

Olaf tinha tido a intenção de abraçá-la, lhe dizer coisas bonitas, mas suas palavras se congelaram ao observá-la. Ela não se moveu, exceto para juntar as coxas. De novo pensou em falar, mas então franziu o cenho, mudando de idéia. Erin tinha se retraído e a raiva aumentou quando se deu conta de que estava voltando-lhe as costas, envergonhada, embora ele a tivesse preparado, cuidadosamente, antes de fazer amor. Embora

ela tivesse desfrutado de sua primeira experiência depois de sofrer com a dor inicial.

Ao menos, consolou-se amargamente, ela era dele. Havia sentido um infame e varonil prazer nesse momento de dor que lhe tinha causado e ao ver a mancha de sangue nos lençóis. Teria matado se tivesse sido traído.

Franziu o cenho de novo, olhando as esculturais linhas de suas costas. Estava seguro que Erin estava chorando em silêncio. A raiva cresceu dentro de seu corpo, e depois foi substituída por confusão e fúria. Não a tinha violado, não a tinha maltratado.

Grenilde...

Ela tinha feito com que se esquecesse de Grenilde, e com seu esquecimento, tinha traído sua memória. Tinha tomado mulheres, mas não tinha feito amor desde sua morte. Mas tinha feito amor a uma prostituta irlandesa, que o desprezava imensamente, por cuja morte tinha rezado. Tinha lhe dado tudo, como nunca tinha feito, nem sequer com Grenilde, e Erin o agradecia choramingando.

A raiva, a confusão e a dor se mesclaram dentro dele, e o gelo que enegrecia seu coração voltou para seus olhos.

Percorreu as esbeltas costas de sua esposa com um dedo.

—Bom, princesa, agora pode repetir para si mesma que foste tratada por seu bárbaro marido viking como esperava. Foste golpeada... E cruelmente violada.

A frase tinha sido pronunciada com um tom tão sarcástico que ela se sentiu como se lhe tivessem atravessado o coração com uma lança. Erin mordeu seus dedos, até fazer brotar sangue, para que Olaf não escutasse seus soluços. Sentiu que tocava seu braço e escutou sua voz, súbitamente gentil.

—Erin...

Desfez-se de seu contato.

— Por favor! Ao menos, deixe-me em paz agora!

Olaf ficou congelado. Saltou da cama e permaneceu um instante olhando-a fixamente, com os punhos cerrados. A raiva e a confusão se fizeram presentes de novo.

Vestiu as calças e uma túnica e colocou suas botas de couro. Depois saiu do aposento, fechando a porta com um estrondo.

Olaf olhou para a lua cheia, mas só lhe dedicou um minuto de seus pensamentos. Tinha saído para clarear a mente, não escurecê-la mais.

Ainda não tinha averiguado o que lhe roía por dentro e lhe rasgava o coração. Tinha tomado sua esposa, que era o que tinha querido fazer durante tanto tempo, mas ainda não estava satisfeito. A queria de novo com renovada fome, e sabia que esta fome podia ser docemente saciada, mas que surgia de novo, como um fogo que não se apagava.

Droga, ela era como uma droga para ele. Uma mulher possuidora de uma sensualidade apaixonada e provocadora. Uma deusa do sol, e o desprezava.

Pela primeira vez, tinha querido deixá-la livre, chegar a um acordo de paz. Mas agora sabia que nunca poderia deixá-la livre, mas talvez pudessem alcançar a paz.

Grenilde. O nome surgiu em sua mente, e pensou em seu amor, sentindo uma dor profunda e dilaceradora. Mas quando fechou os olhos, os olhos que surgiram em sua mente eram da cor de esmeraldas, brilhando teimosos e orgulhosos.

—Esposa—, ele murmurou alto, — aprenderá que sou eu quem manda. Vai parar de sonhar com uma vida e um senhor diferente, na morte de tudo aquilo que é viking. Pois eu sou viking, esposa, mas também sou a Irlanda que a partir de agora, você conhecerá. Sim, minha esposa, será minha. Não pode enganar a si mesma. Por tua decisão ou minha, virá para mim e tomarei o que é meu. Mas tentaremos solucionar de forma agradável primeiro. Não chorará nunca mais, depois de haver sentido o gozo de estar em meus braços.

Sacudiu a cabeça enquanto rilhava os dentes.

Foi então que prestou a devida atenção na lua. Uma lua estranha. Bailarinos escuros pareciam dançar ao seu redor. As sombras dos deuses... Distúrbios no Valhala.

Um som pareceu propagar-se através da brisa, que lhe fez pensar nas Valkírias, sempre atrás daqueles que iam morrer, lhes oferecendo bebida no grande hall do Valhala. Nem sequer sabia se acreditava nos deuses; na sabedoria de Odin; Thor, o grande guerreiro; Frey e Freyda, irmão e irmã, deidades da fertilidade...

Rodeado de vastos e verdes pastos, colinas e escarpados, Aed Finnlaith despertou no meio da noite. Franziu o cenho, perguntando-se o que lhe havia despertado. Olhou para sua esposa, que dormia tranquilamente, com um sorriso nos lábios.

Nada em particular lhe tinha despertado. Mas não podia voltar a dormir, assim se levantou, vestiu uma túnica curta e se encaminhou, silenciosamente, para o salão.

Ainda havia fogo na lareira, embora pouco esquentasse, toda a luz provinha da lua. Saiu para a noite, logo notando o frio do ambiente.

Olhou para a lua e foi como se uma sombra passasse pelo reluzente círculo, envolvendo-o em uma estranha escuridão.

Um estremecimento lhe percorreu, com a certeza de que algo tinha nascido da escuridão. Tratou de se desfazer do feitiço. E depois voltou a pensar em sua filha, em quando Erin era pequena, o que acontecia muito

freqüentemente desde sua volta para casa. Poderia jurar que, mais de uma vez, tinha ouvido sua suave e contagiante risada na brisa. Podia fechar os olhos e imaginar seus brilhantes olhos, seu comprido cabelo escuro flutuando atrás dela, ao correr para ele.

Pode ser que seja hora de que cavalguemos para Dublin, sua mãe e eu. Sua esposa se horrorizou ao inteirar-se de que tinha dado Erin ao viking. Mas Maeve não podia imaginar como era Olaf. Ninguém podia fazê-lo, sem ver o gigantesco rei dourado, sem que sentisse o poder ao seu redor, que parecia emanar seu corpo.

Se levasse Maeve para ver seu "bebê". Rezava para que a rainha de seu coração lhe desse as boas-vindas. Esperariam duas semanas mais. Daria-lhe um pouco mais de tempo para que se acostumasse a sua nova vida e então, o Ard-Righ, Rei de Tara faria sua primeira visita real ao príncipe viking.

Ao dar a volta para voltar para a cama, sentiu uma comichão na nuca. Voltou-se, novamente, para a lua e não gostou nada da aparência que tinha. Uma sombra parecia rodeá-la. Dava a impressão de ser a portadora de algo escuro e letal. Protegendo os ombros da brisa noturna, entrou na residência. Parecia haver um lamento fúnebre na brisa, um tremor na terra. Está ficando velho, Aed, pensou tristemente, com os tolos medos típicos de um velho.

De volta na cama, rodeou o adormecido corpo de sua esposa e o abraçou fortemente contra seu coração.

No interior do bosque, Mergwin também observava a lua. Mas seu olhar era duro e calculista, e não tremia. Elevou a cabeça, sentindo a brisa. Levantou os braços e invocou a terra. Esperou, sentindo a resposta do céu. A terra das sombras. O traidor da lua.

Uma estrela fugaz cruzou a escuridão e desapareceu, e a sombra que rodeou a lua aumentou.

Mergwin deu a volta. Suas roupas, barba e cabelo ondeavam grosseiramente com o vento. Entrou na cabana e acrescentou alguns troncos na lareira, esquentando o ambiente. Colocou seu caldeirão em cima do fogo e começou a jogar suas oferendas druidas. Seus olhos começaram a brilhar. Mergwin começou a recitar, monótonamente palavras antigas, as palavras da terra. Não podia remediar o desastre. Somente podia esperar acalmar sua fúria.

Os dinamarqueses já estavam cavalgando pelo país. Podia senti-lo, podia sentir a terra tremer. Friggid, o Patizambo, procurava a vingança. De qualquer forma, não era isso o que temia. Há muito tempo que o destino tinha decretado que o Lobo devia enfrentar o Abutre e, assim teria que

ser. Em algum momento, sua gente sairia vitoriosa. Mas, tinha chegado esse momento?

Mergwin sacudiu a cabeça. Havia algo mais que lhe preocupava. Algo tolo... Um engano ocasionado pelos caprichos do destino, e apesar de tudo, desastroso. Velho tolo! _ Amaldiçoou a si mesmo. Não tem suficiente talento para saber o que. É inegável.

Suspirou e se afastou do fogo. Saiu ao encontro da noite, de novo, e observou a lua. Logo viajaria com seu rei e o Lobo. Teria que vigiar de perto o Lobo, e talvez discernisse esse perigo que não conseguia perceber.



CAPÍTULO 15

Soprava um vento muito forte e parecia que a cada momento este aumentava. Erin permanecia quieta como uma estátua, no escarpado que dava para o mar irlandês, exceto pelo manto e seu comprido e escuro cabelo, que balançava com cada rajada de vento.

O mar estava cinza e revolto. Enormes ondas rompiam violentamente contra a escarpada costa. Estas caíam e ricocheteavam, elevando-se muito alto no ar. Havia vezes que, inclusive, gotas transportadas pelo ar golpeavam a bochecha de Erin.

O céu também estava cinza, sinistro e estrondoso, avisando da grande tormenta que se formava. A terra dava a impressão de estar coberta de púrpura, só interrompida por pequenos novelos de urze, inclinados pelo vento.

Mas pelo menos, Erin se encontrava em paz consigo mesma. A tempestade, igual aos ondulantes campos verdes, formava parte do país que considerava como dela, intrinsecamente irlandês.

Despertou calma e dolorida... Como se a tivessem feito em pedaços. Então, ao recordar as horríveis palavras do marido, começou a chorar, sentindo-se totalmente traída e usada. Entretanto, a raiva havia voltado e tinha chorado ainda mais.

Mais que confusão, tinha uma sensação de perda. Como se lhe tivesse dado a oportunidade de agarrar uma jóia reluzente e não tivesse podido examiná-la apropriadamente, porque seu brilho a tivesse deixado ofuscada.

Admite, disse a si mesma sarcásticamente, talvez tivesse razão. Ele não te aborreceu, foi mais que isso, te fascinou. Possivelmente, desde Clonntairth, quando ele tinha aparecido, tão majestoso e austero como um magnífico deus dourado e se voltou para sorrir a Grenilde. Em alguma parte escondida de seu coração, se perguntou como seria estar em seus braços, protegida pelo calor de seu peito. Mas ele sabia, como Erin, que o fogo recém criado começava a arder. Podia amaldiçoá-lo por mostrar tal desdém e indiferença, mas quando ele tinha tomado seu corpo, levou também sua alma. Jamais voltaria a ser completa sem Olaf. Mas enquanto as ondas do mar cresciam e o céu se nublava, ela se deu conta de que não sabia o que sentia por ele.

Ele era um viking. Os vikings eram homens rudes, mas Olaf se elevava acima de todo homem e vivia apoiando-se em um estranho código de honra. Podia ser cruel, mas tinha que reconhecer que lhe tinha dado motivos. Podia tê-la golpeado, embora qualquer homem que tivesse uma mulher hostil o teria feito. E com respeito a violar... Ambos sabiam que utilizar esta palavra entre eles era ridículo.

Mas o que o fazia agir assim? Perguntou-se ela. Não a amava, embora, apesar de sua inexperiência, soube que nenhum homem teria podido ser tão terno, tão doce, tão decidido a que ela cruzasse a entrada das relações íntimas com a menor dor possível. Mas depois se zangou. Quando a tinha ouvido chorar, tinha tentado consolá-la. Foi quando Erin o tinha rechaçado com tanto desprezo, que ele se tornou tão seco e frio como sua terra natal.

Sorriu, com expressão arrependida. Tinha escutado histórias sobre cativas que se apaixonavam por seus captores, mas sempre as tinha considerado ridículas. Essas mulheres deviam ser estúpidas, sem orgulho. Tais histórias tinham sido somente fantasias absurdas para ela. Mas como podia ridicularizar Moira? Não só tinha visto o amor que sentia por seu senhor viking, mas também tinha visto como seu gigante ruivo correspondia.

Erin não era uma cativa, não era um troféu de guerra. Era a rainha de Dublin, a esposa do Lobo da Noruega, e embora estivesse legalmente casada com o homem, isso não lhe ajudava muito. Como se não bastasse, estava se rendendo vergonhosamente rápido ao seu poderoso e devastador feitiço. Apesar de haver jurado jamais deixaria que soubesse, porque utilizaria seus sentimentos contra ela e o desprezo que mostrava cresceria, junto com sua diversão.

Mas como podia lutar contra ele? Não importava em que batalha combatesse, jamais poderia ganhar. Talvez fosse conveniente falar com Bede, para que lhe ensinasse a ser mais forte, mas Bede iria partir naquele dia.

Não escutou Olaf aproximar-se, nem sabia que a tinha estado observando, enquanto se aproximava, sem perceber o dilema que rasgava seu coração. Somente viu a tranquilidade que irradiava seu corpo, a forma como seu cabelo flutuava no vento, a graça aristocrática com que levava seu manto. Como sempre tinha a cabeça erguida, com os olhos vazios, olhando para o mar.

Pela primeira vez, lembrou-se das palavras do pai de Erin. Certamente, Aed não tinha exagerado ao qualificar sua filha como um troféu, tão bonita, tão cheia de espírito, tão majestosa em seu orgulho.

Um raio de luz cruzou o céu, seguido por um tremendo trovão que bem podia fazer tremer os céus. Cavalgou até ficar atrás dela.

— Diz-se que, em dias como estes Odin cavalga em seu cavalo Sleipnir pelos céus. Sleipnir tem oito patas. Quando lhe faz trotar, tal é a velocidade que faz o céu em pedaços.

Erin se voltou para olhá-lo, surpreendida pelo agradável tom de sua voz. Como ninguém a tinha detido ao deixar para trás as muralhas da cidade, presumiu que Olaf estava aborrecido por havê-lo feito. Tinha poucas razões para confiar nela.

Apesar de que seu rosto estava sem expressão, Erin sabia que não estava zangado com ela. Seus olhos tinham um incomum e impressionante tom azul, embora ainda estivessem nublados, fazendo-os mais misteriosos que nunca. Sua boca, sob a loira barba, não estava apertada, nem retorcia em um sorriso.

É um estranho, apesar de todas nossas disputas, apesar de tudo o que compartilhamos. É um estranho, inclusive para seus próprios homens, porque não é o que aparenta, tem muitas nuances e às vezes nos deixa ver algo que há por trás dessa fachada. Não importa quanto tempo viva com ele, jamais o conhecerei, porque sempre se encerrará em si mesmo e não deixará entrar ninguém.

Ele desmontou de seu cavalo e se aproximou dela, estendendo uma mão, enquanto a olhava fixamente. Erin sentiu uma vez mais como se uma

força invisível a empurrasse. Procurou respostas em seu olhar. Lentamente colocou sua mão na dele.

— Volte para casa comigo, Princesa de Tara — disse, brandamente, com um tom agradável. — Pois procuro o consolo de minha esposa.

Não era uma desculpa, nenhuma declaração de sentimentos. Mas tinha sido dito muito meigamente, assim não pôde negar-se.

— Não estava fugindo — se ouviu dizer. — Só ansiava ver o mar.

Ele assentiu brevemente, guiando-a pelo precipício, até onde pastava o cavalo dela.

— Temo que não vamos conseguir escapar da tormenta.

Ajudou Erin a montar e se voltou para recuperar suas rédeas. Erin esperou até que Olaf montou no garanhão e deslocou o cavalo na pouca distância que os separava.

Ela se permitiu um sorriso nostálgico.

— Possivelmente Odin precisava cavalgar pelo mar também.

Olaf lhe devolveu o sorriso.

— Possivelmente, - respondeu brandamente. Um novo raio de luz iluminou o céu, seguido pelo trovão e finalmente, a chuva.

— Vêem! — gritou Olaf por cima do som do forte vento e as grossas gotas de chuva.

— Há uma caverna...

Obrigou ao enorme garanhão a mover-se e Erin imitou seu galope para a base da colina.

Apesar de que a velocidade da cavalgada e a tempestade de vento e chuva pulsavam tão rápido como seu coração, Olaf estava sentindo uma estranha e prazerosa calma no coração.

Os cascos dos cavalos de Erin e Olaf chocaram-se ruidosamente contra o chão de pedra, ao entrar na caverna. Olaf desmontou rapidamente e ajudou Erin a desmontar da sela. Aceitou sua ajuda mantendo-se longe de seu olhar.

Ele caminhou para a entrada da caverna e, ao ver como chovia, estremeceu com o frio. Voltou-se para Erin, que permanecia em silêncio empapada e tremendo, o que lhe fez sentir de repente um nó na garganta.

— Isto continuará um bom tempo, — disse ele, desejando que ela falasse. Caminhou para o interior da caverna, onde encontrou um montão de lenha.

— Farei fogo — disse um pouco acanhado.

Finalmente ela falou, brandamente, como duvidando.

— Vem aqui freqüentemente?

Olaf lhe dedicou um rápido sorriso, uma desses gestos que mudavam seus traços angulosos, fazendo-o parecer mais jovem.

—Não muito freqüentemente, só às vezes. Eu gosto do escarpado onde estava hoje. Eu gosto de sentir o mar e o vento. Às vezes, tenho a impressão de que estive muito tempo longe do mar e tenho que ir a ele de novo.

Erin ficou rígida quando ouviu suas palavras, pois recordou que tinha sido ele o invasor que tinha surgido da densa bruma no mar.

Olaf nada notou, pois estava olhando fixamente o fogo que tinha acendido, alimentando-o com ramos e troncos secos. Ergueu os olhos e sua rigidez e a expressão do olhar o avisou de seu engano.

Baixou o olhar e permaneceu pensativo, durante um minuto. Depois se levantou e se aproximou até ficar a um passo dela. Colocou-lhe as mãos sobre os braços.

— Não posso mudar o que sou, Erin. Nem o que tenho feito. Mas agora é minha esposa, e eu gostaria de dar uma oportunidade ao nosso casamento. Uma vez disse que te deixaria sozinha, mas tenho descoberto que não posso fazê-lo. Mas também considerarei suas petições. Sigurn e Moira estão casados, e você nunca será incomodada, de novo, por minhas antigas relações.

Erin o olhou, e o que viu neles lhe fez compreender que ainda era um estranho. Também viu que estava dando tudo o que podia.

Ela sorriu e levantou a mão para lhe acariciar a bochecha, sentindo o roçar de sua barba e sentiu prazer nisso. Olaf a surpreendeu, lhe agarrando a mão e lhe beijando a palma. A olhou nos olhos e lhe prometeu brandamente,

—Sempre serei gentil, minha irlandesa.

Ela se aproximou dele, desfrutando do calor que emanava de seu corpo através das roupas molhadas de ambos. Ele a abraçou, antes de inclinar-se e saborear seus lábios.

Devolveu-lhe o beijo, vorazmente, desfrutando do roçar de sua língua, procurando a sua. Esse aroma tão enebriante, tão particular dele tomava conta de seus sentidos. Uma fragrância sutil, masculina, que tão facilmente a envolvia. Sua barba fazia cócegas nas bochechas, enquanto a faminta boca dele procurava a sua, seus olhos, suas sobrancelhas, seu nariz.

—Vamos nos resfriar se continuarmos usando essas roupas molhadas, — murmurou ele, com voz rouca.

Erin afastou-se uns passos, tragando saliva, disposta a satisfazer o fogo que começou a se formar em seu interior. Esse dia tomaria tudo o que ele estivesse disposto a lhe dar. Podia ser que a única coisa que sentisse por ela fosse desejo, mas ao menos seria seu, fisicamente, e aprenderia cada parte de seu bem formado corpo, cada matiz de seus músculos, cada cabelo dourado.

—Me permita te assessorar, meu marido, — disse em voz baixa. Ele sentiu como se, subitamente, se perdesse em um mundo cor de esmeralda. Não podia acreditar no que acabava de ouvir, mas assim tinha sido. Sua voz tinha soado como uma melodia. Erin estava lhe deixando louco, com os nervos a flor de pele.

—Eu gostaria muito, minha esposa, — respondeu-lhe, igualmente suave. Observou como ela dava um passo, alcançava com suas trêmulas mãos o broche de seu manto e depois, inclinava-se para lhe tirar a túnica.

Ela beijou a linha que desenhavam seus dedos sobre a pele masculina, gozando com as cócegas que fazia os pêlos do peito em seu rosto, enquanto saboreava sua úmida pele. Ouviu sua respiração entrecortada enquanto lhe tirava a túnica pela cabeça e tomava brandamente um de seus mamilos entre os dentes. Sentiu o tresloucado pulsar de seu coração através da pele. Foi então que compreendeu porque seu comportamento tinha sido tão terno na noite anterior, porque com cada uma das carícias que lhe proporcionava, uma onda de prazer atravessava seu próprio corpo.

Tentadoramente Erin se afastou dele e lhe agarrou a mão, sorrindo enquanto o guiava para o fogo. Fez com que se sentasse. Continuando, despojou-o de suas botas de couro e das meias de lã, lhe dando pequenos beijos nas pontas dos dedos dos pés.

De novo, ela percebeu como ele continha a respiração. Os olhos de Olaf estavam fixos nela, brilhantes céus azuis contrastando com os traços bronzeados de sua face.

Dirigiu logo sua atenção para suas calças de estilo norueguês. A perplexidade que ela mostrou ante elas, fez Olaf sorrir, mas se obrigou a não ajudá-la. Seus dedos tremeram ao soltar o cordão, mas já estavam firmes quando se introduziram sob o tecido e roçaram seu quadril. Ele então ficou rígido por um momento, logo a atraiu para si, afundando os dedos em seu cabelo molhado pela chuva e a estreitou contra seu peito.

—É a jóia da ilha, irlandesa, — murmurou ele, com uma voz rouca que acariciou o coração de Erin. Tirou-lhe o manto, ansioso por eliminar tudo o que impedia o contato entre suas peles.

Mas assim que tirou o manto, ela sacudiu ligeiramente a cabeça e ficou novamente em pé, com os olhos faiscantes. Desatou o cordão de sua túnica e deixou que caísse aos seus pés. Movendo-se com elegância, despojou-se primeiro de um sapato e logo do outro, e depois, como se tivesse todo o tempo do mundo tirou uma a uma, as meias, entrelaçadas com finas ligas.

Depois ficou quieta, muito quieta, uma oferenda pela qual ele teria esperado por toda sua vida. Esses olhos que, de uma vez, prometiam tempestade e paz, sustentaram seu olhar. A lustrosa juba negra se frisava úmida, caindo sobre os ombros e os seios, acariciando sua pele.

Erguidos mamilos apareciam entre as escuras mechas, altos e orgulhosos topos da cor de rosas, incitando, prometendo. Depois chegaram os quadris que sabia, por experiência própria, que podiam mover-se com um ritmo incrivelmente sensual. O triângulo escuro que escondia o núcleo de sua tentadora feminilidade. E por último, essas longas e lindas pernas. —É a jóia da ilha, irlandesa, — Tragando saliva e piscando, ficou em pé para unir-se a ela, juntando suas peles nuas. Esfregou seu corpo contra o dela, que emitiu um pequeno ofego quando ele separou suas coxas, e o sentiu crescer contra ela.

Pôs-lhe as mãos na nuca, roçando-o brandamente. As pontas de seus dedos pareciam ser capazes de perceber novas sensações assim que se livrou de todas as ataduras que impediam sua liberdade e se permitiu desfrutar da sensação dos músculos dos ombros sob seus dedos... Ele gemeu ao sentir as unhas escorregarem por sua coluna. Apertou-a ainda com mais força, sentindo até a mais ligeira das carícias de seus dedos sobre suas nádegas fortes. Seus doces lábios sobre seu amplo peito de guerreiro, parando sua deliciosa tortura para esfregar sua bochecha contra ele, fascinada com a sensação que lhe produzia o contato de seu áspero pêlo contra a suavidade de sua face.

Percorreu, com as mãos, os flancos do corpo masculino, deleitando-se com a forma de seus quadris. Mas por um momento temeu seguir adiante.

Fazia muito tempo da última vez que ele tinha sido amado, e enquanto a fome a devorava por dentro, se deu conta de que, na realidade, isso nunca tinha ocorrido. Ele era dela, completamente dela e em seus braços, existiam somente doçura e calidez. Parecia-se com uma flor, frágil e terna, abrindo-se como se ele fosse seu sol.

Aquela sensualidade era uma parte inerente dela, e Olaf se converteu no único receptor de toda sua paixão. Ela queria agradá-lo... Tanto a ele como a si mesma, respondendo a cada um de seus gemidos, acariciando aquilo que ansiava primeiramente com indecisão, e depois com toda a segurança do mundo, explorando, descobrindo novas formas de agradá-lo.

Sujeitou-a contra seu corpo enquanto estendia as peles e a deitava junto a ele. A beijando profundamente para, depois continuar a enterrar o seu rosto no perfumado cabelo de Erin, mais escuro que a noite. Este pareceu lhe devolver a carícia, roçando sua pele de uma forma insuportável, enquanto o envolvia como se tivesse vida própria. Começou a beijar seus seios, adorando-os, sugando-os. Mas hoje ela não podia ficar imóvel, arqueava-se contra ele, percorrendo com os dedos sua esbelta cintura. Gemeu ao senti-lo lhe morder ligeiramente os mamilos.

—Me toque... Erin... me toque...

E ela o fez e hesitou ao sentir a quente e louca pulsação de seu membro, mas ao ouvi-lo gemer, foi se tornando mais audaz, acariciando-o com as pontas dos dedos, encontrando o movimento que era capaz de levá-lo até a incoerência e o esquecimento. Ele procurou seus lábios, movendo as mãos por todo seu corpo. Sussurrou contra sua boca.

—Oh, esposa... Minha doce esposa, não pare agora. Mataria-me, sabia?

Ela soltou uma risada até que a respiração ficou afogada na garganta pelo movimento da mão dele entre suas coxas, provando e acariciando até fazê-la gritar e afrouxar-se contra ele, suplicando clemência.

A tormenta que rugia lá fora não era nada comparada com a que a sacudia por dentro. Sentia o chão tremer debaixo dela, sentia suas carícias em cada nervo de seu corpo. Houve momentos de cegueira e momentos onde o brilho ao seu redor a deslumbrava. Tremia, soluçava de necessidade, e a tensão em seu ventre era dolorosa e atrozmente doce, ao mesmo tempo. Queria desfazer-se dela. Se não gozasse logo, com toda segurança, ficaria louca.

Não podia parar de acariciá-lo e saborear o sal de sua pele com lábios e a língua. Algo dentro dela se quebrou, convertendo-a em uma mulher lasciva. Elevou-se sobre ele. O roçar de seus próprios cabelos entre os dois corpos a excitava. As sensações se voltaram arrasadoras, obrigando-a a mover-se. Deixou para trás qualquer dúvida e o amou, guiada por seus instintos, aprendendo, tal como sempre tinha desejado, cada fração do corpo de Olaf.

Ela olhou em seus olhos, aqueles exigentes olhos azuis, e soluçou quando a colocou sob seu poderoso corpo... O momento tinha chegado. Ambos gritaram quando a penetrou, enchendo-a com a vitalidade que tanto ansiava. E ela, em troca, recebeu-o inteiro dentro de si, perguntando-se vagamente como tinha podido alguma vez duvidar de sua capacidade para acolhê-lo. Jamais poderia viver de novo sem o ter assim, sem senti-lo mover-se em seu interior, expandir-se, roçando-a por dentro, acariciando seu coração.

Ele a levou até as alturas dapaixão mais selvagem e mais alto ainda, até que Erin acreditou estar no céu, um céu ardente onde explodiu em mil pedaços em um momento de êxtase tão intenso que a fez estremecer-se. Espasmos após espasmos, sacudiram seu corpo enquanto se deixava levar pelo espiral de prazer. Ela gritou seu nome, e depois sussurrou uma e outra vez, enquanto o ouvia dizer o seu, até que ele afogou ambos os sons com o mais terno dos beijos.

Depois Erin sorriu, sentindo como se o mesmo sol tivesse deixado toda sua calidez em seu corpo. Mas não era somente senti-lo dentro dela, sentia também sua semente. E não podia arriscar-se a mover-se e perdê-la.

Olaf a estreitou com força contra ele, esperando a que o ar fresco acalmasse o calor de seus corpos.

Enquanto alisava o úmido cabelo de sua esposa, Olaf se perguntou, com um pouco de temor, como uma experiência de tal calibre tinha acontecido entre eles. Foi estúpido havê-la subestimado. Desde aquele dia no rio, onde ele tinha saído vitorioso, até a noite em que soube que lhe tinha sido concedida uma jóia especial de tempestuosa beleza, tinha sido um tolo. Erin jamais poderia ser intimidada, Olaf tampouco poderia mentir a si mesmo. Agora a vitória era dela, apesar de que ele a tinha seduzido, a decisão de se dar livremente, no final, tinha sido dela...

Antes acreditou ser alheio ao seu poder, agora estava obcecado. Não acreditava no amor, mas estava impressionado pela magnitude do que tinha chegado a sentir por Erin. Protegeria-a até seu último fôlego e inclusive estava começando a experimentar uma espécie de sentimento de posse. Temia chegar a ser capaz de matá-la, se ela fosse capaz de pensar em outro homem.

Olaf fechou os olhos, absurdamente cômodo entre as puídas e velhas peles e sobre o duro chão, só porque ela descansava ao seu lado, em contato com seu corpo. Moveu com cuidado o braço até que repousou justo sob a linha de seus seios e deixou que o monótono som da chuva lhe arrastasse para o sonho.

Enquanto o Lobo dormia, uma aldeia dos arredores de Ulster ardia em chamas. Frigid, o Patizambo, não olhava para as chamas. Seu olhar se dirigia para o sul, enquanto sorria. Pode ser que o Lobo tivesse Dublin e à filha de Aed Finnlaith, de quem se comentava que era a mais bela da ilha. Mas o Lobo tinha estabelecido uma aliança. E morreria. Por fim, se encontraria com seu destino...

Niall de Ulster preparou os seus homens para a batalha. O recém casado Sigurn se perguntou, com irritação, que lhe tinha acontecido ao Senhor dos Lobos enquanto ordenava aos guerreiros de Dublin que seguissem aos seus aliados.

E no mais profundo do bosque, próximo de Carlingford Lough, Mergwin permanecia em pé, sob a chuva, como um lunático com suas roupas e barba flutuando no ar. Levantou os braços para o cinzento céu e sussurrou as antigas palavras da invocação. Chamou aos céus e à terra. Sobre um pequeno altar de pedra, cortou a garganta de um cervo, olhando seus olhos marrons, oferecendo vida, oferecendo sangue.

Mergwin não pensou nem sobre o passado, nem sobre o presente. Lutou contra as imagens de sua mente, tratando de entender o mal vindouro. Mas não pôde ver nada, nem tampouco quando viria. Só soube que vinha de um filho da noite.

Pediu à terra e ao céu que o ajudassem, às árvores e terra que atuassem como testemunhas a favor dele. Deu sua oferenda de sangue; as ervas ao vento, o cervo à terra. Rezou para os poderes que assolavam o mundo.

Rezou por Erin.

Olaf se apoiou sobre um cotovelo, olhando-a ao falar, enquanto seu dedo percorria as delicadas linhas de suas costelas e seu umbigo.

—Os deuses sempre estiveram predestinados a morrer, Sabe? Desde o começo.

Havia explicado que Rig a tinha entretido com um conto sobre o princípio dos deuses.

Tinha-lhe contado que havia um final, mas não tinha explicado.

—Surt liderará as forças desde o Muspell, como sempre planejou. A grande batalha ocorrerá no Vigrid. O princípio do fim virá precedido por três terríveis invernos. Um enorme terremoto fará tremer as montanhas, o sol será comido por um grande lobo e a lua por outro. Fenrir, o mais malvado dos lobos que cospe fogo, tragará Odin. Mas então o filho de Odin, Vidarr, matará Fenrir. Thor, que sempre está lutando contra a serpente Midgard, conseguirá por fim acabar com ela, dará 10 passos para trás e morrerá envenenado. Surt matará Frey. — fez uma pausa para lhe sorrir durante um instante. — Frey é nosso deus da fertilidade.

— Eu sei. — Riu indignada. —Rig me contou isso.

— De qualquer forma, é então que Surt fará que o mundo inteiro arda em chamas.

— E a terra e tudo o mais acabará?— Pergunto-lhe Erin, com o cenho franzido. Agora entendia, embora só vagamente, porque Rig não tinha acabado o conto.

—Sim, e não. — disse-lhe Olaf, sorrindo de novo, voltando outra vez seu preguiçoso olhar ao lugar de seu estomago onde seus dedos tinham chegado. — O fogo destruirá tudo, mas com o tempo, o mundo voltará a crescer verde outra vez. O sol deixará uma filha, que trará o calor de novo ao mundo, e os filhos de Odin e Thor morarão em um lugar chamado Idavoll e repovoarão o planeta. E Baldr, o mais amado pelos deuses, que tinha sido assassinado por seu irmão Hod, abandonará o mundo dos mortos e ira ao Idavoll junto com o irmão que o matou. Eles viverão, por fim, em paz.

Olaf viu como ela sorria, docemente.

— Por que está rindo?— murmurou ele, delineando seus lábios.

— Oh... Nada, meu senhor — lhe respondeu ela. Então era isso que Rig queria que ela aprendesse: as disputas levavam a destruição, mas atrás delas vinha a calma. Jamais acreditaria nessa perfeita paz entre vikings e irlandeses. Há muito tempo Mergwin havia dito que tal coisa

não chegaria durante sua vida, nem na de seus filhos, mas bem podia encontrar sua própria paz. Sempre ficariam momentos como esse, os quais recordar quando tudo fosse mal.

Um brilhante raio de sol da tarde encontrou seu caminho dentro da caverna, o que fez Erin olhar para a entrada.

— Parou que chover—, sorriu tranqüilamente. Então foi Olaf quem sorriu.

— Sim — Sorrindo maliciosamente. — faz tempo que parou.

Seus olhares se encontraram e puseram-se a rir. Depois Olaf lhe deu um último beijo no umbigo, com pesar, levantou-se e lhe ofereceu uma mão para ajudá-la a levantar-se. —Será melhor que voltemos antes que Sigurn envie guardas atrás de nós.

Erin assentiu com a cabeça. As roupas secaram junto ao fogo. Vestiram-se silenciosamente, ajudando um ao outro a ajustar os mantos e broches. Na entrada da caverna ele parou para beijá-la, brevemente, nos lábios, olhando-a durante um longo momento.

Depois deu uma batida nos flancos do cavalo dela para que se movesse, e montou o seu próprio.

Enquanto cavalgavam de volta, Erin o observou. Pensou em quão arrumado era e, ainda com um pouco de dor, que ainda era um estranho. Montando tão erguido, com o manto flutuando com a brisa, uma vez mais se converteu no Senhor da Noruega, com a mente e o coração fechados para ela. Ela nunca conseguiria transpassar sua armadura.

Voltou-se para ela ao aproximar-se da cidade, com o pulsante fogo de novo em seu olhar, incrivelmente azul.

— Vamos!— gritou-lhe. — Algo aconteceu em nossa ausência!

Assustada, Erin se aferrou às rédeas e fez que seu cavalo iniciasse o galope seguindo ao garanhão de Olaf. O cabelo não parava de lhe cair nos olhos, impedindo de ver com clareza. Observou que o pátio, depois da muralha estava cheio de homens armados com espadas, lanças e escudos. Os homens estavam se preparando para a guerra.

Por quê? Perguntou-se Erin, mais tarde, enquanto olhava da janela de seu quarto. Seu marido, seu primo e seus irmãos se preparavam no pátio para a guerra. Era seu destino na vida ver como os homens que amava partiam?

As lágrimas brotaram sob suas pálpebras, mas se obrigou a não chorar. Ela era a rainha de Dublin, e quando partissem, ao amanhecer, seria seu dever manter-se calma frente à Olaf e se despedir dos homens com serenidade e plena confiança de sua vitória.

Não tinha falado com ele desde sua volta. No pátio, os cavalos, percebendo a agitação do ambiente, elevavam-se sobre as patas e faziam cambalhotas. Portadores de estandartes, serventes, ferreiros e guerreiros andavam apressados, para deixar tudo pronto e Olaf estava

totalmente absorvido pelas preparações. Erin estava segura que tinha esquecido sua existência por completo.

Nem sequer podia conseguir muitas informações de Gregory, Leith ou Brice, e quanto a Niall, nem o tinha visto. Não se separava de Olaf.

As preparações continuaram até o começo da noite. Finalmente esgotada fisicamente tanto pela noite anterior como pela ansiedade do momento, Erin subiu as escadas até seu quarto. Trocou a roupa e se enfiou entre as cobertas, envolvendo com estas seu corpo.

Não era justo. Tinha esperado muitíssimo tempo a paz, e agora, justo quando a tranqüilidade começava a sossegar sua alma, a tiravam.

Permaneceu acordada durante muito tempo, até que suas pálpebras se fizeram pesadas e dormiu.

Ela não despertou quando Olaf se deitou ao seu lado, mas durante o sono, aproximou seu corpo do dele para que a abraçasse, curvando-se instintivamente, como uma gatinha. Ele não pôde dormir muito, mas estar junto de Erin lhe proporcionava uma espécie de serenidade.

Quando ela abriu os olhos, ele a estava olhando e, durante um instante, acreditou ter visto ternura em seu olhar, um brilho do homem que jamais pensou que conheceria.

Estendeu a mão para lhe acariciar o cabelo, estendendo as escuras mechas sobre o travesseiro.

— Pergunto-me, — disse brandamente, — se ainda abriga a esperança de que tenha um encontro mortal com uma lança dinamarquesa.

Abriu a boca e as palavras que quase saíram desta foram — Te amo. — Mas conseguiu não as pronunciar. Olhou-o fixamente, em silêncio, sabendo que não podia dar essa parte de si mesma, não quando tinha recebido tão pouco dele.

— Temo, — respondeu-lhe, asperamente — que não tenho nenhuma intenção de morrer para lhe dar esse gosto.

Quis lhe dizer que não desejava sua morte, por certo que ele sabia, via com toda clareza o poder que exercia sobre ela. Mas não importava, já que ele a abraçou, furiosamente. Aferraram-se um ao outro, com um abandono que resplandecia ferozmente, com uma paixão desesperada, ambos esquecendo a promessa de suavidade que ele tinha feito.

Conversou com Brice e Leith, dizendo as mesmas coisas que sua mãe diria como não usar roupas molhadas durante muito tempo ou comer apropriadamente. A Niall não disse nada. Beijou-o e retribuiu o abraço de urso, agüentando, silenciosamente, suas lágrimas.

— Não será tão ruim, Princesa, — sussurrou-lhe Gregory, enquanto se afastava de Niall, — porque saberemos que você está aqui a salvo. Além

disso, não existe nenhum maldito dinamarquês que possa superar Niall de Ulster, Aed Finnlaith e ao Lobo da Noruega.

Erin tratou de sorrir.

—Desejaria poder ir com vocês, Gregory. O mais difícil é sempre a espera.

Gregory sorriu.

—Seus dias de glória se acabaram, graças a Deus. Se alguma vez tivesse acontecido algo, teria sido minha culpa. Além disso, Erin, seus irmãos sabem. Leith o adivinhou. Contou-me isso na noite em que se casou, igual à Niall e ao Brice. Nunca falaram nada, acredito que estão muito orgulhosos de você, mas também lhes assusta. Se as coisas tivessem continuado, teriam achado uma forma de te deter. Esteve bem enquanto durou, criamos uma lenda.

Erin sentiu que as lágrimas a assaltavam. Sempre o tinham sabido, Niall, Brice e Leith, e tinham guardado o segredo. Isso tornava mais difícil ver sua partida.

Gregory a beijou na bochecha.

—Por favor, não chore, Erin. Estamos respaldados por uma esplêndida força. Não terá que esquecer-se de Olaf. Além disso, vamos nos encontrar com as tropas de seu pai. Estaremos de volta dentro de pouco tempo.

—Não vou chorar, Gregory, — murmurou ela, lhe beijando a bochecha. Mas seu rosto estava molhado. Enxugou as lágrimas com os dedos.

O agudo e alto som de um grito de batalha soou. Erin viu que Olaf já estava montado sobre o cavalo. Elevou um cálice de prata. Elevou-o bem alto e bebeu enquanto os homens vociferavam gritos de vitória e seus cavalos se mexiam, com a excitação.

Olaf se inclinou e lhe devolveu a taça. Acariciou-lhe a bochecha, com os olhos brilhando qual fogo azulado.

—Te cuide, irlandesa — lhe pediu, com tom suave.

Agarrou-lhe a mão e inclinou a cabeça para lhe beijar a palma. Não elevou o olhar de novo, mas Olaf entreviu lágrimas em seus olhos. Caminhou para trás, enquanto o rio de homens e cavalos começava a estreitar-se e saíam da cidade.



CAPÍTULO 16

Aed Finnlaith viu seu genro através do rio. O Lobo Norueguês era inconfundível. Alto sobre seu negro corcel de guerra, aparentava ser mais que um simples mortal. Sua cabeleira dourada parecia absorver a luz do sol e irradiá-la ao seu redor. Inclusive na distância se notava nele essa força indomável e aquela energia infinita, que lhe era própria.

Um tremor roçou os ossos de Aed. Alegro-me de cavalgar junto deste homem, pensou, pois sou muito velho para cavalgar contra ele de novo.

Ao sinal das trombetas, as bandeiras foram içadas. O Ard-Righ de Tara cavalgou, cruzando pela parte menos profunda da corrente, tratando de não dar nenhuma amostra do dano que a gelada temperatura da água estava fazendo aos seus velhos ossos.

Saudou Olaf com um breve abraço, sem descer do cavalo, depois ambos os homens retrocederam. Saudou seu filho Niall, já que era sua província a que eles foram defender.

As tropas se uniram e a tediosa marcha começou. Partiram terra adentro umas cinquenta milhas, dia após dia, aparentemente, inacabáveis. Então giraram e cavalgaram para a costa.

Os dinamarqueses atacaram de noite, em silenciosos grupos, mas todos estes pequenos ataques-relâmpago foram rebatidos firmemente, lhes fazendo retroceder, passo a passo. Os dias se tornaram semanas e as semanas se tornaram meses. A primavera deu lugar ao verão. De todos os modos, o grosso do exército de Friggid, o Patizambo, evitou-os.

Nas breves batalhas, Aed se encontrou combatendo cada vez mais junto ao seu genro viking, aumentando sua certeza de que ele era invencível. Com um só grunhido do mais profundo de seu peito, podia deixar aos dinamarqueses tremendo de tal forma que sua indecisão lhes custava a vida. Nem uma vez o Lobo fez uma pausa no campo de batalha. Ele não

lutava como um desesperado, mas com frieza, com precisão infalível, como um homem dominador.

Uma noite, enquanto os mortos eram enterrados e incinerados, Aed se aproximou desse homem estranho ao qual ainda tinha que conhecer, lhe oferecendo um odre de pele cheio de cerveja enquanto se apoiava contra o tronco de uma árvore para inspecionar os campos. Diante dele, observava como vikings e irlandeses cumpriam tributo aos seus mortos.

Durante um tempo, ambos os homens simplesmente permaneceram em pé, em silêncio, sentindo a frescura da noite, escutando o melancólico e ocasional som de algum pássaro noturno. Os fogos para cozinhar estavam sendo acesos. Logo, pensou Aed, encherei meu estômago vazio e me refugiarei em minha tenda, aliviando meu corpo cansado durante a noite. Embora Aed cavalgasse junto aos guerreiros, deixava a maior parte da estratégia para Niall e o Lobo. Tinha visto, com admirada curiosidade, como Olaf, discretamente, tinha assumido a segunda posição em respeito a Niall, aconselhando ao rei do Ulster, com astúcia, e assim ensinando ao jovem rei. Era Ulster que eles defendiam; portanto, era a batalha de Niall. Niall lutava por sua terra, Aed lutava para defender a seu filho e pelas leis da grande Eire, que tinham doado aquela terra a Niall. E Olaf lutava porque estava comprometido com Aed e, portanto, com Niall. Mas sentia que havia algo mais que comandava o jovem e poderoso norueguês.

Aed observou como Olaf aliviava, com cerveja, sua garganta ressecada, logo lhe perguntou diretamente:

— Procura Friggid, o Patizambo, devido a Ulster, ou busca vingar Carlingford Lough?

O cristalino olhar azul caiu sobre ele, logo o afastou, olhando fixamente para longe, uma vez mais.

—Ambas as coisas, Ard-Righ — Guardou silêncio durante um minuto, logo olhou fixo e ao Aed de novo. — E mais — acrescentou brandamente. Devolveu o odre para Aed e se dirigiu para as árvores.

Olaf se sentou sobre o musgo fresco do bosque, apoiando sua cabeça em um tronco, cansado. Tinha cavalgado a maior parte do tempo sem pensar em nada mais além da guerra em que estava imerso. Mas havia vezes, noites como esta, nas quais só tinha vontade de voltar para Dublin. Desejava um banho quente, uma comida agradável e o tato evocador e aprazível de sua esposa.

Franziu o cenho, ao dar-se conta para onde tinha dirigido seus pensamentos. Tinha havido rameiras ao longo de todo o caminho; mulheres para entreter aos homens, para assim agüentar seus exaustivos dias. Mas ele tinha sido incapaz de permitir-se acalmar suas necessidades físicas com uma mulher. Deu-se conta, não sem certa diversão, que Aed Finnlaith tinha deixado de lado tal entretenimento.

Dizia-se que Aed tinha sido sempre fiel a sua rainha. Mas o Ard-Righ era um homem incomum.

Pensar no Aed lhe trouxe a memória Erin. Olaf não podia suportar o pensamento de sua carrancuda irlandesa nos braços de outro homem. Somente aquela imagem em sua mente poderia fazê-lo rugir e grunhir durante todo um dia. Mas era um fato que ela, como propriedade do rei, estava sob seu amparo. Era dele. Ele era um homem muito possessivo e defenderia tudo o que era seu, até a morte.

Em realidade não estava muito preocupado com sua esposa, que tinha apenas começado a conhecer. Tinha deixado Sigurd como responsável de Dublin, com instruções para que sua esposa fosse protegida, e controlada, com supremo cuidado.

Não acreditava que ela tentasse escapar, mas nunca sabia o que poderia estar passando por detrás daqueles brilhantes olhos verdes. Tinha despertado sua natureza apaixonada, sim. Em seus braços ela se tornou uma mulher selvagem e lasciva, lhe dando um prazer que tinha clareado tanto seu coração como seu espírito, levando as sombrias lembranças que o torturavam. Mas ainda se perguntava se continuava odiando-o, se não procuraria, de bom grado, um amante com o objetivo de pôr chifres ao "Bárbaro Viking" a quem foi forçada a aceitar em casamento.

Apertou os punhos ao pensar nela. Relaxou-os lentamente. Seria difícil lhe pôr chifres com Sigurd por perto. Além disso, era uma princesa de Tara, algo que nunca esquecia. Era improvável que se rebaixasse a ter uma aventura amorosa, que poderia ser descoberta por outros.

Fechou seus olhos, e pôde vê-la diante dele. Seu sedoso cabelo negro caindo sobre as curvas plenas de seus seios, suas longas pernas, movendo-se para ele, com um passo ágil, sedutor... Essa imagem pensou, com um suspiro, é o motivo pela qual não podia procurar a companhia de uma rameira.

Mas era outra imagem a que o conduzia para a batalha. Grenilde. Sua beleza dourada, seu amor. Pensou nela, franzindo o cenho, quando sua imagem esfumou-se em sua mente. Tentou ver seus olhos azuis, brilhantes. Mas a única coisa que podia evocar eram duas esmeraldas verdes.

Amaldiçoou baixo. A ardente irlandesa que queria sua cabeça sobre a folha de uma espada, era uma bruxa. Uma bruxa que podia ser suave, que tinha rido com ele, tinha-o amado, tinha vindo a ele...

— O rei de Dublin está muito pensativo esta noite

Olaf abriu os olhos, arqueando uma sobrancelha com gravidade, ante tão insolente interrupção. Olhou fixamente, com o cenho franzido, o barbudo ancião vestido com toga conhecido como Mergwin, que tinha chegado sem um ruído.

— O rei de Dublin deseja estar sozinho — disse Olaf, de maneira cortante.

O Druida era intrépido.

— Uma neblina de luz te rodeia, viking — disse Mergwin enquanto olhava especulativamente a Olaf — Se tiver que morrer em uma batalha, não será logo.

— Isto satisfaria a minha esposa — respondeu Olaf secamente.

Mergwin se encolheu de ombros, acariciando sua larga barba, pensativamente.

—Ambiciona matar Friggid, o Patizambo, meu jovem senhor Lobo. Devo te advertir. É o destino que fará com que se encontrem algum dia. E um dos dois deve morrer. Pode ser que você o mate. Sim, é bastante possível. Mas mesmo com sua morte, não obterá o que deseja.

— Oh? E o que é isso que procuro, druida?

—A devolução de sua alma. Somente pode encontrá-la em sua própria vida, Lobo da Noruega, não na morte de outro homem.

Olaf ficou de pé e sacudiu as folhas de sua capa.

— Assim, druida, está me dizendo que não o matarei logo. Sugere então que permita que Friggid siga rondando por estas terras, vivendo com o único objetivo de desejar minha morte ou a de outros?

Mergwin não fez caso do sarcasmo de sua pergunta.

— Oh, não, Friggid deve morrer. Ele não é da terra, Lobo. E a brisa sussurra que você deve seguir buscando-o, lutando contra ele.

— Ah? — agora divertido, Olaf arqueou a sobrelanceira de novo.

O druida sorriu.

—Te olhe, meu senhor. Sua capa é irlandesa, como seu traje. Fala em minha língua. E mais, vou me arriscar a supor que freqüentemente, para falar em seu próprio idioma, tem que pensar nas palavras. Sim, viking, se tornou parte desta terra. Desejas tomá-la, mas em realidade ela te absorverá, formando um todo com ela.

Olaf riu.

— Possivelmente tenha razão, Druida. Mas diga-me, meu amigo, como é que sabe todas essas coisas?

— Freqüentemente jogo e leio as runas para ti, Lorde dos Lobos.

— As runas vikings? — Olaf perguntou, zombando.

Mergwin simplesmente sorriu, ante a brincadeira.

—Atrevo-me a dizer, Olaf, o Branco, que nunca entrou no mar, em seu navio dragão sem antes ter falado com seu professor de runa. Seus homens não subiam no navio. A derrota da Noruega em Carlingford Lough foi prognosticada pelas runas. Inclusive, seu primeiro encontro com a princesa a que agora chama esposa.

Olaf olhou Mergwin com curiosidade.

—Sim, meu amigo. Sei de seu encontro com Erin.

— E não impediu o matrimônio?

— Não — disse Mergwin, rindo ligeiramente —. Seu matrimônio estava destinado pela terra.

—Oh — Olaf murmurou secamente.

Sorrindo, com diversão, e sentindo-se, curiosamente, aliviado pelo encontro, Olaf deu a volta para abandonar o bosque.

— Senhor dos Lobos — chamou o druida.

Olaf se voltou, franzindo o cenho, ante o tom de voz de Mergwin.

— A batalha terminará amanhã, e a vitória será sua. A runa do sol, Sowelu, te acompanha. Mas se cuide, meu senhor, porque estão tramando algo traiçoeiro e diabólico. O amanhã fala de perigo, mas o que estou falando vai mais à frente. Desconheço quando o atingirá, tampouco onde o fará. A única coisa que sei é que existe e que deverá superá-lo. Então, e só então, encontrará o consolo que procura para sua alma.

Olaf ergueu a sobancelha, de novo, surpreso tanto pela certeza de Mergwin como pelo tom suplicante.

—Sempre tomo cuidado, Druida — replicou ele, brandamente, não seguro se o homem era um profeta verdadeiro ou um louco — Sempre tomo cuidado.

Uma parte da profecia de Mergwin se cumpriu com assombrosa exatidão. Logo que tinham irrompido no campo, quando as tropas de Friggid, o Patizambo, caíram sobre eles com um inesperado e potente ataque.

Surpreendidos entre as terras altas e o bosque, a batalha logo se dividiu em pequenos focos. Os homens tiveram que pôr toda sua atenção em combater contra seus inimigos, e não contra seus aliados, já que as forças rapidamente se mesclaram.

Olaf observou que Friggid, o Patizambo, tinha reforçado suas tropas tanto com guerreiros procedentes da Grã-Bretanha como de suas próprias terras. As rápidas batalhas do caminho tinham sido brincadeiras, comparado com a força de homens que tinham vindo do norte para esse ataque.

O som do choque entre aços e derramamento de sangue se prolongou toda a manhã. Vislumbrando a parte sul resguardada por um pequeno riacho, Olaf viu que Leith e Brice MacAed lutavam perto dele. Ambos eram valentes. Davam a boas-vindas aos dinamarqueses com ferozes gritos de batalha, cortando seu avanço com determinação.

Olaf sorriu enquanto se esquivava da ponta de uma lança. A certeza da vitória começava a aumentar em seu sangue. Os dinamarqueses perdiam terreno. Esse seria o dia em que encontraria Friggid, o Patizambo.

Com um vigor renovado em seus membros por sua iminente vitória, uivou ferozmente e mergulhou no tumulto.

Os dinamarqueses, que tinham sido tantos, eram agora escassos. Levantou sua espada derrubando um inimigo que lhe olhava com olhos ardentes. Continuando, procurou rapidamente a sua seguinte vítima.

Com horror viu como uma lança dinamarquesa caía sobre Leith MacAed. Vociferou uma advertência. O fio de sua espada perfurou o pescoço do perseguidor enlouquecido. Mas tinha chegado tarde. Leith MacAed, com uma mancha vermelha alagando suas omoplatas, caiu.

Olaf se ajoelhou a seu lado, esquecendo-se da batalha ao seu redor. Suas tropas tinham tomado terreno, assim se encontrava sozinho no lugar com o jovem moribundo.

Estava acostumado à morte, aos gritos agonizantes, mas a dor, de repente, pareceu rasgar seu coração quando pensou na agonia que isto traria para seu aliado irlandês de Tara... E a sua esposa irlandesa.

Vacilou, perguntando-se se não poderia parar o fluxo de sangue e de algum modo salvar o moço.

—Não pode fazer nada, meu senhor, estava destinado que Leith de Tara caísse aqui. Deve continuar.

Olaf levantou bruscamente a cabeça, assombrado ao ver o Druida de pé diante dele outra vez. Mergwin se ajoelhou ao lado de Leith. Um calafrio percorreu o corpo de Olaf. Mergwin sabia que Leith morreria.

O Druida olhou o moço. Leith abriu seus olhos, sorriu brevemente, fazendo uma careta de dor, e expirou seu último fôlego. Mergwin com cuidado fechou seus olhos.

—Veja Lobo da Noruega. Seu trabalho... Seu destino? ... O dia ainda não acabou.

Olaf se levantou e deu um último olhar para Leith e Mergwin. Perguntou-se, durante um momento, se o Druida não estaria louco, desejaria que partisse logo e assim morresse. Não sabia se confiava ou não naqueles olhos ardentes.

Mas a batalha o esperava. Cruzou a ponte e desceu para as árvores, onde os uivos e os gritos de guerra vibravam. Moveu-se com cautela, vigiando suas costas, dobrando os joelhos, com a espada na mão. A batalha empreendida entre as árvores era perigosa, podiam-lhe cortar o pescoço por trás ou se sangrar até a morte, sem nem sequer se dar conta.

Um rugido feroz o advertiu do ataque. Girou agilmente e atacou, riscando com sua enorme espada um arco. Seu opositor desabou no chão com um olhar de surpresa.

A batalha prosseguiu com fúria durante toda a tarde. Com a chegada do crepúsculo, os dinamarqueses tinham sido obrigados a retroceder para oeste, quase ao oceano.

Olaf se encontrava outra vez sobre uma ponte, observando como o grosso do exército dinamarques começava a cair. Gritou uma ordem aos

seus homens para que seguissem acuando o inimigo. Enviou uma de suas tropas pelo flanco esquerdo, e outra pelo direito, para que assim o inimigo fosse esmagado entre ambos.

Foi então que deu a volta, encontrando-se sozinho, exceto pelo dinamarquês que investia contra ele, num esforço para pegá-lo com a guarda baixa. /o dinamarquês que tinha conduzido suas forças para aniquilar os noruegueses em Carlingford Lough, o dinamarquês que tinha causado a morte de Grenilde, a morte de tudo o que tinha significado algo para Olaf — Friggid, o Patizambo.

Olaf saltou para um lado no último instante, vendo como a ponta afiada e sangrenta da lança de batalha assobiava por cima de seu ombro até cravar-se no chão. Poderia ter matado Friggid então. Poderia ter fincado sua espada nas costas dele, mas o que queria era matar ao dinamarquês cara a cara. Sorriu e se distanciou, confrontando o asqueroso ruivo.

— Recolhe sua arma, dinamarquês. Quero ver seus olhos quando morrer. Friggid lhe respondeu com uma risada glacial.

— Que assim seja Lobo. Só nós dois. O único final. — Levantou sua lança

— Esta noite beberá a minha saúde no Valhala enquanto janta com os mortos!

Balançou como uma serpente, letal e poderosa. Olaf rechaçou o golpe com sua espada. O choque do aço soltou faíscas e ambos os braços estremeceram pela força do ataque. Grunhindo, separaram-se de novo. Olaf golpeou o dinamarquês, conseguindo lhe fazer um corte, mas ele caiu e rolou, ganhando tempo. Olaf o seguiu. Levado pelo desespero, Friggid lançou um punhado de terra nos olhos de Olaf, cegando-o temporariamente. Triunfante, levantou-se de um salto para dar seu golpe mortal, mas Olaf, sentindo o vento produzido pelo movimento de sua espada, rechaçou-o. A espada tremeu e voou de suas mãos.

Clareando sua visão, Olaf viu o dinamarquês vir para ele outra vez. Deu um salto para evitar o golpe, dirigido a suas pernas. O peso da lança fez que Friggid se encurvasse, mas conseguiu levantar-se rapidamente. Olaf compreendeu que estava num jogo de gato e rato, sem uma arma. Passo a passo, foi se afastando do dinamarquês, evitando a rápida sucessão de golpes, fazendo uso somente de sua agilidade. Então, de repente, sua espada foi lançada aos seus pés. Não soube de onde tinha vindo, mas pouco lhe importava isso. Lançou-se para recuperá-la.

Friggid chiou com raiva enlouquecida e se precipitou para ele, riscando um arco com sua lança, dirigindo seu ataque para a cabeça de Olaf.

Olaf tornou a se mover para o lado, no último segundo. Esta manobra tinha sido acertada. Friggid, o Patizambo, não pôde controlar a força do ataque e acabou rolando pelo chão. Olaf se precipitou atrás dele, mas era muito tarde. Dois dinamarqueses correram em sua ajuda, permitindo ao seu líder escapar. Olaf combateu ambos os homens, furioso pelo fato de

que Friggid fosse tão covarde para não terminar uma batalha homem a homem. Matou os dinamarqueses.

Embora tivesse saído vitorioso na batalha aquele dia, não tinha vencido Patizambo. Sentia-se vazio e esgotado.

Escutou um som que provinha das árvores. Rapidamente se recompos e voltou a levantar a espada, com os olhos alerta. Somente viu foi um pedaço de tecido branco desaparecendo no bosque... Um retalho de uma larga túnica branca.

Sorriu lentamente, com expressão de surpresa, e deu uma olhada à espada que oportunamente lhe tinha sido devolvida. Levantou-a alto no ar e permitiu que o sol se refletisse nela.

— Obrigado, Mergwin, sussurrou brandamente. Devo-te minha vida.

Um pouco do vazio de seu interior o abandonou. Sentiu como a força voltava para seus membros esgotados. Riu em voz alta.

— Sim — disse brandamente. — Obrigado, meu estranho amigo, estou muito contente de estar vivo.

Brice MacAed não permitiu a ninguém chegar perto de Leith. Apoiado contra um carvalho, embalava o corpo de seu irmão, com lágrimas na face. Acariciava o cabelo de Leith, lhe falando, às vezes rindo.

Nem sequer Niall de Ulster, com o rosto escurecido pela dor, podia separar a seu irmão do corpo sem vida de Leith para assim poder lhe dar um enterro apropriado.

As forças vikings tinham decidido que devia deixar sozinho o feroz irlandês, para que assim pudesse chorar sua perda. Afastou-se para atender aos seus. Mas os sacerdotes irlandeses estavam preocupados. Exigiam que o corpo fosse entregue de modo que a alma de Leith pudesse unir-se a Cristo no céu.

Essa foi a cena que se encontrou o Ard-Righ irlandês, quando este se inteirou da morte de seu filho. Não tentou enfrentar Brice.

De pé, sentindo o coração tão frágil como seus velhos ossos. Leith. O amável. Com sua risada cristalina. O único filho que podia intervir entre o sério Niall e o selvagem Brice, esfriando qualquer arrebatamento com palavras simples, lógicas. Leith. Aed fechou seus olhos enquanto a dor lhe percorria. Tratou de dizer a si mesmo que era um homem afortunado. Ele era o Ard-Righ da Irlanda, tinha passado a maior parte de seus anos na batalha. Tinha tido dez meninos, e milagrosamente, cada um de seus filhos tinha alcançado a idade adulta. Todos seus filhos tinham lutado durante anos, exceto Mikel, que treinava como guarda em Tara e Shean e Galbraith, que se ordenaram padres.

Ter dez filhos não diminuiu a dor que sentia ao ter perdido esse filho, esse indivíduo especial, único.

Mas ele era o Ard-Righ, líder de homens que tinham lutado muito tempo ao seu lado, homens que tinham entregue seus próprios filhos à terra.

Não podia mostrar sua dor, mas tampouco podia condenar ao filho que embalava ao seu irmão. Aproximou-se de Brice devagar e colocou uma mão sobre seu ombro.

— Ele era seu irmão, Brice — disse Aed brandamente — e era meu filho. Serei eu quem o sustentarei agora.

Durante um momento, Brice continuou apertando sua carga sangrenta. Então viu a dor nos olhos de seu pai.

Aed tomou ao seu filho morto nos braços e o levou ao bosque. Sustentou ao filho que, em vida, tinha sido tão valoroso.

Levou-o a sua tenda, onde meigamente lavou a sujeira de seu rosto, o rastro de sangue seco que escorria de seus lábios. Cobriu, amorosamente, com sedas seu filho, e logo o entregou aos sacerdotes.

De pé sobre um longínquo escarpado, Friggid, o Patizambo, observava o bosque onde os homens da aliança nórdica e irlandesa enterravam seus mortos. Um grunhido de ódio escapou de seus lábios. Seus homens estavam mortos ou dispersos. Só uns quarenta estavam com ele, reagrupando-se e cuidando de suas feridas.

Friggid começou a amaldiçoar em voz alta, levantando seu punho ao ar.

— Olaf vive ainda... Ainda vive o Lobo!

Olaf, o Branco, tinha Dublin e à filha do Ard-Righ da Irlanda. Até aos reis menores comendo na palma de sua mão. Na realidade, Friggid não queria nada disso. O que queria era ver o Lobo morto.

De repente deu, e observou seus homens com um olhar febril.

— Cavalgaremos para o sul esta noite! Niall de Ulster se dirigirá para o norte, o irlandês Ard-Righ viajará para o Sul, enquanto que o Lobo seguirá da costa para o sul. Uniremos os proscritos que infestam as enseadas e estaremos sempre um passo a frente dos noruegueses. Vamos esperá-los e lhe armaremos uma armadilha. Esta noite veremos como o Lobo caminha para o Valhala nas portas da cidade que nos arrebatou!

Friggid sorriu. Não lhe preocupava se todos morressem ou fossem massacrados. O Lobo era como uma enfermidade para ele. Mais jovem, mais forte, tão carismático, dourado e poderoso. Olaf tinha que morrer, tinha que sofrer a dor e a perda. Tinha sentido golpes mortais, a perda de Grenilde, mas agora tinha outra mulher. Uma princesa, a filha do Ard-Righ. Um ponto fraco? Friggid se perguntou. Pensaria nisso mais adiante, atentamente.

Cinzas as cinzas. Pó ao pó. As rezas soavam monótonas, enquanto se derramava terra sobre a mortalha de seda de Leith.

Aed Finnlaith nunca tinha parecido tão velho como quando se voltou para a extensão de terra que se tingiu do sangue de sua própria carne.

Olaf andou silenciosamente para a ardilosa raposa irlandesa, seu velho adversário, agora aliado e amigo. Não havia lágrimas nos olhos do homem, somente cansaço e uma dor que ia além de qualquer manifestação física.

— Meus homens honrarão ao seu filho e ao rei de Connaught — disse Olaf brandamente, oferecendo ao rei irlandês a única compaixão que poderia ser aceita. — Desejam oferecer tributo, segundo nossos próprios costumes, a estes grandes guerreiros que acreditam terem um lugar de honra no Valhala. Falo contigo porque não quero te ofender, ou aos sacerdotes que estão a seu serviço.

O velho rei lhe ofereceu um suave sorriso.

— Não me ofende, Lobo. Estou contente de saber que os que lutaram junto a Leith e Fennen lhes concederão essa honra. Valhala... Céu? Que diferença há, amigo? Por favor, diga aos seus homens que têm minha bênção para oferecer quantas orações quiserem.

Olaf assentiu, entendendo que era aquilo que tanto lhe tinha para este líder. Não disse nada mais, mas saudou o rei irlandês.

Os sacerdotes se queixaram, mas os nórdicos se assegurariam, ao seu modo, de que Leith MacAed e Fennen MacCormac tivessem uma viagem segura e cômoda.

Ao lado de Leith e Fennen enterraram suas espadas, para sua viagem ao outro mundo, taças, broches, facas, e pratos. Cavaram uma grande greta para enterrar cavalos com bridas completas e parafernália, de modo que pudessem montar a cavalo através do céu.

Os vikings preferiam a cremação, o envio do espírito através do ar. Mas havia muitos que aderiam à política de fornecer ao defunto todas suas necessidades. Além disso, o sacerdote cristão nunca, nunca permitiria ao príncipe irlandês e rei arder sobre uma pira de fogo.

Aed e seus filhos desapareceram em sua tenda para passar a noite. Tinha chegado o momento de chorar suas dores na solidão, como Olaf bem sabia.

Mas foi ele quem encontrou impossível perder-se no sono. Analisou seu comportamento, surpreendendo-se ao compreender que não podia pensar em outra coisa que em seu lar.

Antes tinha sido só uma casa. Suntuosa, magnífica, o nascimento de um sonho em si mesmo. A residência de um rei, embora, só uma casa. Mas agora era um lar, onde encontrava calidez. Sua esposa... Tinha lutado durante muito tempo contra esses sonhos nos quais lhe dava as boas-vindas com os esbeltos braços estendidos e os fascinantes olhos verdes esmeralda úmidos e brilhantes pelo prazer. Seu cabelo negro cairia como uma capa sobre ela, ele sentiria o batimento de seu coração. Frequentemente despertava de seus sonhos suando de desejo. De qualquer modo, não tinha procurado nenhum consolo à tortura, nenhuma

outra mulher podia lhe aliviar. Fui enfeitado, pensava freqüentemente. Ela não era sua valente beleza loira perdida, era uma fera do Eire, tão difícil de domesticar como a terra.

Nesse dia havia tornado a vencer os dinamarqueses. Pode ser que Friggid seguisse vivo, mas seus homens tinham sido expulsos de Dublin e Ulster e a vingança por Grenilde tinha sido perpetuada.

Embora aquela façanha não houvesse lhe trazido a paz interior que ele ansiava, era uma porta que se fechava sobre o passado. Podia sonhar com o futuro, mas não sabia se estes sonhos com Erin se fariam realidade, já que sua orgulhosa e formosa esposa podia odiá-lo ainda. Poderia estar celebrando cada longo dia de sua ausência, rezando cada noite para que morresse sob uma lança dinamarquesa.

Era bem consciente que a linha que separava a paixão e o amor do ódio e do orgulho era muito frágil. Tinha despertado sua sensualidade, podia reclamá-la como mulher. Não podia negar o fogo que ele acendia, mas a posse de seu corpo, não era o mesmo a posse de sua mente, sua alma, ou seu coração.

Tinha estado longe muito tempo. Três luas cheias. Logo teriam tempo para conhecer um ao outro. Quando voltasse, prometeu a si mesmo, faria isso. Todas as batalhas entre eles já inham sido travadas. Faria todo o possível para satisfazê-la, ela participaria de todos os aspectos de sua vida. E ele participaria da sua. Faria-a feliz, pois a ansiava tanto como um homem sedento de vinho. Pois a necessitava... Porque ele... Fechou seus olhos. Talvez a amasse. Talvez nem tudo houvesse se perdido com Grenilde.

Um ruído o tirou, bruscamente, de seus pensamentos. Lançou um olhar, pressentindo o perigo. Sacudindo a cabeça com irritação voltou a respirar com normalidade.

Mergwin, com aparência de ave de rapina, meio louco, moveu-se para ele, das árvores.

— Por todos os deuses, Druida — resmungou Olaf brandamente — realmente sabe como fazer pulsar um coração.

Mergwin, arrumando suas longas mangas, com dignidade, olhou atentamente para Olaf.

—Acredito jovem senhor, que seu coração pulsa perfeitamente, com ou sem minha presença.

Olaf riu. Depois, rapidamente, voltou a ficar sério, recordando os acontecimentos do dia.

—Estou em dívida contigo, Druida. Acredito que salvou minha vida.

Mergwin suspirou.

—Economiza sua gratidão, viking. Não salvei sua vida, só dei uma mão ao destino. Teria vencido Friggid de qualquer forma. — Sua voz

estremeceu, com dor. — Tal como o jovem Leith e Fennen estavam destinados a morrer.

Olaf sacudiu a cabeça, com impaciência.

— Os homens criam seu próprio destino, Druida.

Mergwin olhou com cumplicidade, mas encolheu os ombros.

— Como desejar, norueguês.

Olaf riu, entre dentes, outra vez.

— Eu acredito que os homens devem seguir suas próprias estrelas. Você te move segundo seu próprio destino. Eu criarei o meu.

Uma vez mais, Mergwin encolheu os ombros, mas Olaf estreitou seus olhos azuis, olhando-o atentamente.

— O que é desta vez, Druida? A batalha terminou. Amanhã cavalgaremos para casa. Meu inimigo fugiu, derrotado. Pode negar isso?

— Não. — Mergwin sacudiu sua cabeça — É somente que...

— Somente o que, Druida? — Olaf exigiu.

— Nada. Nada. Boa noite, Rei de Dublin. — murmurando baixo, Mergwin deixou Olaf.

Ele permaneceu ali por algum tempo, inalando o aroma limpo da terra e o ar. O verão fazia tudo ainda mais doce. A vitória e a promessa do amanhã. Niall cavalaria para Ulster, ele e Aed poderiam voltar para o sul, para casa.

Procurou refúgio em sua cama de armar, e dormiu bem.

Mergwin não dormiu bem. Estava furioso e inquieto, sabendo que as sombras ainda envolviam a lua.



CAPÍTULO 17

Houve dias durante a ausência de Olaf nos quais lhe parecia impossível de acreditar que havia se tornado sua esposa. Dias nos quais estava

segura de que tinha sonhado com aqueles momentos que tinham partilhado.

Durante as manhãs, Erin estava acostumada a cavalgar pelos escarpados, sobre o mar, e tratava de recordar seus traços convertidos em um tenro sorriso ou o brilho de seus olhos, expressando suas necessidades. Tratava de recordar aquele dia que lhe tinha contado antigas lendas nórdicas. Mas, sobretudo, gostava de sonhar que ele tinha começado a sentir algo por ela.

A maior parte do tempo confrontava a realidade. Era sua esposa e, embora as leis Brehon protegessem às mulheres de serem consideradas meras posses, Olaf não seguia as leis irlandesas, a menos de que estas fossem convenientes. Aos seus olhos, ela era uma propriedade e como tal, ele se preocupava com ela, protegia e defendia. Se ela obedecesse aos seus desejos, ele se encarregaria de que fosse respeitada, tal como tinha prometido ao seu pai. Mas se transpassava a linha... Não sabia até onde podia chegar sua cólera, só que havia um lado frio e implacável nele. Quando queria julgava sem piedade.

Bede tinha voltado para o convento um dia depois que os homens partiram. A princípio, se perguntava se poderia sentir-se sozinha na cidade nórdica, mas de algum modo, Moira conseguiu estar ali quando ela necessitava. E embora o grande salão parecesse muito tranquilo com a partida de todos os guerreiros, nórdicos e irlandeses, a comida da tarde ainda era celebrada com os reduzidos guardas que permaneciam. Sigurd manteve a fortaleza segura, e Erin nunca teve medo em sua própria casa.

As tropas se foram fazia um pouco mais de um mês, quando uma nova realidade caiu sobre Erin, uma da qual primeiro tentou não fazer caso e que logo aceitou, com uma combinação estranha de entusiasmo e agitação. Estava grávida, e cada dia que passava, tinha mais certeza. Sentia-se enjoada pelas manhãs, esgotada de noites.

Enquanto permanecia acordada durante a noite, tratava de pensar no que isto significava, e analisava seus pensamentos. Um viking... Ela ia ter um menino viking. Não importava como soassem aquelas palavras em sua mente. O menino que ela levava era dele, do Lobo. Um menino que cresceria e se elevaria acima dos homens, como seu pai fez, forte e belo. Olaf ficaria feliz? — perguntou-se. Não ansiavam filhos todos os homens? Ou ele tinha perdido aquele desejo quando perdeu Grenilde?

O pensamento e a preocupação podiam ter lhe deixado louca, mas Erin, de vez em quando, fingia que nunca havia se encontrado com os vikings. Cada manhã cavalgava para fora das muralhas e corria ao longo dos escarpados, como se fosse uma juvenzinha outra vez, uma menina sem importância, que passava seus dias em liberdade, exceto por Sigurd, que cavalgava atrás dela.

Uma manhã quando estava cavalgando, Erin se assustou ao ver uma mulher que estava de pé sobre as rochas do escarpado.

Um tremor estranho a sacudiu, porque a mulher mantinha a mesma atitude que ela tinha no dia em que Olaf tinha vindo a ela, antes que partisse.

O coração do Erin deu um pequeno salto. Forçou seus olhos. Era Mageen, e se encontrava de pé, perigosamente, perto da beirada.

Sem pensar muito, Erin cravou seus calcanhares nos flancos de sua égua e cavalgou, através da distância. Mageen não se voltou ante os ruídos dos cascos que retumbavam e tampouco se voltou quando Erin desmontou e se aproximou dela. Erin compreendeu, de repente, que sua antiga adversária não a tinha visto ou não a tinha ouvido, parecia em transe.

— Mageen? — disse hesitante.

Não houve nenhuma resposta por parte da pálida mulher. Erin observou quando Mageen deu outro passo para a beirada. Instintivamente, Erin saltou para ela, segurando-a e afastando-a da beirada do precipício.

Os olhos de Mageen finalmente registraram sua presença, olhando-a fixamente quando Erin se endireitou, sentando-se ao seu lado, tendo o cuidado de não soltar as mãos de Mageen. Os olhos desta não ofereceram nenhuma gratidão.

— Por que me deteve? — perguntou brandamente.

— Estava a ponto de se matar! — Erin explodiu.

Notou que o belo cabelo de Mageen carecia de seu brilho habitual, que o que uma vez era um corpo voluptuoso e perfeito, estava magro. Seu olhar tinha sido um convite vivaz e risonho, agora havia se tornado opaco e desesperado, como os de um animal caçado.

—É o melhor — disse Mageen, com apatia. Fechou seus olhos e logo olhou fixamente para Erin outra vez. — Você sempre ganha, não, Erin de Tara? Esta é a sua vitória. Para você o ouro, as jóias e as coroas. Você diz uma palavra e eu não tenho nada. Inclusive as prostitutas, os mendigos, e os ladrões me dão as costas, quando me aproximo.

— O que? — Erin murmurou, fracamente.

Mageen não lhe deu uma resposta imediata, quando viu que um cavaleiro se aproximava delas. Sigurd, sempre o cão guardião, vinha atrás de Erin.

— Erin! Deve afastar-se da rocha!

Sigurd estava aborrecido, quando desmontou de seu cavalo para aproximar-se.

— Encarregarei-me disso. Sabe o quanto estive de precipitar-se sobre as rochas, minha senhora? Olaf ficaria furioso com as duas.

Erin rechaçou a mão de Sigurd quando ele a alcançou para ajudá-la a ficar de pé. Nem se preocupou de que o gigante viking estava, na

realidade, gritando — neste momento gritando com ela — diante de Mageen.

— Deixe-me, Sigurd, não vou me aproximar de nenhuma rocha. E tomarei cuidado.

Sigurd vacilou, franzindo o cenho.

— Uns minutos, Erin. Esperarei no bosque.

Montou de novo seu cavalo e se afastou, com seus olhos ainda sobre ela.

Erin o olhou com exasperação, e voltou toda a sua atenção para Mageen.

— Nunca procurei sua morte — disse à outra mulher—. Nunca procurei prejudicá-la somente a... — Erin vacilou, olhando fixamente o rosto que refletia a miséria mais profunda que ela já tinha visto.

— Mageen, você deve saber que não desejei vir para cá. Perder todo o respeito e a minha liberdade era mais do que podia agüentar.

Mageen fechou seus olhos outra vez e soltou uma risada, que soava falsa.

— Minha senhora, se eu tivesse estado em sua situação, teria arrancado o cabelo e os olhos, mas não por desespero. Como vê, amei Olaf — com seus olhos abertos e fixos nos do Erin, ela falou outra vez, brandamente.

— Pergunto-me se você também, minha senhora, não se encontrou amando contra a sua vontade.

Erin piscou e ignorou sua declaração.

— Meu senhor Olaf não é um homem pelo qual valha a pena morrer, Mageen. Ele não ama ninguém.

— Não entenderia minha senhora. Fui excluída do grande salão. Os comerciantes não vendem nada para mim. Os guerreiros não procuram minha casa. Não há um homem ou mulher na cidade que me ofereça um gesto de amizade.

Erin se levantou e estendeu sua mão para Mageen. A outra mulher a olhou durante um momento, logo voltou seus olhos para Erin.

— Tome minha mão, por favor, Mageen — disse Erin silenciosamente—. Você me ensinou como se deve usar o poder com responsabilidade. Devo cumprir os encargos de minha posição — disse Erin, rindo, com arrependimento—. Forçaram meu casamento, mas mesmo assim, não posso lhe permitir ser amante de meu marido. Mas eu não conhecia minha própria crueldade, já que com minhas atitudes, eu poderia lhe haver tirado o que é mais precioso, sua vida. Se você desejar um amigo dentro da cidade, tem um. Eu. E virá ao grande salão esta tarde e todos saberão que é bem-vinda.

Mageen, devagar, aceitou a mão de Erin, olhando ainda fixamente à princesa, com incredulidade. Ficou de pé e finalmente riu.

— Minha senhora, eu agradeço.

— Me diga, Mageen — Erin fez uma pausa durante um momento — sabe fazer alguma outra coisa além de... Quero dizer, tem algum outro talento em particular?

Mageen riu, brandamente, e Erin se alegrou de ver que o humor descarado da mulher voltava para seus olhos.

— Pergunta-me se posso ser outra coisa que uma puta, minha senhora? É óbvio. Cozinheiro, arrumo e mantenho um lar tão bem como qualquer mulher. Há muito tempo aprendi que os homens eram criaturas volúveis, rápidas para voltar seus olhos e procurar outra mulher. Pareceu-me mais sábio e mais proveitoso ser a mulher a qual os homens procuravam do que aquela criatura que eles esqueciam e que só serviria para remendar, limpar e servir.

Erin se encolheu. Os sentimentos de Mageen não eram diferentes dos seus.

— Nem todos os homens são iguais, Mageen — disse ela tranquilamente—. Meu pai nunca se afastou de minha mãe. Mas não é disso que quero te falar. Moira de Clonntairth está cada dia mais pesada por causa de sua gravidez. Importaria-te de servi-la? Ela é uma senhora amável e de caráter doce que não te julgará.

Mageen baixou seus olhos, tremendo.

— Sim, minha senhora. Estaria encantada de servir Moira, e o bebê que está a caminho.

— Então, tudo decidido — murmurou Erin—. Vamos voltar, já que o vento está forte e o ar é frio.

— Deve montar a cavalo, caminharei atrás.

— Pode te sentar na sela, com Sigurd. Ele te levará a Moira.

Erin deu a volta para juntar as rédeas de seu cavalo e fazer gestos com a mão para Sigurd. Mageen a parou, com uma mão sobre seu ombro.

— Erin de Tara, te agradeço. Você me oferece amizade e lhe digo: fui só uma puta, mas ofereço, em troca, toda a lealdade de meu coração e, se alguma vez for necessário lhe devoto a vida que você salvou.

Erin enrubesceu.

— Tenho que reparar o dano que fiz.

— Não, muito mais — Mageen vacilou por um momento, logo continuou — Também deve preocupar-se com você. Um primeiro menino é freqüentemente incômodo de carregar.

Erin olhou, nervosamente, sua égua e acariciou o pescoço do animal.

— É tão óbvio assim? — perguntou, com voz rouca.

— Não, — Mageen respondeu com uma sabedoria surpreendente em seus olhos.

— Eu o vejo, como vejo que você também tem caído sob o feitiço do Lobo. Vigie bem seu menino, Erin, que certamente, assegurará seu amor.

Erin não disse nada quando Sigurd cavalgou até elas, uma vez mais. Esperou a desaprovação por suas ações, mas o homem esteve tranquilo quando aceitou Mageen sobre seu cavalo.

Sigurd pensava que a rainha era mesmo filha de seu pai, sem dúvida a filha do indomável Aed Finnlaith.

As mensagens chegavam à cidade do front, por isso Erin soube que as forças combinadas cavalgavam para o norte. Asseguraram que seu marido e seu pai estavam bem. Os que lhe fizeram o relatório também sabiam que o rei de Ulster ainda vivia, mas de seus irmãos e de Gregory não soube nada. Tudo o que podia fazer era rezar e esperar que logo encontrassem aos dinamarqueses e derrotassem seu exército e que as tropas voltassem para casa.

Embora fosse mais e mais difícil acreditar que seu tempo com Olaf tinha existido, Erin descobriu a cada dia como sentia falta do homem que era tão íntimo e ainda assim, um estranho. Durante suas noites em claro, ela pensava nele, estendendo seus dedos sobre a cama onde ele deveria estar. Perguntava-se como preencher suas noites, e se retorcia com a agonia de pensamentos nos quais ele encontrava mulheres disponíveis pelo caminho. Mulheres as quais abraçava. Mulheres que tocavam seus cabelos dourados, acariciando seus ombros largos, sentindo seu toque irresistível.

Levantava-se esgotada de manhã para dizer a si mesma que era uma idiota e lamentar o fato de que tinha nascido mulher.

Ofereceu-lhe tudo, enquanto como homem, ele esperava sua lealdade a sua fidelidade, enquanto ele... Ela não sabia o que ele fazia. Só sabia que mataria se suspeitasse de sua infidelidade, e que seu próprio pai aprovaria suas ações. Não era justo. Sabia agora por que Sigurd estava sempre perto: ele a vigiava para Olaf.

Erin passou seus dias com Moira, costurando pequeninas roupas para o menino de sua amiga, mantendo sua própria condição em segredo entre ela e Mageen.

Seguiu perguntando-se como se sentiria Olaf. Quando ele voltasse, ainda a desejaria, ou decidiria que já tinha domesticado sua selvagem esposa irlandesa e descobriria que tinha pouco interesse por ela?

Como a encontraria? Certamente, ele não podia estar aborrecido. Tudo tinha transcorrido normalmente em sua ausência. Sigurd poderia reportar que ela cuidou bem de sua casa e não tinha feito nenhuma tentativa de escapar.

Foi em meados do verão que foi despertada por um rugido e uma aclamação no pátio. Vestindo-se rapidamente, Erin correu escada abaixo, com inquietação.

Sigurd esqueceu todo o protocolo e a ergueu para plantar um beijo sobre sua testa.

— Está feito! — explicou — os dinamarqueses foram derrotados pelas mãos de Lorde Olaf e as tropas agora cavalgam para casa.

Erin se encontrava trêmula pelo alívio, mas ainda assustada.

— Meu pai?

— Seu pai vive — disse Sigurd. Seus olhos se encontraram rapidamente com os do mensageiro jovem, que havia trazido a mensagem. Nos dias que passaram, Sigurd tinha descoberto afeição pela beleza selvagem com a qual seu rei casou e a quem sua esposa amava. Ele não viu nenhuma razão para lhe dizer, antes da volta de Olaf, que ela tinha perdido um de seus irmãos.

— Oh, Graças a Deus! — murmurou. Ela jogou um olhar para Sigurd, com seus olhos de esmeralda iluminados.

— Devo planejar, devemos preparar um grande banquete.

— Calma irlandesa! — Sigurd riu—. Eles têm uma longa marcha pela frente. Passarão muitos dias antes que apareçam!

— De todos os modos — ela murmurou — há coisas que devo atender para...

Seu coração começou a bater, furiosamente. Ele voltava... Ele vinha para casa.

Ela estava ansiosa e se assustou. Fechou os olhos, recordando a magia que tinha explodido entre eles naquela última vez que tinham estado juntos. Podia recordar suas ásperas palavras, quando ele ainda acreditava que ela desejava vê-lo cair sob uma lança dinamarquesa. Erin começou a tremer outra vez. Não importavam quais fossem seus sentimentos, mesmo tomado por ternura ou fúria, Olaf sempre era consciente dela.

Tinha sido concebido seu filho naquela última vez? Ou na primeira? Ou quando eles se encontraram nas rochas enquanto a chuva desencadeava seu dilúvio? Parecia que fazia tanto tempo.

Como ele a saudaria em sua volta lhe causava um medo que estoicamente tinha aprendido a controlar. Seus olhos poderiam cintilar tanto com gelo como com a chama do fogo. Ele era ainda o conquistador viking. Sempre um estranho. Mas apesar de suas palavras de desconfiança e seu medo, ela suspirava por ele, tremendo com a antecipação nascida de suas lembranças.

Uma noite, incapaz de dormir, Erin desceu da cama, tirou sua camisola para trocar por um traje e correr escada abaixo. Se ela pudesse sentar-se ante o fogo no grande salão por um momento e beber outra taça de cerveja, então talvez pudesse dormir.

Mas enquanto seus passos a levavam para o salão, parou. Podia ouvir a voz de Sigurd, embora ele tentasse amortecê-la. Falava com o capitão da guarda de Dublin, e parecia preocupado. Agarrando-se à parede que

separava a escada do grande salão, curiosa, caminhou nas pontas dos pés para aproximar-se.

—Se pudéssemos conseguir que o irlandês de Meath confiasse em nós e cavalgasse conosco, não haveria motivos para preocupação. Mas nossas tropas são escassas. Não podemos afastar todos nossos homens da cidade. A deixá-íamos vulnerável. Não sei o que fazer. Olaf está sempre em guarda contra um ataque, mas ele não esperará que um grupo de proscritos salte sobre ele, depois de ter vencido às tropas de Friggid.

O jovem capitão disse algo que Erin não pôde ouvir.

— Pelo sangue de Odin! — Sigurd amaldiçoou de repente—. Não sei. Possivelmente este irlandês não compreende que nosso rei cavalga por um rei irlandês! Ou possivelmente eles não se preocupam com seus próprios reis! Mas se eles não querem cavalgar conosco para derrotar a estes proscritos, então temo que os proscritos muito bem possam atacar Olaf e suas tropas.

Erin sentiu um gélido calafrio sobre ela. Todo este tempo — toda esta guerra — e agora as tropas, cansadas da batalha e finalmente vitoriosas, estavam a ponto de cair.

Fechou os olhos e se inclinou pesadamente contra a parede. Os irlandeses de quem Sigurd falava teriam que cavalgar com os escandinavos! A vida de seu pai estava em jogo, Gregory, Brice, com quem ela tinha passado a metade de sua infância brigando, Leith — então tranqüilo e justo como Niall, mantendo a paz, imitando as brigas até que ela e Brice riam, abraçavam e se acertavam, e Olaf — ao marido que ela esperava, o viking cujo filho ela levava, o homem que ela esperava para compartilhar sua cama outra vez.

Não, era de seu pai de quem se preocupava e de Gregory, e de seus irmãos.

Tragando fracamente, esforçou-se por ouvir a conversação de novo.

Haviam dito ao Sigurd que as tropas irlandesas, cuja ajuda eles necessitavam, estavam a meio dia a cavalo pela costa. Os proscritos não estavam a mais de uma hora na direção norte. Eles não tinham recebido nenhuma resposta do irlandês. Sigurd não saberia até que entrasse na batalha se receberia a ajuda que necessitava. Se os proscritos pudessem ser tirados de sua guarida!

Ela sabia de algo que o irlandês aceitaria. Uma senhora em ouro que aparecesse ante eles. Uma Guerreira Dourada.

Não posso, pensou, não posso montar cavalgar outra vez... Estou aterrorizada. Tremeu tão fortemente que teve que se apoiar contra a parede para permanecer de pé. A situação tinha que ser desesperadora para que Sigurd estivesse tão preocupado. O general, tão seguro de si, intrépido, estava assustado.

Não posso, pensou de novo. Apertou-se contra a parede, pensando em seu pai e como o tinha visto a última vez, dizendo que nunca o perdoaria. Se ele morresse, seria a ela que nunca poderia se perdoar.

Erin ouviu as cadeiras que rangiam no grande salão. Ela girou, escapando para a escada e voltando para seu quarto. Apoiou-se contra a pesada porta, respirando profundamente. Ah, Gregory! Pensou. Equivocou-se. A Guerreira Dourada deve cavalgar de novo.

Começou à fazer planos enquanto se movia ao redor do quarto, apertando suas mãos. Sairia furtivamente na próxima noite. Sigurd, seu cão vigia, não notaria sua ausência. Manteria a ele e Moira bebendo até tarde na mesa, e logo Sigurd estaria enclausurado com sua esposa, já que ele também deveria levantar-se e preparar suas próprias tropas. Quando o nórdico chegasse, a Guerreira Dourada teria conduzido aos irlandeses a uma emboscada contra os proscritos. Então Sigurd viria a tempo para apoiá-la. Mas poderia ela e Sigurd tirar do esconderijo o inimigo?

Mergwin! Erin pensou de repente. Se ela pudesse ver seu velho amigo Druida. Ele poderia aconselhá-la, adverti-la... De repente deteve seu passo. As runas. Poderia jogar as runas e tratar de prognosticar se Olaf estava em perigo. Seu marido compreendia os oráculos. Mas como um comandante viking, guardou um jogo de runas, para muitos de seus homens que não fariam nenhum movimento sem a sabedoria das pedras gravadas.

Alcançou a bolsa. Uma pedra, Mergwin lhe havia dito, dirigiria uma decisão. Mas leria ela a mensagem da pedra corretamente? Erin colocou a mão na bolsa de pele que Olaf guardava e retirou uma só pedra com o cruzamento de navalhadas desigual e fechou seus olhos fortemente. Esta era a pedra dos noruegueses chamada Nauthiz, uma runa de dor. Desprezou a pedra, tratando de convencer-se de que ela, como Olaf, não acreditava em oráculos.

— Meu destino é meu! — ela sussurrou em voz alta. Mas o medo se apoderou de novo dela. Olaf poderia ser atacado de surpresa. Ela teria que cavalgar.

—Temo e tremo quando talvez, possa mudar o rumo das coisas — murmurou. Sua decisão estava tomada.

Erin acalmou-se, e logo tudo estava bem. Era tão terrivelmente difícil ser uma mulher, usada para a troca, tomada, mas não amada por um marido. Humilhada por sua força superior.

Embora tivesse descoberto que amava ao gigante de bronze, seu marido e seu dono, ela poderia ainda clamar contra o destino que a tinha abandonado impotente, rezando para que Olaf não descobrisse seu amor, seria mais uma vantagem sobre ela.

Ela deveria alegrar-se de cavalgar como a Guerreira Dourada de novo, ter, somente por um momento, um tempo de poder tranquilizador uma vez mais. E ver a morte e a destruição uma vez mais, recordou. Não podiam ajudá-la, e se forçou a não pensar no terror.

Sorriu, por um momento. Se tudo fosse bem, possivelmente admitiria ao Olaf que ela era a célebre guerreira irlandesa. Sua risada morreu. Ela nunca poderia fazer isto.

Como seu pai, ele não ficaria contente. Estaria furioso de que ela tivesse arriscado ao seu filho — se ele quisesse ao seu filho.

Um soluço engasgou em sua garganta. Ele tinha que querer ao seu filho! Ela já o queria tanto! Sua mão se movia de maneira protetora pela parte inferior de seu abdômen. Um moço com cabelo dourado e espantosos olhos azuis, um gigante nórdico, metade irlandês. Um pequeno irlandês do Lobo. E ela poderia amá-lo livremente, como ela não tinha coragem de fazer com o pai. Seu filho — ah, Deus querido, ela arriscava ao seu filho! E ela queria o bebê...

Não! O risco era mínimo — e necessário. Seria cuidadosa.

—Tenho medo — sussurrou em voz alta.

Mas se recordou que seus compatriotas estavam ali, homens dispostos a morrer para manter viva uma aliança feita por seu pai e seu marido. Uma aliança que a tinha feito primeiro prisioneira do Lobo, logo depois, prisioneira de seu próprio coração.



CAPÍTULO 18

—Atacaremos assim que saia o sol! — Friggid anunciou aos seus vis homens. De fato, podia qualificar de esfarrapados. Abutres mais que homens. Os poucos que ficavam de suas próprias tropas mais aqueles que se consideravam fora da lei: dinamarqueses, irlandeses e noruegueses que não seguiam a ninguém, exceto a si mesmos. O lixo da terra. Mas perfeitos para seus propósitos. Lutavam brutalmente em troca de que pudessem conseguir algo.

— O Lobo acampou na borda do escarpado. Nossa única oportunidade é pegá-lo de surpresa.

Friggid olhou ao caminho enquanto arranhava a suja barba, segurando o final desta sob seu cinturão. Foi então que um dos irlandeses que se uniram a ele se aproximou, soltando um alegre grunhido entre a fileira de dentes descoloridos e partidos.

— Você tem vontade de brigar, dinamarquês? —perguntou o homem.

— Sempre tenho vontades de brigar. Diga o que quer dizer, homem.

— Divisei, entre as árvores, uma mulher cavalgando, vestindo uma armadura dourada. Uma da qual quero me vingar, pois ela liderou uma incursão contra uma tropa de dinamarqueses, da qual eu fazia parte, alguns anos atrás. Entre os irlandeses é conhecida como a Guerreira Dourada. Deve estar procurando as forças do rei de Meath. Poderíamos fazê-la deter-se e talvez utilizá-la. Poderíamos fazê-la acreditar que somos irlandeses...

Friggid sorriu, amplamente.

— Permitiremos a essa famosa guerreira irlandesa que nos lidere contra o Lobo..

Friggid começou a rir. Justiça. Por fim se faria justiça com os noruegueses e os volúveis irlandeses.

Voltou-se para gritar a todos os homens.

— Escondam todos seus adornos vikings. Se não falarem a língua irlandesa, não abram a boca. Nós estaremos a espera de uma senhora de vestes douradas.

Erin sabia muito bem que se meteu em um assunto arriscado. Fez que Sigurn e Moira ficassem um longo tempo na mesa, fingindo que bebia tanto como eles, enquanto estes tagarelavam sobre a grande habilidade dos reis de Dublin e Tara. Tinha simulado tão bem que tropeçava na escada que Moira, tinha insistido que Sigurn a levasse pelo resto do caminho.

Depois tinha se dedicado a esperar, sentindo-se como se o tempo passasse a passo de tartaruga.

Entre os baús que trouxera, cheios com seus pertences, quando nem lhe passava pela cabeça que seu pai se dignasse a juntar-se com noruegueses, felizmente tinha incluído a delicada cota de malha, a armadura e o protetor facial dourado. Dobrou-os e envolveu com peles e se deslizou silenciosamente, para fora de seu aposento.

Não teve tempo de selar um cavalo por medo de que a ouvissem. Deslizou uma brida pela boca de um grande cavalo baio, e se cobriu com uma grande capa de lã, para poder passar por um comerciante através dos guardas, sem ser descoberta.

Seguindo meticulosamente o plano estabelecido, Erin cavalgou até uma pequena aldeia agrícola no alto de uma colina. Ali ofereceu um bracelete de ouro em troca de um cavalo para substituir o seu, e esquecer que a tinham visto alguma vez na vida.

Quando seguiu o caminho através dos campos rumando para a costa que o temor começou a atormentá-la. Conseguiria sair ilesa desta vez?

Sacudiu a cabeça e os ombros. Ninguém podia suspeitar que ela era a Guerreira Dourada. Jamais tinha levado à cabo nenhuma de suas façanhas perto de Dublin. Mas que aconteceria se fosse obrigada a revelar sua identidade quando unisse forças com Olaf?

Uma coisa era sonhar encontrar-se com seu marido em iguais condições. Mas muito diferente era enfrentar a sua fúria, que com certeza sentiria, se o encontrasse à luz do dia. Não, acontecesse o que acontecesse, enfrentaria com a cabeça erguida.

Então começou a lhe preocupar que seu plano para atrair aos invasores não funcionasse. Pode que já tivessem ouvido algo sobre sua chegada. Isso não tinha sentido. Eram proscritos, e fazia muito tempo que a Guerreira Dourada não era vista. Durante todo esse tempo não havia tocado a espada. Tinha permanecido junto com suas coisas.

Com a proximidade do amanhecer ia ficando cada vez mais nervosa. Apesar de tudo continuou cavalgando com todas suas energias para o

norte, escutando atentamente cada som entre as árvores, cada sussurro do vento. Enquanto o rosado do amanhecer substituíra a escuridão da noite, vislumbrou ao longe os sinais de um acampamento, a fumaça das fogueiras extintas, entre a folhagem, marca de pisadas de cavalo no barro...

Não tinha nenhuma intenção de aproximar-se muito dos homens de Meath. Tinha planejado deixar-se ver sozinha, antes de seguir cavalgando até encontrar o acampamento dos proscritos e montar uma armadilha. Mas antes de fazer, asseguraria-se de que esses homens não fossem irlandeses.

Desmontou e se embrenhou na folhagem, movendo-se tão silenciosamente que nenhum ramo estalou. Com a chegada da luz rosa e dourada começou a notar que respirava mais facilmente. Não havia dúvida de que eram irlandeses. Só os irlandeses lutariam vestindo sobrevestes de pele e deixariam as armas perto do fogo. O mais seguro era que os proscritos sobre os quais tinha falado Sigurn fossem normandos e provavelmente dinamarqueses, mas uns poucos irlandeses e noruegueses traidores.

Erin se apressou para voltar até seu cavalo. Esperou escondida em um vão, entre a vegetação, até que amanheceu, momento no qual ajustou sua armadura dourada, montou e atravessou o acampamento a cavalo.

Um corpulento guerreiro correu para ela e lhe explicou rapidamente onde estavam acampados os proscritos. Erin assentiu, esperou que a banda irlandesa montasse seus cavalos e de novo e se dirigiu para norte, seguida pela tropa. Cavalgaram enquanto o sol subia no céu e quando quase tinham chegado ao segundo acampamento, Erin começou a entender a seu pai como nunca antes o tinha feito.

O que ela tanto amava era a terra, e isso era a terra. O rico e frutífero verde manto no verão, as árvores repletas de vida, o ar fresco e vibrante. Isso era a terra, essa beleza. Os campos e colinas verdes, a brilhante cor do céu e as flores florescendo próximas ao mar. Esse era seu sonho...

Estava tão concentrada nos cantos matinais dos pássaros e nos brilhantes campos que quase caiu quando avistou o acampamento dos proscritos. Encontravam-se ao leste do caminho, assentados em uma enseada da praia, perfeita para seus propósitos. Grandes covas e enormes rochas flanqueavam as enseadas, uns refúgios ideais nos quais as tropas irlandesas poderiam ocultar-se para lutar contra os foragidos.

Assinalou aos seus seguidores que se juntassem em pequenos grupos, lhes indicando à cada um onde colocar-se. Os homens deixaram para trás seus cavalos e se arrastaram ao longo de toda a folhagem para o refúgio dos escarpados. Erin aguardou, até que todos estivessem

adequadamente posicionados. A seguir, ela procurou seu próprio refúgio no alto dos escarpados. Arrastou-se cuidadosamente através da perigosa superfície, terrivelmente consciente do som de sua própria respiração, da areia ardendo e os pedregulhos sob suas mãos.

No alto do escarpado, observou que o acampamento era muito mais numeroso do que tinha imaginado. Meditou sobre a batalha que se aproximava, desejando com todas suas forças que o sol atingisse seus olhos tão fortemente. Complicava a visão, dificultando a avaliação de seu inimigo.

Respirou profundamente, lutando contra a nauseante onda de terror que a percorria, desejando desesperadamente que nunca tivesse saído de casa nessa manhã. Mas era muito tarde para acovardar-se. Homens irlandeses a rodeavam: irlandeses dispostos a lutar e a morrer.

Ficou em pé, girando a espada em círculos. Os homens começaram a dispersar-se por todo o campo com a visão dela, uma figura dourada no mais alto dos escarpados, e sua reação foi a de sempre. Cada um se posicionou, começaram a gritar, agarraram suas armas e correram em direção dos escarpados.

Tinha chegado o momento de desaparecer. Mas antes de poder baixar, deu-se conta de que algo estava errado.

O inimigo não atacava cegamente. Alguém estava gritando que era uma armadilha, o escarpado estava sendo cuidadosamente rodeado em vez de atacado. Logo o som do entrec chocar de aço chegou a ela rapidamente. E assim, a batalha tinha começado.

Tinha que descer do escarpado. Seria suicídio ficar para ser apanhada ali. Começou a deslizar, com cuidado, notando aonde punha o pé. Os uivos e o som dos aços e golpes procediam do leste. O que podia estar acontecendo é que os irlandeses estivessem retirando-se em busca de suas montarias para assim tratar de desaparecer entre os frondosos bosques.

Viu a areia por debaixo de seus pés e saltou o último trecho, com a espada em punho. Mas antes de poder fugir correndo, topou-se com seu inimigo.

Fazia tempo que não se exercitava com a espada. Muito tempo, ela pensou, com remorso, enquanto uma enorme arma de aço caía sobre ela. O peso, Erin recordou-se. Pensa em seu peso. Tenta escapar dele, fugir dele.

Desesperadamente se defendeu dos golpes de espada do alto e enorme guerreiro. O puro desespero a manteve movendo-se, agachando, saltando, detendo, defendendo-se de cada atordoante golpe com golpes igualmente atordoantes. Só o desespero a levou a tentar ao inimigo para que a atacasse e encontrar-se em troca o afiado escarpado, perdendo a arma momentaneamente. Tudo o que precisava era uns segundos, o

suficiente para fugir, mas ao elevar o olhar se encontrou com outro guerreiro, que lhe tampava a vista. A surpresa a golpeou como um raio, pois o homem ao qual enfrentava era seu marido.

O gelado olhar do Lobo Norueguês a breiou, conseguindo abrasar e congelar sua alma de uma vez. Então, ao olhar para trás com consternação, deu-se conta que tinha cometido um engano mortal.

Os homens que tinha dirigido eram os proscritos e irlandeses. Não dinamarqueses. Nem normandos. Nem sequer invasores, a não ser traidores da sua própria terra... À aliança de seu pai. Ao Ard-Righ da Irlanda, ao Lobo Norueguês. E ela se aliou com as pessoas equivocadas contra seu marido.

Ela acreditava que o tinha visto muito furioso, mas nada a tinha preparado para o Olaf guerreiro. O aço de seus olhos azuis parecia estender-se por todo seu imponente e musculoso corpo. O mesmo braço que empunhava sua arma e mostrava orgulhosamente o emblema do lobo. O aço podia cortar o ar que o envolvia, na aura dourada que o rodeava tão própria dele. Então inclinou a cabeça ligeiramente.

— Organizou uma elogiável armadilha, senhora, mas a única coisa que tem feito até agora foi brincar. Agora vais enfrentar a minha espada.

Erin já não teve mais tempo para repensar sobre as conseqüências de suas estúpidas ações, pois se viu obrigada a levantar sua espada para defender-se. Olaf tinha razão. Até então só tinha brincado. Não importava quanto se agachasse ou girasse. Sempre estava ali. E cada choque de sua espada era cada vez mais e mais devastador. Olaf era rápido, ágil, ardiloso. Permanecer com vida se converteu em sua principal preocupação.

Notou, vagamente, que estavam sendo observados por um punhado de vikings, mas o ignorou. Alguém começou a mover-se e Olaf lhe disse bruscamente que essa era uma batalha particular. Foi então que se deu conta que estava disposto a matá-la.

Mas nem sequer isso importava, pois não podia fazer nada. Deixou-se levar pelo instinto e, apesar de que estava completamente esgotada, lutou como um camundongo apanhado, com o único propósito de sobreviver o máximo possível. Inclusive ao cair de joelhos, pela intensa força do golpe contra sua espada, tentou rechaçar seu ataque. Até que sua espada voou de suas mãos, Erin não aceitou que tudo estava perdido. Atirada na sujeira com a ponta de sua espada na garganta, fechou os olhos com a certeza de que já era muito tarde para suplicar clemência, muito tarde para fazer outra coisa exceto jogar um último olhar ao brilhante sol e cheirar a brisa.

— Por Deus, não o faça!

Era a voz de Gregory. Estava gritando. E depois o som de algo que golpeava o chão.

—Não o faça, não pode.

Olaf falou, com um tom extranhamente frio e inexpressivo, mas claramente autoritário.

— Te tranqüilize e volta para a batalha. Não tenho a intenção de matá-la. Deixem-nos. Todos.

—Mas... — Era Gregory, seu querido Gregory, que sabia que Olaf estava a ponto de assassinar a sua esposa, que sentia a urgente e angustiosa necessidade de defendê-la, de protegê-la.

—Vai, — o grunhido do Lobo foi uma ordem furiosa. —Já te hei dito que ela viverá. Agora, nos deixem.

Erin se arriscou a abrir os olhos. Todos outros tinham obedecido as suas ordens. Só Gregory, com o rosto contraído pela dor, ainda permanecia ali. Até sentia a espada de Olaf contra sua garganta. Súbitamente foi totalmente consciente da dura terra sob suas costas, dos grãos de areia contra sua pele, dos sufocantes raios do sol e, sobretudo da fria e dura austeridade da figura do gigante que se elevava sobre ela.

—Olaf... — rogou Gregory, uma vez mas.

—Jamais pretendi assassinar a minha esposa, — explodiu Olaf com tal desprezo em sua voz, que Erin ficou paralisada de medo.

—O... Sabe... — ofegou Gregory.

A espada abandonou sua garganta.

— Diga-me, Gregory, já que insiste tanto em ficar, — Olaf continuou com uma calma mortalmente fria. — Que fazem os irlandeses aos traidores? Eu diria que o mesmo Aed, se lhe fizesse esta mesma pergunta, concordaria comigo que a morte é a pena adequada. — Olhou para o chão. —Te levante Erin.

Durante um interminável instante não pôde mover-se. De repente Olaf se agachou e Erin, estupidamente, pensou que este tinha a intenção de ajudá-la. Mas simplesmente lhe arrancou o capacete da cabeça, liberando seu cabelo.

Brotaram lágrimas de seus olhos e, com elas, sentiu que renascia para a vida. Levantou-se com a pouca dignidade que ficava e tentou desesperadamente explicar-se.

—Nunca quis cavalgar contra você. O que queria era dirigir as forças irlandesas contra os proscritos que pretendiam te armar uma emboscada...

Sua mão agarrou seu cabelo, enredando seus dedos cruelmente ao redor de seus sedosos cachos negros.

—Não o faça... — interrompeu-a. Voltou-se para Gregory, aparentando tranqüilidade. A única prova de sua fúria era a dor que sentia Erin no couro cabeludo.

—Este, meu amigo, é o mais ardiloso inimigo do homem. Uma mulher. Esta tua prima é preciosa, não é verdade, Gregory? Seu olhar poderia

desfazer um iceberg, seu cabelo tem o tato da mais fina das sedas, sua pele é marmórea e seu corpo o de uma deusa. Pode te sorrir com esses lábios mais suaves que pétalas de rosas. Mas enquanto o faz, estará planejando sua morte. E logo, um dia, a descubrem. E então que? É obvio, declara-se inocente e se supõe que acreditará porque estás tão extasiado com toda essa beleza feminina...

— Olaf! — chiou Erin. — Não o fiz... Jamais iria contra você...

Suas palavras se converteram em um grito quando o atirou com força do cabelo, lhe arrancando lágrimas dos olhos.

— Uma vez te prometi, minha esposa, — respondeu-lhe Olaf sarcásticamente — que qualquer outro problema que me causasse, teria como resultado muitas vítimas. Sempre mantenho minhas promessas. — Sem apartar esse olhar carente de emoções, Olaf se girou e assobiou alto. Segundos mais tarde dois noruegueses com o magnífico cavalo negro de guerra do Olaf se aproximaram até ficar a uns quinze metros deles. Olaf lhes impediu de aproximarem-se o suficiente para ver Erin. A verdade surgiu na mente de Erin quando o enorme animal se aproximou de seu amo e Olaf tirou um par de grilhões de aço que balançavam na sela. Tinha a intenção de arrastá-la, como tinha feito ela no primeiro dia que se conheceram. Com a diferença de que ela não tinha sua resistência, nem sua força, nem sua pele estava tão acostumada aos elementos.

—Não pode... — Gregory começou, mas Erin o interrompeu, gritando, com humilhante terror.

— Olaf, por favor! Suplico-lhe isso, sou sua esposa!

O sorriso com que respondeu a sua súplica foi tão gelado que se interrompeu rápido. A ira era tão intensa que não podia ver a profunda agonia que cobria.

— Vive porque é minha esposa, — disse-a brandamente.

—Se me escutasse... — suplicou Erin.

—Escutar você, — rugiu Olaf.

—Não preciso escutar quando posso ver. Sua ação provocou mortes, Princesa. Homens que lutaram para salvar Ulster para seu irmão e morreram aqui, devido a sua traição.

Agarrou-lhe as mãos ao ler o pânico em seus olhos antes que Erin tentasse, instintivamente escapar, as imobilizando com as correias.

— Não! —ofegou Erin, tentando lhe morder.

Agarrou-a pelo cabelo outra vez, puxando-os, insuportavelmente. Súbitamente a soltou e a empurrou para Gregory, como se fosse desmerecedora, inclusive, de sua ira.

—Volte a lhe pôr o elmo, Gregory.

Gregory fez um último e desesperado intento para salvar Erin, enquanto alcançava o elmo e o protetor facial.

—Olaf, permita tomar seu lugar. Castigue a mim.

Olaf se limitou a montar em seu cavalo com as sobrancelhas arqueadas e o olhar gelado.

—Sinto-o, mas Erin e eu nos encontramos nesta mesma situação com antecedência. Ainda pensa que não há leis, exceto as suas próprias. Tenho que lhe fazer entender que não faço ameaças apenas por fazer, nem tampouco eu gosto que minha esposa ameace minha vida, cada vez que lhe volto as costas. Volta para acampamento, Gregory. Se não puder fazê-lo por seus próprios pés, chamarei um guarda para que te ajude.

Erin de alguma forma conseguiu ver a angústia que torturava Gregory, apesar de seu próprio medo. Tentou lhe fazer gestos para que se fosse e assim lhe fazer acreditar que tudo iria ficar bem, se ficassem a sós.

—Vai Gregory, — as arrumou para sussurrar.

—Não posso.

—Deve fazê-lo.

Erin viu como seu primo se voltava e se afastava do escarpado. O olhar dela seguiu seus cambaleantes passos antes de desviá-los diretamente para o homem tão cheio de fúria que se elevava sobre ela, montado no inquieto garanhão, enquanto observava suas mãos encadeadas.

—Isto, Princesa, — grunhiu Olaf, — é justiça. Nem sequer no rio, senhora minha esposa, guardei-te rancor. E desde que chegou a minha casa, ignorei cada farpa que me lançaste. Acabou-se—, Princesa. Hoje cruzaste a linha. Vais receber tudo o que merece, que parece ser o que te proporcionava o destino desde o dia que tudo isto começou.

—Não me ouve...

Não pôde acabar a frase. Apertou os lábios e fincou os estribos nos flancos do garanhão. O cavalo começou a partir e Erin ofegou, ao ver-se obrigada a correr para não cair.

Erin gastou vários minutos simplesmente tratando de ajustar sua marcha ao andar do cavalo e ao acidentado terreno sob seus pés. Depois viu para onde a dirigia e quase caiu. Fechou os olhos, com terror. Estavam-se aproximando do acampamento.

Os homens, ocupados em suas respectivas obrigações como selar os cavalos, empacotar ou ocupar-se dos mortos, pararam de trabalhar. Os irlandeses a olharam com olhos que expressavam incredulidade e tristeza por sua traição. Os olhares dos noruegueses eram mais venenosos.

Nenhum homem se moveu. Nem os irlandeses que sentiam a dor pela mulher que, tempo atrás, cavalgava junto a eles qual uma deusa, nem os noruegueses cujos olhares reprovadores expressavam sua opinião de que deveria ser esfolada viva, em vez de castigada e humilhada em público. Erin só queria era que a terra a tragasse, enquanto homens que conhecia

toda a vida se riam dela. Mas nem sequer a humilhação se aproximava da dor que sentia ao ver o que seu momento de loucura tinha ocasionado. Jamais em sua vida esqueceria a visão dos rostos dos falecidos.

Finalmente a tortura finalizou. Olaf girou o cavalo, arrastando-a bruscamente atrás dele. —Cavalgamos para Dublin!— gritou. —Adianto-me com meu prisioneiro.

Como guerreiro e rei que era Olaf, sua autoridade era indiscutível. Ninguém se atreveu a lhe desafiar. Seus homens voltaram seus cuidados as suas tarefas, dispostos a segui-lo, tal como tinha ordenado. Somente um homem desafiou sua ordem, Brice MacAed, que ainda montava junto ao seu cunhado, e que tinha recebido uma ferida leve nas costelas durante a emboscada. Estavam ocupando-se de sua ferida, quando a Guerreira Dourada tinha aparecido, arrastada pelo acampamento. Quando por fim a tinha visto, ficou paralisado pela surpresa.

Mas quando o Lobo começou a cavalgar adiante dela, emergiu de sua estupefação. Já não estava consciente de sua ferida, esticou os músculos e pôs-se a correr através do campo. Tinha perdido Leith, e lhe aterrava ver como o viking afastava a sua irmã pelo acampamento.

Apenas depois de alcançar a fogueira central se surpreendeu, ao receber um golpe nas pernas que lhe fez cair de nariz no chão. Disposto a brigar, deu a volta e se encontrou com Gregory.

— Sai de cima, Gregory! Tornaste-te louco? É Erin a que...

— Te cale!— suplicou Gregory, cuspiendo areia da boca enquanto Brice e ele voltavam a ficar em pé. Agarrou a seu primo pelos ombros e o sacudiu firmemente.

—Me escute Brice, me escute bem. Ele sabe que é Erin. E não a vai matar. Mas cavalgou contra ele. Nenhuma lei de nenhum lugar lhe impediria de fazer represálias. Porque o fez, não o sei. Mas, na verdade, Olaf a esta protegendo, Brice. Observa o rosto do viking ao qual chamamos de amigo. Se não estivesse atuando tal como está fazendo, o teriam chamado de covarde e exigido algo muito pior. Erin tem que solucionar isto sozinha, Brice. Se interferirmos, poderíamos estragar tudo. Devemos esperar.

O irracional medo dos olhos de Brice foi desaparecendo, e só pôde dar de ombros.

— É minha irmã, Gregory, — soluçou Brice. — Como vou...?.

— Deixa-a ir e tenha fé no homem junto ao qual lutaste ombro a ombro durante este tempo. É um homem estranho, esse viking a quem chamamos irmão. Poderoso e misericordioso. Implacável mas não desumano. Será melhor que Erin se arrume, desta vez, sozinha.

Porque tinha lutado contra ele? Perguntou-se Brice. Não podia condenar a Olaf mas tampouco podia suportar que fizessem mal a sua irmã.

Esperaria até que chegassem a Dublin. Mas se Erin não estivesse bem, desafiaria todo o país, se fosse necessário, para levá-la embora.



CAPÍTULO 19

Recordava muito pouco sobre sua viagem para casa. Algumas imagens que se formavam dentro de sua mente. A cor do céu, o deslumbramento cegador do sol quando, de vez em quando, abria os olhos para fechá-los outra vez e achar consolo na escuridão. Estou drogada, certamente, pensou vagamente. Mergwin, com suas poções, podia aliviar a dor da carne e o espírito com suas secretas beberagens de ervas secas.

Houve uma notável diferença quando saiu do feitiço final de escuridão. Já não se encontrava empurrada bruscamente contra o duro e áspero chão. Descansava sobre algo suave, e sentia uma fragrância débil de rosas do verão. Os lençóis estavam frescos sob seus dedos, e sua cabeça descansava sobre um travesseiro de penas. Pestanejou para ver o arco esculpido em cima da cama, as cortinas finas de seda atadas sobre os postes esculpidos.

Estava em casa, em sua própria cama. Mas esta não era sua cama, e esta não era sua casa. Pensar nisso era absurdo. Era a casa do Lobo, o conquistador, o rei de Dublin. Ele tinha estado fora tanto tempo que ela tinha começado a pensar nisso como dele. Tinha dormido na ampla cama

tantas noites sozinha, noites nas quais recordava seu tato, a única e irresistível força de seus traços, a tempestade doce e a serenidade da rendição as suas paixões.

Fechou seus olhos de novo. Repousando nesta cama era possível acreditar que nunca tinha cavalgado para fora de Dublin. Deus querido, por que tinha partido? Como tinha sido tão idiota? Era incrível acreditar que ela, simplesmente, equivocou-se de grupo de homens. Estes pareciam esperá-la. Mas como?

Algo tinha saído errado, porque ela não era idiota. Era a filha de Aed Finnlaith, um rei sábio em assuntos de guerra e de homens. Algo estava errado, mas Olaf nunca acreditaria isso, porque ela, de fato, tinha cavalgado à cabeça de um grupo de homens contra ele.

Não fiz nada por mal! seu coração gritou. Sou culpada de preocupação, de amar somente. Inclusive eu nunca teria cavalgado contra meu próprio pai, pensou amargamente, eu nunca teria cavalgado contra Olaf.

Ela se deu conta agora de como, completa e pateticamente, amava-o, e aquela compreensão a atravessou com uma dor amarga, muito amarga. O amor era um fel amargo de tragar. A gente podia ser forte sem isso, imune à dor, certa contra qualquer abuso da carne porque não podia tocar a alma. Mas agora ela era vulnerável. Suas meras palavras eram uma punhalada mais fulminante que a espada mais penetrante. Ele não escutaria seus protestos de inocência. Ele já a tinha condenado como uma traidora.

Então, de repente, soube que ele estava no quarto com ela. Ela não tinha girado sua cabeça, aberto seus olhos, ou escutado o som do rangido mais leve. Mas ele estava ali, olhando-a. Ela podia sentir as faíscas das profundidades geladas de seus olhos.

Rogarei-lhe que me escute, ela se prometeu. Não deve saber o poder que tem para me ferir, se não, estarei perdida. Sou uma princesa de Tara, a filha do maior rei que alguma vez tenha governado aos irlandeses.

Abriu os olhos e voltou a cabeça, para encontrar-se com seu olhar fixo. Encontrou-o instintivamente. Ele se apoiava nas venezianas, observando a paisagem. Estava completamente vestido, resplandecente em carmesim e negro, naturalmente arrogante na postura, sua capa com o broche de ouro fluindo brandamente sobre a acalmada amplitude de seus ombros.

Ela estava em clara desvantagem, consciente de seu cabelo desalinhado, de seus pés descalços se sobressaindo por debaixo das pregas do vestido branco e transparente de linho, com o qual alguém a tinha vestido.

Elevou-se até sentar-se, com cautela, mantendo seus olhos sobre ele, colocando os dedos dos pés sob seu vestido. Não gostou do frio de seu olhar. Seus momentos de maior calma e tranquilidade eram,

definitivamente, os mais mortais. Seus tons mais baixos eram os mais perigosos.

Tinha passado muito tempo desde que tinha partido. Ela se encontrou com um estranho de novo, um estranho que ela tinha começado a conhecer muito bem.

— Bem — ele disse brandamente—, já te despertaste. E parece bastante descansada— Ele se voltou totalmente da janela, cruzando os braços sobre seu peito, reforçando uma perna contra um tamborete— Podemos falar.

— Falar? Agora, meu senhor? — Ela riu amargamente—Se não deseja me ouvir. Não tenho nada que te dizer.

— Sugiro-te que comece com algo.

Determinada a esquivar cada ofensa com uma tranqüila calma, ela não fez caso do bater descompassado de seu coração.

— Tentei te explicar tudo. Decidiu me ignorar e me impor o castigo sem outro pensamento sobre justiça ou lei. Condenaste-me, e nunca esquecerei... — como ele me pôs grilhões, arrastou-me sem nenhuma piedade, pensou ela, tal como eu lhe tinha feito faz muito tempo, perto de Carlingford Lough.

— Tão cruelmente a tratei, senhora? Estou seguro de que não sente nada. Tive muito cuidado para evitar que não sofresse nenhuma ferida. Não fiz nada, mas aprendeu uma lição bem necessária de justiça e humildade!

— Lição! Não tem nenhum direito a ...

— Tenho todo o direito! Recebi todos os direitos quando me casei contigo!

A frustração dentro dela começou a converter-se em fúria. Como gostaria de poder sacudi-lo, esmurrar o desprezo insolente de seus traços de granito... e mais ainda desejaria tocá-lo, sentir a suavidade lisa de seus músculos tensos sob seus dedos, enterrar o rosto contra seu pescoço, inalar o aroma limpo, masculino, dele.

Seus dedos se apertavam nas palmas de suas mãos e quando ela falou, fez com um sussurro mordaz.

— É um idiota, rei dos tolos! Aclamado como um homem sábio e misericordioso... Mas não procura a verdade! Se não me escutar, viking, procure sua própria lógica! Se eu realmente te desejasse morto, meu senhor marido? Eu encontraria uma maneira melhor do que a de arriscar as vidas de meus próprios irmãos, pai e primo!

Sua frente se elevou ligeiramente. Além disto, não mostrou nenhum sinal de crença ou incredulidade.

— Erin, sabia que fazia tempo que não cavalgava mais com seu pai.

— Sei agora, porque você está me falando!

— Está me pedindo que acredite que a única coisa que ocorreu foi que tropeçou com os proscritos, em vez de com os irlandeses de Meath?

— Sim

Ele seguiu olhando-a fixamente e Erin sentiu que ela tinha que dizer mais.

— Eles eram irlandeses. Acreditei que os proscritos eram dinamarqueses ou nórdicos.

— Finalmente disse algo que realmente acredito, que assumiria que todos os proscritos eram vikings e não irlandeses. E ainda te digo isto, Erin. Afirmo que encontrou os irlandeses. Não o fez. Os mortos encontrados sobre o escarpado e na praia eram mais vikings que irlandeses.

O fôlego do Erin se congelou em sua garganta.

— Não, eles não tinham que ter sido...

— Pois eram.

Ela sentiu como se aço se enrolasse a seu redor.

— Mas eles me saudaram em irlandês, levavam os aventais de couro irlandeses... Falaram de Meath, e o rei de Meath é um aliado de meu pai. Ele a interrompeu, com um bufo de repugnância.

— Erin, insulta minha inteligência. Pede para acreditar em uma grande estupidez, quando sei, minha querida esposa, que tem a astúcia de uma raposa.

Ele abandonou seu lugar através do quarto para espreitá-la devagar, sustentando seus olhos.

— Me ameaçou com a tortura, a morte, o inferno, e a condenação desde que nos conhecemos, Princesa. Durante a noite de casamento, teve a intenção de me matar. E outra vez me encontro atacado por você, mas se supõe que tenho que acreditar que eram outros os que queria assassinar. Havia alguns homens irlandeses hostis entre os que atacaram. Mas não acredito que se preocupe muito sobre a nacionalidade dos homens que usa contra mim. E é tão simples dirigi-los! Que bom para seu ego ! A célebre Guerreira Dourada e Princesa Erin de Tara, formosa filha de Aed, casada com um desprezível viking!. Deve estar muito contente, minha esposa, já que planejava ficar viúva.

— Está equivocado! — Erin cuspiu, sentindo um tremor por dentro. Ele tinha sido gentil, até na cólera, poucas vezes era cruel. Mas agora a desprezava.

— Em que acreditaria você?

Um tremor que ela não podia controlar chegou aos seus lábios. Teve que piscar para evitar que caíssem as lágrimas

— Poderia confiar em mim — arremeteu.

— Confiar em ti? Nem mesmo estando atada e amordaçada, irlandesa, eu confiaria em ti. Minhas costas estiveram ameaçada durante muito tempo.

— Não tem nenhuma intenção de escutar nenhuma palavra que eu diga —, respirou ela fortemente, agarrando o travesseiro com seu fino bordado de linho contra seu peito, como se isto pudesse atuar como uma barreira contra ele—. Pensa o que queira então, e me deixe em paz.

Ele alcançou o travesseiro e o arrebatou.

— Ah não, irlandesa! Estamos longe de terminar com esta discussão. Quero me inteirar mais sobre isto. Gosto desta história. Como, se não tinha contato com estes proscritos, se inteirou disso? "

— Por Sigurd! desci para procurar cerveja... Tinha sede. Escutei-o falando com o capitão da guarda.

— Falei com Sigurd. Ele diz que nunca te disse nada. Teve medo de que estivesse ansiosa. Divertido, não?

— Sigurd não me viu—, respondeu Erin com impaciência, perguntando-se se ele a estava escutando —. Esperei no vão da escada porque não sabia o que devia fazer.

Ela se assustou quando ele se incorporou, dando-lhe as costas, enquanto esfregava a barba e se afastava vários passos

— Para quando esperas o menino?

Um tremor tomou conta de Erin, quando compreendeu o curso de seu interrogatório.

— Certamente, pode contar, meu senhor

Ele se voltou para enfrentá-la.

— Sim —, disse secamente — posso.

— Sabe que é o pai de meu filho

— O que eu sei, Erin, é que faria de tudo para me ferir. Mas sim, realmente acredito que leva ao meu filho. Foi vigiada, meticulosamente, enquanto estava longe. Tem sorte, Princesa, já que seus sonhos de vingança se voltaram contra você. Sem o menino, estaria na masmorra, e não teria que escolher negociar contigo sobre em que cama traiu minha confiança

— Vigiada meticulosamente... Negociar... Bastardo viking! Não te pertenco! — Erin perdeu todo o pensamento sensato ou controlado. Equilibrou-se com um grunhido, como se fosse atirada da cama, lançando-se para ele como uma criatura desesperada e selvagem, arranhando e utilizando os punhos.

Ele ficou atordoado pelo impacto e a força do ataque, proveniente do corpo magro de sua esposa. Pensou, fugazmente, que não era nada assombroso, posto que até homens robustos como seus fornidos irmãos tinham encontrado difícil ser melhores que ela no manejo da espada. Sua própria cólera e a superioridade de ter travado inúmeras batalhas deveriam lhe haver dado uma vitória fácil sobre ela no escarpado, quando enfrentou à Guerreira, mas agora, com a guarda baixa, estava surpreso ao descobrir que só com os punhos lhe acertava muitos golpes.

— Chega! — ele gritou, e usando sua potente coxa para introduzi-la entre suas pernas, desequilibrou-a de modo que pôde agarrá-la enquanto caía em seus braços.

Quis lançá-la sobre a cama e abandoná-la, como se a desprezasse, mas a sensação de sua carne, tão quente sob o linho transparente, a chama ardente de seus olhos verdes quando se encontraram, a palpitação selvagem de seu coração, como um pássaro enjaulado, combinaram-se para varrer a lógica de sua mente.

Ela o tinha traído, mas esse pensamento não significou nada quando a febre da privação assaltou seu corpo, provocando uma dor pulsante dentro de sua virilha que crescia e trovejava, como um toque de tambor. Era um idiota. Ela o queria morto. Mais de uma vez o desprezou. Ele a tinha castigado cruelmente. Tinha tudo para chamá-la de puta, embora ela nunca saberia o quanto suas ações e suas palavras lhe atormentavam, retorcendo seu coração e sua alma. Queria tanto acreditar nela, mas não podia permitir-se. Era o rei de Dublin, um homem que lutava por seu debíl reino sobre a terra.

Quis perder-se dentro dela, aliviar sua dor dentro do refúgio quente de seu corpo. Enterrando seu rosto dentro da emaranhada cortina de seda negra, sentia em seus dedos trêmulos uma suave luxúria por sua carne, por seus cheios e sedutores seios.

Não podia falar, porque gaguejaria seu desejo, deixaria sua alma nua, ante ela e sangraria. Mas ele sabia que ela não aceitaria suas carícias. Pelos trovões de Tor!, Ela o aceitaria! Estorou por dentro, apertando sua boca com força. Ele era seu marido, seu rei, seu senhor — e independentemente do que tinha acontecido entre eles, ele não permitiria que Erin o renegasse.

Atirou-a sobre a cama, logo atravessou com grandes pernadas a habitação para comprovar se o ferrolho da pesada porta de madeira estava bem trancado. Voltou-se para ela, deixando claras suas intenções, enquanto a enfrentava com olhos duros e desafiadores que ocultavam a incerteza que crescia dentro dele, quando, meticulosamente, começou a tirar sua roupa, deixando cair sua capa sobre uma cadeira, e seu amplo cinturão de couro ao lado dela.

Erin inalou bruscamente, apertando os dedos do pé contra o leito, em uma postura rígida de desafio.

— Não o fará! —ela gritou—. Não me chamará de traidora e pretenderá que, de boa vontade, seja sua puta, pensar em me tomar como uma posse, para ser usada a sua conveniência! Não o fará.

Ele seguiu olhando-a enquanto suas botas ressonavam no piso. Sua túnica foi depositada sobre sua capa.

As lágrimas encheram seus olhos. Ele a olhou, maravilhado. Como outras vezes, ela evitou a mera visão de sua nudez, o corpo de guerreiro,

musculoso como o carvalho, enxuto, elástico e ágil. Os amplos ombros de bronze. Os braços poderosos, com seus músculos claramente delineados e as linhas de veias azuis destacando sob a carne tensa.

Não posso deixar que me toque, pensou, porque não serei capaz de rechaçá-lo... de negar a mim mesma, e ele pensará em mim como não mais que uma rameira.

— Se te aproximar de mim agora, Rei de Dublin, — disse ela com a maior dignidade que pôde reunir — será uma violação.

— Duvido, — respondeu ele, encolhendo seus ombros— Mas se for o que escolher, esposa, então será uma violação. — disse ele brandamente.

Aproximou-se da cama devagar, mas seguro, com seus pés nus silenciosos sobre o duro chão. Atraiu-a para seus braços e pressionou os lábios contra os seus. Seus punhos golpeavam contra suas costas, mas Olaf não fez caso dos golpes. Sustentou-a pela nuca e por sua espessa juba de ébano, enredando os dedos entre seus cabelos de seda. Pressionava sua boca com a língua, uma e outra vez, rodeando a forma de seus lábios, empurrando com uma força cada vez mais provocadora, até que ela ofegasse e cedesse ante seu poder esmagador.

Um soluço saiu de sua garganta, quando sentiu o impulso de sua língua em sua boca, íntima, com um toque abrasador. Tinha saudades de suas mãos sobre ela. Devia rechaçá-lo! Mas apesar de sua cólera, ele despertava muitas sensações, tirando de sua mente tudo o que não fosse sua necessidade dele. Contra sua vontade, ela correspondia... Dando-se em troca.

Erin ficou atordoada quando ele, de repente, separou-se dela olhando com olhos tempestuosos. Ela estava tão surpreendida por seu sentido de perda e por aqueles olhos que, de uma maneira estranha, pareceram combinar a fúria do fogo com uma mortal dor azul, que sem se dar conta, murmurou um confuso:

— Meu senhor?

A cor tinha começado a explodir em sua mente. Uma cor formosa, cor de arco íris. Suave, malva e sedutora, pulsando em vermelhos quentes, como um relâmpago correndo por seu interior, enrolando-se em sua virilha, pulsando dentro dele como as ondas aproximando-se da praia. Ele estremeceu de desejo por ela. Era mais forte do que qualquer coisa que tivesse sentido por uma mulher; era ainda mais forte que sua ânsia por conquistar e governar sua terra.

Mas não podia tomá-la. O tinha chamado de violador. Ele não podia lhe dar essa satisfação.

Ele piscou, e a tormenta desapareceu de seus olhos. Confrontou-a com o escudo azul de seus olhos, e uma curva zombadora apareceu em seus lábios sensuais, insultante.

— Decidi não te violar, querida esposa, — informou-a, zombando, enquanto saía fora da cama, olhando fixamente através da janela.

Uma lenta e gelada sensação de horror e humilhação caiu sobre Erin. Ela tinha respondido a sua paixão, quando tudo o que ele tinha procurado era demonstrar seu poder.

Graças a Deus! Ela o desejava, mas não desta forma! Ela o queria amando-a, acreditando nela.

Erin lutou, momentaneamente, para esquecer aquela dor, mas agora era difícil, já que sua raiva era tão intensa...

— Bastardo, — chiou, entre dentes, com uma tranqüilidade mortal, cobrindo-se com os lençóis, como se fossem restos de sua dignidade. — Bastardo viking! Nunca mais me tocará outra vez! A Irlanda tem leis, Lorde viking, e usarei essas leis contra você. Exijo que me dêem quartos separados, enquanto solicito o divórcio! Assim não terá que preocupar-se com minhas perigosas qualidades, já que não me importará nada se viver ou não!

Ela estava aturdida ao ver que ele sorria, quando deu a volta da janela.

— Minha senhora esposa, alguma vez se dá por vencida? Mas está equivocada sobre seu próprio poder. Nunca terá uma habitação separada, e se eu te desse essa concessão, não significaria que não viria a você se desejasse. Por isso o farei em minha própria habitação, ou em minha própria cama. Inclusive, se realmente conseguir controlar minhas bárbaras tendências de violador, te deixaria em paz. Não procurará nenhum divórcio. Você fala de suas leis Brehon, mas esquece que não significam nada para mim. Nosso casamento foi uma aliança. E como te falei, irlandesa, sou viking. Sustento minhas próprias leis. O que é meu, conservo-o. Não deixará este aposento até que eu o diga.

Erin apertou seus dentes tão fortemente que temeu que se rompessem. Cada músculo de seu corpo estava rígido de fúria.

— Escaparei — pronunciou ela, desesperadamente.

— Por favor, irlandesa — disse ele tranqüilamente — Pare com essas suas ameaças. Sua dourada cota de malha está sendo redesenhada para você. Grilhões e cadeias. Se for necessário, passará sua vida dentro de sua armadura de ouro, recordando os enganos do passado.

Ele esperou sua reação. Não viu nenhuma, exceto a cólera em seus lábios apertados, e olhou fixamente através da janela de novo.

Era tudo que ela podia fazer para impedir de lançar-se de novo contra ele, com uma explosão acalorada de raiva. Mas isto seria uma loucura e ela sabia. Ele não disse aquelas palavras como uma ameaça, mas simplesmente, como uma declaração que não admitia réplicas.

— Olaf — disse Erin, lutando por controlar-se para falar com calma e com serenidade, antes que desandasse a chorar de agitação e frustração— Não

posso desfazer as imagens em sua mente, mas te advirto de algo. Não procurei te matar, como tampouco antes procurei a fuga. Mas não me dá nenhuma permissão, nenhum espaço para nada, exceto para a amargura. Te digo outra vez que não tive a intenção de ir contra você. Deveria procurar de onde vem o perigo, já que fui enganada.

Ele se voltou para ela, mas não pôde ler nenhuma emoção em seus olhos. Andou através do quarto para a cama e se sentou ao lado dela, olhando fixamente em seus olhos.

Ele tentou tocar seu queixo, mas ela retirou sua cabeça.

— Não quero que me toque — disse ela, rigidamente.

Ele suspirou, brandamente.

— Acredito que já te falei que não tem nenhuma opção neste assunto, Erin.

— Então quero que saiba que, o quer que tomar, será a força, já que me chamou de traidora.

— Não pode me dar o que eu poderia tomar, se o desejasse.

— Há muito mais, meu senhor, pelo que te dei. O amor não é possuído, é recebido.

— Não sou um grande crente do amor, irlandesa. Isto é só uma debilidade que faz de tolos aos homens.

Ele riu ligeiramente, aliviando um pouco de tensão de seu rosto.

— E, irlandesa, não escapará de mim. Pode me odiar pela manhã, ao meio dia, e de noite, mas ainda será minha esposa, minha grávida esposa. Mas te farei esta concessão. Aceitarei suas advertências de que outros podem desejar me prejudicar.

— É magnânimo — disse Erin, com um frio sarcasmo.

Ele riu outra vez e esteve tentada a arranhar seus olhos. Mas ele agarrou suas mãos, reconhecendo o brilho de advertência de seus olhos. Ele retirou a colcha, apesar de seu protesto rígido e zangado.

— O menino é tão meu, irlandesa, como teu—. Ele tocou seu estômago com cuidado, esfregando seus dedos por cima dele, ligeiramente—. Há mudanças em você—, disse brandamente, mas sua voz se voltou dura de novo—Essa é outra razão pela qual deveria ter sido açoitada.

Erin baixou seus olhos, permanecendo rígida ante suas carícias.

— Ou tentou, possivelmente, matar ao menino porque também é viking? Ela levantou seus olhos para os dele, com a luz de esmeralda neles ardendo misteriosamente.

— Falou bem, Olaf, o menino também é meu. Será irlandês. Mergwin nasceu de um pai viking, mas, meu senhor, ele é um irlandês.

— Este não é um mundo justo, irlandesa. O menino será meu.

— Vai me manter aqui só pelo menino, Lorde Lobo? Sou uma prisioneira porque deseja um herdeiro? O que acontecerá quando nascer o menino? Então me deixará de lado?

— Vou te conservar — disse Olaf —, porque é minha. E porque me agrada, e possivelmente, o fará outra vez. E sim, porque quero ao meu filho. Logo veremos aonde vamos chegar a partir de agora.

— Viveremos em desgraça. Então o que sobrará?

Ele riu, devolvendo a brincadeira.

— Não te vi sofrer de dor ante minha proximidade ou minhas carícias hoje...

A ira se intensificou dentro dela outra vez, pela total injustiça de tudo aquilo. Sua mão se dirigiu para seu rosto tão rapidamente, que ele não teve tempo para desviá-la e só pôde olhá-la fixamente, desconcertado, atordoado, quando ela se sentou, orgulhosa em sua nudez, clamando contra ele.

— Nunca mais, viking, não tenho mais medo. Ate-me, me ponha em correntes, me golpeie, me ameace, tome, mas não te darei nada mais!

Com a exclamação de sua cólera, ela tremeu por dentro. Tinha que ser bastante tola para golpeá-lo e desafiá-lo, quando não tinha nenhuma prova de sua própria inocência e um sabendo que ele realizou todas as ameaças porque as acreditava justas. Mas ela não podia lhe dar mais. Tornou-se vulnerável e por isso se sentou, silenciosamente, esperando sua explosão.

Ele esfregou sua bochecha, entrecerrando os olhos.

— Erin, realmente admiro sua coragem — Seu tom baixou outra vez, para advertir que sua admiração só chegaria até aí— Mas não me golpeie de novo. Sou um bárbaro, recorde, que pratica a crueldade.

Erin afastou o olhar dele, estremecendo por seu sarcasmo.

—Sei que pratica a crueldade, Olaf, muito mais que qualquer um que administre açoites.

— Por todos os fogos de todos os infernos concebíveis! —Olaf explorou—. Enfrento minha própria esposa com minha espada. E isto é crueldade porque não me rendo ante suas bonitas desculpas?

Ele saltou da cama e começou a vestir-se, com seus dedos quase rasgando o tecido de sua roupa, enquanto o fazia.

Erin não respondeu. Fechou seus olhos e se cobriu com a colcha de novo, como um escudo contra seu desespero.

Quando ele falou de novo, estava frio e controlado, uma vez mais.

— Me pergunto o que é que fica entre nós agora, esposa. Uma parede. Me despreza, não confio em você longe de minha vista. Mas somos marido e mulher, e quero esse filho que leva. Não me negará participar de seu crescimento. Só uns poucos homens de confiança sabem que foi a rainha de Dublin que causou a morte de doze homens. Não quereria ter às famílias destes mortos procurando vingança. Portanto, pode seguir dirigindo esta casa. Não a abandone. Não te avisarei de novo. E mais uma coisa, não tente fugir, nunca. É minha esposa, e te falarei sempre e

quando o desejar, e te tocar ... sempre e quando o desejar— ficou em silêncio durante um momento, lhe dando as costas. Ele soou triste, quando falou de novo—. Sou um idiota, Erin, já que ainda gostaria de acreditar que há esperança.

Ele fez uma pausa por um momento, como se esperasse que ela assimilasse suas palavras, logo acrescentou:

— Se puder se levantar, Erin, o grande salão espera a seu rei e a sua rainha.

Não havia nada mais que fazer. Ela deveria estar agradecida. Ele poderia havê-la acorrentado, ou enviado às masmorras, ou repudiado a ela e ao seu filho. Mas nada tinha mudado, exceto seus sentimentos por ela, e a terrível cólera e amargura que lhe produzia.

Seus dedos tremiam, enquanto se vestia rapidamente e ajustou sua capa. Ela deu um olhar nervoso para onde ele a esperava, na porta.

Olaf estava totalmente vestido já, impaciente, com sua mente em outros assuntos. Alto, dourado e real, seu esplêndido guerreiro. O Lobo da Noruega, arrogante, poderoso, seguro de si mesmo...

Ela conteve as lágrimas, enquanto recordava que ele também podia ser sensível quando desejava. Sua posse...

Ele estendeu um braço para ela e ela o tomou, sentindo que seu lábio começava a tremer. Que diferentes poderiam ter sido as coisas...

— Olaf — se dirigiu a ele com tranqüilidade.

— Sim?

— Obedeço-te agora, porque é o mais forte.

— Não me importa o por que me obedece ou porquê dá atenção as minhas advertências, só quero que o faça.

Ela não permitiria que as lágrimas chegassem aos seus olhos. Quando ele abriu a porta, ela passou por seu lado, tranqüilamente. Eles desceram ao grande salão com um esplendor real — e com uma dolorosa rigidez.

Olaf permanecia de pé sob a lua cheia uma vez mais, com sua alma atormentada. Nem ele nem Erin ficaram dentro do salão para jantar. Em sua dor e fúria, ele tinha esquecido lhe falar sobre as mortes de seu irmão Leith e Fennen MacCormac.

Uma vez no salão, ela rapidamente tinha averiguado que seu irmão não estava presente, e tinha caído em soluços incontroláveis.

Olaf não tinha sido capaz de tocá-la. Ela o teria rechaçado, por isso Brice, seu irmão, consolava-a pelo irmão perdido, enquanto ele permanecia de pé, sob a lua, e se torturava com o desejo, a dor e a incerteza.

Ela o tinha traído! As provas estavam contra ela, e isto o feria muito amargamente, porque ele havia acabado de aprender a viver outra vez. Ele acabava de saber que ia ter um filho. Um herdeiro.

Chorava Erin por seu irmão? Ou pelo MacCormac? Lamentava que ele não tivesse morrido, e sim o rei irlandês? Olaf suspirou profundamente.

Entendeu a dor. Respeitaria-a. Procuraria o descanso de suas noites na terra.



CAPÍTULO 20

Os navios encheram o litoral e o porto de linhas puras e magníficas, com seus cascos de dragão e velas vermelhas e brancas, ondeando com a brisa. A cena era tão imponente como bela.

Olaf estava no porto dentro de Liffey para saudar os noruegueses que chegavam, com o forte vento açoitando seu cabelo dourado e a capa que o envolvia. Não havia, entretanto, um viking a bordo de nenhum dos numerosos navios, que pensasse em zombar do vestido irlandês do Lobo, já que seu rosto era indomável. Com as pernas ligeiramente separadas e um joelho dobrado sobre um suporte elevado, apresentava-se como um personagem legendário, como um deus de ouro. Como freqüentemente os homens pensavam dele na batalha, parecia estar rodeado por uma aura de luz. Sigurd permanecia de pé, ligeiramente a sua direita, e a sua esquerda, Gregory e Brice MacAed.

Mas quando o primeiro visitante plantou suas botas salpicando água ao precipitar-se para a terra, sua boca cheia e expressiva emoldurada pela barba dourada, se abriu em um amplo sorriso. O visitante e o rei de Dublin se encontraram, com gritos de prazer e um abraço esmagador. Os dois homens finalmente se separaram e se avaliaram um ao outro, abertamente.

Foi o visitante que falou primeiro. Era um homem quase da altura do Lobo, um ano ou dois mais velho, com um comportamento mais despreocupado.

— Então, irmão Lobo, esta é a magnífica cidade de Dublin que te pertence. Te levando através do mar e terminando seus dias de saques vikings!

— Sim, Eric. - o Lobo se voltou-. Bem-vindos a Irlanda.

— E parece as boas-vindas de um irlandês -. Eric riu, mostrando em seus olhos azuis uma sombra mais cinzenta que os de Olaf, implicando com a aparência de seu irmão.

— Nem pensar, nunca convencerá aos irlandeses disso- disse Olaf com um dar de ombros. Sobretudo a minha esposa, acrescentou silenciosamente.

Eric já olhava além de Olaf, para Sigurd, dando uma forte palmada nas costas do gigante ruivo.

— Sigurd! Velha lança de guerra. Tirou também este irmão pequeno dos mares?

— Fizemos um trato justo, Eric. Um trato justo. O verá por si mesmo - Sigurd assegurou a Eric, com um amplo sorriso.

— Dá sua permissão aos homens para vir a terra, irmão - seguiu Olaf - e nos apressaremos ao grande salão. E se quer te manter com os irlandeses em harmonia, te apresento Gregory de Clonntairth e a Brice MacAed.

Os príncipes irlandeses olharam o norueguês com cautela, mas era difícil resistir à boa natureza do viking. Uma vez convencidos de que este era um contingente de vikings que não ofereciam nenhuma ameaça mais à frente que a da fascinante curiosidade, Brice e Gregory ficaram no porto com Sigurd, para dirigir o desembarque das tropas nórdicas enquanto Olaf e Eric subiam a costa para a entrada da cidade.

Tendo passado já as saudações festivas, Eric olhou ao seu irmão, com gravidade.

— Venho, irmão, com presentes de nosso pai, o jarl. Mas além disto, Olaf, vim a ti com advertências.

— Advertências? - Olaf perguntou, assombrado. Só tinham passado três semanas desde que ele havia retornado do norte do país e de sua batalha com os dinamarqueses. Tinha que gastar sua vida lutando por seu direito nesta terra?

— Sim, advertências - replicou Eric. Não num futuro próximo, irmão. As notícias viajam rapidamente através dos mares. Sou consciente de que os dinamarqueses comandados por Friggid, o Patizambo, encontraram uma grande derrota. Embora mais notícias chegaram a nós. Friggid voltou para sua pátria. Diz-se que ele procura homens e que lhes promete uma grande riqueza, até lhes promete a cidade de Dublin, se eles seguirem e lutarem contra ti. Isto levará um tempo, Olaf, já que os mais valentes guerreiros o temem. Mas deve tomar cuidado e se defender bem, já que esse dinamarquês está meio louco, e não lhe importa que riscos tenha que correr para te matar.

— Descansa, Eric - disse Olaf tranqüilamente - que nunca descartei a esse dinamarquês. Sei que ele virá contra mim outra vez — e outra vez — até que um de nós dance com as Valquirias. Benzerei o dia em que o encontre de novo. Embora, se ele emitir ameaças através dos mares, deve falar em meu nome. Propaga a notícia de que Dublin não pode ser tomada. Suas paredes são de pedra, e sua gente, nórdicos e irlandeses, defenderão-a até a morte. Se irrita porque me vê em aliança com os irlandeses.

A metade desta ilha lutaria em minha defesa.

Eric fez uma pausa, e com as mãos sobre seus quadris, sacudindo para trás sua grande cabeça dourada, enquanto inspecionava primeiro a segurança nos ardentes olhos de seu irmão, depois os muros de Dublin, elevando-se altos e robustos detrás dele. Sorriu calorosamente então, deixando de lado toda a preocupação.

— Irmão, não me irrita. Você fala, porque certamente tem um ponto de apoio sobre esta terra que nenhum homem obteve antes de você. E já que falei de negócios, irmão, agora sou livre para fazer de minha visita uma visita de prazer. Estará contente de ver os presentes que trouxemos. Sedas, jóias e prata. Tapeçarias para adornar suas paredes. E ...- Eric fez uma pausa, durante um leve momento, dando ao seu irmão uma piscada licenciosa - um presente muito especial para você.

Olaf pôs uma expressão zombadora.

— Economize-me isso Eric, Qual é esse presente?

— Uma mulher, irmão. Uma beleza estranha e única. Tirada dos francos, dos quais, é sabido, a raptaram da distante Pérsia. Sua pele é da cor e da doçura do mel, seus olhos como as amêndoas.

— Eric - Olaf interrompeu com impaciência - se houver uma coisa que não anseio é outra mulher. Pelos deuses, já tenho muitos problemas.

— Havia ouvido, certamente, irmão, que tinha se casado. Mas acreditava que era somente para formar uma aliança. É por isso precisamente que te trouxe esta jóia da Pérsia. Sabe-se que ainda está triste por Grenilde, mas é um homem, irmão, e não deve manter essa

dor viva e, bem, gastando seus dias olhando a sua pálida e murcha noiva.

Olaf sacudiu para trás sua cabeça e rugiu com o primeiro verdadeiro humor de que tinha desfrutado desde sua volta.

— Eric, agradeço sua preocupação, mas pode crer quando digo que estou inútil para qualquer mulher, não importa quão formosa possa ser. - A diversão permaneceu em seus olhos, enquanto dava um olhar seco para seu irmão- Vêem, deve conhecer minha pálida e murcha noiva.

As velas ondulantes dos navios dragão eram visíveis na distância da janela da câmara de Erin. Ela as observou, primeiro com horror e pânico, mas então tinha sido informada por Rig de que os navios tinham vindo em paz, trazendo presentes do pai de Olaf, grande jarl da Noruega.

Seu primeiro susto se converteu em alívio e logo aborrecimento. Ao que parecia, todos dentro de Dublin sabiam que um contingente de navios dragão estavam chegando, todos exceto ela. Olaf não tinha achado por bem informá-la. Mas claro, apenas Ihe tinha falado durante uma quinzena, e possivelmente não era tão estranho que ela não soubesse nada.

Afundou-se no banho quente que Rig tinha preparado para ela, mordiscando nervosamente uma unha. Sua situação tinha ido de mal a pior. A dor da perda que a tinha envolto quando se inteirou das mortes de seu irmão e de Fennen a tinha envolto em uma barreira contra Olaf. Depois daquela primeira noite na qual a tinha deixado sozinha, ele voltou ao seu quarto e embora não a ter procurado fosse doído, a tortura tinha sido até maior. Noite após noite, os dois tinham estado sem poder dormir, juntos, mas sozinhos. A tensão a tinha tornado insone, transtornado seus nervos, até que há uns quinze dias ele tinha emitido um juramento a repudiando e tinha deixado sua habitação, no meio da noite, e não havia retornado mais.

Quando ela se sentia forte, dizia a si mesma que estava bem. Mas quando estava frágil, via-se presa a mais desventurada tristeza, admitindo que preferiria que lutasse com ela, que a recriminasse, exigindo algo e não o que tinha feito, deixá-la.

Erin interrompeu, bruscamente, seus pensamentos quando escutou o som de vozes que chegavam do grande salão. Ela saiu rapidamente de seu banho, desejando ter escolhido outra pessoa para servi-la depois do casamento de Moira. Tinha curiosidade por conhecer esta nova onda de vikings, homens da pátria de Olaf, e apesar do seu intento diário para se convencer de que odiava ao seu marido, seu orgulho e sua vaidade estavam em jogo. Quando as histórias chegassem a Noruega pelas bocas destes navegantes, não queria que se dissesse que o Senhor dos Lobos encontrou algo menos que uma perfeita – embora irlandesa - noiva.

O tempo estava outonal e frio, mas ela escolheu um traje azul claro de seda suave, que não necessitava de nenhum cinturão e portanto, ocultava bem sua barriga. Com uma capa verde azulada de lã comum sobre seus ombros, encontraria-se quente.

Escovou seu cabelo energicamente e o adornou com jóias, logo pôs sua mão sobre a porta esculpida. Tomando fôlego, estava pronta para confrontar a qualquer homem. Ela era, recordou-se, a filha de Aed Finnlaith.

— Tudo continua como sempre - comentava Eric, com um sorriso, enquanto punha suas botas sobre a mesa -. Swein de Osgood cortou a orelha de Harilk em uma luta, o irmão de Harilk apunhalou Swein, a viúva de Swein pediu justiça aos gritos, e Harilk foi assassinado por seu tio. A luta continuará, irmão, sem dúvida, até que ambas as famílias sejam reduzidas a

Olaf, que meditava com o olhar sobre o fogo, surpreendeu-se quando a voz de seu irmão travou, no meio de uma frase. E ficou mas atordoado ao ver seu irmão olhar fixamente para o vão da escada, com os olhos muito abertos e a mandíbula frouxa, e logo recuperar-se e tirar seus pés da mesa, aprumando-se para ficar de pé.

Ele seguiu o olhar embevecido de seu irmão, tanto com diversão como com irritação. Erin descia a escada.

Houve algum momento, perguntou-se, no qual tinha sido capaz de considerar sua beleza desapaixonadamente? Com não mais que a apreciação que dava ao seu magnífico cavalo? Possivelmente não, possivelmente ele sempre tinha estado um pouco enredado em seu feitiço, como Eric agora. Ela estava fresca, depois de seu banho, seu cabelo era mais luxurioso que a noite mais profunda, frisando-se em brincos para emoldurar a elegância de seus traços perfeitos e o esplendor eterno de esmeralda de seus olhos.

A seda que levava a acariciava de uma forma flexível, fazendo mais enganosa esta etapa de sua gravidez, quando seus seios se inchavam contra a restrição do pano e a redondez de seu ventre era uma curva favorecedora. Suas bochechas estavam rubras, como uma rosa contra a nata mais pura, seus lábios eram uma curva sutil, tintos com um leve vermelho.

Como tinha se passado freqüentemente desde que tinha deixado sua habitação, incapaz de suportar a tensão e a tortura de estar tão perto e não poder tocá-la, segundo seu próprio juramento, sentiu o desejo perfurar através dele, com a mera visão de Erin. Rilhando seus dentes, observou-a descer a escada, levantando sua face e forçando um sorriso.

— Ah, Erin, finalmente. Temos convidados, meu amor. Eu gostaria de te apresentar a meu irmão, Eric. Sendo minha família, um viking, mas

um que estou seguro que encontrará aceitável. Eric apresento a mi... Esposa irlandesa, Erin MacAed, Princesa de Tara, Rainha de Dublin.

Os olhos de Eric abandonaram Erin, momentaneamente, para deslizar, com reprovação, para Olaf. Logo se voltaram para Erin, com uma apreciação descarada.

— Erin MacAed de Tara - suspirou Eric, com um brilho em seus olhos quando andou, rapidamente, para a escada, para capturar a mão de Erin.— Vi muitas mulheres em muitos lugares, e venho aqui hoje para descobrir que a que devo chamar “irmã” é a mais formosa de todas elas.

Erin sorriu, incapaz de resistir ao encanto temerário deste forasteiro que era seu cunhado. Ele se parecia com Olaf. Falou-a em nórdico, e nas roupas e maneiras, ele era viking. Embora possuísse uma galanteria que Olaf não tinha. Ele era, possivelmente, como Olaf poderia ter sido em outra época, despreocupado e alegre. Ele era um invasor com poucas preocupações, mas até com todo seu impertinente encanto, carecia de certas qualidades que o Lobo possuía. Não tinha a força tranqüila de seu irmão, nem a imponente aura de poder e desejo.

— Se vier em paz a nossas terras, Eric, me alegro de te conhecer. Eu não sabia que Olaf tinha um irmão, e me alegro de dar as boas-vindas a sua família.

Eric riu, em silêncio, em tom agradável.

— Um irmão? Ele teve, em certa época, sete. Três estão perdidos em terras distantes, mas estão bem, minha encantadora cunhada. Conhecerá o resto de nós com o passar dos anos. O tamanho de nossas casas, minha senhora, é um dos motivos pelos quais tantos de nós procuramos a aventura. Transbordamos nossas casas e terras e para as obter, temos que sair e procurar nossas fortunas em terras longínquas.

Foi a risada de Olaf que Erin escutou desta vez.

— Tome cuidado com seus comentários, irmão. Minha esposa não aprova os que procuram suas fortunas nas terras de outros. Ela, em mais de uma ocasião, me recordou, sutilmente, que sou um invasor bárbaro.

— Se meu irmão fracassou Erin MacAed, esforçarei-me o possível por te fazer ver que lhes deixo com o conhecimento de que nós, na Noruega, não somos tão diferentes dos irlandeses. Humildemente, cultivamos nossas terras, e vivemos procurando o que todos os homens procuram, a paz, a saúde e a harmonia dentro de nossas famílias.

— Ahh... mas a paz que busca é só dentro de sua própria terra - contradisse Erin, ainda sorrindo.

— Não tente raciocinar com minha esposa - Olaf advertiu ao seu irmão, dando um passo para a escada e deslizando um braço pelo de Erin, levando-a para longe de seu irmão, então a voltou, de modo que possessivamente, pôde deslizar ambos os braços sobre sua cintura e falar

por cima de sua cabeça- Erin teria enviando desculpas a todos aqueles contra os que lutaste e reporia todos os cofres daqueles que saqueou.

Erin pensou que era impossível que Eric não escutasse o tom hostil na voz de Olaf. Ela sentiu o insulto em todo seu corpo. Em seu toque rígido, em sua voz que sussurrava contra seu cabelo. Lamentava não ter a coragem para dar uma palmada em suas mãos para que a soltasse e com audácia informar a Eric que seu irmão se considerava preso com grilhões pela honra e a aliança com uma traidora.

Mas Eric não viu nada errado. Ele ria, amplamente.

— Parece que a irlandesa leva um pouco de nórdico. Confundo-me, irmão? Ou posso levar ao nosso pai a notícia de que ela começa uma dinastia dentro de sua guarida irlandesa?

Erin avermelhou, com fúria, quando Olaf colocou seus dedos sobre seu ventre.

— Sim, Eric. O jarl estará contente quando souber que a semente de sua semente prospera bem em ilhas distantes. Lhe diga que ... lhe diga que o Lobo cria excelentes netos para ele, para crescer como vikings, como sua herança.

Erin ficou rígida de fúria, mas o aço da mão de Olaf aumentou contra o seu corpo. Ela estirou seus lábios com um sorriso, seus dentes apertados.

— Não é assim, bom Eric. Diga ao seu pai, o jarl, que a semente de sua semente estabeleceu uma raça formosa e nobre, culta e erudita. Ele deveria estar orgulhoso de ser o avô de um menino irlandês.

— Erin - protestou Olaf, fingindo confusão-. Passei muito tempo com reis e guerreiros irlandeses, e me fizeram acreditar que, uma vez que se rechaça a uma esposa, seus filhos permanecem com seu senhor, já que serão os herdeiros de seu pai, e os irlandeses mantêm bem suas prioridades de herança.

Um calafrio de medo desceu por sua coluna. Tinha decidido então que ela deveria ficar até que tivesse nascido seu herdeiro e o desmamasse, e logo devolvê-la ao seu pai, pondo seu contrato de casamento de lado, dado que nenhum homem manteria uma mulher como sua esposa se ela tivesse levantado a espada contra ele?

Ela não quis tremer, embora fosse consciente de que ele sentia seu arrepio, já que não podia controlá-lo. Deus querido, nunca lhe permitiria tomar ao seu menino. Tinha esfaqueado sua própria garganta ao censurá-lo tão energicamente? Ele não a tinha procurado mais, não tinha dormido ao seu lado. Mas que mais podia ter feito? Haver-se declarado culpada quando não o era? Nem pensar!

— Acredito - Eric interrompeu seus pensamentos com um seco regozijo

— que este menino, irlandês ou nórdico - o que decidam - será alguém com quem contar, sendo filho de sua mãe e seu pai! Mas o que é desse grande salão, Olaf? Me apresenta a este lugar esplêndido de pedra e

cimento, mas não oferece a este viajante cansado hidromel ou cerveja fresca para sua garganta?

— Rainha, é negligente com seus deveres - disse Olaf com serenidade, liberando Erin- Esposa, se ocupará das comodidades de minha família e amigos.

Erin baixou seus cílios, para ocultar o ressentimento e a inesperada corrente de dor que surgia dentro de seus olhos. Era certo que Olaf sempre dava as boas-vindas a sua família, sem reservas. Ele tinha apoiado seu irmão na batalha e tinha vingado o irmão que tinha perdido, mas ver Eric, de pé, dentro do salão, oferecendo a Olaf a confiança da família, tinha golpeado Erin com a dor daquele irmão que ela recentemente tinha perdido. Esta era sua terra, a terra de Leith. Marido ou não, Olaf era um viking, como o era o guerreiro vestido de peles que era seu irmão. Assaltantes. Invasores. Ela era a esposa do Lobo; facilmente poderiam havê-la entregue a um dinamarquês. Possivelmente tivesse havido pouca diferença.

Ela levantou seus cílios para encontrar-se com um olhar atento e pensativo nos olhos azul-acizentados de Eric, enquanto a observava.

— Eu te agradeceria enormemente, minha nova irmã, se fosse amável de te ocupar de minhas necessidades.

Erin apartou o olhar rapidamente, ante a bondade da voz do viking. Tinha sentido Eric a tensão que se propagava, com fúria, dentro do salão entre a rainha irlandesa e o rei nórdico? Era como se ele tivesse estendido a mão com o poder de acalmar.

— Estarei encantada de te atender - disse Erin majestosamente, levantando seu queixo e flutuando sobre seus ligeiros pés, afastou-se de seu marido. Seus luminosos olhos se posaram sobre Eric uma vez mais e acrescentou com uma dignidade comovedora - E me alegro de te chamar irmão, Eric.

Erin não voltou para o grande salão. Estava cheio de heróis nórdicos que tinham vindo para provar a hospitalidade do Lobo e não pensou que ela pudesse agüentar as histórias de conquista que, mais que provavelmente, ouviria. Passou a manhã com Moira, esperando encontrar um certo consolo para sua própria agitação, na companhia de sua amiga. Mas só ficou mais triste. Moira gostava de falar de como seus filhos poderiam crescer como amigos, e Erin duvidava cada dia mais que Olaf a quisesse junto ao seu filho, para vê-lo crescer.

Conforme chegava à tarde, Erin se sentia mais agitada. Ela tinha obedecido o ultimato de Olaf e tinha permanecido dentro da residência desde sua volta, mas de repente, se despreocupou de suas advertências. O impulso de evitar as paredes de pedra era urgente. Com a comoção que tinha lugar e enquanto a cidade e a residência fossem um enxame com os visitantes do mar, seria fácil para ela sair de maneira furtiva.

Poderia cavalgar para o escarpado, para permitir à tempestade do oceano acalmar sua alma, e voltar.

É tola, pensou. Embora ela era a parte errada, a vítima sem defesa. Tinha que ir ao mar. Exercia uma atração sobre ela irresistível.

Enquanto cavalgava pôde sentir a terra debaixo dela, sentia o poder e a força de seu cavalo. Isto era a liberdade. Do escarpado podia ver o porto e a praia na boca de Liffey e os grandes navios dragão ancorados. Hoje os navios não ofereciam nenhuma ameaça, mas ainda assim, os temia. Simbolizava o abismo que se interpunha entre ela e Olaf, um abismo de costumes, de sociedade... De confiança.

Nunca lhe perdoarei, recordou-se com uma comovedora dor, embora não tivesse nada com o que lutar contra ele. Ele tinha o poder de tomar tudo dela e não lhe dar nada. Se ele se cansou dela, estaria realmente perdida, e não importava de que forma sua dignidade e sua mente gritassem que devia negá-lo, até que sua força não pudesse sustentá-la mais, até que seu coração e seu corpo o pedisse a gritos.

Ela sentia falta dele pelas noites, e se torturava com visões dele abraçando outra. Houve algo belo uma vez, embora fosse só durante um breve momento. Dourado e formoso. Uma conexão que foi além da conquista, a luta, a cólera, ou o medo. Além das raças, além dos povos. Esse dia sobre o escarpado, fazia muito tempo agora, outro mundo, outro tempo. Eles tinham se encontrado como um homem e uma mulher, haviam se... amado.

Olhando como o fluxo golpeava e rompia contra a rocha, Erin não ouviu os ruídos dos cascos até que estivessem sobre ela. Apesar de sua resolução de não preocupar-se com os decretos de Olaf, um pouco de medo a percorreu. Deu as costas ao mar com pânico, para sentir-se aliviada ao ver que eram Brice e Gregory os que cavalgavam para ela.

— Erin! - Gregory a chamou, com um tom tanto de reprimenda como de alívio- Minha prima mais querida, nunca pensei que fosse uma tola!

Erin ficou rígida sobre seus arreios enquanto Gregory e Brice chegavam. Ela alternou o olhar entre seu primo e seu irmão antes de explorar.

— Tola! Gregory, que você entre toda a gente me tache de ...

— Erin, está se comportando como uma tola - Brice a interrompeu firmemente. Sua voz se suavizou-. Pensou, irmã, porque Gregory e eu não protestamos a seu marido sobre a decisão que tinha tomado? Olaf nos disse que só ordenou que permanecesse dentro de sua casa. É uma ação acertada, irmã, para um viking, e para qualquer homem que encontrasse a sua esposa na ponta de sua espada.

Erin fechou seus olhos um momento.

— Uma ação acertada! Brice, não cavalguei contra Olaf! Fui enganada. Se meu próprio irmão não me conceder o benefício da dúvida....

— Nada disso importa agora! - Gregory exclamou, parando a briga que rapidamente estava se tornando acalorada-. Erin, devemos retornar. Um mensageiro veio de Tara, e seu marido te procura.

Erin mordeu seu lábio inferior entre seus dentes, antes de começar a tremer.

— Sabe Olaf que eu saí?

— Não sabemos - disse Gregory brandamente-. Sugiro que voltemos rapidamente. O salão está lotado, possivelmente ele não tenha descoberto sua ausência ainda, por isso não devemos desperdiçar mais tempo falando.

Ele girou seus arreios e pôs o cavalo em marcha. Brice e Erin lhe seguiram, em uma rápida perseguição. Eles não reduziram a marcha até que alcançaram as muralhas. Uma vez dentro, Brice a impulsionou a desmontar.

— Volta pela cozinha, Erin, e finje que estiveste ocupada. Gregory e eu nos ocuparemos de sua égua.

Erin assentiu com a cabeça, a garganta travada.

— Brice - ela disse brandamente - me acredite- Não sou culpada. Mas lhe agradeço isso, irmão.

— Somos MacAeds, Erin. E se me diz que não é culpada, então, eu confiarei em ti.

Erin voltou a assentir com a cabeça e andou rapidamente, afastando-se dos dois. Deslizou para a parte de trás e entrou na cozinha, grata de ver que tudo estava um caos. Ela conversou com Freyda e vários dos cozinheiros, e logo se moveu rapidamente para o salão, tentando acalmar os tremores de nervosismo que facilmente poderiam delatá-la. Para seu alívio, tropeçou com Eric, que estava inspecionando a estrutura dos muros.

— Erin! - saudou-a, sorrindo abertamente -. A irlandesa que eu procurava para dar um festim aos meus olhos, acima de qualquer outra- um pouco de seu nervosismo se desvaneceu quando ela riu. Nunca tinha pensado que poderia desfrutar de um flerte com um viking, mas o fez. Eric oferecia uma amizade que era tanto por respeito a ela como por ser a esposa de seu irmão, adulando docemente seu machucado ego.

— Duvido, irmão viking, - murmurou ela - que tenha muita necessidade de tratar de conquistar pela força, já que certamente se renderiam ante sua língua ágil e seu irresistível sorriso.

Eric riu, avaliando-a, calorosamente, com os olhos.

— Ah, minha moça irlandesa, penso que um homem não necessita uma língua fácil para brincar sua beleza.

— Mas certamente que uma ágil inteligência e encanto são vantajosos.

Erin ia replicar, mas a voz de Olaf interrompeu sua conversa, secamente. Seus tremores começaram outra vez, enquanto voltava seus olhos para os olhos azuis que a olhavam fixamente.

— Estive te procurando, minha esposa- Ela não podia identificar por sua postura com os braços cruzados ou por sua fria voz, se suspeitava que tinha desafiado seu decreto. Como estava acostumado a fazer tão freqüentemente, parecia que a estava desafiando com suas palavras, fazendo-a cair em uma armadilha.

— Estive muito ocupada, meu senhor - murmurou ela, tentando deixá-lo para trás rapidamente.

Ele agarrou seu braço, parando-a. Durante um momento o cativante azul de seus olhos nórdicos pareceu atravessá-la, logo sorriu para Eric.

— Nos perdoe, irmão. Um mensageiro de seu pai espera a minha senhora.

— Está perdoado - disse Eric cordialmente. Erin se convenceu de que havia um pouco de diabo em Eric, quando ele agarrou sua mão livre e se inclinou sobre ela, para roçá-la ligeiramente com seus lábios- Espero ansioso sua companhia mais tarde, irmã. Desfrutarei da companhia de uma mulher formosa ao meu lado.

Olaf grunhiu, com impaciência, e a separou de Eric. Eles andaram em silêncio para a câmara de guerra de Olaf, mas Erin tremia outra vez, com um toque de exaltação mesclada com medo. Era possível que Olaf pudesse estar com ciúmes dela? O desejo a abandonou, enquanto começava a perguntar-se se ele sabia que ela tinha desobedecido suas ordens.

Gregory e Brice já os esperavam, junto a um pequeno homem que levava as cores das tropas de seu pai.

Olaf saudou com a cabeça aos três homens que estavam dentro da habitação e se moveu para a janela, apoiando-se contra a parede e olhando fixamente para fora. O mensageiro lançou um olhar, nervosamente, pigarreou, e começou a falar.

— Aed Finnlaith, Ard-Righ da Irlanda, decreta que seu filho, Brice, e seu sobrinho, Gregory de Clonntairth, voltem para Tara pela manhã. Os sacerdotes foram convocados para oferecer missas pela alma de Leith MacAed, e é apropriado que sua família esteja lá-. O mensageiro pigarreou novamente, lançando um olhar às costas de Olaf-. Aed Finnlaith, Ard-Righ da Irlanda, também solicita que sua filha, Erin, esposa e rainha do rei de Dublin, compareça a estas missas. Pede ao seu aliado, seu filho por casamento, Olaf da Noruega e Dublin, que se dirija a Tara, e se uma às Fais anuais, os estatutos de governo, para ser....

O mensageiro falou, monótonamente, mas Erin não o ouviu mais. Casa! Sua mãe — que vontade tinha de ver sua mãe. E Aed! Parecia que fazia uma eternidade desde que tinha visto seu pai. Sua partida tinha sido tão

amarga. Ela o tinha tratado tão mal, que desejava lançar-se em seus braços, sentir seu amor, permitir que sua sabedoria a acalmasse. Casa. Um lugar para recuperar suas forças, para encontrar paz e refúgio.... Ela voltou para o presente quando escutou Olaf falar.

— Sinto que minha esposa e eu não possamos deixar Dublin agora. Estive lutando em guerras a maioria do tempo, há muitas coisas urgentes dentro da cidade que requerem minha atenção. Entretanto, procurarei chegar para o Fais, e lhe peço que transmita minha gratidão ao Ard-Righ por seu convite para me unir com os senhores irlandeses.

Erin sentiu como se tivesse recebido um golpe, uma faca retorcendo-se dentro de seu estômago. Ele não ia permitir que partisse.

— Olaf - Gregory falou seu nome, com uma tranqüila dignidade — Aed pede que sua família se reúna para rezar por um irmão perdido. Brice e eu assumiremos a responsabilidade de proteger sua esposa

— Olaf... — Erin estremeceu, quando compreendeu que a voz que suplicava era a sua. Mas tinha falado e tinha que seguir — Desejaria muito, de verdade, ver meu pai.

Olhou-a fixamente, com sangue-frio.

— Falaremos disso, mas não neste momento — Seus olhos pousaram sobre Gregory e Brice, e novos tremores correram através da coluna de Erin quando viu seu olhar fixo e reflexivo. Olaf sabia. Ele sabia que seu irmão e seu primo a tinham apressado para voltar para a cidade, mas ele não disse nada. Ele seguiu seus passos para a porta e logo se voltou -. A tarde nos espera. Erin? - inclinou-se, cortesmente, com serenidade.

Ela forçou a si mesma a tragar a decepção que se elevou, debilmente, dentro dela e assentiu. Não olhou para Brice ou Gregory, apressando-se para o grande salão onde, silenciosamente, tomou seu lugar na mesa. Não podia olhar Olaf pelas lágrimas que ameaçavam saltar de seus olhos, quando ele se sentou a sua esquerda. Vikings e irlandeses ocupavam seus lugares com uma alegria surpreendente e um bom humor curioso, mas Erin notou pouco do que ocorria. Deus querido, como desejava ir para casa, com sua mãe, Tara, aquele lugar antigo de beleza e orgulho, invencível e irrefutavelmente irlandês.

Ela foi arrancada de seus pensamentos quando Eric, que tinha escolhido o assento a sua direita, inclinou sua cabeça em direção dela.

— É interessante, não, minha senhora? Passar o olhar por este salão. Os homens se fizeram amigos aqui. Nascemos para rasgar gargantas, sem nos darmos conta que podemos ser homens com interesses parecidos. Hoje passei algumas horas com seu irmão, falando das vantagens de uma cuidadosa criação de cavalos, ele um irlandês, eu, um norueguês. Parecemos ter muito em comum, Brice MacAed e eu. Embora ele, se não fosse seu irmão, e eu o de Olaf, provavelmente nos teríamos encontrado,

não através dos lombos de um cavalo, mas na ponta de uma lança um do outro.

— É interessante, Eric, e sempre bom, quando os homens não procuram destruir-se, - respondeu ela, sorrindo tristemente sobre sua perspicaz sabedoria.

— É uma pena que aqueles que criaram a paz não possam encontrá-la — disse Eric, pousando o olhar em Erin, com compreensão. Ele se inclinou, ainda mais perto— Pensa nisto, Erin de Tara: os homens mais sábios freqüentemente podem ser os cegos mais tolos, já que eles governam com integridade, e não com o coração.

Erin olhou com curiosidade.

Ele sorriu devagar, enquanto seus olhos azul acizentados cintilavam, pícaramente.

— Mas de novo, possivelmente, o irmão de um Lobo é o único que lhe desafiaria a torcer sua cauda e o forçaria a sentir seu coração.

Lhe piscou um olho. Erin baixou sua cabeça e seguiu o olhar de Eric para Olaf.

Seus traços de granito se obscureceram, o cenho franzido, suas sobrancelhas se enrugaram com uma contemplação ameaçadora. Ela sorriu, reservadamente, então franziu seus lábios. De verdade Eric poderia torcer a cauda do Lobo? Poderiam ser ciúmes o que ele sentiu enquanto a observava falar e rir facilmente com sua própria família?

Seu sorriso murchou quando Olaf inclinou sua cabeça e falou brandamente.

— Tome cuidado esta noite, irlandesa, porque já me tomaste por tolo muito tempo. Sou bem consciente que me desobedeceu, igualmente consciente de que seu primo e seu irmão tentaram te salvar de minha ira.

A garganta de Erin se fechou e não fez nenhuma remota tentativa de seguir comendo. Sentou-se para trás em sua cadeira, e voltou-se para ele, suplicando em voz baixa.

— Rogo-te que não faça de meu irmão e Gregory responsáveis por minhas ações.

Olaf se inclinou para trás e a observou avaliando-a, com seu olhar fixo, ainda ameaçador e alerta, como se imaginasse uma armadilha, ou olhasse com cuidado, procurando uma reação.

— Não tenho nada contra os dois, já que eles são moços valentes e robustos, bons e leais. São sua família, é natural que procurem te proteger, cegamente.

Erin tentou com calma beber do cálice de prata que compartilhava com Olaf.

— Possivelmente não é lealdade cega, meu senhor, a não ser simples confiança.

— Confiança, irlandesa? — perguntou amavelmente— Me enganou hoje, me desobedeceu, desafiou-me. Mas não importa. Você solucionaste o dilema para mim. Eu, possivelmente, te teria permitido visitar seu pai em companhia dos dois. Hoje selaste minha resposta.

A punhalada de suas palavras a golpeou profundamente. Ela bebeu do cálice, mas seus dedos tremiam e o líquido ondulou, perigosamente, perto da borda. Deixou o cálice e juntou seus dedos em seu colo, pensando em falar com frieza, antes que as lágrimas se abatessem perigosamente e se convertessem em soluços.

— É sua última palavra então - disse ela, com frieza.

— Deveria ser — respondeu ele, com sua voz concisa, embora inquietantemente rouca — Mas possivelmente, irlandesa, dependerá da força de seu desejo ver sua família.

Assustada por sua resposta, Erin olhou em sua direção muito rápido, refletindo em seus olhos, a esperança que ele tinha elevado dentro dela.

— O que quer dizer? - não pôde impedir de perguntar, com voz rouca.

De modo desesperador, ele não respondeu em seguida. Seus olhos foram atraídos para o centro do salão, onde o espetáculo começava. Erin seguiu seu olhar, apertando seus dentes com agonia e ressentimento.

Olaf observava uma formosa mulher que dançava sozinha. Sua pele era da cor do mel, seus olhos tão negros como a noite e em forma de amêndoa. Vestia uma calça de seda que ocultava pouco, e interpretava uma música diferente de qualquer outra que Erin houvesse ouvido antes. Dançava com um ritmo que oferecia uma promessa: a da sedução.

— Ele a rechaçou, Erin de Tara. - Ela se voltou, rapidamente, para capturar os olhos de Eric sobre ela-. Um homem só se nega tal prazer quando sente que guarda um tesouro maior.

Eric sorriu e voltou para a conversação como o escandinavo que estava a sua direita, antes que ela pudesse responder. Erin olhou fixamente sua comida intacta, e logo voltou para a bailarina. Parecia que havia poucas razões para permanecer mais tempo dentro do salão. Olaf, provavelmente, não notaria sua retirada.

Antes que ela pudesse mover-se, sentiu sua mão em seu braço, e encontrou uma vez mais seus olhos queimando os seus com seu fogo de gelo.

— Para onde pensa fugir agora, irlandesa? - ele exigiu, em voz baixa.

— Não fujo — disse-lhe, com tranqüila dignidade — Estou muito cansada, e ansiosa de encontrar descanso em meus aposentos.

Ele a olhou, devagar, liberando-a.

— Então vá para seu quarto, esposa minha, mas me espere. Temos coisas que falar.

Para o horror de Erin, ela sentiu um calor atravessando-a, com suas meras palavras. Que horrível era ser alvo da cólera injustificada de um homem e ainda suspirar por ele.

— Espero — disse ela com um desdém digno de aplauso — Que aproveite. Não há nada que discutir.

Ele sorriu.

— Ah, mas, irlandesa, o que é o que houve sempre entre nós? Troca e contrato. Pode ser que descubra que quer negociar de novo.

— Está enganado - murmurou ela, ofegando um pouco — Não troquei, mas fui trocada.

— Possivelmente, irlandesa, já veremos. Vá para nosso quarto, mas me espere, que irei logo.

Erin ouviu os desejos de Eric de que tivesse uma noite agradável. Afastou-se da mesa com o coração pulsando a um ritmo vertiginoso. Precipitou-se pela escada e por sua porta, fechando-a rapidamente para inclinar-se fracamente contra ela. Que Deus a ajudasse, qual seria este novo insulto dele? Ela tremeu, e se sentiu ardente. Como poderia resistir a ele?

Devia resistir embora não pudesse suportar que ele fosse procurar à exótica bailarina ou a outra. Idiota, castigou-se a si mesma, já que fazer Olaf dormir longe dela, era o único poder que tinha, a única dignidade que podia conservar enquanto continuasse considerando-a uma traidora.

Escapou-lhe um pequeno soluço. Se somente pudesse ir para casa, não teria que saber se procurava outra. Ela poderia encontrar uma nova força, e aliviar a dor que chorava por dentro, traindo-a, traindo sua resolução. Vendo-o, suspirava por ele com uma ardente e arrepiante agonia. Quanto tempo fazia que o amor, que ela não podia matar com a cólera, e as paixões que eram uma tempestade constante entre eles, rompeu as barreiras frágeis de seu controle e a abandonou realmente à mercê do Lobo?



CAPÍTULO 21

A lua era brilhante e crescente no céu, quando Erin a olhou fixamente. As estrelas mostravam um conjunto brilhante de esplendor contra a tinta negra do céu. O ar que passava pela janela aberta era frio, embora Erin não se sentia com coragem suficiente para levantar-se e fechá-la, tremendo dentro de sua fina camisola de linho. Não havia muita diferença. A tensão da ansiedade era muito maior que o frio. Não pensava que pudesse ficar mais nervosa, e mesmo assim tremeu

ligeiramente quando ouviu que se abria a porta e logo se fechava, e uma nova onda de sensações a sacudiu.

Não se voltou, mas esperou, consciente de que ele se apoiou contra a porta que, deliberadamente tinha fechado, consciente de que ele a olhava. Ela tragou bruscamente, perguntando-se que jogo estava fazendo, já que se ele tinha decidido que a queria outra vez, sabia que só tinha que tomá-la. Seus pensamentos viajaram traiçoeiramente naquele rumo. Tinha que manter sua posição contra ele, e embora rezasse para que ele estendesse a mão e a reclamasse antes que ela sucumbisse, pelo menos poderia conservar seu orgulho.

— Devo te aplaudir, esposa, - declarou ele, finalmente, com uma voz lenta e suave-. Parece que capturaste o coração de meu irmão. Eric está muito impressionado.

Erin encolheu os ombros, mantendo-se de costas.

— Acho Eric cortês e agradável.

— Estranho, já que ele é de minha família.

Erin não fez caso de seu comentário.

— Teria recebido mais gentilmente para sua família, se tivesse sabido que viria. De fato, acabo de saber que existe.

— Pensa, senhora, que os vikings são realmente a semente do diabo vomitados sobre a terra em vez de nascidos de mãe e pai? Certamente deve ter suposto que eu tinha família.

— Nunca falaste de sua família.

— Nunca perguntou.

Erin se encolheu uma vez mais, e tremeu quando um ondulação na brisa enviou uma rajada de ar frio para dentro. Permaneciam em silêncio, e Erin sentiu que o frio ecoou na distância entre eles. Embora ela sabia que só tinha que dar a volta para encontrar o aço de seus olhos e sentir que era tocada por uma chama.

Ela não quis se virar, não quis encontrar aqueles olhos que roubavam sua alma, ameaçando privá-la de todo o orgulho e revelar tudo o que tinha procurado, tão desesperadamente, manter oculto em seu coração.

— Fecha essas janelas! - ordenou bruscamente —. Quer pôr em perigo sua saúde e a de meu filho?

Erin fechou as janelas gradeadas, mas continuou olhando fixamente, sem expressão. O silêncio reinou entre eles, uma vez mais, tanto tempo que se perguntou se acabaria esmurrando as paredes de pedra e gritando em voz alta, como os fantasmas da morte que atormentavam os bosques.

— Dê a volta, Erin - ordenou ele, finalmente, de forma suave.

Ela o fez muito devagar, entrelaçando seus dedos fortemente, baixando sua cabeça ligeiramente para olhá-los fixamente.

— Tenho curiosidade, irlandesa, de saber por que não olha para mim.

Erin levantou seus olhos para ele.

— E eu tenho curiosidade, meu senhor, de saber que jogo está jogando. Olaf levantou uma sobancelha, enquanto cruzava os braços sobre seu peito e sorria ironicamente.

— Temo que terá que se explicar melhor, se deseja uma resposta.

— Muito bem – disse Erin com serenidade levantando seu queixo- O que é que quer, meu senhor? Do que temos que falar?

— Não é o que eu quero Erin, mas o que você quer.

Ela se voltou, olhando fixamente para as janelas fechadas.

— Não me enganará, Olaf. Não espero que me dê permissão para viajar com Gregory e Brice para Tara.

— Te volte, Erin, e, por favor, não acabe com minha paciência me fazendo pedir isso, continuamente — Ela se voltou, suspirando com impaciência — Me diga, irlandesa — exigiu ele brandamente— Quem é o que te causa esta dor? Leith, ou o jovem rei de Connaught? O irmão ou o amante?

— Fennen nunca foi meu amante - respondeu Erin brandamente — Sabe muito bem.

Ele inclinou sua cabeça, ligeiramente.

— Responda minha pergunta.

— Sofro por ambos, Olaf — respondeu ela, com uma tranqüila dignidade — Por um irmão amado de verdade ao longo dos anos, e por um amigo que era valente e afetuoso, um jovem nobre, chefe de sua província.

Olaf ficou em silêncio durante um momento e logo lhe falou, brandamente.

— Não falaremos mais disto, e não pisotearé mais em seus sentimentos, porque a dor que suporta é algo que conheço, e eu não retorceria uma adaga que estivesse perfurando um coração.

Ele pigarreou, como se estivesse impaciente com a própria emoção de seu coração. Sua voz mudou, bruscamente, para o tão conhecido cinismo e zombaria.

— A pergunta é, irlandesa, quanto, de verdade, você gostaria de ir?

Ela começou a sentir um retumbar em seu coração, quando compreendeu que a estranha luz em seus olhos era algo com o qual não estava familiarizada. Estes ardiam com um anil estranho, distantes, mas explorando, com intensidade.

— Certamente sabe - replicou, lamentando por dentro o fato de que não podia fazer com que sua voz fosse mas que um sussurro aflito — Que quero ver meu pai desesperadamente... Ver minha casa — Ela silenciosamente limpou a garganta, mas sua voz era ainda rouca — Mas, como sabemos, meu senhor, me negará isso.

Ele não respondeu em seguida. O calor que ela tinha esperado, tomou seu corpo e suas bochechas se tingiram, enquanto ele examinava suas

formas devagar. O linho que vestia era transparente. À luz da vela revelava suas formas.

Os olhos dele voltaram para os seus.

— Possivelmente não, irlandesa. Depende de ti

— Estás de brincadeira

— Não, não estou. Dependerá do prêmio que valha a troca.

— Não entendo por que zomba de mim com estas palavras de troca-gritou Erin — Pede-me para trocar meu corpo, e promete que fazendo isso, posso viajar à casa de meu pai? Então te digo, meu senhor, sei, por experiência, que fará o que te agrada, independentemente do que eu diga. É, ainda, meu marido. Nunca lutei contra você.

Ela se surpreendeu ao ver que um sorriso sutil de diversão surgia em seus lábios grossos, rodeados pela barba.

— Isso, irlandesa, é discutível. Mas não, Erin, não te peço para trocar seu corpo. Não sou um idiota, senhora, e tampouco seria capaz de trocar o que já é meu.

Aborrecimento e humilhação cobriu seu rosto com um rosa suave. Ela tinha pensado permanecer fria e desdenhosa e, de qualquer forma, ele simplesmente estava jogando com ela. Tinha sido uma idiota ao assumir que ele a tinha desejado, enquanto tinha estado longe naquelas semanas. Enquanto ela se tornava mais redonda e pesada, uma criatura formosa, criada para o prazer em uma terra distante, esperava para satisfazer suas necessidades, se ele assim o escolhesse.

— Peço então — disse ela — que cesse com esses jogos, já que realmente estou começando a me cansar. Diga se sim ou não e poderei ir...

— Um homem - interrompeu ele - qualquer homem, sim, até um viking, diz sim ou não, quase sempre, dependendo de seu humor. Se ele estiver de bom humor, mais facilmente diz sim. Quanto mais contente estiver mais tenderá a agradar.

—Olaf! sua voz era um grito abafado- O que quer de mim? Diz que não tenho nada para trocar...

— Não, não é isso o que está em questão agora.

Ele a interrompeu, com uma voz tão suave que era quase um sussurro, mas ela o ouviu com todo o seu ser. Isto a perturbou, enviando um calor vertiginoso ao longo de sua coluna e através de seu corpo.

— Você disse - continuou, dando um passo para ela, e logo detendo-se - que não podia trocar seu corpo. Mas não procuro uma mulher passiva. Nem uma resposta fingida. Uma vez me disse que há algo que não pode ser tomado, que só pode ser entregue. E foi sábia nisto, irlandesa. Me agrada. Venha para mim, espontaneamente e me dê a resposta que eu quero.

Erin olhou-o, incrédula, o fogo de esmeralda em seus olhos querendo saltar e enredar-se, como um relâmpago irregular, no crepitar dos olhos dele.

— Está brincando comigo , de novo! - Erin lhe ralhou, friamente - já que não quero ...

— Ah, mas esse é o sentido da troca. Alguém deve dar para receber. Se quer ir a Tara, então deve melhorar meu humor,que,neste momento, está sombrio.

— Não posso - ela começou outra vez com um ofego, mas com sua voz apagada enquanto ele encolhia os ombros e dava volta, bocejando enquanto soltava o broche que prendia a capa sobre seu ombro.

— Então, desafortunadamente, permanecerá dentro de meus muros.

— Olaf! - Erin desenlaçou seus dedos e seus punhos golpearam as costas dele.

Ele se voltou para enfrentá-la uma vez mais, com uma sobrancelha dourada levantada em uma pergunta cortês.

— É um bastardo! - ela rosnou.

— A decisão foi sua .

Dilacerada e confusa, ela seguiu olhando fixamente.

— Que diferença ...

Sua sobrancelha se arqueou mais alto e seu sorriso zombador se alargou.

— Ah, supõe uma diferença enorme, Erin. Isso é um trato.

De todos os modos ela vacilou, como se os segundos pudessem dar alguma resposta divina ao seu dilema.

— Equivoca-se, Olaf, já que tanto se for eu quem corto a distância entre nós ou for você, ainda me sinto forçada.

— Não, Erin. Se moverá por sua vontade. Esta noite só tem que me dizer sim, para que eu não abandone a habitação.

— E caso diga não, me negará a permissão para viajar para a casa de meu pai!

Ele encolheu os ombros.

— Digo de novo, um homem de bom e humor está mais predisposto a dar. Pensa sobre isto, Erin. Perguntas muito. Os convidados estão dentro de nossa residência. Solicita isto depois de desafiar minha vontade. É sua opção. De fato, advirto, que deve me agradar enormemente pelos acontecimentos do dia que puseram a prova meu caráter.

Erin fincou seus dedos fortemente em sua palma, rasgando sua carne com as unhas. Parecia que ele sempre ganhava suas batalhas com um elemento surpresa, um giro no método de assalto. Este a tinha deixado atordoada e sem defesa. Se ela pudesse pensar com serenidade, e lhe dizer que não havia nenhum prêmio que ele pudesse oferecer para conseguir o que solicitava...

Tinha-a deixado verdadeiramente vulnerável, sem defesa. Ela ardia em chamas com saudades dele... seus passos... aqueles que a tinham abandonado com orgulho. Sua mente se entorpecia com a necessidade de seu corpo e de seu coração. Ela não podia lhe deixar sair pela porta. Seu orgulho não igualava o sacrifício de saber que, nesta noite, com suas paixões acelerando-se com força, ele poderia deixá-la, partir do quarto, e procurar à beleza exótica que tão bem tinha dançado.

Seu rosto relaxou, enquanto encolhia os ombros e se voltava, uma vez mais, para a porta de entrada. Ela não podia seguir com isso.

— Olaf! - sua voz foi um gemido, trêmulo.

Ele parou, inclinando-se com um ar de expectativa.

— Entende o que digo, irlandesa - disse ele severamente- Nada de meias entregas. Nada de beijos rígidos, nem de lábios frios. Virá para mim livremente, e me oferecerá tudo.

Ela tremeu e sentiu secar a garganta. Olaf, ela suplicou silenciosamente, se fosse você quem se aproximasse de mim, encontraria tudo o que buscas. Tenho medo, medo de que eu faça. Assustada de que minhas formas não te seja tão atraente como aquela que viu tão elegantemente dançar.

— Erin.

O tom tranquilo de sua voz era irresistível, e de todos os modos ela não podia mover-se. Ele falou outra vez, e ela compreendeu que ele realmente poderia alcançar seu coração e sua alma com o aço azul de seu olhar.

— É, esposa, ainda mais formosa para mim. É meu filho o que arredonda seu ventre, enche suas bochechas com o rosa da saúde, e torna seus seios pesados. De verdade, Erin, quando as luas restantes tenham ido e vindo e esteja quase no final da gravidez, sua forma ainda, para mim, será a mais formosa. É mais que uma febre para mim, irlandesa, e ainda, não posso compreender por que.

As lágrimas caíram de seus olhos. Não me fale tão gentilmente, ela gritou por dentro. Não me adule e enrole quando falar das necessidades da carne e não do coração.

— Irlandesa, não esperarei muito mais.

Elevou os olhos para os seus, lhe devolvendo fogo. Não lhe mostraria mais seus medos, nem seu coração. Ele desejava negociar. Ela cumpriria sua parte naquela troca. Ele retorceu sua alma e ela pagaria o preço que ele exigia, com toda a delicadeza que possuía.

Ela deu um passo da janela e logo parou, olhando fixamente enquanto alcançava a prega de seu vestido e o tirava de uma maneira lenta, sobre sua cabeça. Ainda olhando fixamente, Erin deixou cair a roupa, e esperou enquanto o nórdico azul de seus olhos se voltava mais profundo,

percorrendo-a com o olhar, dando uma pequena pista de sua avaliação enquanto seguia esperando seus movimentos.

Ela começou a caminhar para ele, inconsciente de que a reticência trêmula que havia por trás de sua audácia, fazia com que seus passos fossem mais atraentes, que o balanço de seus quadris fosse mais que uma tentação.

Por que, ele se perguntava, cada vez que a via, imaginava um banquete que devia devorar vorazmente com seus olhos, uma e outra vez? Ele não mentiu quando disse que ela exercia uma forte fascinação sobre ele ao levar seu filho. Sua garganta e seus ombros ainda tão magros, tão erguidos, seus seios maiores e cheios, as veias azuis que atraíam o toque de seus dedos, seus mamilos escuros e erguidos. Ele ainda podia ver as sombras de suas costelas debaixo de seus seios, e logo o inchaço sutil de sua cintura, e a redondez de seu ventre nas linhas de seus quadris.

Suas pernas não tinham mudado. Longas e ágeis e cruelmente esculturais. Ela se moveu com um mistério e uma graça inata, cada passo que dava era uma demonstração de sedução. Tudo o que tem que fazer é caminhar, esposa minha, ele pensou, e daria prazer a qualquer homem que respirasse.

Ocorreu-lhe então que ele tinha ganho mais que ela, já que a deixava ir a Tara. Mas, por agora, isso não importava. Ele teria dado sua alma ao diabo cristão, neste momento. A tinha estado observando durante o dia, e seus olhos de esmeralda brilhavam sorridentes, enquanto deslumbrava a seu irmão. Olaf sabia que daria algo, sacrificaria as noites vindouras, somente por este momento. Usaria qualquer meio, justo ou sujo, para fazê-la vir a ele, olhar fixamente em seus olhos iluminados pela paixão de esmeralda e a magia que existia na tensão entre eles.

Seu fôlego pareceu prender-se em sua garganta, enquanto ela se aproximava. O aroma suave e sutil de rosas atacou seus sentidos, enchendo-o, impregnando sua corrente sanguínea. Ele poderia estender a mão e sentir o matagal de seu cabelo sedoso, sentindo a dor em seus dedos querendo acariciar a plenitude de seu seios.

Mas ele não o fez. Não se moveu, embora tremendo por dentro. Estava ardente, mas esperando que o êxtase de seu contato ultrapassasse ao de seu movimento sensual para ele.

Erin parou quando chegou junto a ele, baixando seus cílios em forma de meia lua de ébano, sobre suas bochechas. Erin tremeu com vacilação, com medo outra vez de que não pudesse lhe dar o prazer que ele exigia. Mas Olaf não cedeu, e ela tinha que continuar. Não podia se acovardar agora.

Ela levantou seus olhos e encontrou o que a aguardava, avaliando o azul de seus olhos. Seus lábios secaram, e ela os tocou ligeiramente com a ponta de sua língua e moveu seus pés nus no chão para avançar o último

passo. Ela parou diante dele, muito perto, o bastante perto para sentir o inferno de calor e poder, a força e os músculos, a força do desejo que sua roupa não podia ocultar.

— De todas as formas — sussurrou ele, sendo suas palavras uma carícia sobre sua bochecha.

Ela permaneceu de pé, escorregando seus braços ao redor de seu pescoço, e ligeiramente, muito ligeiramente esfregou os lábios contra os seus, tremendo quando o contato suave de sua barba roçou a carne de seu rosto.

Erin se afastou, ligeiramente, mas mesmo assim ele ficou olhando-a fixamente com seus olhos cheios de antecipação. Ela levou as mãos a sua face, alisando uma mecha de cabelo dourado, estendendo logo seus dedos sobre suas bochechas e sua mandíbula. Roçou seu polegar sobre sua boca, e se aproximou outra vez, pressionando os lábios contra os seus, moldando seu corpo contra o dele, apertando seus seios contra seu peito, entrelaçando seus quadris e movendo-se contra ele.

Um gemido retumbou de seu peito quando seus braços se fecharam sobre ela, fundindo firmemente seu contato. Aprofundou o beijo que ela tinha começado, enquanto se abandonava à paixão, acariciando sua boca a fundo com calor e exigindo o contato de sua língua. Suas mãos se moveram sobre suas costas, massageando, dominando, enredando-se em seu cabelo, explorando seus ombros e sua coluna, as baixando para embalar suas nádegas e as levantando para pegá-la cada vez mais contra ele.

Embora tivesse vontade de gritar, deixou-se cair fracamente contra ele. Mas quando seus lábios se separaram, ela deixou que seu cabelo ocultasse sua face, protegendo seus olhos, enquanto deixava de lhe acariciar a face para desatar seu broche, permitindo que o brasão prateado do lobo caísse ao chão sem lhe prestar atenção, junto com o majestoso tecido vermelho de sua capa, que flutuou para baixo como uma nuvem ardente.

Ficaram olhando-se fixamente durante um momento, e naquele espaço de tempo, Erin soube que se rendeu a sua vontade, e ainda nisso encontrou a força de uma confiança estranha. Naqueles breves segundos lhe chegou uma admissão faminta, suas necessidades se assemelharam à nuvem sangrenta de sua capa que caiu, tão pura e tão honesta, tão forte e tão inegável, tão corajosamente poderosa. Erin baixou seus olhos, ficando de joelhos ante ele, humilde e ainda assim orgulhosa, enquanto lhe tirava as botas.

Olaf posou as mãos sobre sua cabeça e logo enroscou os dedos por seu cabelo para alisá-lo. Mas ela não procurou seus olhos, em troca voltou sua atenção ao seu cinturão. Ele permitiu esta ação, acariciando a seda noturna de seu cabelo entre seus tensos e trementes dedos. Ele tomou

suas mãos brevemente para retirar a túnica de seus ombros permitindo-a também cair sobre o chão, e logo voltou e tê-la outra vez em seus braços, com a carne nua lhe atormentando sem piedade embora lhe apaziguando com uma satisfação doce e sensual.

Ele estava assombrado e enormemente satisfeito quando ela continuou com sua valente agressão, com uma maestria instintiva, movendo-se contra ele, acariciando seu peito com a carícia rítmica de seus seios, sua virilidade com a ondulação sutil de seus quadris. E enquanto ela se movia, seus lábios e seus dentes roçavam seus ombros, seus dedos delicados encontravam a força e o domínio, enquanto acariciavam seus ombros e seus braços, explorando a espiral de cabelo dourado sobre seu peito, seus mamilos e a tensão de seus músculos mais abaixo.

Ela se deixou cair para ir de encontro a ele de novo, tocando e acariciando com seus dedos, atormentando com seus lábios, enquanto explorava, com uma leve vacilação, como uma grande aventura. Tudo... de verdade, realmente lhe deu tudo, jogando o jogo dos amantes, o qual ele a tinha ensinado tão bem, esquentando suas coxas, seus quadris, tomando-o de uma forma que lhe destroçava, fortalecia-lhe e acendia fogos que lhe avivavam além de sua resistência.

Ele a alcançou então, com um gemido de exigente agonia, sem deixar lugar para dúvidas. Olaf a levou em seus braços à cama, e se encontrou com uns olhos de esmeralda, deslumbrados, com tudo o que ele tinha desejado. Ela riu, e outra vez seus olhos, com suas pestanas escuras, sustentavam a beleza e o mistério que os envolviam, hipnoticos com uma fascinação que ele nunca poderia evitar.

Ele se deitou ao seu lado, colocando seu cabelo contra o travesseiro. Mas ela estava cheia de energia provocadora essa noite, e roloou sobre ele, deslizando seu corpo, enquanto se colocava montada, arqueando sua silhueta cheia de uma beleza orgulhosa e esplêndida, enquanto o tomava dentro dela. Um estremecimento de prazer lhe arrasou e agarrou sua cintura, dirigindo-a quando ela começou um movimento fluido e sensual. Suas mãos se moveram pela elegante linha de suas nádegas, e logo depois todo seu interior explodiu em chamas, agarrando as mechas de ébano de seu cabelo para atrain-la, devorando sua boca com a fome de seus sentidos. Ela choramingou, ligeiramente, ante sua demanda, e se esforçou por acompanhar sua tempestade. Suas mãos vagaram por sua coluna de novo, encontrando a curva de seu quadril, mantendo-a contra ele. Seu beijo se interrompeu e Erin se elevou sobre ele uma e outra vez, mas enquanto se encontravam na tormenta de seus desejos, ele teve que tocar seus seios, e se levantou para acariciar os globos sensíveis, enredados dentro do cabelo de ébano selvagem, com seus beijos.

Ele a rodeou com seus braços, e sem separar-se dela, colocou-a debaixo, levando-os ao extase. Olaf a agarrou, quando sentiu seu

prazer, e tomou seus lábios de novo para acompanhá-la, com impulsos estremeceadores, embora quando ambos ficaram imóveis, ele não a liberou, não podia esperar, e naquele momento começou de novo, com um ritmo lento que reacendeu as chamas que ela tinha pensado que se apagaram.

— Não ... — ela sussurrou fracamente, preguiçosa e tremendo com a satisfação de seu corpo—. Não posso. Não penso

— Ah, irlandesa, você pode. Não pense ... sente, — sussurrou ele em troca, rindo sabendo quando ela gemeu e se retorceu de novo.

De repente, ela o agarrou ardentemente outra vez, suas unhas arrastando-se por seu cabelo, roçando suas costas. Ele a amou, admirou-a, desfrutou com ela, capturando rapidamente sua beleza e seu esplendor. Ele saboreou cada ôfego que chegou a seus ouvidos, sentiu o prazer em seus estremecimentos e gritos que outra vez atormentaram seu corpo magro tão bem encaixado embaixo dele. Tempo. Ele desejava mover-se ardentemente. Embora a tempestade que formou redemoinhos entre eles terminou pacificamente e, docemente completa e esgotada, Erin dormiu. Ele olhou a curva de seus lábios separados enquanto respirava, as linhas finas de sua face, o brilho elegante de seu corpo. Ele a envolveu em seus braços, exalou um comprido suspiro de profunda satisfação e dormiu.

Erin despertou devagar, deixando-se levar pela satisfação. Quando abrisse os olhos teria que confrontar a verdade, e era uma dor que queria evitar.

Sua noite tinha sido tormentosa e protegida, a terra e a magia. Embora tudo isto tinha acontecido para que ela pudesse deixar ao Viking de ouro que ainda dormia tão profundamente a seu lado.

Lhe tinha entregue seu preço. Poderia cavalgar para a Tara, dar consolo a sua afligida mãe, abraçar a seu pai, e arrastar as penas do passado. Seria capaz de chorar a morte de Leith e de Fennen, oferecer rezas por suas almas para que descansassem junto a Cristo, todo misericordioso. Necessitava esse tempo, precisava sentir-se perto daqueles que a amavam agora, aqueles que o tinham feito possível no pouco tempo que levava sobre a terra.

Mais desesperadamente do que tivesse estado por escapar, já que nunca poderia ganhar uma batalha quando se encontrava constantemente dando graças à terra. Ela tinha jurado não lhe perdoar nunca, embora sabia, como qualquer homem ou mulher que alguma vez tivesse amado, que ela estaria gostosa de lhe perdoar, mas era ele o que tinha que solicitar seu perdão.

Ela freqüentemente sonhava com esse dia, entre seus braços, um sonho que começava a ser dolorosamente real. Olaf acreditava, tomava sua

mão, admitia com angústia que se equivocou, suplicando seu perdão, reconhecendo que não a merecia. Dizendo-a que a amava por cima de todos.

Mas esse dia nunca chegaria. Ela teve que admitir, aceitar. As lágrimas encheram seus olhos. Quando ele a tocava, quando ele a sussurrava palavras de como o agradava, de como gostava de senti-la movendo-se dentro dela, era tão fácil de acreditar, de sonhar que um dia a amasse, confiasse nela, necessitasse dela.

Ela tinha que dar-se conta de que as palavras ditas em meio da paixão eram facilmente esquecidas. Ele não a necessitava ou a amava, desejava-a, e inclusive este era um vínculo muito frágil. Ela partiria e essa mesma noite ele poderia sussurrar palavras similares a outra mulher. Ele queria a seu filho, mas já a tinha advertido com ameaças encobertas que se usaria à lei irlandesa para deixá-la de lado uma vez que o menino tivesse nascido.

Ela afogou um soluço suave e começou a ser consciente dele. Seu braço ao azar estava jogado sobre seus seios, sua musculosa coxa e seu joelho curvado sobre seu quadril e sua perna. Ela abriu os olhos e girou ligeiramente a cabeça para estudar seu rosto.

Sua cara parecia muito mais joven enquanto dormia. As linhas de tensão se reduziam, o granito de suas emoções rigidamente controladas se relaxava. Embora a estrutura de sua face fosse esplendidamente dura, embora suas pestanas da cor do mel protegessem o penetrante azul nórdico de seus olhos, ele mantinha as qualidades de sua imprudente juventude. Seus lábios, tão cheios e definidos, separavam-se ligeiramente sob a franja de sua barba limpa recortada e de seu bigode. Estes se torceram um pouco, como se seus sonhos fossem doces. Uma mecha de cabelo dourado se deslocou por sua frente, enredando-se com suas grossas e claramente arqueadas sobrancelhas com forma de meia lua. Ela teve muitas vontades de tocá-lo, de sentir tanto a suavidade como a aspereza de seu cabelo, alisar o de sua frente, mas não o fez. Poucas vezes o Lobo dormia tão profundamente. Um suspiro, um leve movimento, facilmente poderia despertá-lo, e era agradável lhe olhar. Um homem poderoso se fazia vulnerável ante seu angustiado e sedento estudo.

Sua atenção se centrou em seus ombros e compôs uma careta quando pensou que, certamente, era uma fantasia vê-lo como vulnerável. Seus músculos permaneciam alerta sob o bronze de sua carne incluso enquanto dormia. Estava solidamente fortalecido. Tenso, impecável e musculoso. O rei dourado dos lobos. E o vou abandonar. Devo, ela pensou com muita dor, quando de repente se perguntou se ele teria a intenção de manter seu acordo esta manhã. Era possível que

simplesmente tivesse jogado com ela, que ria e lhe diria que não lhe devia nada.

Jogando fumaça pela vergonha de seu próprio comportamento impaciente, começou a toda pressa a deslizar-se por debaixo de seus membros estendidos acidentalmente, tratando de tomar cuidado. Mas esta manhã ele estava profundamente dormido. Não movia nem um músculo em sua cara.

Erin ficou de pé e se estirou, cambaleando-se ligeiramente pela dor de seus músculos, procurando apressadamente o vestido de linho que ela tinha descartado a noite antes. Felicitava-se sobre sua fácil fuga quando ficou congelada pelo medo, escutando um toque monótono mas firme na porta. Ela voou, esperando responder a chamada antes de que Olaf se desse conta.

Rig se encontrava diante dela, um pouco desconcertado quando a porta se abriu com fúria e Erin ficou lhe olhando fixamente com os olhos muito abertos. Ele levava uma tina de água para lavar-se, que chapinhou perigosamente sobre suas próprias mãos quando deu um passo para trás.

— Sinto muito, minha senhora — ele murmurou rapidamente—. Não sabia se desejava um banho ou não, mas isto trago porque seu irmão diz que deseja partir dentro de duas horas. Pede que tenha suas coisas prontas.

— O que? — Erin interrompeu, sacudindo sua cabeça com confusão enquanto enrugava a testa. Como poderia Brice saber que ela finalmente tinha recebido a permissão para viajar? Olaf não tinha saído fora da habitação desde que ela tinha chegado a um acordo com ele.

— Meu senhor Olaf anunciou ontem à noite que você acompanharia a Brice e Gregory a sua casa de Tara — disse Rig alegremente, convencido de que levava boas notícias. Sua risada se murchou quando viu a cara pálida do Erin e seus lábios apertados—. Há algo mal? Devo lhe dizer a seu irmão que não está bastante forte para empreender a viagem?

— Ah, não, Rig. Não, não, não. Realmente tenho a intenção de empreender esta viagem—. Erin sorriu entre seus dentes apertados—. Por favor diga a meu irmão que terei minhas coisas prontas dentro de pouco e que estarei pronta para partir a sua conveniência—. Erin alcançou a tina da água e seguiu sorrindo quando fechou a porta. Ela se deu volta e olhou a figura do homem que jazia sobre a cama, plácidamente dormido, com seus lábios ainda curvados com uma semi sorriso agradável. Ela nunca o tinha visto parecer mais cômodo. Inclusive em seu sonho o via com ar de suficiência, com arrogância, contido.

Um relâmpago de fúria se açoitou através dela, que era tudo o que poderia fazer para não gritar sua raiva em voz alta. De algum modo se controlou, e caminhou para a cama com um frio propósito. Parou de

novo, enquanto seus olhos se estreitavam, enquanto inspecionava os contornos relaxados de seu rudamente e formoso rosto. Então levantou a tina de água por cima de sua cabeça e se girou com um movimento rápido, enviando a um dilúvio frio sobre ele.

Seus olhos se abriram de repente alarmados e se levantou tão rapidamente que a forçou a dar um passo atrás. Sua voz trovejou como um bramido depois de que cuspiu a água com um aborrecimento incrédulo.

— Em nome dos deuses...!

Ele se interrompeu quando a viu de pé diante dele entreabrindo seus olhos que reluziam perigosamente com seus delicados rasgos tensos e crispada com uma fúria rígida. Entrechocaram seus dentes e devolveu seu olhar nórdico estreitando seus olhos. Sua voz, quando falou de novo, foi nítida e fria, coberta de uma glacial advertência e controle enquanto se retirava do atoleiro de água que se formou no leito.

— Espero, Erin, que possa me demonstrar que se tornou louca para se comportar tão bobamente.

Ele se moveu para ela, mas ela não se intimidou. Erin lhe lançou a tina vazia de água com um movimento furioso que o agarrou por surpresa, lhe fazendo grunhir e dobrar-se pela dor inesperada quando o receptáculo lhe golpeou limpamente em seu ventre.

— Troca! — Erin chiou, plantando suas mãos sobre seus quadris com fúria—. Canalha, matreiro, mentiroso bastardo Viking! Sujo pagão! Rato, verme, serpente da terra...

Ela se interrompeu quando ele agarrou sua mãos e a fez girar de modo que caísse sobre a cama, sobre os lençóis empapados. Mas Erin estava louca de cólera. Ela ficou de joelhos e começou a lhe lançar juramentos de novo.

— Já tinha decidido que podia ir. Filho de uma cadela da Noruega!

Nisto ele deu um passo para a cama, apoiando-se contra ela com um joelho de uma vez que agarrou seu queixo com um agarre firme do qual ela não podia escapar, nem lutar sem causar-se dor.

— Tome cuidado com sua língua imprudente, Erin, — disse ele com uma advertência tranqüila mas ameaçador, sacudindo a água de sua cabeça dourada. — Sim, já tinha decidido ontem à noite que te permitiria ir. Nunca tomo minhas decisões sob a influencia de uma mulher.

Erin se soltou de seu toque com a força de sua fúria.

— Maldito seja! — ela assobiou, esmurrando os punhos contra seu peito— Maldito seja por um milhar de infernos!

Em seu mérito, tomou vários momentos de concentração penetrante agarrar suas mãos e submeter sua fúria selvagem.

— Tenha em conta, irlandesa, — ele interrompeu — que ainda está aqui, e facilmente posso trocar de opinião!

Erin sacudiu para trás sua cabeça e seu cabelo se derramou detrás dela em uma desordem de ébano, destacando o fogo de esmeralda em seus olhos.

— Não, cão do Norte, não me ofereça mais permuta, subornos, ou advertências! Nunca mais vou emprestar atenção a suas palavras!

— Nunca emprestaste atenção alguma a minhas palavras, — replicou ele, lutando corpo a corpo por uma mão que tinha liberado—Nunca o tem feito...

— Extorquiou-me! Enganou-me! Usou-me! —

Olaf de repente rompeu a rir.

— Não, bruxa irlandesa, eu sozinho te permiti expressar suas próprias necessidades e desejos. Acredito que sentirei falta de você enormemente.

Erin lutava com fúria para evitar seu agarre, ofegando enquanto falava.

— É difícil de compreender, Lorde Lobo, já que escolheste dormir em outra parte quando estou aqui.

— E isso te incomoda, irlandesa?

Erin se voltou de lado para morder as mãos que a agarravam. Esta vez ele foi mais rápido que ela, liberando-a tão de repente que ela se inclinou para trás. Antes que pudesse recuperar o equilíbrio, ele agarrou seus tornozelos e a atirou sobre a borda da cama, fazendo que seu vestido subisse por cima de sua cintura e suas pernas rodeassem seu torso. De repente se deu conta de que não queria lhe fazer mal, mas resistia desesperadamente arrastando o linho de seu vestido.

Ele se inclinou contra ela, agarrando suas mãos por cima, com uma pícara diversão aparecendo em seus olhos

— Eu não sabia, irlandesa, que se sentia abandonada. Se não teria voltado para minha própria habitação antes.

— Me deixe ir! — Erin assobiou secamente, tratando de não fazer caso do contato íntimo com sua nudez.

De todos os modos ele riu.

— Não, bruxa, não posso. Sou um cativo de todos os seus caprichos, sejam bons ou maus. A sedutora me atrai com debilidade, mas a louca arpia também acende os fogos de meu sangue. E não posso me comportar como um cavalheiro, certamente, porque sou um Viking. E porque sei que minha princesa arrogante é também a mais viçosa das mulheres....

— Maldito seja, não pode me fazer isto! — Erin chorou, e algo no tom de sua voz tocou uma corda sensível dentro dele—. Não acredita em uma palavra do que digo...

— Erin, — ele interrompeu com uma estranha calidez em sua voz—. Possivelmente se confunde. Não posso te dar a confiança cega que me pede. O que passou foi muito grave. E embora seja uma bruxa, retorce

realmente minha mente com suas negações honradas. Mas segue me desafiando ...

Ela ficou imóvel de repente, olhando fixamente a seus olhos, tratando de compreender se ele falava de verdade, procurando qualquer emoção que se manifestasse dentro dele.

— Te desafiei só porque ansiava o ar e minha liberdade, — murmurou ela inquietamente. Seus olhos flamejaram de cólera outra vez—. Mas sou eu a maltratada e insultada, meu senhor. Digo-te que seria você o que deveria procurar meu perdão.

De repente começou a rir de novo, e o som de sua garganta era rouco.

— Realmente peço seu perdão, esposa, por te descuidar assim tanto tempo

— OHHHH! — Erin se crispou com uma fúria exasperada. Mas quando tentou lutar contra ele outra vez, apertou-se contra a potência despertada de sua masculinidade.

— Não, Olaf — ela começou, enquanto seus olhos se alargavam com a compreensão de sua posição.

— Não me afaste, minha empregada ardente! — Ele riu em silêncio com seus olhos e sua voz roçando-a com um calor inesperado—. Eu sozinho dormi com o calor de uma chiminé já que não podia receber nenhum calor em minha habitação. Faz-te isto feliz, esposa?

— Eufórica, — resmungou sarcásticamente, protegendo seus olhos rapidamente com suas pestanas.

— Sim, bruxa, eu sentirei profundamente sua falta — ele murmurou, e outra vez estava tão atordoada pelo calor sensível de sua voz que não notou a liberação de suas mãos, e só pôde ofegar quando ele se moveu com facilidade e de forma perita para introduzir-se nela. Sua boca baixou sobre seus lábios separados, aproveitando a vantagem. Seu beijo a encheu de seu ser. Ele interrompeu o beijo para sussurrar contra sua boca—Sim, bruxa, sentirei falta suas como o ar que respiro, como a água que tenho sede. Não me negue esta última lembrança de você, já que não é de meu gosto permitir que você parta.

Águas quentes a atravessaram como uma corrente com a fome enfebreçada de suas palavras e do lento movimento tentador.

— Eu poderia me negar se pudesse escolher? — sussurrou fracamente em troca, perdendo-se muito facilmente nos rescaldos ardentes de desejo.

— Não, esposa, — ele murmurou com voz rouca, empurrando profundamente e parecendo tocar seu coração, sua alma.

Ela ofegou, separando os lábios para capturar os seus, rendendo-se aos ventos enganosos da tormenta. Ele dava tão pouco, e ainda assim ela se agarrou a cada pedaço. Mas não tinha nenhum desejo de negar-se De verdade, se afligiui pelo fato de que ia o abandonar, já que parecia que

estavam destinados a separar-se cada vez que estendiam a mão para quase tocar-se...

Lhe respondeu ardentemente, lhe amando com apaixonada intensidade, crescendo e mesclando-se com a sua.



CAPÍTULO 22

Nevava. Escamas suaves e ligeiras giravam maravilhosamente no ar, aterrissando sobre a capa de lã de Erin e sobre seu cabelo de ébano em formas deliciosas e delicadas.

Ela se encontrava cansada pela pesada cavalgada e pelo frio, mas a neve começou a cair justo quando alcançaram a última colina antes das dunas e os vales de Tara, e seu tato aprazível de algum modo combinava com o entusiasmo de aproximar-se de casa e com seus animados espíritos.

Ela olhou fixamente através do terreno e sobre os trabalhos que se realizavam na terra ao redor de Tara, viu a silhueta de um homem. Seus olhos se estreitaram enquanto os ruídos dos cascos de seu cavalo

continuavam com sua pegada monótona. Aproximando-se cada vez mais, ela olhou ao homem, despertando uma comovedora emoção em seu sangue. Ele cavalgava alto e direito, embora seu cabelo e sua barba eram muito cinzas. Seu semblante era muito orgulhoso, mas amadurecido e enrugado com os cuidados e a sabedoria dos anos. Sua cara está tão magra, Erin pensou, com uma dor agarrando-se a seu estômago.

De repente ela cravou os talões nos flancos de sua égua, deixando a outros atrás com uma explosão de velocidade. A neve e a terra se jogavam atrás de sua esteira enquanto ela voava através do espaço que os separava.

Aed observava enquanto ela se aproximava dele, e seu velho coração parecia que ia parar para logo dar à fuga em batidas descompassadas. Isto o deixou de novo assombrado já que era sua filha, com sua graça infinita e sua deliciosa beleza. Como um quadro de sonhos chapeados enquanto ela cavalgava, como uma com seu cavalo, os delicados flocos de neve se mesclavam como gotas de diamantes com o ébano de meia-noite de seu cabelo.

Aproximando-se dele ... Aproximando-se dele. Ele olhou sua face com inquietação enquanto ela se aproximava temeroso pela incerteza. Ele quis abraçá-la e coloca-la entre seus braços como a filha que foi não muito tempo atrás, e o terror do rechaço lhe impediu de estirar os braços. Como se ele fosse um afogado, sua vida passada se materializou diante dele. Erin, dando seus primeiros passos para ele com suas pernas cambaleantes, Erin voando sobre seus delicados pés para ser primeira em abraçá-lo quando voltava do campo.... E sempre a emoção da terra em seus olhos.

O cavalo freou diante dele e ela saltou da garupa da égua. Com vacilação ele encontrou seus olhos. Logo que viu seu esplendor antes de que ela lançasse seu corpo magro entre seus braços, e embora ele tinha estado sério, de repente, começou a tremer.

— Pai, — ela sussurrou, e as lágrimas deslizaram de seus olhos a suas bochechas mescladas com as delicadas escamas de neve. Sabia que tinha sido perdoado...

Eric inspecionou a mesa e o chão com sardônica diversão. Hoje Moira tinha dado a Sigurd uma sã e bela filha, e os Vikings, preparados para divertir-se com qualquer desculpa, tinham passado a tarde entre farras e canções, com uma boa sessão de mulheres e bebida. Um número importante de seus homens foi cambaleando para os estábulos ou para as habitações, mas outro número importante se encontrava no salão onde tinham ficado e agora descansavam no chão. Um braço estava atirado sobre a mesa perto dele. Ele o recolheu e o deixou cair uma vez

mais, como se fosse um peso morto, mas o homem simplesmente se escorou com um gemido para descansar mais seguro. Eric riu brandamente e esgotou o último sorvo de sua cerveja, pensando em seu irmão. O Lobo tinha bebido com seus homens, mas nenhuma quantidade de cerveja pareceu aliviar sua tensão. Eric sorriu abertamente outra vez. O Lobo tinha encontrado a fôrma de seu sapato em uma mulher irlandesa e parecia que não tinha entendido este fato ainda. Quanto maior era tempo que Erin partiu, pior ficou seu humor. Estamos todos parvos, refletiu. Não vemos quando somos conquistados. Mas para seu irmão Olaf isso tinha feito muito bem. Dublin prosperava em paz e harmonia entre seu Vice-rei e seus habitantes irlandeses. Os porões de Olaf estavam cheios de carne, grão, hidromiel e cerveja, seus campos foram plantados por mãos dispostas, suas ovelhas e o gado estavam bem atendidos. Ele era um homem poderoso, e mais. Era ardiloso. Sabia quando fazer a guerra e quando procurar a paz. Ganhou o respeito e a lealdade da realeza e reinava.

Eric jogou uma olhada bruscamente às pesadas portas do salão quando se abriram de repente. Seu irmão entrou, bastante sóbrio, com o humor de uma multidão de nuvens de chuva soltas pelos deuses.

Olaf jogou uma olhada procurando Eric com amargura, enquanto chegava ao lar e se colocava de pé ante o fogo, esquentando suas mãos.

— O que, irmão? Ainda está direito? E sozinho? Observo que algumas criadas podem chegar a deixar Dublin quando você partir.

Eric riu em silêncio, tranquilo.

— Irmão, há noites nas quais prefiro estar sozinho e ser observador. Só houve uma com valor para capturar meu coração dentro deste salão, e aí! Fui condenado a chamá-la de irmã.

Olaf gemeu com impaciência, esfregando suas têmporas com os dedos.

— Parece que ela tomou seu coração, irmão.

Eric se encolheu.

— E o teu?

— Não entrego meu coração. Já fiz isso uma vez, e a dor do resultado foi pior que uma lança dinamarquesa.

— Grenilde está morta, Olaf. Você vive, e também o faz sua beleza irlandesa.

— Sim — Olaf resmungou amargamente—. Beleza irlandesa. Os escarpados são formosos, irmão, como o é o mar, e ambos são traidores.

Eric firme e estirado empurrou a um homem que estava a seu lado com o pé.

— Olaf, demonstrou ser um grande príncipe, o mais capitalista dos guerreiros, e o mais competente dos reis. É poderoso, e conhece sua força, e ainda assim sempre foi misericordioso com essa força. Tem uma capacidade com visão de futuro para perdoar aos que se equivocaram, e

a capacidade de devolver o que tomaste. É cuidadoso e legal. E ainda assim parece, irmão, que condenou ao maior coração de todos os que conquistaste, sem pensar com justiça. Para construir, para sonhar, tem que veras coisas do lado de fora. Você não tem nenhum medo na batalha quando joga com sua vida, mas na vida mesma, irmão, acredito que tem medo. Aposto de novo, irmão. Julga outra vez como o faria o rei dos lobos, não como marido. Sente falta da sua esposa. Vá a ela. A traga de volta.

Olaf olhou fixamente a seu irmão com uma fúria contida enquanto lhe inspecionava, e ainda assim, Eric não temeu sua ira. Como ele tinha falado, Olaf era um homem de justiça, não procuraria vingança contra a verdade.

— Irmão — falou finalmente Olaf com frieza—. O mar não te chama ainda? Não é tempo de ser um Viking outra vez?

Eric pôs uma careta triste de arrependimento.

— Assim é, Lobo. Mas eu tinha pensado que possivelmente requereria minha presença aqui enquanto empreendia uma viagem. Sigurd poderia ajudar se Dublin fosse atacado em sua ausência...

Olaf abriu sua boca para falar, mas calou, e olhou fixamente para as chamas do lar uma vez mais.

— Sim, irmão, tenho a intenção de viajar e trazê-la para casa. Meu filho nascerá na fortaleza VIKING de Dublin.

Eric não disse nada mais, mas sorriu quando deixou o salão para abandonar a seu irmão a seus pensamentos e imagens dentro das chamas.

Fazia frio, mas Erin estava calorosamente vestida contra a frieza do ar. A capela a estava deixando cansativa, e esta manhã suas rezas tinham divagado continuamente. Sobre seus joelhos com suas costas retas enquanto o sacerdote falava monotonamente sem cessar, ela estava desconcertada, e o agüentou só por sua mãe. Se existia realmente um céu, Leith e Fennen estariam ali, seus pecados tinham sido só pecados de juventude. Se Deus existia, ele daria a bem-vinda a tais homens sem importar que houvessem dito ou feito outros em seus nomes.

Ela inalou bruscamente o ar da manhã sorrindo tristemente enquanto olhava fixamente para as casas do vale diante dela. Realmente amava Tara. Sob a manta ligeira de pura neve branca, parecia inclusive mais real e brilhante este lugar de reis. Nunca em sua vida poderia esquecer Tara, ou deixaria de pensar nela como sua querida casa da infância. O rio onde ela tinha nadado, as costas esmeralda onde tinha lutado e tinha enredado com seus irmãos, o Grianan onde se sentou tantas vezes com

Maeve, tratando de aprender a fazer pequenos pontos limpos, enquanto os dedos do pé golpeavam o chão com impaciência pensando no vasto mundo dali fora.

Alegrava-se de ter retornado. Tinha ansiado ver sua mãe, e Maeve parecia muito velha e cheia de olheiras por sua pena. Erin sabia que sua presença tinha sido como uma poção curativa para ela. Foi capaz de refrear sua dor e seu passado quando se preocupou com a gravidez de sua filha. Erin sorriu ligeiramente. Era um tempo maravilhoso para ambas. Maeve necessitava desesperadamente gastar seu amor e sua energia em seus instintos maternos, e Erin não podia por menos que desfrutar das carícias e mimos, tão gentis e tenros para sua alma machucada.

Mas de todos os modos, o mais importante de ter voltado para casa tinha sido ver de novo a seu pai. A ruptura entre eles tinha sido insuportável para ambos. Ver sua cara iluminada com um sorriso foi um prêmio pelo que teria caminhado trabalhosamente por montanhas e vales até alcançá-lo, o saber que ela tinha aliviado seu coração foi um puro bálsamo para si mesma. Ela tinha passado incontáveis horas com ele desde sua chegada, tempo de um amor tão grande e comovedor que poderia armazená-lo dentro de sua memória para todos os anos vindouros.

Sim, estava contente, muito contente, de ter retornado.

E embora tinha voltado para casa, havia tornado a experimentar outra vez uma perda dolorosa, uma saudade nova. Embora este fosse o lugar de sua infância, Dublin se tinha convertido no lar da Erin mulher. Os grandes edifícios de pedra, cuidada-las calçadas de madeira, o enorme grande salão onde as comidas começavam com a presença do rei e a rainha, a habitação no alto da escada, com o calor bramido do lar... E seu marido. Quantas noites tinha estado ela ali sozinha? E quantas com ele a seu lado, um grande consolo nas horas da noite. Estaria ele alguma vez estirando seus braços através do lençol onde ela deveria estar e sonharia que a agarrava, ou imaginava que ao despertar ela poderia estar ali, a seu lado, ao longo de todo seu corpo com seu cabelo enredado sobre seus ombros? – ela se perguntava.

Com seus pensamentos, Erin deu a volta para o nordeste, como se pudesse ver para trás no tempo e no espaço a Dublin. Sorriu pensando no mensageiro que tinha trazido notícias da filha de Moira. Como lamentava não ter visto a filha recém-nascida! O mensageiro tinha estado duvidoso a princípio de divulgar mais informação sobre o nascimento, mas para o júbilo de Erin, tinha ido aprofundando em mais detalhe, atraindo uma risada alegre quando se inteirou como o gigante Sigurd tinha chorado com lágrimas de felicidade e se embebedou completamente aquela primeira noite.

A risada de Erin se apagou quando recordou que o viking que levava as notícias se ruborizou infelizmente quando lhe perguntou se trazia alguma palavra de Olaf. Não, não trazia nenhuma palavra.

Erin girou sobre si mesma quando ouviu passos detrás dela de repente. Rapidamente voltou para sorrir de novo, já que seu pai vinha para ela. Tinha-lhe mentido com seus amplos olhos claros desde o começo, com risadas de prazer em sua cara e dor dentro de seu coração quando lhe assegurou que tudo estava bem, lhe recordando.

— Sou a filha de meu pai, Ard-Righ. Sempre farei meu caminho e encontrarei minha própria força.

Aed riu em troca antes de começar a carrega-la.

— O dia se volta mais frio, filha. Me deixe te levar a casa para que possa se esquentar perto do fogo. Não queremos que sofram nenhum dano nem você nem o bebê.

Erin aceitou o braço de seu pai com obediência no exterior e uma careta em seu interior. Olaf não a poderia ter enviado uns guardiães mas cuidadosos que seus pais. Eles a cuidavam com um ardor mais leal que um par de falcões de inverno.

— Suas mãos estão geladas — falou Aed.

Erin riu.

— Pai, estou bem. Absolutamente bem.

Apesar de suas palavras, ele deslizou um braço ao redor dela e a abraçou muito perto

— Sim, Erin, te vejo bem. Se parece com sua mãe nisto. Com cada menino que ela levava, via-se mais encantadora, e não houve um dia no qual se sentisse doente.

— Então me alegro sinceramente de me parecer com minha mãe — respondeu Erin—Me encontro torpe, e freqüentemente sonolenta, mas nunca mal.

Eles andaram em um silêncio amigável por um momento, mas quando se aproximaram da casa do Ard-Righ dentro do vale, Aed parou. Olhou para Erin pensativamente, e ela se perguntou de repente quantos sentimentos ditos de seu estado de bem-estar ele acreditou.

— Olhava para Dublin, filha, — lhe disse melancolicamente— O que pensava?

Erin forçou uma resposta alegre.

— Nada importante Pai. Pensava em Moira, suponho. Estou ansiosa de ver seu bebê.

— Não deseja ver seu marido?

Outra vez Erin se encolheu.

— Ele não permanecia muito em casa quando eu parti Pai. Tinha muito trabalho que fazer. Se for assistir ao Fais, ele virá dentro das próximas semanas. Mas possivelmente não possa ser capaz de fazê-lo. A guerra o

manteve dentro do edifício que é seu sonho e seu objetivo—. Ela não podia lhe dizer a seu pai que acreditava que Olaf não viria devido a ela. Estava pesada por causa do menino agora, era de pouco uso para as paixões que exigiam um corpo ágil e cômodo. Embora suas palavras houvessem devolvido esperança a seu coração, estava convencida de que ele ainda acreditava que ela era a pior das traidoras.

Aed baixou seus olhos. Ele fez uma pausa durante vários momentos antes de falar

— Ele virá pra você, Erin. É um homem que querera que seu filho nasça em sua casa—. De novo Aed fez uma pausa, e de repente seus braços, tão fortes na batalha, tão carinhosos agora, estavam ao redor dela enquanto a abraçava contra seu peito, sua filha outra vez—Tenho medo por ti, Erin. Mergwin sussurra sobre perigos que não pode identificar. Ele não pode ver

Uma frieza açoitou Erin, mas ela se forçou a soltar uma risada.

— Pai, que perigos? Não posso me colocar em nenhum problema, já que não posso correr, e devo andar como um pato quando ando! Esteja aqui ou ali, serei uma nova mãe logo, ocupada com um filho!

Suas palavras pareceram revelar algo ao Aed.

— Tome cuidado, Erin, tenha muito cuidado, minha querida filha. As palavras de Mergwin muito freqüentemente estão cheias de sabedoria....

— Aed a liberou de repente, encolhendo-se um pouco com vergonha—O velho Druida estava aqui, já sabe, esperando para te ver.

Erin franziu o cenho.

— Estava aqui? Por que partiu sem fazê-lo?

Aed ficou olhando para a terra, e por sua idade, Erin pensou que se parecia um pouco a um colegial errante.

— Estivemos como dois velhos esquilos, discutindo constantemente. Ele continuou seu caminho, já que nós dois preocupados, parecíamos anciões mal-humorados de verdade.

Erin inclinou sua cabeça para trás e riu, pensando em seu pai e no Mergwin, velhos amigos, combatendo com engenho e sabedoria.

— Suponho — disse a seu pai alegremente— Que verei Mergwin logo. Conheço-o bem, e sei que ele virá para ver o menino — Se interrompeu de repente, retendo o fôlego e sem mover-se, enquanto o bebê lhe dava um feroz chute.

— Erin, O que te passa? — exigiu Aed com inquietação. Outra vez ela riu, agarrando a mão de seu pai.

— Sente-o, Pai! Seu neto se move! Forte, afável e decidido. Era um chute muito irlandês, Não acredita, Pai?

Aed riu com ela.

— Não esqueça a força de seu pai —, ele a advertiu brandamente.

Aed conduziu Erin diante dele pelo salão, olhando para o céu e rezando silenciosamente, faz que seu filho seja varão, Deus, já que sou muito velho para me preocupar com a força de outra menina como a mãe.

Erin diligentemente comeu o caldo que sua mãe a tinha preparado e escapou ao isolamento de sua habitação. Era segura e quente, e ela se trocou com um fino vestido folgado para sentar-se diante do lar. Abraçou seus joelhos, tentando acalmar o persistente temor de que Olaf nunca viria. Não estaria ela melhor? Criando a seu filho como um irlandês dentro das terras mais régias da ilha? Rodeado pelos que a amaram, e que já amavam a seu filho?

Isto nunca passaria, pensou, empalidecendo ligeiramente a pesar do calor do fogo. Olaf queria esse menino... Sim, o menino era tudo o que ele realmente quis. Não, ele viria. Eventualmente.

Ela colocou o queixo sobre seus joelhos. Como se entreteria? Perguntou-se. Sem dúvida haveria vezes que se alegraria de estar livre dela. Ele poderia procurar algo mais animado, um jogo de oportunidades, e ela o tinha deixado sozinho, livre de fazê-lo sem recriminações.

Lutou contra as lágrimas como tinha feito tantas vezes. Amava-o tanto que o amor era uma parte dela, de sua mente, de sua alma, de seu coração, de cada poro. Mas ela não podia lhe dar aquele amor. Tudo o que podia lhe oferecer era uma rígida dignidade, por seu orgulho e por ela mesma não podia negociar, para não perder e, na perda, não ter nada, inclusive a determinação que era o que a mantinha. Não, a não ser que seu sonho se voltasse realidade

Como um menino, ela fechava seus olhos e imaginava Olaf, aberto e vulnerável, com a única debilidade de seu amor por ela. Sua imagem era de um Olaf humilde e generosamente advogando por seu coração.

Erin suspirou e piscou. As fantasias eram para meninos. Ela não podia permitir-se ter saudades do que nunca seria. Tudo o que poderia fazer era rezar para ter a força necessária para viver sua vida com a graça da filha do Ard-Righ sem importar o que encontrasse no caminho.

Ao menos ela teria a seu filho. Os instintos que cresciam dentro dela a surpreenderam, e por cada chute diminuto solto contra ela, mais amava a vida que levava em seu interior. Seu filho... seu filho.

Ela tremeu de repente quando recordou como se separaram. Os brilhos daquela paixão tinham voltado para ela freqüentemente, deixando seus sentidos débeis e cambaleantes em meio de qualquer ato, já fora costurando ao lado de sua mãe ou, de maneira absurda, ajoelhando-se sobre o duro piso da capela.

Mas quando se separaram, pensou tristemente, ela havia se sentido mais pequena. Agora se sentia como se fosse uma das casas que os guerreiros atacavam sobre os campos de batalha. Não importa, convencendo-se a si mesma sacudindo sua cabeça. Saudaria-o nobremente, com serenidade,

com grande dignidade, com seu melhor traje com sua capa de lã com borda de pele de raposa, seu cabelo cuidado com esmero e suntuosamente adornado com jóias. Ela poderia ocultar seu vulto torpe detrás da parede de ornamentos reais.

Fechando seus olhos distraidamente com aquela visão, tratou de planejar as palavras que diria. — Bem-vindo a Tara, meu senhor de Dublin. Tenha por seguro que suas necessidades serão satisfeitas em tudo dentro do reino do Ard-Righ nos esforçando pela excelência do serviço e a arte...

Seus sonhos foram rudamente interrompidos e seus olhos se abriram quando escutou uma comoção leve no vestíbulo detrás de sua porta. Erin franziu o cenho, a ponto de levantar-se, mas para seu assombro, a porta, de repente, abriu-se de repente.

Piscou uma vez, porque certamente era impossível que ele estivesse ali. Ela o tinha imaginado, e seu fantasma tinha aparecido. Mas quando seus olhos se alargaram uma vez mais com incredulidade, deu-se conta de que na verdade Olaf se encontrava diante dela.

Ele encheu sua pequena entrada, com as mãos sobre seus quadris, suas pernas separadas, sua capa real azul lutando contra o nórdico feroz azul de seus olhos pela supremacia. Sua barba e seu cabelo estavam muito bem recortados e seus traços como o rugoso granito enquanto a localizava rapidamente. A insinuação nua de um sorriso tocou a plenitude de seus lábios quando seus olhos a viram ante o lar.

Erin tremeu com o repentino regozijo quente de sua presença e pela consternação. Vestia com um esplendor real, ele, que não necessitava nenhum escudo de dignidade, e ela, que devia parecer como uma menina desamparada....

E o estava. Parecia como um duende de madeira, pensou Olaf. Seus pés estavam nus e colocados debaixo dela, seu cabelo negro como uma esplêndida capa sobre seus ombros, e seus grandes olhos, surpreendidos, eram como a fresca beleza de um campo do verão. O magro vestido branco que ela levava lhe revelou mais do que ocultou, e uma quebra de onda de emoção como nunca tinha experimentado lhe chegou ao coração. Quis correr e abraçá-la com cuidado, tocar seu ventre com ternura devido ao menino que crescia dentro dela. Mas de repente não pôde. Ficou congelado na entrada, pensando que ela certamente o rechacaria com uma fria cólera gelada e suportaria seu toque com rigidez e desdém.

Sua língua parecia que tinha sido atada dentro de sua boca. Ele tinha vindo de longe, e de repente, com uma debilidade inoportuna, o Lobo não podia mover-se mais.

Erin a toda pressa ficou de pé, ruborizando-se por seu desalinho. O discurso que tinha planejado com cuidado partiu como o vento e as palavras que vieram a seus lábios foram ácidas.

— Meu senhor, entraste em uma casa real irlandesa. Aqui é costume chamar as portas em vez de entrar sem permissão.

O tom de sua voz lhe deu poder para mover-se e ele deu um passo dentro da habitação, fechando a leve trás ele enquanto levantava sua dourada frente zombadora.

— Certamente, até dentro das casas reais irlandesas, a porta da esposa é do marido. Mas se este não é o caso, me perdoe, mas o hábito nórdico é, pelo general, entrar diretamente. Provavelmente é porque estamos mais acostumados à invasão, e carecemos dos maneirismos mais distinguidos. Mas neste caso, o mesmo Ard-Righ irlandês me trouxe até aqui e me ofereceu todas as entradas de sua casa.

Erin vacilou silenciosamente sem palavras, incapaz de falar enquanto ele se aproximava devagar para ela, sem ocultar sua avaliação.

— Estou muito surpreendida de ver — ela se burlou, refreando suas palavras quando ele a rodeou e ela procurou manter seus olhos fechados—. O Fais não começa ainda e as responsabilidades em Dublin deveriam ser mais entretidas.

Ele fez uma pausa diretamente ante ela, e ela rezou porque ele não visse como seus olhos se davam um festim sobre ele, como seu espírito se levantava ante seu aroma e sua proximidade. Ele tocou sua cara, e o roce de sua mão calosa era aprazível, e aprazível ainda quando ele roçou seu seio e seu volumoso ventre. Ele franziu o cenho ligeiramente, e Erin reteve seu fôlego com nervosismo, muito obrigada a separar do toque que ela tinha tido muitas vontades de sentir.

— Temo-me que viajaremos a casa antes do Fais —, disse ele com um pesar que ela reconheceu assombrada que era verdadeiro.

— por que? — ela sussurrou inquietamente.

— O bebê

— Não o espero até dentro de dois meses —, protestou ela muito rapidamente.

— Foi um engano da minha parte permitir a sua vinda —, disse ele tranqüilamente, deixando cair seus olhos à mão que descansava sobre seu ventre — Não deveria viajar agora, e portanto devemos ter pressa — Levantou os olhos para os dela e sua voz de repente soou áspera —. Não aceitarei nenhum argumento, Erin. Falarei com seu pai esta noite, e de manhã voltaremos para casa.

Ela posou os olhos em sua mão. Não tinha nenhum desejo de discutir. Se encontrava muito contente de que ele tivesse vindo, e onde ele escolhesse estar, ela se alegraria de poder lhe dizer que lhe seguiria.

O bebê pareceu compartilhar seu coração, já que escolheu esse momento para, firmemente, dar chutes contra a mão de seu pai. O olhar de Olaf imediatamente se voltou para sua mão, e Erin tremeu com o prazer do olhar assustado que viu em seus agudos olhos azuis. Outra vez o bebê deu chutes, e o grande Lobo do Norte não pôde ocultar sua fascinação.

— É forte nosso filho —, murmurou Olaf, mostrando seu próprio prazer em seu tom ligeiramente intimidado.

— Possivelmente seja uma menina — corrigiu Erin.

— Não, esposa, será um menino — disse Olaf sem dúvida, fazendo que Erin franzisse seus lábios. Ele riu quando viu sua cara de novo, e ela se assustou quando ele alvoroçou seu cabelo ligeiramente, entrelaçando seus dedos momentaneamente dentro deste para logo liberá-los —. Irlandesa —disse brandamente — acredito que chegaria a me contradizer sempre embora eu dissesse que é de dia e o sol estivesse brilhando diante de nós.

Está equivocado! Erin teve muita vontade de gritar. Mas ela não podia, não mais do que ela não podia obedecer ao impulso de seu coração de lançar-se alegremente em seus braços. Eles se olharam fixamente, enquanto crescia uma distância rígida entre eles. Cheguei a conhecê-lo tão bem, pensou Erin. Podia recordar os ondulações de cada um de seus músculos, o tato de sua pele, o ângulo seus ossos, embora cada vez que se encontravam se tratavam como estranhos, precavidos.

Ele se retirou afastando-se dela.

— Tenho muito que falar com seu pai — disse resolutamente—Prepare suas coisas e veja todo o resto, já que partiremos ao sair da alvorada.

Ele andou a passos largos para à porta, deixando-a tão bruscamente como tinha chegado, mas fez uma pausa e se voltou com frieza.

— Embora você não goste de minha forma de entrar, Irlandesa, procure não pôr nenhuma trava na porta contra mim, embora esteja em Tara, a casa de seu pai. Em qualquer parte onde nós estejamos, é minha esposa. E não seria gentil de minha parte ter que te demonstrar este ponto danificando uma porta irlandesa.

Erin se encontrou com seu afiado olhar silenciosamente e continuou lhe olhando fixamente muito depois de que ele tivesse fechado a porta. Deu-se conta de repente da rápida palpitação de seu coração contra seu peito, e do fogo que parecia queimar em ondas líquidas.

Como sempre, ele a deixou desejando estrangulá-lo, ou ao menos, empapá-lo em azeite fervendo e tremendo com prazer porque ele estaria a seu lado, a tocaria.

Ela deu a volta atordoada para apressar-se para sua habitação, juntando as coisas que levaria, e dispondo sua roupa para a viagem para casa — seu traje mais quente, a capa de pele mais forte, meias grossas e botas de couro.

Quando tudo estava preparado, ficou olhando fixamente a cama. Quantas vezes tinha estado ali rindo com suas irmãs, conversando sobre quão vistas levariam, os sonhos que realizariam?

Esta noite ele dormiria naquela cama, e a realidade afligiria seus sonhos de força dourada.

Esta vez ela o ouviu no corredor antes que entrasse, e se meteu rapidamente sob as cobertas, com seu coração palpitando uma vez mais. Deu-lhe as costas, mas escutou os suaves sons de quanto tirava sua roupa, lamentou ter decidido fingir que dormia. Teve muita vontade de dar a volta e olhar a magnificência do corpo do guerreiro que ela tinha sentido falta.

Erin sentiu seu peso quando ficou a seu lado. Esperou com a pele excitada de que suas mãos a encontrassem por acaso. Os segundos passaram como se fossem horas, os minutos como dias, e seguiu esperando. Só sentiu a mudança de seu corpo quando deu a volta se afastando dela e se ajustando ao travesseiro.

Ela pensou que ele dormia, e não pôde impedir que lhe escapasse um soluço sufocado. Só então o sentiu, instantaneamente alerta, posando a mão sobre seu ombro.

— O que passa irlandesa? — ele murmurou com inquietação na escuridão.

Ela não podia sussurrar a verdade pelo que brandamente mentiu.

— O bebê, meu senhor, às vezes se aperta com força contra mim.

Rodeou-a com seu braço, empurrando suas costas contra seu peito nu. Sua mão aberta começou a mover-se em círculos sobre seu ventre com a ternura mais aprazível e calmante do mundo.

— Melhor, irlandesa? — ele perguntou, com sua voz como uma carícia contra seu cabelo e sua orelha.

Erin se permitiu rir na escuridão.

— Muito melhor, meu senhor.

Ela dormiu logo e bem, contente de deixar-se acariciar pela confortável força e segurança que ele a oferecia.



CAPÍTULO 23

Olaf acariciou a barba curta com seu dedo indicador e polegar, estudando o que tinha em sua frente cuidadosamente, com o brilho dos olhos como única pista de sua emoção. Rig observou a seu senhor ansiosamente. O pequeno Viking se sentia orgulhoso do artesanato aprendido ao longo dos largos invernos em sua terra natal, quando havia pouco que fazer durante as largas noites, exceto gerar mais vikings e tratar a madeira. A confiança em si mesmo fraquejou de alguma forma ao ver Olaf estudar tão atentamente a talha que tinha criado. Por fim Olaf desviou o olhar do berço para Rig.

— Rig, posso te assegurar que a nenhum príncipe se ofereceu jamais uma cama mais fina. É a mais fina das peças de artesanato que jamais vi.

Um amplo sorriso estalou nos traços de gnomo de Rig. Se umideceram os olhos ligeiramente ao voltar seu próprio olhar para o berço que tinham criado suas leais e carinhosas mãos. Na cabeceira, gravado com grande detalhe, estava o emblema do lobo, e aos pés, tal como Olaf tinha pedido, as espadas cruzadas e a donzela da justiça, emblema do Ard-Righ. Quando a tocava, o berço se balançava brandamente sobre os firmes apoios. A madeira tinha sido polida até brilhar com sua natural beleza.

Erin ficaria muito feliz, pensou Olaf, com o coração pulsando cada vez mais rápido. Sim, é óbvio que ela gostaria e talvez compreendesse que ao ordenar que a insígnia de sua família fosse incluída estava lhe oferecendo muito. Tinha-o mantido em segredo, esperando com impaciência sua reação ao ver o projeto acabado. Mas não a tinha encontrado em nenhuma parte já estava se preparando para ir em sua busca quando Rig lhe tinha avisado que já estava terminada.

O qual não era realmente estranho, pensou secamente, que não a pudesse encontrar. Ele a evitava durante o dia. Pelas noites dormia a seu lado, abraçando-a com uma sensação de ternura quase esmagadora, e com isso lhe bastava, apesar de que a pele pedia a gritos que não se conformasse com isso. Estava esperando o momento adequado. Ela era como um excelente hidromel, que depois de havê-lo bebido a pequenos goles, descobria que era de qualidade superior, jamais se conformaria com menos. E o menino dentro dela era dele, podia controlar seus desejos pelo bem de seu filho... ou filha, tal como lhe corrigiria Erin.

Mas apesar de que esses dias se instalou uma incomum paz e trégua entre eles, não abandonava essa sensação de tensão, por muito que pusessem ambos de sua parte. Ainda não se permitia pensar nela como inocente, dado que a tinha detido no ato. Um homem não podia permitir-se deixar-se convencer por umas quantas lágrimas ou o incondicional orgulho de sua mulher. Assim tentavam não falar. Saudavam-se

educadamente nos corredores, falavam fugazmente sobre o tempo quando se juntavam para o jantar. E se evitavam claramente um ao outro. Exceto de noite. Na escuridão podia abraçá-la contra o corpo, saboreando os suaves suspiros de conforto que lhe diziam quanto se alegrava ela da paz e doce satisfação que compartilhavam.

— Viu à rainha?— perguntou Olaf ao Rig.

Rig negou com a cabeça, seu coração transbordando alegria pelo completo do Olaf.

— Deve estar na cozinha, meu senhor, — respondo Rig ausentemente, imaginando o bebê que, em menos de uma lua, dormiria em seu berço.

— Ou talvez no solar, conversando com as senhoras e costurando.

— Hmmm, — murmurou Olaf impacientemente. Dirigia-se para a porta da habitação, voltando-se brevemente para Rig antes de sair. —Leva o berço a nossa habitação, Rig, e deixa-o em frente onde ela possa vê-lo ao entrar. Vou procurar por ela e levá-la acima para vê-lo.

— Sim, meu senhor!— balbuciou Rig animadamente e se encarregou de fazer o que lhe tinha pedido.

Olaf se encaminhou rapidamente havia o grande salão e as cozinhas, onde descobriu através de Freyda que Erin tinha chegado e se foi. Comprovou o solar onde Moira, sentada felizmente com seu bebê, disse-lhe o mesmo, e lhe sugeriu que falasse com a Freyda. Chateado, entrou com passos ruidosos de novo no grande salão, onde seu irmão, entretido, o observava de lado enquanto afiava sua espada frente ao lar.

— Procura algo, irmão?— perguntou Eric inocentemente.

—Sim, minha esposa, — respondeu Olaf acidamente. Ao ver o sorriso de suficiência de seu irmão, voltou toda sua atenção a Eric. — Não saberá, por alguma estranha razão, irmão, onde poderia estar, não é verdade?

—OH, sim, — respondeu Eric, sem apartar o olhar da enorme folha que afiava. —Aqueles que se preocupam com ela conhecem seus hábitos. Se eu fosse você, Lobo, a buscaria junto ao mar.

— Junto ao mar!— trovejou Olaf. —Os escarpados estão muito longe. A proibi categoricamente de cavalgar

Eric por fim desviou sua atenção da tarefa.

—Não vai a cavalo. Vai caminhado.

Olaf se dirigiu para a saída principal, murmurando um grande numero de maldições, ignorando as risadas apagadas de Eric que lhe seguiam. Ao momento tinha selado seu poderoso semental e galopava rapidamente através do atalho que conduzia para os escarpados. Não diminuiu o passo até que a avistou. Então parou para observá-la.

O corte de seu manto escondia o avançado estado de sua gravidez. Parecia quase a mesma de duas estações antes quando tinha ido em sua busca, para acariciá-la e leva-la de volta para casa, toda uma visão de beleza e orgulho contra a terra, o mar e o céu, uma com um espírito

igual a tempestade do mar e a beleza infinita dos céus. Esse longínquo dia em que tinha chovido, obrigando-os a se abrigar nas cavernas. Esse dia que, possivelmente, tinham semeado a semente que agora florescia em seu interior.

Desmontou do cavalo e caminhou para ela lentamente, consciente da tensão de suas costas quando o ouviu aproximar-se. Situou as mãos ligeiramente em seus ombros e inclinou a cabeça para sussurrar contra seu arbusto de cabelo.

— chegou muito longe, minha senhora. Está arriscando o nosso filho.

Erin mordeu o lábio, duvidando antes de responder.

—Jamais arriscaria o nosso filho, meu senhor. Sou jovem e tenho boa saúde. Além disso, as matronas do castelo me falaram que o exercício é bom.

Olaf franziu o cenho atrás dela, preocupado pela marcada depressão que se entevia no tom de sua voz. Voltou-a para ele, e seu cenho se aprofundou ao ver a estranha frustração de seus olhos.

— Porque me olha assim?— exclamou bruscamente.

—Não tem nenhuma razão para parecer tão entristecida.

Ela sorriu sem que a luz chegasse à preocupada escuridão de seus olhos.

— É nisso que acredita meu senhor? Estive pensando a respeito dos dias, dos meses e dos anos que virão, e isso influi em mim duramente. Ainda somos jovens, Lobo da Noruega. Os anos se estendem ante nós como este vazio. Estou cansada disso, meu senhor. Estou me fartando de ter esta relação tão vã contigo, de saber que ainda me tacha de traidora.

Olaf se esticou.

—Jamais desejei te tachar de traidora, Erin. Vi-me forçado a isso quando encontrei olhando diretamente um par de olhos esmeralda atrás dessa viseira dourada. Estaria encantado de ouvir uma prova que me demonstrasse que não tinha a intenção de blandir essa espada contra meus homens e de mim.

Erin abaixou a cabeça e conteve os soluços que lhe impediam de falar.

—Desgraçadamente, meu senhor, não existe tal prova exceto em meu coração. Embora meu primo Gregory, e igualmente meu irmão Brice, acreditam-me.

—Possivelmente, — respondeu roncamente Olaf, — se deve a que nenhum deles escutou nunca ameaça tão veementes contra suas vidas de seus lábios.

—Não, meu senhor, possivelmente seja porque eles me oferecem seu amor e confiança.

Olaf vacilou, seu dedo indicador dirigindo-se a seu queixo.

— Está pedindo meu amor e confiança, Erin?

Não recebeu resposta porque de repente ela ofegou e se deixou cair sobre ele, retorcendo-se. As sobancelhas de Olaf se uniram em um

cenho de preocupação enquanto tentava endireitá-la, agarrando a dos ombros de novo.

— Erin! Que acontece?

—Acredito... acredito que é o bebê — ofegou Erin, ainda atordoada pela intensidade da dor que a atravessava. Tinha experimentado pequenas câibras durante toda a manhã, mas os tinha descartado porque ainda era muito cedo para que o bebê nascesse.

—Não, irlandesa, não pode ser...

—Ohh!— gritou ela, sobressaltada ao sentir como uma corrente de líquido quente lhe empapava a saia e a deixava tremendo. Começaram a lhe tagarelar os dentes terrivelmente ao sentir o vento invernal açoitando-a.

— Erin?

— Olaf... é... é o bebê!

A vaidade lhe corroeu por dentro ao ver que Olaf a queria carregar em seus braços.

—Não, Olaf, - protestou bobamente —Estou... molhada.

Nem sequer se incomodou em lhe responder mas sim se aproximou do cavalo a grandes pernadas.

Sem parar de tremer incontroladamente, protesto de novo.

—Disse que não me voltaria a aproximar de um cavalo mais de...

— Erin!— suspirou com exasperação. É, realmente, uma mulher com uma capacidade infinita para dizer sandices!— Colocou-a sobre o cavalo antes de saltar atrás dela para sujeitá-la bem — Já não pode fazer que o bebê venha muito logo posto que, faça o que faça, ele já está em caminho. E não desejo que nosso filho nasça sobre a erva gelada.

Ela não tentou voltar a falar enquanto a mantinha fortemente abraçada contra ele, urgindo ao cavalo a realizar um fluido e contínuo médio galope. Por contra, se afundou mais perto, saboreando seu calidez, embora incapaz de fazer parar a seus dentes de bater fortemente.

Em uns poucos minutos, que pareceram uma eternidade, alcançaram as muralhas da cidade e o pátio frente a residência. Olaf desmontou de um salto e a agarrou em braços de novo.

—Posso caminhar, — objetou ela em um sussurro.

Quão único recebeu como resposta foi um grunhido de exasperação. No momento o estava gritando a torto e a direita enquanto a levava através do grande salão.

Para quando estava abrindo a porta de sua habitação de um chute Moira corria atrás deles, surpreendida pela urgência mas de uma vez tranqüila e eficiente.

—Deixe-a na cama, Olaf, e me ajude a tirar essas roupas molhadas, — ordenou Moira energicamente. Tudo foi feito rapidamente apesar de que Erin não parava de tremer e de mover-se, sem opor resistência a seus

desejos. Uma vez vestida com uma calida túnica, Moira continuou repartindo ordens.

—Faça que Rig se encarregue de trazer mais roupa de cama, e diga a Mageen que chegou a hora de Erin. Ela saberá o que fazer.

— E depois?— perguntou Olaf.

—E depois, meu senhor, vá beber um corno de cerveja, porque o único que ficaste para fazer será esperar.

Tal como lhe tinham ordenado, esperou tranqüilamente com a jovial companhia de Sigurn e Eric. A manhã se converteu em meia manhã, e esta em noite. Só quando a hora do jantar passou e a lua saiu, aproximando-a meia-noite, golpeou com violência a pedra que formava o lar com os punhos, soltando uma enxurrada de juramentos, lhes deixando claro a Sigurn e Eric que o Lobo começava a preocupar-se, ao igual a eles.

—É o primeiro, Olaf, — explicou-lhe Eric a seu irmão, sem deixar transmitir sua própria preocupação. — Estas coisas tomam seu tempo...

Olaf não respondeu a isso, simplesmente ficou olhando o fogo. Sim, o parto podia durar muito tempo, mas é que, além disso, este bebê chegava ao mundo cedo, e Erin há muito tempo que tinha quebrado águas. Suas dores estava seguro que tinham sido constantes e muito intensas. Era forte, mas quanto podia agüentar?

De repente se deu conta de que poderia agüentar a perda do menino. haveria outros. Mas se perdesse ela... Grunhiu em alto, desejando fervorosamente que pudesse lhe emprestar sua força. Preferiria que uma espada lhe atravessasse as costelas a fazê-la sofrer mais.

Voltou-se de repente para ouvir passos descendo pela escada. Viu que Moira se aproximava da cozinha com aspecto angustiado. Tinha a intenção de evitá-lo, mas Olaf a chamou por seu nome firmemente assim que tudo o que pôde fazer foi jogar uma olhada a Sigurd em busca de ajuda antes de enfrentar-se ao Olaf.

—Moira, — exigiu-lhe tranqüilamente. — Que é o que vai mau?

Moira se esfregou as mãos com nervosismo.

—Esteve-o fazendo muito bem, Olaf, nem uma só choramingação em todo este tempo, mas chegou a hora do menino sair e ela está muito fraca para nos ajudar e é algo que necessitamos.— A angústia que se refletiu nas feições de Olaf foi tal, que a fez tremer, obrigando-a a rapidamente lhe assegurar.

—Meu senhor Olaf, estamos fazendo tudo o que podemos.

O assentiu com a cabeça e voltou o olhar ao fogo. Moira desapareceu na cozinha. Segundos mais tarde começou a subir as escadas de novo com mais água fervendo. Olaf a seguiu com o olhar cansado e triste.

—Não há nada que você possa fazer, irmão, — disse-lhe Eric

—Sim, sei que posso — lhe respondeu repentinamente, com sua voz denotando uma determinação de ferro.

Quão único puderam fazer Sigurd e Eric foi olhá-lo com incredulidade enquanto se dirigia com andar decidido escada acima, deixando-a atrás em umas poucas pernadas.

Nem sequer bateu na porta, mas sim entrou diretamente à habitação. Em um só instante ignorou as sobressaltados olhares das mulheres e centrou a sua atenção em Erin. Tinha uma aparência tão frágil e pálida. Sua cara estava tão branca como a neve, sua bela juba negra úmida a seu redor. Tinha os olhos quase fechados e embora Moira a animava para que respirasse e empurrasse, o ar que com muita dificuldade expulsavam seus pulmões era superficial e lento.

Mageen, quem se encarregava de que Erin sempre estivesse sobre linho seco, não disse nada a Olaf. Limitou-se a lhe olhar sem pronunciar uma palavra em contra e continuou ocupando-se eficientemente de suas tarefas. Moira abriu a boca, como querendo enviá-lo para fora da habitação, mas com um só movimento da mão Olaf lhe indicou que lhe trocasse sua posição ao lado de Erin enquanto se aproximava da cama.

Moira se deslocou e Olaf tomou seu posto. Agarrou a mão de Erin entre as suas e baixou a cabeça para sua cara, insistindo para Erin que abrisse seus olhos com seu olhar nórdico.

— Está se rendendo, irlandesa. Jamais pensei que faria tal coisa em meio de uma luta.

Ela elevou as pestanas, seus olhos esmeraldas reluziam pela dor.

— Não... Não deveria estar aqui, — ofegou. — Por favor, Olaf, não assim...

Controlou o tremor de suas próprias mãos aumentando a força com a que agarrava as dela. O olhar dela estava totalmente desprovida de qualquer brilho de vida. Tinha que trazê-la de volta, fosse como fosse.

— Tem razão, irlandesa. É todo um espetáculo. Mas permanecerei aqui tal como estou até que nasça meu filho Norueguês.

—Filha, — chiou ela irritadamente. — E Irlandesa.

Ele sorriu para ela, seus olhos estavam mais claros. De repente seu semblante se distorceu de uma vez que a mão que sujeitava entre as suas lhe apertavam dolorosamente.

—Outra vez...— respirou ela. Os olhos lhe encheram de lágrimas e pegou um pequeno grito. —Olaf, já não posso mas...

Foi a voz de Moira a seguinte que se ouviu, seu tom desesperado.

—Tem que agüentar, meu senhor.

— As mulheres são débeis!— exclamou sarcásticamente Olaf enquanto deslizava um braço ao redor de Erin, elevando seus ombros contra ele. — Sempre lutou Irlandesa! E lutará agora. E eu te ajudarei. Aperte bem os dentes, meu amor, e empurra quando Moira lhe peça isso. Apoiada e

estimulada pelo Olaf para utilizar as última reservas de energia, Erin fez tal como lhe tinha ordenado, sentindo-se de alguma forma intumescida enquanto endireitava seu corpo. Depois deixou sair o ar e se deixou cair contra ele, deprimindo-se quase.

— Já temos a cabeça!— gritou Moira com alegria. —Só uma vez mais... uma vez mais. Olaf, tem que fazer que o tente outra vez.

— Outra vez Erin!— ordenou-lhe com muita dureza. — Outra vez... e depois poderá dormir. — Empurrou os ombros dela para frente, forçando-a a obedecer. Apenas conciente, Erin inspirou ar de novo e empurrou. Foi recompensada ao sentir como seu corpo se esvaziava e depois ouviu gritos de alegria, e os sussurros de seu marido enquanto a abraçava meigamente. — Sabia que poderia fazê-lo, irlandesa. Sempre foi uma lutadora.

Tudo a seu redor começou a dar voltas e se deixou cair exausta. Olaf apoiou delicadamente sua cabeça sobre o travesseiro. Um forte grito encheu a sala e então ouviu Olaf lhe sussurrando de novo.

—Um menino, Erin. São e formoso. — riu brandamente— E pela cor que se vê agora, parece que vai ser tão loiro como o ouro.

Ela sorriu e abriu os olhos uma vez mais para ver a criança, quem protestava enquanto Mageen o limpava com água morna. Logo que estava coberto com tecido antes de que Olaf o agarrasse e se ajoelhasse ao lado de Erin.

—Um menino muito são, minha senhora, e lhe agradeço isso com todo meu coração.

Logo que podia ver seu bebê, mas apesar de tudo sabia que estava bem e que era uma preciosidade, embora parecia de alguma forma um pouco enrugado. As palavras de Olaf a tocaram como uma carícia, e se permitiu fechar os olhos de novo. Sentiu o contato dos lábios dele em sua frente, e depois o bebê e eles partiram.

Moira encontrou um pouco difícil separar a seu senhor do jovem herdeiro, mas ficou firme.

—Meu senhor, — sussurrou ela, com gratidão e alívio empanando o tom de sua voz —, o que tem feito foi muito nobre por sua parte, mas agora deve nos deixar. Precisamos banhar a Erin e trocar suas roupas, e trabalharemos melhor a sós. Esta mortalmente cansada, e o bebê agora necessita a sua mãe

Olaf assentiu lentamente enquanto devolvia seu filho a Moira. Jogou uma olhada a Erin por última vez, mas seus olhos estavam fechados de novo. A palidez de seu rosto estava sendo substituída por uma cor muito saudável, e embora o esforço ainda danificava seus traços, seus lábios estão parcialmente abertos formando um sorriso.

Baixou as escadas cansadamente, concentrado em uma maré de pensamentos, até que viu as ansiosas caras de Sigurn e Eric.

Um amplo sorriso se formou em cima da dourada barba de sua cara.

—Um filho. — Informo-lhes — A mãe e o menino estão se recuperando perfeitamente.

Eric emitiu um emocionante grito de vitória VIKING que bem tivesse podido gelar o sangue. Olaf se encontrou com um corno de cerveja entre as mãos. Bebeu longamente, e horas mas tarde, enquanto Eric e Sigurn dormiam, continuava olhando ao fogo.

Jamais havia sentido tanto amor como essa noite. Amor por uma criatura com mãos tão diminutas que se fechavam tão fortemente às suas, amor por uma mulher tão delicada fisicamente mas tão forte de coração que tinha levado sua semente e lhe tinha dado um filho.

Não, mais que isso. Desde o começo, lhe tinha feito voltar a viver. Ela era a alma que tanto tinha procurado.

Erin não despertou até a tarde. Em seguida procurou seu filho assim Moira lhe entregou o bebê, sorrindo-lhe radiante ao compreender o que a mãe estava sentindo agora. Fazia pouco ela tinha sentido o mesmo.

Com seu filho a seu lado, Erin apartou os tecidos que o cobriam e o examinou impacientemente de pés a cabeça. Era perfeito. Tão pequeno mas de uma vez perfeito. Dedos diminutos, cara enrugada. E abriu os olhos enquanto o olhava, e se surpreendeu ao encontrar-se com um tom verde igual aos seus.

— Moira! Seus olhos!

—Sim, Erin. — Riu Moira. — Tem seus olhos. Mas essa mecha de sua cabeça é definitivamente igual ao de seu pai. Não sei como Olaf pôde adivinhar que seria tão loiro ontem à noite.

Erin sorriu e se ajustou a túnica de forma que o menino pudesse mamar em seu peito e enganchar-se a este com avidez. Emocionou-se ao sentir o primeiro contato do menino ao mamar provocando-a um carinhoso prazer e sorriu.

— OH, Moira! nasceu um menino loiro porque Olaf assim o decretou!

Moira respondeu com uma careta e ponho-se a rir com ela.

—Bom, minha pequena mãe, o Senhor dos Lobos está agora mesmo exigindo que lhe deixem entrar uma vez mas. Assim quando o pequeno se encha...

— Me dê um pente, Moira! E uma bacia! Devo limpar e me arrumar o cabelo rapidamente. Não quero que me veja com este desastroso aspecto outra vez.

—Shhh...— tranqüilizou-a Moira, Sorrindo por debaixo. —Não lhe deixarei entrar até que assim o você deseje. — Endureceu o tom de sua voz até que pareceu uma anciã. —E, Erin, tem que te dedicar os mesmos cuidados de ti que ao bebê. Ontem à noite te debilitou terrivelmente. Tomará seu tempo te pôr bem. Escovarei-te o cabelo até que brilhe. Mas também tem que comer algo.

Erin era consciente da pouca força que ficava. Mas apesar de que toda a agonia que tinha sofrido a noite anterior seguia presente em sua memória, tinha merecido a pena. Olhou a diminuta cabeça que se apertava faminta contra seu peito e a ternura que sentiu foi transbordante. Era tão quente. Tão precioso. Estava tão vivo... E era dele. O filho dourado do Lobo.

Não permitiu que afastassem a seu filho de seu lado enquanto obedientemente comia e se arrumava. Quando Olaf entrou no quarto, a encontrou embalando o menino, observando sua silhueta dormida com uma expressão tenra e sonhadora que lhe chegou até o coração. Para ouvi-lo entrar, voltou-se para ele com um sorriso deslumbrante e o tom esverdeado de seu olhar mais brilhante que a mais exuberante das colinas no verão. Devolveu-lhe o sorriso, aproximou-se e se tombou na cama de forma que o menino ficasse entre eles.

— É formoso, verdade meu senhor?— perguntou Erin sem quase poder esconder seu orgulho.

—Sim, Erin— Respondeu Olaf brandamente.

Durante vários segundos simplesmente se dedicaram a guardar um cômodo silêncio, desfrutando do recém-nascido como orgulhosos pais. Depois Olaf procurou sob seu manto e tirou um pequeno cofre, delicadamente esculpido segundo o estilo norueguês.

—Um pequeno presente para a princesa de Tara, — disse com a voz um pouco rouca, oferecendo-lhe a ela. — Mas notei que os irlandeses gostam dos adornos para o cabelo. Espero que isto você goste.

Os olhos se encheram de lágrimas enquanto abria o pequeno estojo. Não importava qual fosse o presente, só importava que se preocupou em lhe trazer algo.

Um pequeno grito lhe escapou dos lábios ao ver o conteúdo da caixa. Havia dois deslumbrantes adornos de ouro incrustados em esmeraldas e safiras idênticas. Não podia apartar o olhar deles enquanto lutava contra as lágrimas que ameaçavam por surgir. Tremeram-lhe os lábios enquanto falava.

—Te dou obrigado, meu senhor, pois realmente é um presente extraordinário.

— Fazem jogo com a beleza de seus olhos, irlandesa, — respondeu-lhe brandamente ele.

Para Erin foi impossível elevar a vista para encontrar-se com o olhar azul que sabia que estava centrada nela. Estava-lhe oferecendo sua ternura como prêmio por lhe haver dado o que tanto ansiava, um filho. Mas até quando? Começou a tremer, sentindo-se muito fraca para procurar resposta a sua pergunta.

— Obrigado, meu senhor, — sussurrou de novo. Continuando, duvidando enquanto observava o brilho das jóias frente a ela, perguntou.

— Há outro presente que desejaria te pedir, Olaf.
— Sim?
— Eu adoraria o chamar de Leith.
— É um nobre irlandês, — respondeu Olaf como se isso o dissesse tudo.
— Poderia ver assim, — murmurou Erin, finalmente reunindo o valor para encontrar-se com seu olhar e suplicar. — Mas se parece muito a Leif, meu senhor, que é um nome norueguês. — Fez uma pausa de novo. — Para os irlandeses ele será Leith MAC Amhlaobh, pois esse é seu nome entre os homens de meu país. E entre os noruegueses... Leif Olafson. Por favor, Olaf. Desejo tanto lhe chamar como meu irmão...
Olaf o pensou durante uns segundos.
— Porque assim se chame.
Lágrimas de felicidade começaram a lhe percorrer as bochechas. Olaf colocou uma mão sobre o bebê para depois tirar-lhe brandamente. Erin lhe agarrou a mão e beijou sua palma. Mas antes de que pudesse dizer uma palavra mais, a porta da habitação se abriu de repente por onde entrou uma Moira se assemelhando a um guerreiro a ponto de entrar em batalha.
— Meu senhor, Erin deveria descansar. Precisa dormir. E há um estranho com pinta de lunático no grande salão exigindo que lhe permita ver o menino e insistindo que Erin deveria beber uma poção com uma pinta demoníaca...
Erin e Olaf se olharam o um ao outro e exploraram em risadas.
Olaf arqueou uma sobrancelha.
— Mergwin?— pergunto com cumplicidade.
— Mergwin, — coincidiu Erin.
— Envia o lunático aqui acima, Moira, — disse-lhe Olaf. — É obvio que Erin beberá sua poção. Se existir uma poção capaz de curar tanto o corpo como o espírito, será a sua.
Olaf se levantou da cama a contra gosto enquanto Moira partia.
— Te deixarei então, irlandesa. Estou seguro de que o druida não ficará mais que para ver o menino e cuidar de você. — Durante um momento pareceu aflito. — Levarei minhas coisas da habitação esta noite para dormir em algum outro lugar e não te incomodar.
Erin baixou o olhar com o coração acelerado. Depois, decidida, elevou-a de novo e capturou o olhar azul do Nórdico com seus invitantes olhos verdes esmeralda.
— Dormiria muito melhor contigo a meu lado, meu senhor— murmurou ela brandamente.
Uma sensação de calidez alagou Olaf. Encontrou-se, de fato, hipnotizado pelo olhar dela. Finalmente pôde romper o contato.

— Irlandesa, não tenho nenhum desejo de abandonar minha cama. Se meu corpo te contribuir com conforto em vez de irritação, dormirei bem a gosto onde pertenco.

Ele sorriu e partiu.

Erin sentiu como se o mundo fosse com dele. Estava radiante quando Mergwin entrou na habitação. Este olhou ao menino e depois se aproximou dela com uma brusca advertência.

—Filha do Aed vai escutar-me com atenção e a descansar para recuperar as forças que perdeste. Durante os próximos três dias não tentará te levantar...

Erin lhe escutou docilmente, Sorrindo com alegria e orgulho quando o druida agarrou em braços ao recém-nascido antes de colocá-lo no formoso berço com os emblemas noruegueses e irlandeses, assentindo cada instrução que seu antigo mentor lhe dava. Obedientemente bebeu a poção de ervas. Mas ao final não pôde conter o estalo de risada que lhe escapou e atirou os braços em seu pescoço, abraçando-o bem perto.

— OH, Mergwin! Sou tão feliz!

Mergwin lhe devolveu o abraço, com o coração a ponto de sair do peito. Tudo parecia estar tão bem. Porque então não podia unir-se à mãe e ao filho e desfrutar do nascimento desse menino tão especial?

Ainda existia a ameaça da escuridão vindoura. Se tão só pudesse encontrar o caminho para a luz...



CAPÍTULO 24

Era fácil penetrar na cidade. Incrivelmente simples. Teve evitar para não se estalar em vitoriosas gargalhadas.

Em vez disso, sentou-se tranqüilamente sobre a quebrantada e velha égua com sua réstia de aves frescas golpeando contra as ancas do cavalo. Parou no pátio da residência real, reconhecendo sua admiração para seu inimigo enquanto valorava os muros. Então sentiu de novo crescer o ódio em seu interior ao dirigir sua vista para cima e olhar fixamente os emblemas do lobo esculpidos nas almenas.

Não tinha medo de ser reconhecido na cidade. Tinha sacrificado a magnífica longitude de sua barba para deslocar-se sem ser detectado, e vestia a túnica de um monge irlandês, e um aborrecido capuz de lã sobre sua cabeça. Carregava uma grande cesta, como um curandeiro que estivesse recolhendo ervas e fora perito na língua irlandesa.

Friggid se deteve só o suficiente no mercado para aliviar sua carga, então conduziu sua égua perto da grande casa de pedra uma vez mais. De novo, não encontrou obstáculo algum ao entrar em grande salão, dado que era sabido que qualquer homem era livre de trazer uma queixa ou uma petição ao rei e que não se permitia a ninguém morrer de fome no

Dublin. Um homem só precisava pedi-lo no salão para ser alimentado. Seguindo este costume, Friggid solicitou hospitalidade, e como estava previsto lhe disseram que se sentasse diante da chaminé com uma terrina cheia de guisado de cordeiro. Enquanto comia, vigiava cuidadosamente as idas e vindas dos homens do salão. Os serventes estavam ocupados limpando e, de vez em quando, alguma dama subia as escadas.

Friggid dirigiu seus olhos para essas escadas. Era mais que provável que o Lobo dormisse perto do patamar superior, pois seria o primeiro em armar-se se o perigo ameaçasse sua guarida.

Ninguém emprestava muita atenção ao discreto monge, e ele esperava sua oportunidade com paciência. Quando o salão esteve tranqüilo, subiu as escadas com silenciosa velocidade, a febre da vingança alagava seu sangue. Da sombra de seu capuz olhou a seu redor uma vez mais, mas embora podia ouvir a risada de uma mulher procedente de uma habitação próxima, ninguém estava perto para lhe desafiar. Procurou na primeira porta. Quando se fechou detrás estudou a câmara, notando instantaneamente o berço, com suas detalhadas e finas talhas. Caminhou para ela e um sombrio sorriso cruzou seus lábios, dado que realmente tinha apostado bem. O filho do Lobo dormia, com sua pequena cabeça dourada, símbolo inegável da paternidade do menino. Cuidadosamente retirou o menino de sua cama e o pôs na cesta, pois ainda se arriscava a que o menino despertasse e chorasse. Ainda não queria ferir o menino, pois o bebê era a arma para o homem.

Rapidamente Friggid se deslocou para a porta, pois tendo visto a cativante rainha de seu Némesis, o Lobo, Friggid não acreditava que Lady Erin deixasse a seu menino só muito tempo. Antes de sair da câmara, olhou-a fixamente de novo, sentindo a odiada inveja clamando em seu interior. Das peles e cortinas da cama até os polidos baús, a habitação era uma amostra de espaço e comodidade. Podia imaginar perfeitamente o Lobo na cama, desfrutando do melhor dos esportes com sua orgulhosa e bela rainha de olhos de fogo.

Os dedos do Friggid se esticaram sobre a lateral da cesta. Dublin foi uma vez dele. Ele deveria ter sido o rei, que solicitasse a essa garota única e deslumbrante como seu prêmio, que construísse semelhante salão como monumento a sua vitória.

— Mas por fim, Olaf, ganhei—, suspirou em alto.

Silenciosamente abriu a pesada porta um pouco. O salão ainda estava vazio, mas podia ouvir uma ligeira melodia de uma mulher aproximando-se. Friggid se deslizou rapidamente através da porta, baixando as escadas. Saiu do salão sem ser abordado pois a quem ia ocorrer interpelar a um desarrumado monge?

Deixou a cidade sobre a coxa égua, mas tão logo se aproximou do bosque do norte, arrancou-se o capuz e rugiu sua risada ao vento. Seus homens, aqueles que se arrumou para reunir e que lhe jurassem fidelidade, esperavam-lhe no bosque, junto com uma mulher para atender e cuidar de menino e uma montaria digna. Sua primeira ação ao unir-se a eles seria matar a essa pobre desculpa de cavalo que agora montava. Frigid sacudiu sua cabeça e o bosque ressonou com sua arrepiante risada.

Erin cantarolava enquanto se movia ligeiramente pelo salão. O dia tinha amanhecido tão belamente, tão claro como o cristal. Havia se sentido maravilhosamente desde que despertou, e agora que Leith já tinha três semanas, ela tinha podido deixá-lo para retomar a maior parte de suas atividades. Havia muito que fazer, dado que Olaf tinha decretado que os católicos de Dublin eram livres para celebrar a missa de Natal com toda a cerimônia devida. Os mais leais vikings estavam esperando o dia com interesse, pois Erin lhes havia dito que haveria um grande banquete, o que sempre ia bem com o coração viking.

Para o Erin seria uma missa de Natal muito especial, pois para esse dia já teriam acontecido seis semanas do parto, e ela pretendia seduzir intencionalmente a seu marido e que este acreditasse em sua lealdade. Estava segura de que ele não poderia continuar rechaçando-a. Embora ainda não tinham falado dos assuntos do coração, tinham compartilhado muitas coisas, e nos últimos momentos antes de que Leith viesse ao mundo, estava segura de que ele a tinha chamado seu amor. Ela não era Grenilde, mas tendo perdido já a um irmão e a um querido amigo, podia entender que um homem ou mulher pudesse estar de duelo em seu coração, e ainda assim encontrar lugar para um novo amor. Certamente o grande Lobo deveria vê-lo assim agora.

Ainda cantarolando e sorrindo com o mero pensamento de dar uma olhada a seu dormido filho, Erin entrou na câmara e se aproximou do belo berço. O pânico a alagou instantaneamente quando não viu o bebê, um calafrio a paralisou, correu por seu sangue e suas extremidades. forçou-se a acalmar-se, pois rechaçava acreditar que algo fora mal. Olaf teria vindo e o teria pego, ou Moira. Mas isso não podia ser, dado que Olaf estava caçando com parte de seus homens no bosque do oeste e ela acabava de deixar a Moira no solário onde tinham estudado o menu para o banquete de Natal.

Possivelmente Mergwin, que ainda desfrutava da hospitalidade da cidade... não, embora Mergwin amava ao menino, ele não tocaria ao jovem herdeiro sem sua permissão ou de Olaf. Rig? Mageen? Pouco provável, pensou rapidamente.

O grito crescente que tinha esticado a garganta de Erin saiu esmigalhado em um gemido angustiado que pareceu sacudir as mesmas paredes.

Voou de sua câmara ao salão, onde a família se reuniu alarmada ante sua chamada.

—O bebê... Leith... não está— Erin gaguejou rapidamente e seus aterrorizados olhos observavam dos guerreiros no salão até as damas do solar quem se reuniu atrás dela. Seus olhos se encontraram com os do Rig suplicantes. — Rig, Onde está meu menino? Ordenou Olaf que o tirassem? Mageen... estava acordado e armando alvoroço. OH, por favor! Alguém que me diga onde o levaram!

Sua única resposta foram olhares de espanto e tristeza. Erin caiu ao chão, escapando de novo um grito de agonia de sua garganta. Moira se adiantou, agachando-se para balançar Erin em seus braços.

— O encontraremos, Erin. Certamente há uma explicação

Um dos fornidos vikings ao mando de Erin falou.

—se acalme senhora, sairei e encontrarei ao Lobo.

Ele baixou as escadas rapidamente. Outros começaram a dar idéias sobre os lugares onde poderiam olhar, e todos se apressaram, decididos a encontrar o pequeno bebê e aliviar a agonia de sua mãe. Erin girou sua cabeça sobre o ombro da Moira e chorou apenadamente.

—Só tem três semanas, Moira. O não pode ter caminhado ou engatinhado. É muito pequeno para sobreviver sem mim. OH, Meu Deus, onde está meu menino?

Buscaram a casa de um extremo a outro, sem deixar nenhuma fresta ou esquina sem revisar. A gente destroçou a cidade, mas seguiu sem haver nenhuma sinal do amado príncipe. Erin estava apenas coerente no momento em que Olaf apareceu em seu grande salão, gritando perguntas à família enquanto sustentava o trememente corpo de Erin contra o seu.

Não houve respostas, só mais confusão enquanto cada homem e mulher tratava de explicar métodos de busca e de oferecer idéias.

Mergwin, quem tinha se unido à caça no bosque com o Lobo Viking, ao que tinha chegado a admirar mais e mais com o passado do tempo, observava a cena com grande consternação e o frio do conhecimento paralisou seus ossos. A escuridão tinha chegado. Tinha pensado que seria Erin quem enfrentaria o perigo, não tinha visto que seria o menino.

Moveu-se através da formada multidão de guerreiros, artesãos e esposas, nórdicos e irlandeses por igual, e se dirigiu ao gasto gigante loiro, que sustentava a sua desesperada princesa contra o peito.

—Pergunta, senhor Lobo, —disse Mergwin com medo— que estranhos podem ter entrado no salão hoje, porque sabendo isso descobriremos o paradeiro do jovem príncipe.

Os chamativos olhos azuis cheios de medo se acenderam e Olaf reconheceu a sabedoria de suas palavras. A voz do Lobo ressonou através do salão em afiada interrogante.

— Quem esteve aqui hoje? Que tipo de estranho procurou hospitalidade aqui?

— O monge!

A resposta veio de muitas vozes depois de um silêncio de um segundo só. Mergwin sentiu afundar-se seus ombros. O viking que tinha cavalgado para encontrar Olaf e lhe trazer para casa, adiantou-se para falar.

— Ele foi o único desconhecido que entrou hoje no salão

O medo golpeou ao Olaf, como um martelo em seu coração.

— Me descreva à monge

—Levara um capuz marrom, feita farrapos, e de sua cara não percebi muito pois estava escurecida—. A frente do viking se elevou claramente com sua concentração. —Parece que caminhava de um modo estranho, como se ainda montasse um cavalo.

—Friggid o Patizambo...

O sussurro suave e incrédulo vinho de Erin, quem permanecia à margem da multidão. Erin elevou sua cabeça do ombro de Olaf para olhar fixamente através do mar de caras e encontrar o olhar horrorizado de seu cunhado.

— O Dinamarquês?— perguntou ela em um ofego, sabendo perfeitamente a resposta, que era o mesmo homem que tinha causado a tortura e o açougue que tinham cheio os campos do Carlingford Lough.

Ela começou a gritar e gritar, e não houve ninguém capaz de consolá-la. Histérica e sem lhe importar os espectadores, golpeou o peito de seu marido, lhe lançando furiosos juramentos e acusações, que os irlandeses nunca faziam a guerra aos meninos, só os vikings, invasores sem importar seu país, fariam tais coisas. Como podia Olaf ter permitido a seu cão de presa entrar em seu lar, para pôr em perigo a seu menino? Ela exigiu que ele encontrasse a seu filho, que o Viking procurasse o Viking. Suas palavras eram meros chiados, apenas coerentes.

Olaf suportou seus martilizantes estalos até que ela se derrubou contra ele, com seus lábios estreitamente comprimidos contra suas selvagens acusações. Seus olhos se posaram em Mergwin, quem se aproximou e amavelmente apartou Erin de Olaf, conduzindo seu corpo sacudido pelos soluços pela escada, onde o poderia forçá-la a encontrar alívio com uma poção para adormecê-la.

Olaf enviou guardas para vigiar as terras além das muralhas e chamou Eric e Sigurd a sua câmara de guerra privada.

Eric tocou o ombro de seu irmão

—Ela não queria dizer isso, Olaf— disse brandamente.

A geada bruma do gelo ártico alagava os olhos de seu irmão.

—Não, Eric, ela queria dizer exatamente o que disse. Não importa. Primeiro encontrarei a meu filho, e então arrumarei isso com minha mulher

Planejaram a busca para desdobrar-se em um amplo arco ao redor da cidade, e elaboraram sinais para os sons dos chifres de batalha para qualquer partida de homem que desse com uma pista. Eric não acreditava que Friggid pudesse ter recrutado um grande contingente de homens, pois tinha perdido tantas tropas contra o Lobo que inclusive seus parentes dinamarqueses temiam cavalgar com ele.

Sigurd, duvidando da cólera de Olaf, mas sempre consciente de que seu líder preferia ouvir suas idéias sem importar quão dolorosas fossem, também teve tranqüilas palavras de advertência.

—O menino poderia estar morto, Olaf. O Patizambo não duvidaria em lhe tirar a vida, e seu ódio para ti é intenso.

Os duros traços de Olaf estavam tensos, mas ele falou com tranqüila autoridade.

—Não acredito que tenha ferido a meu filho. Sua morte seria uma boa vingança, pois eu seguiria vivo ainda. É a mim quem procura através do menino.

Logo que tinha terminado de falar quando um golpe soou na porta e um guarda anunciou que um mensageiro do Friggid o Patizambo esperava ser recebido. Olaf avançou a grandes pernadas da câmara até o salão como um raio, provocando que o dinamarquês que lhe esperava tremesse ante sua cólera logo que controlada. Olaf se moveu sem emprestar atenção ao homem encolhido de medo, elevando-o do chão, agarrando-o por pescoço de sua túnica.

— Me diga que o menino está vivo, Dinamarquês, ou morrerá aqui e agora

A cara do mensageiro marcada pela guerra se voltou púrpura enquanto assentia confusamente.

—Mas se não voltar, senhor dos lobos, Friggid matará ao menino.

Eric pôs uma mão sobre o ombro de Olaf e este recuperou o controle para soltar ao dinamarquês.

— Fala! exigiu Olaf, e o Dinamarquês, como muitos outros antes que ele, deu-se conta de que a tranqüila frieza do senhor Viking lhe penetrava até os ossos.

— Se deseja o retorno de seu filho, deve cavalgar até o bosque do sul ao amanhecer. Leve alguém a mais com você para trazer o menino de volta. Olaf se parou um momento e o mensageiro sentiu como se um vento ártico lhe tocasse com um fogo glacial.

—Não, não o farei. Se Friggid deseja enfrentar-se a mim em batalha, farei-o alegremente. Lhe leve esta mensagem: Encontrarei-me com ele eu sozinho ante as portas de Dublin. O menino será levado a lugar seguro e então nossos homens também se retirarão. É nossa luta. Não é entre Irlandeses e Vikings, ou Dinamarqueses e Noruegueses. É um

pouco privado e já se perderam muitas vidas. Leve esta mensagem a seu lorde, e me traga sua resposta.

— Não!— O ardente grito veio da parte de acima das escadas. Olaf olhou para cima para ver que ali estava Erin, com seus dedos agarrados ao corrimão e seu cabelo caindo grosseiramente sobre seus ombros, contrastando com as chamas esmeraldas de seus olhos. Ela pareceu voar descendo pelas escadas e antes de que pudesse pará-la, estava negociando com o mensageiro dinamarquês.

— Não lhe dê essa mensagem!— gritou Erin, —Lhe diga que irei em qualquer lugar que ele escolha se liberar o menino. Eu serei uma refém muito melhor, posso montar bem e não lhe provocarei nenhum atraso. Lhe diga...

— Erin!— rugiu Olaf, agarrando por fim sua mão e voltando-a duramente para ele.

Voltou-se para o mensageiro,

— Vai! Fora de meu salão, agora, ou te arrancarei as orelhas e o nariz. Leve minhas palavras a seu lorde, não as de uma arpia gritã.

Erin lutou contra a força de Olaf e gritou

—Escuta minhas palavras, porque seu líder também quereria as ouvir. Ela não soube se o homem escutou seu grito ou não, pois ele já tinha escutado a verdadeira ameaça nas palavras de Olaf, e se preocupou de não ter uma polpa sangrenta entre seus olhos para respirar o resto de sua vida. Ela não teve muito tempo para considerá-lo, pois Olaf a sacudi ferozmente de repente.

— Deve me trair sempre?—, rugiu com uma fúria logo que controlada. —Tola! Não conhece este dinamarquês! Ele só procura formas para abrir o pescoço do meu filho diante de meus olhos, antes de minha execução. Idiota! Pensa que intercambiaria o menino por você? Não, tomaria aos dois. Está tão impaciente por conhecer dinamarquês, de jazer debaixo dele e lhe sentir empurrando?

Erin lhe olhou fixa e duramente durante um momento, sentindo como se sua cabeça ainda desse voltas e se balançasse ante sua sacudida.

—Um Viking é um Viking—, cuspiu ela, tremendo enquanto falava, pois sabia que devia falar cruelmente embora suas palavras fossem um grito contra seu próprio coração. —Logo que houve nenhuma diferença para os irlandeses em ser invadidos por noruegueses ou dinamarqueses.

A adaga aguda que seus olhos lhe infligiram foi assombroso, e ainda assim ela aceitou a dor, pois era seu dever. Olaf tinha razão, o dinamarquês tentaria matar a ambos, a ele e ao menino. Mas ela sabia que poderia arrumar-lhe para enganar a Friggid e fazer que soltasse a seu filho. Inclusive se ela mesma tivesse que sacrificar-se, não teria importância, pois Leith — e Olaf — estariam vivos. Ela tinha empregado o

tempo durante o qual Mergwin pensava que estava dormindo a salvo, fazendo cuidadosos planos.

Ainda assim, não tinha planejado chegar ao limite da raiva de Olaf. Ele a separou de si com um furioso juramento, tão cruelmente que se cambaleou contra Sigurd e teria caído ao chão se o Viking não a tivesse segurado.

— Se assegure de que minha esposa seja encadeada—, ordenou ele, — e bem encadeada para que não nos traga uma nova traição neste dia.

Sigurd poderia ter chorado de fúria e a pena que sentia por aqueles que amava.

— Levarei a rainha a sua câmara.

— Não!—, trovejou Olaf, — Às masmorras, dado que é uma Puta bem versada nos modos de uma bruxa tentadora, capaz de seduzir aos homens a sua vontade.

Sigurd sujeitou ao Erin pelos ombros, arrastando-se de um pé ao outro.

—Olaf, eu...

— Sei perfeitamente o que importante Sigurd. Me obedeça.

— Não!— gritou Erin, mas foi tirada dali apesar de seu protesto. — Lobo bastardo!—, chiou ela, mas era duvidoso que Olaf escutasse algo mais que o eco de seu juramento, pois Sigurd a estava levando abaixo pelas escadas das masmorras. Deus Santo, perguntou-se ela febrilmente, Como poderia escapar dessa prisão feita de pedra e aço? Tinha que fazê-lo! A vida de seu filho estava em jogo... e a vida do Lobo.

Sigurd não a tinha encadeado, e tampouco permitiu que sua cela fosse uma cela miserável. Tinha dado a Erin quente feno, suficiente comida e água e as mais finas peles disponíveis para esquentar-se. Embora sabia pela aparência da cara do Viking, que se preocupava com ela, obedeceria lealmente ao senhor que tinha seguido a Irlanda, o Senhor dos Lobos.

Estava muito intumescida para mais lágrimas, muito preocupada para pensar, e assim se passeava pelo frio chão de pedra com febril agitação, confiando que o gasto de energia pudesse consolar sua alma e lhe permitir planejar algo. Os planos que preparou tinham ido por mau caminho, e agora, se permitia pensar, consumiria-se com a desesperança, pois estava segura de que só ela poderia salvar a seu filho.

Passou uma hora atrás de outra, e seus fatigados passos continuaram pisando o chão. Devo parar, advertiu a si mesma, pois logo que estava recuperando suas forças do parto e sabia que podia fazer-se dano. Mas pensá-lo, fez-lhe recordar a seu pequeno e precioso menino e seus peitos se inflamaram e lhe doeram, enchendo-se instintivamente. A dor já se podia sentir e o bebê só tinha perdido duas tomadas.

As lágrimas voltaram de novo para seus olhos e se perguntou se o choraria, se sofreria, se estaria faminto.

—Não devo, não devo pensar estas coisas—, disse em alto, escutando o eco de sua própria voz na cela de pedra.

— Erin!

Foi apenas um sussurro, e como ela se calou, perguntou-se se não teria imaginado o som de seu nome. Mas o sussurro voltou de novo, e ela correu a forte porta de madeira e olhou através do pequeno quadrado gradeado. Para seu grande alívio, escutou o tinido de umas chaves.

— Quem é? — murmurou em uma ansiosa pergunta.

A porta chiou e ela tremeu de alívio quando viu que era Mageen, com um olhar de terror em seus olhos.

— Se apresse, Erin, pois se Olaf me agarra, certamente me esfolará viva. Erin não pensou em discutir com Mageen, pois nunca tinha visto Olaf tão furioso como hoje.

— Deus te benza, Mageen, Deus te benza!

— OH, te apresse, por favor, por favor, tenha pressa!

Erin seguiu ao Mageen através do ventoso túnel por debaixo da residência real.

— Podemos alcançar a cozinha por aqui, e escapar pela parte de atrás sem sermos vistas—, sussurrou Mageen. —O amanhecer chegará logo, muito provavelmente os homens procurarão dormir, antes de que devam levantar-se.

Em pouco tempo saíram das escuras profundidades à cozinha, e tal como Mageen tinha rezado, os serventes tinham tentado permanecer acordados ao longo da noite dormiram em suas cadeiras e sobre os juncos limpos do chão. As duas mulheres foram capazes de escapar silenciosamente na escuridão da noite.

—Deus te benza, Mageen—, sussurrou Erin de novo fervorosamente. — Mas agora devo conseguir um cavalo e uma adaga!

Mageen duvidou na escuridão, sua voz tremeu, mas suas palavras foram valentes.

—Se cavalgar em busca do dinamarquês, eu cavalgarei contigo.

—Não, devo ir eu. Você te poria em um perigo desnecessário.

— Quem trará seu menino para um lugar seguro?

Depois de um comprido momento Erin suspirou.

—Que Deus te cuide durante o resto de sua vida, Mageen, verdadeiramente é generosa. Agora, o primeiro é conseguir burlar aos guardas.

Mageen soltou uma risada, e embora o som ainda tinha um toque de medo, soava certamente com um orgulho ardiloso.

—Tenho-me feito muito amiga de um irlandês ferreiro, que viaja de cidade em cidade com seu ofício. Ele conduzirá nossas montarias através dos guardas e nos encontraremos na muralha oeste, onde há um buraco deixado por umas pranchas que devem substituir porque estão podres.

O amanhecer se aproximava rapidamente quando finalmente começaram a galopar pelo bosque do oeste. O terror golpeava o coração de Erin, quem benzeu silenciosamente ao Mageen de novo, pois sabia que a outra mulher estava duas vezes mais assustada que ela. Ainda assim não podia permitir que o medo governasse suas ações, pois não podia permitir-se nem o mais mínimo engano.

À medida que se aproximavam das árvores, Erin se voltou para Mageen nervosamente e lhe advertiu com os olhos que deviam parar. Se Friggid estava no bosque ele saberia que ela estava ali, e devia ter espaço suficiente para assegurar o êxito de sua empresa.

Um assobio entre as árvores lhe disse que tinha calculado bem, Friggid estava realmente ali, e a olhava certamente, esperando para saltar.

Forçou-se a si mesma a dizer atrevidamente,

—Não avançarei mais, Friggid o Patizambo. Se mostre e faz-o cuidadosamente, porque posso me voltar e cavalgar de volta ou avançar. Ela escutou uma profunda risada e então o dinamarquês apareceu, flanqueado em ambos os lados por pesados guardas.

—Estive te esperando, Erin de Tara, te dou boas-vindas.

O falou corretamente em irlandês, e foi esse o momento em que Erin lhe reconheceu como o homem que a tinha conduzido pelo caminho equivocado aquele dia nas colinas, quando se encontrou com Olaf. Seu estômago se agitou enjoado, mas não mostrou nenhum sinal em sua cara.

—Quero que devolva a meu filho à cidade de Dublin, e então cavalgarei para ti voluntariamente.

— Voluntariamente?— Friggid elevou sua frente lascivamente e riu profundamente de novo, fazendo que ondas de medo se elevassem no buraco do estômago de Erin. — por que deveria liberar o menino?— perguntou mais abruptamente. — O Lobo virá por seu filho — e sou consciente de que freqüentemente briga com sua mulher.

—Você não procura a vida do menino, Dinamarquês, só a de seu pai—, disse Erin friamente. — E Olaf é um homem possessivo. Virá por mim. Sou uma carga muito mais ligeira que um menino. Não requeiro cuidados especiais.

Friggid riu de novo, e o som revolveu o estômago de Erin.

—Erin de Tara, é uma recompensa. Sim, possivelmente seja melhor refém, porque poderei encontrar prazeres contigo que o menino não poderia me dar. Desmonta de seu cavalo, milady, e te aproxime para que possa ver tudo o que me oferece.

Mageen emitiu um som de protesto, mas Erin se moveu rapidamente para obedecer pois tinha estado esperando este mesmo instante.

Caminhou de uma maneira fria e calculada para o dinamarquês, escutando suas palavras.

—Ahh... senhora, agora tenho a ambos, filho e esposa.

Suas palavras se interromperam com um som estrangulado enquanto ela se movia com uma agilidade que ele tinha subestimado, colocando o fio de sua bem afiada adaga contra sua virilha. Agora foi ela a que falou com autoridade.

—Minha vida não significa nada se meu filho morrer, Dinamarquês, e estou desejando morrer, mas você não será tão afortunado. Viverá o resto de seus dias como uma mulher em vez de como um homem

— Alto!— ordenou Friggid enquanto seus guardas começavam a aproximar-se. Sentia a segurança do fio pressionado contra sua virilha e rapidamente chiou outra ordem.

— Lhe entreguem o menino à mulher da rainha.

Erin não relaxou sua tensão até que viu como entregavam a Mageen o vulto envolto em uma manta que era seu filho. Conteve o fôlego até que ouviu um berro que lhe assegurou que o menino estava vivo, mas inclusive então não podia permitir nenhuma falha no mortal afeto de sua adaga.

—Ela cavalgará até as portas, Dinamarquês, antes de que faça algum movimento. Estou muito nervosa, e não quereria que minha mão se sacudisse.

Friggid se deteve, enquanto lhe devolvia seu tenso olhar e sorriu com lento sarcasmo.

—O menino tem fome. Possivelmente quereria alimentá-lo antes de que vamos. Desfrutaria de uma cena... tão... doméstica.

—Eu não—, replicou Erin. Sem apartar seu olhar de seus olhos chamou o Mageen. —Vai agora, não me moverei até que saiba que chegaste bem à muralha.

Erin sentiu a dúvida de Mageen, e então escutou sua voz ressonando com alarmante clareza e ardor.

—Pensa nisto, Dinamarquês. Faz três semanas que Lady Erin deu a luz. Toca-a agora e a matará, e não terá nenhuma arma para atrair ao Lobo. Os olhos rapaces do Friggid se moveram lentamente de Erin a Mageen e voltaram para Erin.

—Ela é uma recompensa pela que estou desejando esperar.

Houve outra pausa, e então Erin escutou o som de golpes de cascos contra a grama enquanto Mageen finalmente corria afastando-se. A Erin custou toda sua força de vontade seguir olhando fixamente aos zombadores olhos do Patizambo, mas o fez, esperando... e esperando. Estava tentada de dirigir a faca contra ele de todas maneiras, mas então ela morreria, e embora tudo parecia absurdo e inútil, ela ainda tinha esperança. Seu filho vivia.

Por fim Friggid falou.

—A mulher se aproxima da muralha, senhora. Deixa sua adaga agora pois embora não quero te matar, sou um professor na arte de infligir dor. Erin deixou cair a adaga entre seus dedos. Não poderia havê-la sustenido mais tempo. Apertou os dentes enquanto as mãos do Friggid aferravam seu cabelo e roçavam seus inchados peitos. Riu enquanto sua cara empalidecia.

—Acredito que tenho feito um bom negócio, Erin de Tara, pois estou seguro de que nunca conheci uma mulher tão magnífica e valente. Outras três semanas, né? Darei-te esse tempo para te curar do menino, mas não desfaleça, pois então tomarei o que pertence ao Olaf, e o usarei bem.

Erin se forçou a lhe devolver o sorriso.

—Não tem feito nenhum negócio, Dinamarquês. Não enganará ao Lobo, pois ele não se preocupa comigo e me vê como uma traidora, tão cuidadosamente retorcida por ti. Não tem nada mais que uma simples mulher, Dinamarquês.

Friggid simplesmente sorriu.

—Estamo demorando muito aqui. Monta seu cavalo e não tente nenhum truque, ou possivelmente tenhamos que fazer tremer ao Olaf lhe mandando um de seus delicados dedos, antes que uma mecha de seu cabelo. Possivelmente ele não venha, Erin. Mas ainda me sinto agradado com o que tenho.

Empurrou-a para seu cavalo. Consciente de que lhe cortaria os dedos sem remorsos se desobedecia, Erin apartou seu cabelo e montou seu cavalo, perguntando-se furiosamente onde a levava.

— Ao bosque!—, ordenou ele.

—Possivelmente nos seguirá agora—, murmurou Erin.

—Não, minha senhora. Pois dentro da manta de seu bebê há uma mensagem advertindo que morrerão se não me concede um dia para me retirar. Sim, e quando o Lobo vier, se enfrentará a minhas defesas. Agora cavalga!

Deu a seu cavalo um sonoro golpe na garupa e ela lutou por manter o equilíbrio enquanto o animal saltava e punha-se a correr com os outros que saíam a toda velocidade através das árvores e a maleza. Quantos homens tinha? Perguntou-se, tentando contar aos que ela seguia. Cem? Mais. Certamente mas...

Tragou-se suas lágrimas de cansaço. Não tinha dormido e seu corpo parecia debilitar-se por momentos, a cavalgada a sacudia dolorosamente. Era evidente que Friggid agora planejava pôr distância entre ele mesmo e Olaf. Parecia claro que tinha planejado isto, consciente de que o Lobo não cairia presa do pânico e não cavalgaria desprotegido para ser sacrificado. Olaf estava atônito ao ver Mageen irromper no salão com seu filho, tão aturdido que só pôde gelar-se e então a alcançou pedindo ao menino,

enterrando sua cara contra a manta de seu filho, apesar dos berros de protesto do bebê. Seguro de que o bebê estava bem, então voltou a cabeça para sua antiga amante com fúria.

— Como ocorreu isto?

Mageen logo que podia falar.

—Erin... Erin...— Olaf chamou a Moira e lhe passou ao menino.

—Cuida-o como faz com sua filha—, pediu brandamente, e então a dura geada retornou a sua voz e a seus olhos. —Erin me traiu uma vez mais—, declarou friamente.

—Não, meu senhor—, Mageen suplicou, plenamente consciente de que sua cólera poderia descarregar-se sobre ela. —Ela fez o que qualquer mãe, procurando unicamente salvar a seu filho... e a seu marido.

Olaf emitiu um furioso juramento. Sua dor só podia expressar-se com aborrecimento, mantendo o terror à parte com o mais estrito controle.

Mageen se estremeceu enquanto permanecia de pé ante ele.

—O dinamarquês a tem a ela agora, Olaf—, suspirou com angústia.

Ela viu o estremecimento que rasgou seu corpo musculoso. Mas sua voz seguiu sendo áspera. Não falou de amor, mas sim de posse.

—Ele não terá nada que seja meu. Trarei-a de volta.

Deu-lhe as costas e ela não pôde ver o olhar de agonia febril que nublou seus agudos olhos azuis. Seus ombros se endireitaram e de repente ficou a gritar ordens.

—Sigurd envia homens ao norte e ao sul, a Tara e ao Ulster. Esta vez, o dinamarquês morrerá. Já não perseguirá mais esta terra!

Mergwin, lutando contra seu terror junto à chaminé, olhou para cima com seus anciões olhos obscurecidos pela pena mais dolorosa, e se perguntou se o Lobo Viking era consciente de que verdadeiramente se converteu em um irlandês. Rogou a seus antigos deuses para que o Lobo soubesse o valor do tesouro que possuía e procurasse o perdão de sua esposa, mas no momento, tudo o que podia fazer era suspirar com alívio. O motivo não era o importante, mas sim o Lobo a resgatasse.

E que não fosse muito tarde.

A visão do fogo era forte, o aroma da fumaça que atormentava os sentidos do velho Druida lhe produziu um medo arrepiante.



CAPÍTULO 25

O dia se converteu em noite, a noite se fez dia. Os dias se fizeram semanas. E eles continuavam cavalgando do amanhecer até além do pôr-do-sol.

Ao princípio, Erin tinha estado segura de que morreria. Os dinamarqueses tinham obtido grande prazer atormentando-a, e o passo que levavam era tal que não acreditava que sua saúde pudesse suportá-lo.

Mas esses primeiros dias, quando ela tinha acreditado que Olaf viria, seu coração tinha estado fortemente dividido. Sabia que Friggid desejava nada menos que a morte de Olaf, e que não lhe importava que outros pudessem ser sacrificados em seu curso. Se Olaf reunia forças para ir procurar-la, haveria uma matança.

Assim era melhor para ela confiar em que Olaf acreditasse ter sido traído uma vez mais, confiar que ele se fosse a solucionar algum problema mais molesto. Ainda assim, quando de noite caía rendida, ainda sonhava que ele cavalgava em sua busca, entretanto o amanhecer vinha, e ela estava sozinha ante o frio vento, com os dinamarqueses cavalgando sempre para o este, temendo o passar do tempo enquanto Friggid a olhava nos olhos a cada manhã, contando as semanas e dias que ficavam com seus dedos e enchendo o ar com sua risada sardônica.

Só pensava em seu filho ao menos seu pai o manteria a salvo, e Moira e Mergwin o amariam.

Cada novo dia a assustava. Estava ficando sem tempo...

Os dinamarqueses não eram cruéis com ela, pois era o prêmio de Friggid, assim que a deixavam tranqüila. Alguns eram inclusive amáveis, parecia que acreditavam que era uma mulher valente, por isso lhe professavam um certo respeito. Ainda assim era triste viajar e mais triste ainda, pensar em alcançar seu destino. Mas esse dia chegou. Tinham estado cavalgando durante dezenove dias, quando ao anoitecer finalmente alcançaram um acampamento em plena preparação. Erin sentiu uma grande consternação ao olhá-lo, pois Friggid tinha mais homens do que tinha pensado.

O local de convocação era uma dizimada aldeia irlandesa, sabia porque entre os novos edifícios que estavam construindo os invasores dinamarqueses apareciam-se com algumas cabanas tipicamente irlandesas. Os aterros se elevavam para rodear ao acampamento, assim como paliçadas de madeira. Ainda havia muito trabalho que fazer, mas se estava criando um firme posto defensivo. No centro do complexo se

situava um grande salão e longe, na parte de atrás, levantou-se um estrado rodeado de troncos cruzados.

Erin franziu o cenho ao olhar o estrado, perguntando-se que macabros castigos praticaria Friggid nessa plataforma e no poste do centro.

Friggid se aproximou enquanto ela olhava.

—Seu Lobo chega muito tarde, Princesa, se é que vem. Em uns dias minha fortaleza será intrasponível.

Erin não disse nada. Seu sentimento de desolação era entristecedor.

— Vamos, Princesa—, urgiu Friggid, e a elevou de seu cavalo para conduzi-la ao salão. Erin notou que seguia o modelo do de Olaf, mas a uma escala muito menor. Foi conduzida a uma câmara na parte de cima das escadas, e empurrada dentro rudamente.

—Saboreia o tempo que fica, minha senhora, porque minha espera está a ponto de se acabar. Esta noite será a última que desfrutará sozinha.

Friggid a deixou com uma pequena saudação. A porta deu um golpe ao fechar-se atrás dele, e escutou o forte ruído de um ferrolho fechando-se.

Ela queria ser forte, ser valente, acreditar que ela mesma era um sacrifício pequeno por seu filho e pela Irlanda. Mas se lançou à cama e as lágrimas que tinha retido durante o comprido viaje a cavalo começaram a cair enchendo a de desesperança e desolação. Entretanto as lágrimas foram benéficas, pois sua veemência combinada com o cansaço lhe proporcionou o descanso de um profundo sonho sem pesadelos.

Os serventes apareceram pela manhã para trazê-la comida, água para o banho e lhe proporcionar roupa limpa. Banhada e vestida, Erin sabia que devia começar a idear algum método de escapamento, embora fosse improvável. Com a chegada do dia se deu conta de que não estava encerrada na câmara e se dirigiu para o salão cuidadosamente. Os dinamarqueses a olharam enquanto os esquivava para sair, mas ninguém tentou abordá-la e como Friggid não estava por ali, apressou-se para olhar os arredores à luz do dia.

A paliçada de pranchas não era tão firme, decidiu, entretanto nunca poderia passar por cima dessa altura. Sua única esperança parecia estar no oeste, onde umas elevadas colinas proporcionavam aos dinamarqueses uma defesa natural contra um ataque surpresa. Mas tais defesas, formidáveis contra uma multidão, eram fracos frente a uma só pessoa, e se tinha que encontrar uma via de escapamento, era essa.

Tentou parecer interessada nos trabalhos de construção e descobriu que podia passear livremente. Erin decidiu que Friggid era muito crédulo, lutando continuamente contra o medo que ameaçava levando-a a outro ataque de pranto. Não podia permitir-se pensar em seu filho ou em seu marido, ou perguntar-se que estariam fazendo no cômodo e quente grande salão de Dublin. Já teriam se esquecido dela? Perguntava-se com

um grito em seu coração. Não, não pense nisso, advertiu a si mesma. Deve escapar ou morrerá antes que sentir as mãos de Friggid sobre ti. Resolutamente fechou os punhos aos lados. Um tremor a percorreu, entretanto a deixou com uma nova força, nascida do desespero. Olhou ao redor para assegurar-se de que ninguém a vigiava girou para as colinas, encontrando um caminho que serpenteava subindo para as alturas.

Ao alcançar o topo estava ofegando, mas ainda assim se sentia eufórica, pois parecia que só tinha que descer de novo para ao oeste e entrar no bosque, até que pudesse encontrar ajuda. O frio seria um problema, mas preferia arriscar-se a congelar-se ou a morrer de fome antes que viver com nada mais que suas queridas lembranças do que o contato do Dinamarquês que odiava.

Descansou em uma pedra, respirando profundamente o ar fresco, e então se levantou, estirando-se para começar de novo. Mas antes de que pudesse dar o primeiro passo para a liberdade, ficou paralisada por uma voz que se dirigia a ela.

— Não pense em me abandonar, Princesa, pois esperei suficiente para saborear minha vingança. E a vingança traz sua própria recompensa, Erin de Tara, pois os contos e lendas não exageraram em sua beleza e a nobreza de sua coragem. Será um saboroso bocado para meu prazer esta tarde, e não tema me desanimar, pois sou um homem que gosta da luta. Ela olhou para Friggid, consciente de que a tinha estado esperando no topo da colina.

— Nunca ganhará Dinamarquês. Se não for meu lorde Olaf, será meu pai a quem te enfrentará.

— Então o Ard-Righ morrerá e Irlanda voltará para suas estúpidas disputas entre reis, o que me daria ainda maiores oportunidades de êxito para submeter mais e mais terras a minha vontade.

Erin tremeu por dentro, rezando para que seu pai nunca viesse, pois verdadeiramente a morte do Aed seria o maior desastre que pudesse acontecer aos irlandeses.

Friggid se pavoneou para ela, agarrando uma mecha de seu cabelo que se agitava com a brisa.

— Escuta Princesa, te quero, mas estou preparado para algo que possa vir de você. Esquece seu Lobo e rogue para que não venha. Com o tempo aprenderá a me servir...

Seguiu falando, mas ela não pôde lhe escutar, pois seu contato a fazia tremer. Não posso suportar isto, pensou destrojada. Sempre veria olhos da cor do céu do norte ante ela, e conhecer o tato de outro realmente parecia pior que a morte.

Erin notou de repente que Friggid deixava de falar, e então sussurrava de novo, olhando sobre seu ombro para o este.

— Não,... não ainda. Não pode nos ter alcançado tão rápido...

Com curiosidade e sentindo seu coração bombear em um furioso martelar, Erin girou e seguiu seu olhar para o este. Debilidade e júbilo a alagaram enquanto observava a vista do alto da colina. O Lobo vinha a procurá-la

Do alto poderia ver as tropas, e um calafrio agudo percorreu seu corpo. Os estandartes ondeavam ao vento, os cascos dos cavalos produziam um som ensurdecedor, que fazia tremer a terra. Os chifres de batalha nórdicos estavam soando, e os gritos de guerra dos homens se elevavam no ar, como uma música bela e mortal. Cavalos, milhares deles no horizonte, cavalgavam pelo terreno, tão longe como chegava sua vista. As bandeiras do Aed Finnlaith ondeavam no sul, as de Niall do Ulster no Norte e do Este, a grande bandeira do Lobo, Olaf o Branco do Dublin.

No meio, inclusive a essa distância, podia ver Olaf. Seu cabelo era um halo dourado que lhe identificava inequivocamente, montava a seu grande semental negro, sobressaindo-se sobre outros em tamanho e majestade, seu manto carmesim ondeando com o trovão do galope.

Ele vinha a procurá-la. Havia dito tantas vezes a si mesma que devia desejar que não viesse que o derramamento de sangue devia terminar...

Mas agora ele estava ali, estava muito contente de que não se cumpriu seu desejo. Ele tinha estado atrás deles todo o tempo, todas essas noites durante as quais ela tinha temido e orado.

Erin começou a rir. Voltou-se para o Friggid,

— Ele veio dinamarquês! O senhor dos Lobos cavalga para enfrentar-se com você.

Ela não podia conter seu júbilo. Estava nervosa mas contente. Manteve a raia suas lágrimas de doce orgulho. Pensou que podia estar a ponto de morrer, era muito provável que Friggid a matasse agora. Mas não importava. Podia matá-la, mas nunca levaria o seu amor, nem apagaria o que tinha sido a breve e tempestuosa beleza do que tinha passado entre um príncipe norueguês e uma princesa irlandesa. Em algum lugar de Dublin seu filho estava vivo, prova indiscutível do que tinha sido. Não, Friggid não poderia levar seu triunfo, porque Olaf tinha vindo a procurá-la. Uma visão da magnífica dourada força que se dirigia para os aterros e as portas de madeira do assentamento do dinamarquês. Tão alto e orgulhoso, majestoso em seu manto púrpura, mais impressionante que o sol, a lua e as estrelas.

Friggid agarrou seu braço, a puxando até os pés.

— Veio, sim, o lobo encurralado. Não te servirá de nada, minha princesa. Nunca a terá de novo. Ele já teve tudo o que podia da Irlanda. Hoje morrerá.

Retorceu-lhe o braço viciosamente, mas Erin ainda ria.

— Ele não morrerá, Friggid. Se for tão tolo para se enfrentar com ele, será despedaçado em pequenos pedaços. Será você quem morrerá hoje.

A face de Friggid se torceu em um feio sorriso.

— Pode ser, Princesa, mas nunca o tocará de novo. Um de vocês morrerá.

Seus olhos se enfrentaram em uma guerra de ódio, e então lhe retorceu o braço à costas para arrastá-la fora do precipício.

— Valentes palavras de uma moça irlandesa a quem tenho em meu poder — recordou-lhe. Ela tentou lutar contra ele, mas a dor era muito grande. Estava bastante segura de que ele seguiria retorcendo o seu braço até parti-lo. Ainda assim ela tentou obstaculizar seu caminho o melhor que pôde enquanto ele a empurrava e a arrastava pelo sinuoso atalho. Caiu, derrubando-se por várias vezes, à medida que avançavam pelo tortuoso caminho.

— Se mova, Princesa!—, advertiu-lhe com um grunhido enquanto ela jazia ali, tentando respirar, com o ombro ferido de um golpe contra o duro chão — Não quero que se deprima antes de que isto acabe.

Apertando os dentes, Erin se levantou. O caminho se fez interminável antes de que baixassem o escarpado, e alcançassem o pátio em meio dos preparativos que enchiam de confusão o inacabado acampamento. Um dos ansiosos homens de Friggid chegou correndo detrás de sua líder.

— Estão carregando diretamente contra as portas!— informou-lhe.

— O que é isso?!—, espetou-lhe Friggid. — Vem a mim como uma velha!— Cuspiu com desgosto. — Saia daqui, reúne a suas tropas! Vigia as portas, não podem derrubar as portas!

— Não é unicamente o Lobo. Está o norueguês, e as tropas de Ulster, e de Tara. Estamos lutando contra todo o Eire, a metade das províncias... Aed Finnlaith...

— Não me importa contra quem lutamos! Sempre briguei contra toda essa gente! Voltem para seus postos! O que é isto! Acaso se tornaram os dinamarqueses uns covardes porque tornou o Lobo? Não é um Deus, é um homem mortal, que hoje sangrará diante de vós.

Enfrentado à fúria insana de sua líder, o homem se apressou a fazer o ordenado, gritando ordens a suas tropas.

Sem ter ainda idéia para aonde a estava arrastando, Erin apertou seus dentes enquanto ele atirava dela ferozmente.

— Vêem minha princesa, — mofou-se — Não quero que perca nada da matança que está por vir. Tenho um lugar excelente para que você possa olhar!— A empurrou de novo para que se apressasse.

Os homens recolhiam suas armas, formando em filas, gritando, preparando catapultas para enviar o mortal azeite quente sobre os muros. Os arqueiros se reuniam ao longo dos aterros.

Mas o trovão seguia golpeando a terra. Milhares de tambores não poderiam ter mais doce som. Erin já não podia ver as bandeiras, mas

podia ouvir o som das trombetas de batalha, os gritos de guerra dos homens de Olaf, mesclando-se em uma harmonia selvagem que era de uma vez arrepiante e melodiosa.

— Vamos!— gritou Friggid sobre toda a agitação.

Erin gritou enquanto se movia, mas Friggid a agarrava sem misericórdia. Em questão de minutos viu para aonde a levava, ao elevado estrado de madeira no longínquo campo.

Erin olhou a estrutura com horror. Entraram através de uma curta porta e se dirigiram à inclinada plataforma que levava ao que parecia uma estaca para castigos. Erin se encheu de pânico ao dar-se conta de que pretendia atá-la, e começou a lutar a sério com ele no pendente de madeira. Caíram juntos e rodaram para baixo a metade do caminho. Ela quase escapou, mas ele a agarrou pelo vestido fazendo-a retroceder. A sacudiu e lhe bateu no rosto. O mundo explodiu e pôde saborear o sangue onde seus dentes tinham raspado o interior da boca.

— Nem um truque mais, Princesa ou morrerá agora mesmo e perderá o espetáculo. Eu suportei uma grande quantidade de problemas para te preparar isto.

Erin não disse nada, sentiu as lágrimas que inundavam seus olhos, mas não permitiria que caíssem. Inclusive a morte seria melhor do que o contínuo contato com o repugnante Dinamarquês.

Ele deslizou seu braço ao redor de seu diafragma e a subiu até a plataforma e a estaca. Sua mente ainda estava girando pelo o que tinha acontecido que mal podia manter-se em pé. Deixou escapar um grito enquanto ele elevava com um puxão suas mãos unidas por cima de sua cabeça, as prendendo à estaca com dura força. Apertou tanto os nós que ela sentiu dolorosas espetadas nas mãos, dificultando o sangue de fluir para elas.

Sua barba se aproximou de seu rosto, seus lábios tocando seu ouvido enquanto ele sussurrava,

— O Lobo é um tolo ao me enfrentar hoje. Um tolo no resgate de uma mulher. Mas possivelmente possam viajar à Valhala juntos.

Ela se arrumou para sorrir de modo austero e elevou seu queixo.

— Valentes palavras para um homem que ata uma simples mulher a uma estaca, Friggid, o Patizambo. Valentes palavras para um covarde que não enfrentará o Lobo em uma luta corpo a corpo, homem contra homem. E é assim porque ele é o mais forte, Friggid, porque você é um covarde — Seu discurso se cortou quando a palma da mão de Friggid golpeou sua bochecha de novo. Ela se apoiou na estaca, mantendo-se em pé unicamente porque estava atada.

— Se cale, Princesa, a menos que esteja desejosa para morrer com uma faca atravessando sua garganta.

Erin tragou e lutou contra o pânico e a náusea que a afligiam. A plataforma girou sob seus pés, obscureceu-se e então começou a estabilizar-se novamente.

Ela levantou sua cabeça.

— Quando queira que eu morra, Friggid, não importará. Não pode vencer o Lobo da Noruega. Tampouco tomará esta terra. Ele manterá Dublin até que você não seja mais que pó no vento.

— Esse seria um grande consolo que te levar a tumba. Mas está equivocada. Morrerá, mas primeiro poderá ver morrer o Lobo. Confio que apreciará a imponente vista que te proporcionei.

Ela levantou seus olhos. O estrado se situou sobre uma ligeira elevação, a pequena cerca de troncos que a rodeava não superava a altura da cintura de um homem, e o pendente que levava a plataforma elevava sua altura sobre a cabeça de um homem. Ela podia ver sobre os postes e aterros. Podia ver os campos mais à frente do cerca posto defensivo dos dinamarqueses, podia ver as tropas que continuavam avançando para as portas.

Uma vez mais, podia ver o grande garanhão negro, correndo, correndo, aproximando-se ainda mais... E podia ver Olaf, voando junto ao semental que levantava grandes torrões de terra cada vez que seus cascos pisavam no chão.

Por um momento fechou os olhos. Vinha porque a amava? Porque tinha decidido que a necessitava? Ou devido à honra, porque era um lorde Viking, porque ela era de sua propriedade, e ele não consentia que nenhum homem tomasse o que era dele? Ou porque odiava Friggid mais do que nunca poderia amá-la a ela, porque tinha que vingar Grenilde?

Mas na glória do momento nada disso importava. Ela podia fechar seus olhos, mas não podia deixar de ouvir os sons da batalha que se aproximava, os gritos de guerra dos nórdicos e os irlandeses mesclando-se como um canto que se elevava com o som dos chifres e o ensurdecido tamborilar.

Tome cuidado, meu amor, pensou ela, e abriu seus olhos de novo. Os campos estavam vivos com os cavalos ao galope. Seu marido, seu pai, sua primo, seus irmãos,... os melhores da Irlanda. Ela tinha se entregado por sua terra, mas agora os homens dessa terra se levantavam corajosamente em sua defesa.

— Vou me armar, minha senhora Erin, — mofou-se Friggid.

Ela olhou fixamente seus escuros e desumanos olhos sem pestanejar.

— Arderá no inferno, Friggid. Quando morrer não haverá nenhum Valhala te esperando.

— Pode ser que descubra o que é arder no inferno, Erin, mas você descobrirá o que é arder na terra. Jurou burlando-se e a deixou.

Ela não compreendia sua indireta, mas não se importou. Estava olhando de novo à multidão de homens e cavalos. Não baixaram sua marcha ao aproximar-se da paliçada de madeira. Elevaram-se as primeiras catapultas e um grito de horror rasgou a garganta de Erin enquanto as cordas eram cortadas com lanças de batalha e o azeite fervendo se enviava voando sobre a muralha.

Ela fechou seus olhos de novo, para ouvir os gritos agonizantes de cavalos e homens. Os arqueiros dos aterros lançaram flechas ardentes sobre os assaltantes que se aproximavam.

— Oh, Meu Deus!— Deixou escapar o gritou horrorizada enquanto se preenchiam os profundos contêineres das catapultas. Furiosamente tentou se soltar das amarras que atavam suas mãos, mas seus movimentos só serviram para estreitar mais as ataduras. Fechou os olhos, rezando para não ver o ardente azeite voar.

Mas seus olhos se abriram de novo ao perceber o som da terra se rachando. Olhou fixamente e com assombro enquanto contemplava o desmoronamento da paliçada dinamarquesa.

Olaf foi o primeiro a quem viu, e foi como se seu coração e o mundo inteiro se parassem juntos a um tempo. Os cascos do semental negro partiram a madeira que se desabou ante semelhante força. O semental passou sem esforço pelo ar com seus arreios. Olaf, à cabeça de suas tropas, seu manto e seu dourado cabelo movendo-se com assombrosa majestade, seus traços invencíveis, desumanos, sua grande espada brilhante e reluzente sob o sol, enquanto ele a blandia, e seu grito de batalha, o uivo do lobo, elevando-se, fendendo os céus com fúria e vingança. Era magnífico.

Ainda estava muito longe, entretanto acreditava que a tinha visto. Acreditava que podia ver o fogo azul de seus olhos que era mais profundo que o oceano e mais largo que o céu, ardendo em seu peito.

Mas o momento passou. O semental negro não tinha atirado a paliçada ele sozinho. Centenas de outros cavalos entravam em torrentes no pátio. O som de aço contra aço se elevou enquanto os homens se enfretavam em combates corpo a corpo. As lanças caíam com terríveis rangidos, as flechas voavam com ardente fogo.

Erin tremeu, baixando seus olhos. Friggid tinha sido um parvo. O Friggid não poderia resistir a este ataque. Não poderia, pensou com orgulho, aumentado por seu amor, o Lobo sempre seria o melhor. Mas ele a tinha ameaçado com tal segurança. Realmente tinha acreditado que esta débil paliçada de madeira poderia resistir contra um homem de pedra?

Ela se sacudiu instintivamente com terror, enquanto algo assobiava junto a sua bochecha. Olhando à frente viu Friggid além dos troncos que a rodeavam. Sustentava um arco em suas mãos, a larga corda ainda tremendo. Torcendo a cabeça, olhou ao redor e então o compreendeu.

Os troncos que rodeavam seu estrado tinham sido empapados em azeite, e Friggid lhes tinha arrojado uma flecha ardendo. A madeira já fumegava ao prendê-la chama.

— Deus Santo!— gritou Erin. Começou a atirar de suas ataduras freneticamente, as rasgando e as rompendo nas mãos. As lágrimas lhe ardiam nos olhos ao dar-se conta do lunático vingativo que era Friggid. Sobre o estrépito da batalha escutou sua risada.

Possivelmente acreditava que ele ia morrer. Vivia com a morte, cair em uma batalha não seria uma desonra. Mas vivesse ou morresse, ele teria sua vingança sobre o Lobo, porque Olaf nunca conseguiria lhe vencer a tempo para salvar sua esposa das chamas.

— Te saúdo, Rainha de Dublin, Princesa de Tara— disse Friggid, — Possivelmente todos nós nos encontraremos no grande tribunal do Valhala.

Ele se voltou, seu rosto ainda fendido por um macabro sorriso e a deixou. O fogo estava avançando rapidamente sobre os secos lenhos da cerca. Logo se elevaria, rodeando-a.

Olaf procuraria Friggid, pensou desesperadamente enquanto a fumaça se elevava ao seu redor, e poderia matá-lo, esquartejá-lo com a fúria que havia descrito a Friggid. Mas seria muito tarde. Muito tarde para ela...

Deixou seus esforços por um momento, olhando fixamente ao fogo que se estendia rapidamente. —Não—, sussurrou incrédula. Mas lhe vieram à memória as palavras do Friggid, —... descobrirá o que é arder na terra...

Não!— gritou de novo, furiosamente aos céus. Mas seus olhos já estavam começando a umedecer-se. A fumaça impregnava o ar, voltando-se cinza a seu redor.

Ela girou suas mãos até que estiveram feridas e sangrando, e então se afundou contra o poste de novo, as lágrimas caindo por suas bochechas. Não se queimaria até morrer, tratou de consolar-se. A fumaça a deixaria sem vida muito antes de que as chamas pudessem tocá-la.

Não seria tão terrível morrer. Se realmente havia um Deus, ela teria a seu irmão Leith, Fennen, Bridget e ao Brian do Clonntairth na porta do céu para recebê-la e levá-la ao lar. Não, não seria tão terrível morrer, se não fosse porque era jovem e sua vida aguardava ante ela. Sua vida com um rei guerreiro, o Senhor dos Lobos...

Olaf. Nunca lhe havia dito que lhe amava. Se tão somente pudesse dizer-lhe Se tão somente pudesse estar em seus braços uma vez mais, sussurrar as palavras em seus lábios...

Olaf só tinha olhos para um homem. Quase sem pensar se abria caminho através dos homens que lhe desafiavam em combate. Sentava-se sobre o cavalo com ambas as mãos livres, usando seus joelhos para manobrar seus arreios de confiança. Sustentava seu escudo em alto em seu braço esquerdo, e levava a espada no direito. Se Friggid se estava escondendo,

encontraria-o. Se chegasse a perder sua própria espada e escudo, enfrentaria-se ao dinamarquês com as mãos nuas.

— Lobo!

O grito ressonou. Olaf olhou fixamente através dos homens brigando e viu que Friggid estava por fim cavalcando para enfrentar-se a ele.

Apesar da calamidade, o banho de sangue e a intensidade desse primeiro e perigoso encontro da batalha, os homens começaram a apartar-se. Lanças e espadas foram baixadas. A metade das dispersas e improvisadas construções já estavam ardendo, mas nem sequer isso deu um descanso ao destino enquanto os dois homens se aproximavam sobre suas montarias. De repente se produziu algo parecido ao silêncio. Os insignificantes combates cessaram, todos olhavam e esperavam o começo da batalha que se livraria homem a homem, entre os dois senhores vikings.

Pararam-se a uma distância de cinco corpos, medindo-se um ao outro.

O enfrentamento tinha demorado para chegar. Era por Grenilde, pensou Olaf, e pela Irlanda, pela paz que ele tinha chegado a desejar, por seu filho... Não. Era por Erin. Ela era o lar, ela era sua vida.

Friggid estava vestido com uma túnica puída e sua armadura. Olaf se enfrentava a ele com a túnica e o manto dos irlandeses, mas também se embainhou da armadura que a muito tempo tinha copiado de seu inimigo. Friggid tinha renunciado ao uso de sua lança, levava uma espada e um escudo como o Lobo, sua cabeça estava protegida por um elmo de aço, sua cara por uma viseira com a forma de um carneiro.

Olaf não levava nenhum elmo. Sua nua cabeça loira era um desafio dourado sob a luz do sol.

— Isto é entre nós, Dinamarquês. Você e eu. Não leve a suas tropas ao suicídio— disse Olaf tranquilamente — Isto é uma batalha unicamente entre dois vikings.

— Sim—, assentiu Friggid. —A batalha é entre nós. Sempre foi assim. Destinado pelo Odin, pelo Thor. Mas não é entre dois vikings. Se converteu em um irlandês—, cuspiu-lhe desdenhosamente.

Olaf se encolheu de ombros.

— Possivelmente, Dinamarquês. Mas como recordará, Friggid, eu sou o que tem Dublin. Sou o que cavalga com milhares, milhares de irlandeses agora. — O tom do Olaf se converteu em um grunhido. — Onde está minha esposa, Dinamarquês?

Um gesto de mofa se desenhcou nos traços de Friggid.

— Ao vencedor, Lobo, terá tudo. Certamente conhece a lei da conquista.

— Então—, cuspiu Olaf — tenhamos um vencedor.

Gregory do Clonntairth irrompeu de repente da multidão, correndo a pé até chegar a Olaf. Trazia o elmo e a viseira do Lobo para cobrir sua nua cabeça. Olaf o assegurou sobre sua cabeça. Unicamente seus olhos eram

visíveis sob o brilho metálico e prateado, olhos que eram como adagas ardentes de cristal gelado. De repente o grande semental negro se elevou, soprando e chutando o ar. Olaf elevou sua cabeça e lançou seu grito de batalha.

Era o uivo do lobo, um som tão terrível, tão arrepiante que inclusive Gregory, retrocedendo até as filas de homens, sentiu um tremor agitar-se através de seus ossos. Esteve tentado a benzer-se. Não o fez, mas notou que o Dinamarquês parecia retroceder.

A terra tremeu quando o negro cavalo fendeu a terra de novo com os quatro cascos, e então não houve nada salvo um movimento impreciso, um terrível chiado enquanto os dois animais se aproximavam.

Olaf e Friggid cruzaram suas espadas, esforçando-se e grunhindo com a força de seus braços. Nenhum deles perdeu seus arreios. Os cavalos de guerra se giraram sobre suas tensas ancas. De novo houve um veloz movimento. O terrível rangido de um peso maciço contra outro, um lhe esmaguem estrondo metálico.

Friggid lutou com uma fúria, sua força a de um louco que sabia de sobra que ganharia ou perderia com este combate.

Mas embora todos tinham ouvido falar sobre a fúria do Lobo, nenhum deles tinha o visto jamais lutar com tal frenesi. Lutava com o furor de um homem que tinha sofrido uma dor e uma perda terrível. Lutava por vingança, mas sobre tudo por sua esposa.

Entretanto na seguinte aposta foi Olaf quem perdeu suas rédeas. Rodou pelo chão, arrastando-se para seu escudo e ficando em pé veloz e agilmente. Friggid avançou sobre ele com seu cavalo, tentado de uma vez lhe investir e lhe pisotear. Mas seu arremesso falhou, e Olaf, se esquivando e cambaleando agarrou o braço de Friggid. Uns segundos depois ambos os homens se arrastavam pelo chão, levantavam-se e se rodeavam um ao outro cautelosamente.

O grito do lobo rasgou os céus de novo.

As espadas se cruzaram. O aço penetrou a armadura de Olaf e rasgou a carne de seu braço, mas ele não sentiu a dor. Brandiu sua grande espada de novo, dando chutes enquanto descarregava sua fúria em Friggid, mandando o escudo do dinamarquês voando pelo ar. O braço de Olaf vibrou enquanto sua lamina fendia carne, músculo e osso.

Friggid o olhou fixamente, cambaleando-se aturdido. Deixou cair sua espada e apertou o ombro e o pescoço onde o sangue emanava, onde sua vida se esgotava. Caiu sobre seus joelhos, ainda olhando ao norueguês com assombro, como se nunca tivesse acreditado possível que pudesse perder a batalha.

Olaf permaneceu sobre seu cansado inimigo, tremendo. Viu os olhos frágeis dele, e o triunfo que ainda aparecia neles. Ajoelhando-se ante

Friggid, Olaf tomou os ombros ensangüentados em suas mãos e sacudiu ao homem.

— Onde está minha esposa? — trovejou, encheu de um repentino pânico. Nenhum homem moribundo tinha esse olhar de triunfo a menos...

Friggid não falou. Sua respiração era um cançada sob sua viseira. Houve um sorriso nos lábios apenas visíveis.

— Onde está ela?—, rugiu Olaf.

Os olhos de Friggid estavam encontrando-se com o olhar vazio da morte, mas pestanejaram uma vez e giraram em suas conchas para a longínqua parte de atrás do muro defensivo.

Olaf liberou os ombros de seu inimigo e se levantou em ansiosa confusão. Não podia ver nada salvo as construções de madeira do acampamento, a maioria delas incendiadas. E havia algum tipo de área cercada, uma plataforma, provavelmente um estrado de castigo, mas também estava ardendo.

Um estertor soou do chão, o estranho eco era como o das folhas secas sussurrando no inverno.

Friggid o Patizambo por fim estava morto.

Um dos dinamarqueses se adiantou repentinamente, colocando sua espada aos pés do Olaf.

— Rendemos a ti, Senhor dos Lobos. Somos poucos e não tínhamos nenhum interesse nesta guerra, salvo a lealdade a nosso senhor. Não esperamos nada, mas pedimos sua misericórdia.

— Deixem a Irlanda ou jurem lealdade ao Aed Finnlaith, e receberão misericórdia—, disse Olaf distante, ainda observando o acampamento com seus olhos. —Não tenho nada a ganhar se matar. Só procuro a minha esposa.

O dinamarquês girou seu rosto para lhe enfrentar, quão mesmo Olaf, e a fumaça ou a emoção encheram seus olhos com um brilho aquoso.

— A mulher... sua rainha...

— Fala homem!— rugiu Olaf com um trovão retumbante.

O homem elevou sua mão para o estrado onde o fogo se elevava alto pelos borde.

— O fogo, meu senhor. Se ainda estiver viva não poderá alcançá-la. Olaf de Dublin acredite nisto, não sabíamos dos planos que Friggid tinha para ela, nós chegamos a respeitá-la, pois era uma mulher valente.

O uivo — o profundo e arrepiante uivo do lobo — se elevou de novo. Era o uivo de um animal ferido e desesperado.

— Não!— gritou de novo, e então, enquanto todos olhavam, saltou para o cavalo negro e galopou para o longínquo pátio e para o inferno que ardia ali.

As tropas dinamarquesas, do Ulster, Tara e Dublin por igual se apressaram sobre seus cavalos ou a pé a correr atrás dele. Parou ante os

lenhos que ardiam tão brilhantes, a fumaça ao elevar-se formava nuvens negras provocadas por seu calor de vermelho e brilhante laranja. Nenhum homem podia entrar ali.

Ainda assim, entre as chamas ondulantes e intensamente brilhantes, ainda podia ver-se a elevada plataforma. O fogo ainda não havia consumido a princesa. Pequenas línguas estavam começando, justo nesse momento, a tocar a rampa de madeira que levava a estaca da qual pendurava a princesa desmaiadamente. Apoiava-se contra ela, seu rosto escondido de todos eles por uma diáfana nuvem de cabelo da cor do ébano que parecia anil, como uma fina seda, pelo reflexo do fogo.

Os gritos do lobo ressonaram de novo através do ar nublado pela fumaça. Chamou por Thor e ao Wodon e também ao Deus cristão.

Esporeou o negro semental furiosamente. O animal carregou, mas se parou ante a muralha de fogo, dando volta. O Lobo deu marcha atrás com o animal.

Erin levantou sua cabeça e viu a multidão de homens e cavalos ante ela, mas não significavam nada em seu estado de atordoamento. Ela só viu um homem. O gigante majestoso sobre o cavalo negro. O Lobo, sempre um rei. Sua viseira estava ainda sobre sua cabeça, a viseira com a forma da cabeça de um lobo, entretanto podia ver seus olhos, azul do norte, obstinados aos seus. O gelo já não estava, eram como um mar em uma tormenta, cheios de tempestade, confusão e dor. Estava delirando? O estava imaginando? Quando pestanejou e lhe olhou de novo aos olhos, aço com fria determinação, eram de novo gelo.

Ele não a amava. Tinha vindo porque era um conquistador, porque tinha que vingar Grenilde, porque era um homem que nunca renunciaria ao que era dele. Mas ao igual a lhe pertencia, ele tinha sido seu por um breve tempo. Ele poderia não amá-la, mas estava vivo E ele estaria preso para sempre a seu espírito imortal enquanto lhe olhava, um homem entre os homens na escuridão. Mais poderoso, mais real que um simples mortal. Ele era um deus dourado, e inclusive se caísse, reinaria sobre todos os homens no salão do Valhala, único em sua magnificência e esplendor.

Ela sorriu porque lhe viu, porque estava vivo, porque sempre tinha sabido que era indomável...

Olaf fez girar o cavalo. Retrocedeu correndo uma distância maior e girou de novo.

O semental negro se encabritou, soprando furiosamente e chutando ao ar. O silêncio se abateu sobre a terra, como se cada homem, cada guerreiro ali reunido contivesse o fôlego. Unicamente a solitária chamada do animal ferido soou no ar mortalmente quieto. O tempo se parou de novo, esperando.

E de repente o cavalo negro estava galopando, correndo, seus poderosos flancos movendo-se com potência e fluidez. Cada vez mais perto da muralha de fogo. O homem estava inclinado sobre o pescoço de animal, um com ele, sussurrando, enrolando, respirando.

Alcançaram as chamas. O semental não resistiu, mas sim passou sobre os troncos e o fogo sem vacilação. Olaf não duvidou. Viu a plataforma, viu as línguas de fogo começando a lamber o caminho para cima. Dirigiu o cavalo para a passagem de madeira que levava a plataforma.

Erin lhe viu e seus olhos se abriram incrédulos. Ia fazer subir ao cavalo pela rampa até a plataforma. Não pode fazê-lo, pensou, porque o pendente de madeira não pode agüentar o peso do enorme cavalo de guerra.

Mas ele estava aproximando-se. A madeira se estilhaçava e corredor, mas os cascos do cavalo seguiam avançando.

Então a alcançou. Olaf estava ante ela. Elevou sua cabeça e viu seus olhos, de um azul ártico depois da viseira que escondia sua cara. Viu como o braço da espada se elevava e por um momento se acovardou, aterrorizada de que se enfrentou ao fogo só para matá-la ele mesmo em sua fúria. Mas sua lâmina simplesmente cortou o nó da corda, e ela caiu.

A espada fendeu estrepitosamente a plataforma e se sentiu elevada antes de que pudesse tocar a madeira. O cavalo se agitou nervosamente e relinchou enquanto Olaf a levantava ante ele sobre a sela com seus arreios de guerra. Seus dentes começaram a tocar castanholas enquanto via a cena que se desenvolvia a seu redor. Olaf devia estar louco. Os cascos do cavalo foram atravessar a plataforma em qualquer momento, e eles estavam rodeados por um muro de chamas.

Durante uns ímpios segundos o cavalo se recusou, mordendo furiosamente o bocado, e então apertou suas musculosas ancas e saltou da plataforma. Por um momento Erin sentiu como se estivesse navegando e então fenderam a terra com um som discordante. O semental se agitou e deu coices em protesto. O peito coberto de malha de Olaf sustentou Erin firmemente quando ela pensou que ia cair, mas as chamas ainda ardiam altas a seu redor. Como poderiam jamais atravessar o fogo? Quanto tempo passaria antes de que o grande animal e eles mesmos sucumbissem à fumaça negra?

Ela tinha estado preparada para morrer com a glória de lhe ver vivo implantado para sempre em sua alma. Mas agora, embora ele a tinha observado com seus olhos curiosamente glaciais, estava em seus braços e não queria morrer. Queria viver, lhe conhecer, lhe sentir, deitar com ele no ardor da juventude, lhe tocar com a ternura da idade. Queria pelo menos lhe dizer que lhe amava, seu senhor viking, amava-lhe sem importar seu nascimento, sem importar que nunca pudesse amá-la pois seu coração estava no Valhala com outra beleza dourada.

— Olaf—, sussurrou, e se afogou com seu nome, escutando-se apenas sobre o ruído e o chiado das chamas.

— Não fale—, ordenou rudamente — Respira.

Ela fez como lhe indicou. Era agora ou nunca. Esporeou ao cavalo para as chamas.

Os espectadores ficaram olhando fixamente, ainda em silêncio, mal respirando, irlandeses, noruegueses e dinamarqueses.

Então ocorreu de repente. O enorme cavalo negro apareceu, suas patas dianteiras atravessando o ar, altas, sobre a muralha de fogo. Elevou-se e pareceu voar como se fosse o mítico cavalo de oito patas do deus Thor. Saltou sobre o fogo como se subisse para os céus, e em sua garupa levava ao rei norueguês de Dublin e a sua esposa irlandesa, escapando do fogo. Para a vida.



CAPÍTULO 26

Os aplausos e os gritos de triunfo que receberam Olaf eram ensurdecedores, mas ele não parou para aceitar as ovações. O fogo ainda saltava e a fumaça ondeava alto. Ele empurrou ao semental e o guiou pelo mar circundante de homens, conduziu-o sobre os restos do muro de

defesa externa, e através do vale e a duna, a um pequeno bosque de pinheiros protetores.

Erin tremia sentada diante de Olaf. Passou do ardor do fogo ao frio de um dia de inverno, e embora ele a sustentava segura na cadeira, sentia pouco calor do homem que acabava de arriscar sua vida para salvá-la.

Ele a desceu do cavalo. Erin se balançou e ele a sustentou até que encontrou o equilíbrio, avaliando cuidadosamente seu rosto manchado de fuligem.

— Parece que não sofreu nenhum dano permanente — disse ele bruscamente. Então, para horror de Erin, soltou-a e se afastou, voltando-se para o garanhão.

Durante um breve momento ela ficou olhando, com o coração a ponto de congelar com o ar do inverno. Não, ela não podia lhe permitir afastar-se. Se ela arriscasse tudo, se se convertesse na maior das tolas, teria que chamá-lo. Estava viva, e sabendo agora como era tênue e delicado o presente da vida, não podia permitir-se desperdiçar sua beleza. A dor a devastaria se ele rechaçava sua súplica, mas tinha que arriscar-se a aquela dor.

Seus braços se estenderam para ele, tremendo como ramos na brisa. Separou seus lábios e pronunciou seu nome, como um grito, como um soluço quebrado, uma palavra só de tal rogo que o guerreiro Viking fez uma pausa e sentiu seu sangue quente acelerar-se, com seu corpo tremendo como fosse ele um moço. Com só com uma palavra que ela pronunciou, seu nome e nada mais, embora em sua expressão ele acreditou ouvir o que levava muito tempo procurando. Teve medo, o Lobo teve medo de equivocar-se. Agüentou vários segundos, tremendo, forçando-se a se mesmo, finalmente, deu a volta.

Ele viu seus braços estendidos, viu as lágrimas que como riachos silenciosos caíam por suas bochechas limpando as manchas de fuligem. Mesmo assim, ele fez uma pausa, procurando a confirmação em seus olhos líquidos de esmeralda que o contemplavam com toda a vibrante maravilha da mais rica primavera frente à morte do inverno.

— Te amo — sussurrou, formando-as palavras mais sobre seus lábios que sobre o ar, e mesmo assim, ele as ouviu—Sei que sempre amará a Grenilde, e só anseio o que possa me dar...

Terminou sua imobilidade. Um grito escapou do Lobo, e em duas rápidas pernadas voltou para ela, envolvendo-a dentro de seus braços, abrigando-a e acariciando-a com cuidado, sustentando-a como se fosse uma flor, frágil e delicada a seu contato.

— Erin...

A brisa pareceu elevar o sussurro de seu nome, e ela fechou seus olhos, tremendo de alegria entre seus braços. Passou o tempo e este não pôde

conquistá-los, permanecendo de pé ali, sentindo que seu amor lhes dava nova força, lhes enchendo de calor.

Separou-a dele, e Erin viu o nórdico brilhante azul de seus olhos deslumbrados, tocados pelas lágrimas que nunca caíam. Seus lábios pousaram sobre os dela brevemente, tão tenra e ligeiramente como uma carícia de asas de mariposa. Então ficou olhando-a inquisitivamente, alisando para trás seu cabelo, assegurando-se que de maneira nenhuma estava ferida ou danificada.

O coração de Erin pareceu encolher-se dentro de sua garganta quando tratou de falar, enquanto suas palavras tropeçavam em sua boca.

— Nunca te traí, meu senhor... Nunca. Foi Friggid quem me conduziu no dia que lutamos sobre o escarpado — Uma lágrima rodou sobre sua bochecha enquanto acrescentava com a amargura da dor — A mentira de Friggid está morta agora, por isso ele não pode confirmar minhas palavras. Ainda não tenho nenhuma prova..., mas tampouco pensei te trair agora... Só tentei salvar a nosso filho, já que ele era uma parte de você que eu não podia suportar perder.

— Silêncio, meu amor, silêncio — Olaf murmurou, e ela se agarrou mais forte contra ele — Já se...

— Nunca pensei em te trair Olaf. Desprezava aos dinamarqueses, e estava aterrorizada. Mas Friggid realmente pensava em te matar, e teria matado Leith diante de seus próprios olhos e logo teria te matado...

— Se cale —, Olaf sussurrou outra vez e ele a sustentou mais forte, mais meigamente contra a fria brisa. Enquanto os ventos limpadores lhes açoitavam, Erin estava contente de estar sujeita, mas finalmente falou outra vez.

— Acredita em mim, meu senhor? — ela murmurou, encolhendo de novo sua voz.

— Sim, irlandesa.

— Mas não posso te provar nada...

— Te amo, irlandesa —, interrompeu brandamente — e por isso tive medo de julgar imparcialmente. Temeroso de que pudesse parecer como um idiota por uma mulher.

— Diga-me isso outra vez, meu senhor.

— Tive medo de acreditar, de confiar nas palavras enganosas de uma mulher.

— Não, meu senhor! — Erin protestou, separando-se dele embora ainda abraçada — O outro! Diga-me o outro.

Ele sorriu, e o resplendor do sol penetrou dentro da curva aprazível de seus lábios.

— Te amo irlandesa. Faz muito tempo. Mas era muito difícil amar a uma mulher que tinha as garras afiadas contra um viking que ela odiava.

— Oh, Olaf! — Erin murmurou, aproximando-se uma vez mais para descansar sua bochecha contra seu peito. A cota de malha estava fria e rígida sob sua pele suave, mas ela podia sentir o calor mais profundo e a palpitação de seu coração— Estava assustada... E é certo que não queria amar um viking, mas o fiz, meu senhor, e amo o Lobo de todos os homens

De novo Erin levantou os olhos para os seus, sustentando-os com os fantasmas da dor que recordava. Ela separou seus lábios para falar, mas ele reconheceu seu coração, e suas palavras a interromperam.

— Erin, sempre haverá amor dentro de meu coração por Grenilde, mas como aquele amor que deu ao seu irmão. Não tem nada que ver com o que te ofereço, com este laço que ata meu corpo e minha alma, que é mais forte que qualquer outro que eu tenha conhecido. Encheste tanto minha vida como meu coração, minha beleza esmeralda. Fascinaste-me desde o começo, e muito antes de que soubesse que tinha meu coração entre suas mãos, fui acorrentado e seduzido por sua doce perfeição, incapaz de tocar a outra. Mas me desprezou tanto, e de uma maneira tão evidente...

— De uma maneira tão evidente! — Erin protestou, rindo ligeiramente através das lágrimas que ainda nublavam seus olhos— Não era isso, meu senhor! Estava tão envergonhada como o aço líquido, tão facilmente formada e voluntariosa a sua habilidade.... — Ela fez uma pausa durante um momento, tremendo seus lábios, e com sua voz estremecendo-se, como um suave arranhão de seda desde sua garganta— Você se afastava, Olaf

— Irlandesa, nunca. Nunca até o momento que disse meu nome me permiti acreditar que tivesse encontrado algo que gostasse em um viking, e entre todos os vikings, o Lobo norueguês—. E com uma careta — Os vikings são orgulhosos, meu amor, como o são também as princesas irlandesas.

Um murmúrio suave de risada flutuou melodiosamente sobre o ar, um ritmo que era a canção da terra em toda sua beleza de esmeralda. O calor daquela canção encheu Olaf e ele olhou a sua princesa com a maior ternura, vendo a dor por fim desvanecer-se dos olhos que eram mais profundos e mais verdes que a Irlanda.

A cura enfim tinha começado, o passado foi purgado, a amargura enterrada. Era inverno embora a primavera estava prevista, e todas as florescentes primaveras que seguiriam em suas vidas.

Olaf beijou seu rosto.

— Vêem, meu amor. Seu pai estará louco por te ver. E Gregory e Brice...

— E Leith! — Erin interrompeu—Ah, Olaf!. Anseio vê-lo, sustentá-lo

— Nosso filho se encontra bem entre as mãos mais amorosas, — disse Olaf tranquilamente— Mas sim, é um caminho longo de volta para casa, por isso deveríamos começar já.

Ele a levantou em seus braços e a pôs sobre o grande garanhão negro antes de saltar agilmente atrás dela. Enquanto cavalgavam para reunir-se com as tropas, foram silenciosos. Erin sorriu brandamente quando se acomodou contra a grande força e o calor de seu amplo peito e de seus braços poderosos, pensando nos sonhos que ela tinha tecido.

Ele não se ajoelhou para pedir seu perdão. Mas isso já não importava, já que lhe tinha devotado uma declaração de amor muito mais eloqüente que nunca ela poderia ter previsto. Ele era o Lobo da Noruega, e de Dublin, pensou com orgulho. O Lobo não se ajoelhou ao passado, ele se elevou para o futuro.

Eles fizeram uma parada ante os restos da defesa dinamarquesa. Erin se voltou para ver que Olaf olhava fixamente, pensativamente, o que estava adiante.

— O que ocorre, meu senhor? — perguntou brandamente.

Ela sentiu seus braços abraçá-la até mais forte.

— Somente pensava nas palavras de um velho Druida, meu amor. Um homem muito sábio. Minha alma é minha outra vez, e não porque o dinamarquês esteja morto, mas sim porque me é devolvido à vida.

Ele permanecia de pé ante a chaminé, inspecionando a cena que se produzia dentro de seu grande salão, com uma risada sutil que realçava seus formosos e rudes traços.

Estava-se celebrando o Natal em Dublin, este ano com a família inteira do Ard-Righ, porque Aed tinha decretado que Erin não devia viajar mais depois do que tinha suportado durante as duas luas cheias que tinham passado, desde que ela tinha dado a luz a seu neto.

Então a residência real de pedra e cimento conheceu um calor e uma alegria que não tinha visto até esse momento. Os senhores irlandeses e as damas dentro do grande salão faziam todo o possível por explicar a santidade do dia aos nórdicos, que de vez em quando elevavam rezas a Odin para liberá-los da conversão, mas que estavam, principalmente, mais que dispostos de recostar-se e desfrutar.

O Ard-Righ mesmo discutia com Sigurd, que ria calorosamente, já que ele já tinha escolhido, ao menos na aparência, a capa do cristianismo pelo bem de Moira.

Maeve não fazia caso de toda a farra do salão e estalava a língua para Leith enquanto o sustentava para Erin, que estava ocupada fazendo as vezes de anfitriã. Brice e Eric, como sempre, falavam de cavalos, e Bede, a monja pacífica, estava aparentemente tranqüila enquanto perseguia o

pequeno filho de Gwynn, Padraic, de modo que Gwynn pudesse sentar-se com seu marido para um momento de descanso.

Isto é um lar, pensou Olaf, realmente um lar.

— Está muito pensativo, Lorde Olaf.

Ele se voltou, com a testa enrugada, para ver o homem que se dirigiu a ele.

— Não, não pensativo, Mergwin, — disse ele — Sou estou condiderando os presentes dos deuses.

Mergwin riu reservadamente, mas seu rosto curtido o traiu, enrugando seu olhar em pequenas dobras.

— Tenho lido suas runas de novo, Lorde Olaf.

— Seriamente? — Olaf perguntou, rindo também embora com cautela. Tinha aprendido a não duvidar da capacidade do velho Druida.

— Sim, tenho feito. Seus dias de conquista terminaram, Lorde dos Lobos. O sorriso de Olaf se converteu em um sorriso profundo através do contorno forte de sua mandíbula.

— Isso, ancião, não é uma grande façanha de adivinhação. Já tenho o que ansiava, não tenho que procurar mais à frente.

Mergwin entreabriu seus olhos, e quando uma vez mais os levantou para os de Olaf, estavam sérios.

— Você conterà o fluxo da invasão, Lorde dos Lobos. Mas não será você quem terminará com as ondas daqueles que procuram a conquista.

Olaf tragou, com um sentimento doloroso lhe atravessando

— Diz-me, Druida, que os homens virão e serei incapaz de conter? Que não terei nenhum efeito sobre a terra?

— Não, Senhor dos Lobos, — disse Mergwin brandamente—Lhe digo só que você não pode trocar o que está destinado para outro século. Permanecerá forte, e viverá larga e saudavelmente, e seus filhos crescerão fortes. O ciclo se completou para você, Lorde dos Lobos. Há um tempo para a colheita, para o crescimento, para a fertilidade. Você lutará suas guerras, mas também encontrará a paz. Enquanto vê realmente o que busca.

Os olhos de Olaf olhavam fixamente mais à frente do Druida. Seu brilhante azul nórdico se pousou sobre sua esposa, enquanto ela deslizava com graça pelo salão vinda das cozinhas. Estava vestida de verde hoje. Formoso, profundamente verde. A cor dava um toque de luz a seus olhos, um pano de fundo para a rica beleza noturna de seu cabelo, uma cascata solta de seda cor de ébano adornada com esmeraldas. Mas as gemas acenderam os olhos que se voltaram para Olaf, como se soubesse que a estava olhando.

Mergwin viu o sorriso que ela ofereceu a Olaf. A ternura, o amor. A tempestade ardente de paixão que sempre surgia entre os dois que eram

de natureza tão forte, tão orgulhosos, tão exigentes, e ainda assim, com tanto que dar.

— Me desculpe Druida. — Olaf murmurou, e Mergwin não protestou quando Olaf passou pela frente dele.

Mergwin se deixou cair sentado, remarcando um sorriso enquanto observava o magnífico rei aproximar-se de sua princesa irlandesa. Uma auréola caía sobre os dois, pensou Mergwin. Uma auréola de ouro, do sol, do poder da energia.

Ele riu de repente. Mas paz? Não exatamente paz. Eles teriam suas boas discussões nos anos vindouros, já que seus caráteres eram tão tempestuosos como suas paixões! Mas no fundo, sempre estaria o amor, tão seguro e tão forte como a terra e as colinas.

As rugas curtidas de seu magro rosto se esticaram, enquanto seguia inspecionando ao casal real. O Viking dourado, vestido com sua capa carmesim, baixou a cabeça para sussurrar algo à beleza de olhos verdes que lhe observava com um olhar de esmeralda deslumbrante, com uma risadinha sedutora. Lhe sussurrou em troca, e logo os dois fixaram a vista sobre o salão onde todos pareciam joviais e contentes. Voltaram a olhar-se nos olhos, a valente esmeralda contra o brilhante e profundo azul sensual, e logo, como amantes errantes, deram-se a mão e escapuliram de seus absortos convidados, dirigindo-se à escada. Ao chegar, o Lobo pegou a sua princesa em seus braços e subiu pelos degraus. Mergwin ainda olhava quando Olaf fechou, de repente, a pesada porta de madeira com o pé.

— Ah, Lobo Norueguês! — O Druida riu em silêncio—. Realmente se tornou irlandês! E deixará seu rastro profundamente marcado nos tempos vindouros.

— O que murmura, velho louco?

Mergwin sorriu para seu velho amigo, Aed Finnlaith.

— Está de bom humor, Ard-Righ? Não seria estranho de que antes do próximo Natal tivesse em seus braços um segundo neto nórdico.

O Ard-Righ seguiu os olhos de Mergwin para a escada.

— Terei-o em conta, amigo Druida.

Aed fez uma pausa durante um minuto, com seu olhar fixo ainda sobre a escada, antes de capturar o olhar do Druida e sustentá-lo, maliciosamente

— Antes dos próximos Natais, terei em meus braços a outro neto irlandês!

Mergwin riu em silêncio. Levantando uma jarra de cerveja para Aed murmurou:

— Como digo, Ard-Righ. Você sempre tem razão.

FIM



Nota da Autora

Ferozes invasores, bárbaros devastadores, fortes e rápidos, artistas no campo da rapina e a matança são conceitos que definem aos Vikings. Mas também é verdade que foram freqüentemente construtores, colonos e sonhadores, entregando mais a suas adotadas terras que o que tiraram delas. Suas dinastias continuariam por muito tempo depois deles.

Olaf, o Branco, reinou em Dublin durante toda sua vida, e, como se havia predito, a ilha se manteve em paz durante cinco décadas, embora as dispersas incursões ocorressem durante anos. A Irlanda não seria livre do julgo Viking até perto de um século e meio depois do matrimônio do Lobo norueguês com a filha de Aed Finnlaith, quando Brian Boru se elevou à glória causando a derrota de Sigtrygg, Barba de Seda, em abril de 1014, na batalha de Clonhairf.

Mas mesmo com a vitória de Brian, ele não viveu para desfrutar a libertação da sua terra da influência dos vikings, já que depois da batalha, Sigtrygg governou sobre Dublin. Muitos invasores, como Olaf, se tornaram parte da terra, deixando sua marca sobre o Eire. Os descendentes de Olaf vivem hoje em todas partes da ilha. Seu nome irlandês, Amhlaobh, tornou-se MacAuliffe. E desta forma, talvez, ele realizou todos os seus sonhos.

A knight in full plate armor, including a helmet with a cross emblem, holds a large sword vertically. A red cloth is draped over the hilt and blade of the sword. The background is a misty, greyish landscape.

Grupo Romances Historicos

Nossos links

Grupo:

http://br.groups.yahoo.com/group/romance_historico/

Mediafire:

<http://www.mediafire.com/RomancesHistoricos>

<http://www.mediafire.com/1RomancesHistoricos>

Blog em parceria:

<http://ebook-romanceshistoricos.blogspot.com/>

